

A romantic close-up of a man and a woman about to kiss. The woman is on top, leaning over the man. They are both looking at each other with soft expressions. The lighting is warm and intimate, highlighting their faces and the texture of their hair. The woman has long, wavy brown hair, and the man has short, dark hair. The overall mood is tender and passionate.

NICHOLAS SPARKS

**UMA
PROMESSA
PARA TODA
A VIDA**

É sempre possível começar de novo...

ASA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Ficha Técnica

Título original: A BEND IN THE ROAD

Autor: Nicholas Sparks

Revisão: Rita Almeida Simões

ISBN: 9789892323411

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© 2001, Nicholas Sparks Enterprises, Inc.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt

www.asa.leya.com

www.leya.pt

Este romance é dedicado a Theresa Park e a Jamie Raab.
Eles sabem porquê.

AGRADECIMENTOS

Como em todos os meus romances, não posso deixar de agradecer a Cathy, a minha maravilhosa mulher. Ao fim de doze anos continuamos cheios de força. Amo-te. Estou também muito grato aos nossos cinco filhos – Miles, Ryan, Landon, Lexie e Savannah. São eles que me permitem ter os pés assentes na terra, e, acima de tudo, são uma fonte constante de diversão.

Larry Kirshbaum e Maureen Egen foram sempre maravilhosos e um apoio constante ao longo de toda a minha carreira. Obrigado aos dois. (P. S. Procurem o vosso nome neste romance!)

Richard Green e Howie Sanders, os meus agentes em Hollywood, são os melhores naquilo que fazem. Obrigado, amigos!

Denise Di Novi, produtora tanto de *As Palavras que Nunca te Direi* como de *Um Amor para Recordar*, não só é magnífica no seu trabalho, como também se tornou uma grande amiga.

Scott Schwimer, o meu advogado, merece toda a minha gratidão. Obrigado, és fantástico.

Micah e Christine, o meu irmão e a mulher. Adoro-vos.

Gostaria também de agradecer a Jennifer Romanello, Emi Battaglia e Edna Farley, da Comunicação; à Flag, responsável pelo *design* das minhas capas; a Courtenay Valenti e Lorenzo Di Bonaventura, da Warner Bros.; a Hunt Lowry, da Gaylord Films; a Mark Johnson; e a Lynn Harris da New Line Cinema. Se cheguei aqui, devo-o a todos vocês.

PRÓLOGO

Onde começa, de facto, uma história? Na vida, são raros os inícios bem marcados, aqueles instantes dos quais um dia podemos dizer: «Foi ali que tudo começou.» Mas, às vezes, o destino cruza o nosso caminho e inicia uma sequência de acontecimentos que levam a um desfecho imprevisível.

Falta pouco para as duas da manhã e estou totalmente desperto. Passei quase uma hora a virar-me de um lado para o outro na cama, até que desisti. Agora, estou sentado diante da escrivaninha, de caneta na mão, a refletir sobre o meu encontro com o destino. Não é algo incomum para mim. Ultimamente, parece que só consigo pensar nisto.

A não ser pelo som do relógio na estante, a casa está em total silêncio. A minha mulher está a dormir no andar de cima e, enquanto encaro as linhas do bloco amarelo à minha frente, percebo que não sei por onde começar. Não que a minha história me deixe inseguro, só não tenho a certeza do que me faz escrevê-la. De que adianta desenterrar o passado? Afinal, os acontecimentos que estou prestes a relatar ocorreram há 13 anos – e acho que até posso dizer que na verdade começaram dois longos anos antes disso. Sentado aqui, porém, sei que preciso de tentar contar a minha história, mesmo que seja só para finalmente lhe pôr um ponto final.

Alguns objetos ajudam-me a recordar aquele período: um diário que escrevo desde pequeno, uma pasta com recortes de jornal amarelados, a minha investigação e, claro, os documentos oficiais. Há também o facto de ter revisto os acontecimentos centenas de vezes na cabeça. Estão gravados na minha memória. Mas, se se baseasse apenas nessas coisas, a minha história seria incompleta. Há mais pessoas envolvidas e, embora eu tenha testemunhado alguns dos acontecimentos, não estive presente em todos. Sei que é impossível recriar cada sensação e cada pensamento da vida de outra pessoa. Aconteça o que acontecer, porém, é isso que vou tentar fazer.

Esta é, acima de tudo, uma história de amor e, como tantas histórias de amor, a de Miles Ryan e Sarah Andrews começa com uma tragédia. Ao mesmo tempo, é também uma história de perdão. Quando acabar de a ler, espero que entenda os desafios que Miles e Sarah tiveram de enfrentar. Espero que compreenda as decisões que tomaram, tanto as boas quanto as más, tal como espero que um dia entenda as minhas.

Mas deixe-me esclarecer uma coisa: esta não é apenas a história de Sarah Andrews e Miles Ryan. Se traçássemos uma linha de início, a história começaria certamente com Missy Ryan, esposa do adjunto do xerife de uma pequena cidade do Sul dos Estados Unidos, que fora sua namorada na escola.

Assim como o marido, Miles, Missy Ryan foi criada em New Bern. Todos os que a conheciam afirmam que ela era boa e encantadora; fora o único amor de Miles desde a juventude. Missy tinha cabelos castanho-escuros e olhos mais escuros ainda. Segundo me disseram, falava com um sotaque que deixava os homens de outras zonas do país de pernas bambas. Tinha um riso fácil, escutava com atenção e, muitas vezes, tocava no braço do seu interlocutor, como se o convidasse a fazer parte do seu mundo. Além disso, como a maioria das mulheres do Sul, tinha uma força de vontade maior do que se notaria à primeira vista. Quem administrava a casa era ela e, de um modo geral, as suas amigas eram casadas com os amigos de Miles. A vida dos dois girava em torno da família.

Missy tinha sido chefe da claque do liceu. No segundo ano do liceu, já era considerada uma das raparigas mais bonitas e populares, e, embora soubesse quem era Miles Ryan, ele era um ano mais velho e os dois não tinham aulas juntos. Mas isso não teve importância. Foram apresentados por amigos, começaram a almoçar juntos, a conversar depois dos jogos de futebol americano, até que por fim combinaram um encontro numa festa. Não tardaram a tornar-se inseparáveis e, poucos meses depois, quando Miles a convidou para o baile do final do liceu, estavam apaixonados.

Há quem duvide de que o verdadeiro amor possa surgir tão cedo. Mas foi o que aconteceu com Miles e Missy e, sob certos aspetos, o amor deles era mais forte do que aquele vivido por pessoas mais velhas, porque estava livre da realidade da vida adulta. Namoraram até Miles terminar o liceu e ir para a Universidade da Carolina do Norte, e permaneceram fiéis à distância, enquanto Missy concluía os estudos secundários. No ano

seguinte, ela juntou-se-lhe na universidade e, três anos depois, quando ele a pediu em casamento durante um jantar, ela chorou, disse sim e passou a hora seguinte ao telefone, informando a família das boas notícias, enquanto Miles comia. Ele continuou a morar em Raleigh até Missy se formar. Quando se casaram, em New Bern, a igreja encheu-se.

Missy arranhou emprego no departamento de empréstimos do banco Wachovia e Miles começou a formação de adjunto do xerife. Missy estava grávida de dois meses quando ele se tornou funcionário do condado de Craven e começou a patrulhar as ruas da cidade. Compraram a sua primeira casa e, quando Jonah nasceu, em janeiro de 1981, bastou Missy olhar para aquele bebé embrulhado no cobertor para entender que a maternidade era a melhor coisa da vida. Embora Jonah só tivesse dormido uma noite inteira ao fim de seis meses e, em alguns momentos, ela tivesse sentido vontade de gritar com ele como ele gritava com ela, Missy amava o filho mais do que imaginara ser possível.

Era uma mãe maravilhosa. Deixou o emprego, para ficar com Jonah a tempo inteiro. Lia-lhe histórias, brincava com ele, levava-o a brincar com outras crianças. Podia passar horas simplesmente a olhar para Jonah. Quando o menino tinha cinco anos, Missy percebeu que queria outro filho e o casal começou a tentar. Os sete anos em que foram casados foram os mais felizes da vida de ambos.

Mas, em agosto de 1986, aos 29 anos, Missy Ryan morreu.

A sua morte diminuiu a luz nos olhos de Jonah e atormentou Miles durante dois anos. Também preparou o caminho para o que viria depois.

Portanto, como já disse, esta é a história de Missy, tal como é a história de Miles e de Sarah. E a minha história.

Também faço parte do que aconteceu.

CAPÍTULO 1

Na manhã do dia 29 de agosto de 1988, pouco mais de dois anos depois da morte da mulher, Miles Ryan estava de pé no alpendre traseiro de sua casa. Fumava e via o Sol aos poucos pintar de laranja o céu antes cinza. À sua frente, corria o rio Trent, cujas águas salobras estavam parcialmente ocultas pelos ciprestes da margem.

A baforada do cigarro de Miles subia em espirais, e ele conseguia sentir o ar mais denso por causa da humidade. Pouco depois, os pássaros iniciaram a sua cantoria matinal. Passou um pequeno barco, o pescador acenou e Miles retribuiu o gesto com um leve meneio de cabeça. Foi tudo o que conseguiu fazer.

Precisava de um café. Um cafezinho e estaria pronto para encarar o dia: levar Jonah à escola, garantir que a lei era cumprida na cidade, entregar ordens de despejo e lidar com tudo o que inevitavelmente surgiria – como, por exemplo, conversar com a professora de Jonah ao final da tarde. E isso era só o começo. À noite parecia ainda mais atarefado, se é que isso era possível. A simples manutenção da casa exigia um esforço enorme: pagar contas, fazer compras, limpar, consertar o que fosse preciso. Mesmo nos raros momentos em que se via com alguns momentos livres, Miles sentia que precisava de os aproveitar imediatamente, sob pena de perder a oportunidade. Rápido, começa a ler qualquer coisa. Despacha-te, só tens uns minutos para descansar. Fecha os olhos, daqui a pouco já não terás tempo. Era o suficiente para deixar qualquer pessoa exausta, mas que podia ele fazer?

Precisava mesmo do café, a nicotina deixara de surtir efeito. Pensou em mandar os cigarros fora, mas, na verdade, não fazia diferença. Não se via como um fumador a sério. Fumava alguns cigarros por dia, sim, mas isso não era fumar a sério. Não consumia um maço inteiro por dia, nem fumara a vida toda; começara depois da morte de Missy. Podia parar quando quisesse, mas para quê? Os pulmões estavam ótimos – ainda na semana

anterior tivera de correr atrás de um ladrão e não fora difícil agarrá-lo. Um *fumador* não o teria conseguido.

Pensando melhor, não tinha sido tão fácil como era quando tinha 22 anos. Mas isso fora há uma década e, embora, aos 32 anos, não fosse altura de começar a ver lares de idosos, estava a envelhecer. Dava para sentir: antigamente, na universidade, ele e os amigos começavam as noitadas às onze e só voltavam para casa no dia seguinte de manhã. Nos últimos anos, com exceção das noites em que estava de serviço, às onze horas era *tarde*; mesmo tendo dificuldade em adormecer, ia para a cama. Não conseguia pensar em nenhum motivo bom o suficiente para o fazer querer ficar acordado àquela hora. A exaustão já fazia parte da sua rotina. Mesmo nas noites em que Jonah não tinha pesadelos – acontecia, de vez em quando, desde a morte de Missy –, Miles acordava a sentir-se... cansado. Disperso. Com os movimentos lentos de quem se desloca debaixo de água. Na maior parte do tempo, atribuía esse facto à vida agitada que levava, mas às vezes perguntava-se se não teria algo grave. Lera certa vez que um dos sintomas da depressão era «uma letargia sem causa direta aparente». No seu caso, é claro que havia uma causa...

Miles precisava mesmo era de passar uns tempos numa casinha à beira-mar, em Key West, um sítio onde pudesse pescar rodovalho ou simplesmente descansar, baloiçar suavemente numa rede e beber uma cerveja gelada, sem ter de tomar nenhuma decisão mais importante do que calçar sandálias ou caminhar descalço pela praia na companhia de uma mulher.

Isso também era parte do problema: a solidão. Estava cansado de estar sozinho, de acordar numa cama vazia, embora essa sensação ainda o surpreendesse. Só começara a sentir-se assim recentemente. No primeiro ano depois da morte de Missy, não conseguia sequer imaginar-se a amar outra mulher. Nunca. Era como se a necessidade de uma companhia feminina nem sequer existisse, como se o desejo, o sexo e o amor não passassem de possibilidades teóricas sem nenhuma relação com o mundo real. Mesmo depois de ter deixado a tristeza transformar-se em lágrimas noite após noite, a sua vida parecia-lhe simplesmente *errada* – como se estivesse temporariamente fora dos trilhos e não tardasse a voltar aos eixos, de modo que não havia motivos para se preocupar.

Afinal de contas, a maioria das coisas não tinha mudado. As contas continuavam a chegar, Jonah tinha de comer, era preciso cortar a relva. Miles ainda tinha emprego. Certa vez, depois de demasiadas cervejas, Charlie, seu chefe e melhor amigo, perguntara-lhe como era perder a mulher, e Miles respondera-lhe que, na verdade, não parecia que Missy tivesse morrido. Era mais como se ela tivesse ido passar um fim de semana fora com alguma amiga e ele fosse cuidar de Jonah durante a ausência dela.

O tempo passou e o entorpecimento a que se habituara também acabou por passar. E a realidade tomou o lugar dele. Por mais que tentasse avançar, Miles não deixava de pensar em Missy. Tudo parecia lembrá-la. Principalmente Jonah, que, conforme crescia, ia ficando cada vez mais parecido com a mãe. Às vezes, quando Jonah já estava na cama, Miles ficava à porta do quarto e conseguia ver a mulher nos traços do rosto do filho. Tinha de se virar antes que Jonah notasse as suas lágrimas. Mas aquela imagem permanecia durante horas na sua mente; adorava ver Missy dormir: os longos cabelos castanhos espalhados pela almofada, um braço sempre dobrado acima da cabeça, os lábios ligeiramente entreabertos, o peito a subir e a descer suavemente ao ritmo da respiração. E o cheiro dela – Miles nunca o esqueceria. Sentado no banco da igreja na primeira manhã de Natal depois da morte da mulher, Miles sentira um leve vestígio do perfume de Missy. Bem depois do fim da celebração, ainda estava agarrado à dor como um náufrago a uma boia.

Agarrava-se a outras coisas também. No início do seu casamento, Missy e ele costumavam almoçar no Fred & Clara's, um pequeno restaurante situado na mesma rua do banco em que ela trabalhava. Era um lugar reservado, tranquilo, e de certa forma aquele aconchego fazia-os sentir que nada jamais mudaria entre eles. Não tinham ido muito lá desde o nascimento de Jonah, mas Miles começou a frequentar o restaurante de novo depois da morte dela, como se esperasse encontrar algum resquício daqueles sentimentos ainda preso aos lambris das paredes. Em casa, também administrava a vida como a mulher costumava fazer. Como Missy ia ao supermercado ao final da tarde de quinta-feira, ele fazia o mesmo. Como ela plantava tomates junto à lateral da casa, Miles também o fazia. Comprava até os produtos de limpeza que a mulher costumava usar. Em tudo o que fazia, Missy estava sempre presente.

Algures na primavera anterior, porém, isso começara a mudar. A mudança chegou sem aviso, mas Miles sentiu-a imediatamente. Estava a chegar ao centro da cidade de carro, quando deu por si a observar um casal jovem que caminhava de mãos dadas pelo passeio. E então, por um instante apenas, Miles viu-se no lugar daquele homem e imaginou que aquela mulher estava consigo. Ou, se não ela, *alguém*... alguém que o amasse não só a ele, mas também Jonah. Alguém que conseguisse fazê-lo rir, alguém com quem pudesse partilhar uma garrafa de vinho durante um jantar, alguém para abraçar, tocar e sussurrar baixinho ao ouvido quando as luzes se apagassem. Alguém como Missy, pensou, e a imagem da mulher trouxe-lhe imediatamente sentimentos de culpa e traição fortes o suficiente para expulsar o casal da sua cabeça para sempre.

Ou assim presumiu.

Mais tarde nessa mesma noite, logo depois de ir para a cama, deu por si a pensar no casal outra vez. E, embora a sensação de culpa e traição continuasse presente, não foi tão intensa quanto antes. E, naquele instante, Miles percebeu que tinha dado o primeiro passo, ainda que pequeno, na direção de finalmente aceitar a sua perda.

Começou a justificar essa nova realidade dizendo a si mesmo que agora era viúvo, que esses sentimentos eram normais e que ninguém discordaria dele quanto a isso. Ninguém esperava que passasse o resto da vida sozinho. Nos últimos meses, os amigos até se tinham oferecido para lhe apresentar alguém. Além disso, Miles sabia que Missy preferiria que ele se casasse novamente. Dissera-o por mais de uma vez – como a maioria dos casais, tinham feito a brincadeira do «e se» e, embora nenhum dos dois imaginasse que algo de mal lhes pudesse acontecer, ambos concordaram que não seria bom para Jonah crescer só com o pai ou a mãe. Também não seria bom para quem sobrevivesse. Ainda assim, parecia um pouco cedo demais para isso.

Conforme o verão foi passando, os pensamentos sobre encontrar outra pessoa começaram a tornar-se mais fortes e mais frequentes. Missy continuava no seu coração, continuaria para sempre lá, mas Miles começou a pensar mais seriamente em encontrar alguém com quem partilhar a vida. Esses pensamentos pareciam ganhar força noite dentro, quando consolava Jonah na cadeira de baloiço do alpendre – era a única coisa que parecia funcionar para os pesadelos –, e seguiam sempre o mesmo padrão. O *provavelmente conseguiria* encontrar alguém transformava-se em

provavelmente encontraria, que por fim se tornava *provavelmente devia*. Porém, quando atingia esse ponto, o raciocínio voltava para *provavelmente não acontecerá*, por mais que ele quisesse pensar de maneira diferente.

O motivo estava no seu quarto.

Na estante, dentro de um envelope pardo volumoso, estava a pasta sobre a morte de Missy, o dossiê que Miles tinha preparado para si mesmo nos meses subsequentes ao funeral da mulher. Guardava-o consigo para não se esquecer do que tinha acontecido e para se lembrar do trabalho que ainda tinha a fazer.

Guardava-o para se lembrar do seu fracasso.

Passados uns minutos, Miles apagou o cigarro no parapeito do alpendre e voltou para dentro de casa. Serviu-se do café de que precisava e seguiu rumo ao quarto do filho. Quando abriu a porta e espreitou, Jonah ainda estava a dormir. Ótimo, ainda tinha algum tempo. Foi para a casa de banho.

Abriu a torneira e o chuveiro chiou por uns instantes, antes de a água sair. Tomou banho, fez a barba e escovou os dentes. Enquanto se penteava, reparou mais uma vez que os cabelos pareciam mais ralos. Vestiu o uniforme de xerife à pressa, depois tirou o coldre do compartimento trancado acima da porta do quarto e prendeu-o à cintura. Já no corredor, ouviu Jonah mexer-se no quarto. Assim que Miles abriu a porta, Jonah ergueu os olhos inchados de sono para o pai. Ainda estava sentado na cama, com os cabelos revoltos. Acordara há meia dúzia de minutos.

Miles sorriu. – Bom dia, campeão.

Jonah ergueu a cabeça quase em câmara lenta. – Olá, pai.

– Pronto para o pequeno-almoço?

O miúdo esticou os braços e espreguiçou-se com um leve gemido. – Podes fazer panquecas?

– Que tal *waffles* hoje? Estamos um bocado atrasados.

Jonah curvou-se e pegou nas calças. Miles tinha-as deixado prontas na véspera. – Dizes isso todos os dias.

Miles encolheu os ombros. – Tu atrasas-te todos os dias.

– Então acorda-me mais cedo.

– Tenho uma ideia melhor: e que tal ires dormir à hora que eu mando?

– A essa hora não estou cansado. Só estou cansado de manhã.

– Bem-vindo ao clube.

– O quê?

– Nada – respondeu Miles. – Não te esqueças de pentear o cabelo depois de te vestires – lembrou ao filho, apontando para a casa de banho.

– Não te preocupes – disse Jonah.

As manhãs seguiam quase sempre a mesma rotina. Miles pôs *waffles* na torradeira e serviu-se duma segunda chávena de café. Quando terminou de se vestir e apareceu na cozinha, Jonah tinha um *waffle* à espera no prato, com um copo de leite ao lado. Miles já o tinha barrado com manteiga, mas Jonah gostava de ser ele a pôr a calda. Miles começou a comer o seu *waffle* e, durante um minuto, nenhum dos dois disse nada. Jonah ainda parecia desligado e, embora precisasse de conversar com o filho, Miles queria que ele pelo menos parecesse desperto.

Após alguns minutos de silêncio cúmplice, Miles finalmente pigarreou.

– Como vai a escola? – perguntou.

Jonah encolheu os ombros. – Tudo bem.

Este diálogo também fazia parte da rotina. Miles perguntava sempre como ia a escola; Jonah respondia sempre que estava tudo bem. Contudo, naquela mesma manhã, quando preparava a mochila de Jonah, Miles encontrara um recado da professora pedindo a sua comparência na escola naquele dia. Algo nas palavras escolhidas o deixara com a sensação de que aquilo era mais sério do que uma reunião normal entre pais e professores.

– Tudo bem nas aulas?

Jonah encolheu os ombros. – A-hã.

– Gostas da professora?

Jonah assentiu entre duas dentadas. – A-hã – repetiu.

Miles aguardou, para ver se Jonah tinha algo a acrescentar, mas não. Aproximou-se.

– Então porque é que não me disseste nada sobre o recado que ela mandou?

– Que recado? – perguntou ele, de forma inocente.

– O que está na tua mochila, o que a professora queria que eu lesse.

Jonah tornou a encolher os ombros. – Devo-me ter esquecido.

– Como é que te esqueces de uma coisa destas?

– Sei lá.

– E sabes porque é que ela quer conversar comigo?

– Não... – Jonah hesitou e Miles percebeu imediatamente que o filho não estava a dizer a verdade.

– Filho, tens algum problema na escola?

Jonah pestanejou e olhou para cima. O pai só lhe chamava «filho» quando ele fazia alguma asneira. – Não, pai. Eu nunca me porto mal. Juro.

– Então o que é que se passa?

– Sei lá.

– Pensa um bocadinho.

Jonah remexeu-se na cadeira, sabendo que tinha chegado ao limite da paciência do pai. – Bom, talvez tenha um pequeno problema com alguns deveres.

– Pensei que tinhas dito que estava tudo bem na escola.

– Mas *está* tudo bem na escola. A professora Andrews é boa e eu gosto da escola. – Fez uma pausa. – Mas é que, às vezes, não percebo tudo na aula.

– É para isso que andas na escola, para aprender.

– Eu sei – respondeu Jonah –, mas ela não é como a professora do ano passado. Os deveres que ela passa são *difíceis*. Às vezes não consigo simplesmente fazê-los.

Jonah pareceu ao mesmo tempo assustado e envergonhado. Miles estendeu a mão e tocou no ombro do filho.

– Porque é que não me disseste que tinhas dificuldades?

Jonah demorou muito tempo a responder.

– Porque não queria que ficasses zangado comigo – disse, por fim.

*

Depois do pequeno-almoço e depois de se certificar de que Jonah estava pronto, Miles ajudou-o a pôr a mochila às costas e conduziu-o até à porta de casa. Jonah não tinha dito grande coisa desde o pequeno-almoço. Miles baixou-se e deu um beijo no rosto do filho. – Não te preocupes com aquilo de hoje à tarde. Vai correr tudo bem, OK?

– OK – balbuciou Jonah.

– E não te esqueças de que te vou buscar. Não apanhes o autocarro.

– OK – repetiu o miúdo.

– Adoro-te, campeão.

– Também te adoro, pai.

Miles ficou a observar o filho caminhar até à paragem do autocarro escolar no fundo do quarteirão. Sabia que Missy não teria ficado surpreendida com os acontecimentos daquela manhã. Ao contrário dele, Missy já sabia que o filho estava com dificuldades na escola. Missy cuidava daquele tipo de coisas.

Missy cuidava de tudo.

CAPÍTULO 2

Na noite anterior à reunião com Miles Ryan, Sarah Andrews fazia a sua caminhada pelo centro histórico de New Bern, tentando manter um ritmo constante. Embora quisesse aproveitar ao máximo o exercício – havia cinco anos que era uma praticante assídua –, sentia dificuldade em cumpri-lo desde que se mudara para lá. Sempre que saía, descobria alguma coisa nova que a interessava, algo que a fazia parar para ver.

Fundada em 1710, New Bern ficava nas margens dos rios Neuse e Trent, no Leste da Carolina do Norte. Como era a segunda cidade mais antiga do estado, já tinha sido capital e abrigava o Palácio Tryon, residência do governador nos tempos coloniais. Destruído por um incêndio em 1798, o palácio fora restaurado em 1954 e tinha hoje um dos jardins mais deslumbrantes do Sul do país. Na primavera, as tulipas e azáleas espalhadas pela propriedade floresciam e, no outono, os crisântemos desabrochavam. Sarah tinha feito uma visita guiada assim que se mudara e, apesar de não ser outono nem primavera, saía do palácio com vontade de morar perto o suficiente para poder passar todos os dias pelos seus portões.

Mudara-se para um apartamento pitoresco na Middle Street, a poucos quarteirões do palácio, bem no centro da cidade. O apartamento ficava ao cimo de umas escadas e a três portas da farmácia na qual, em 1898, Caleb Bradham tinha começado a vender a bebida que mais tarde o mundo inteiro conheceria como *Pepsi-Cola*. A igreja episcopal, inaugurada em 1718, ficava na esquina. Era uma imponente construção de tijolos protegida por imensas magnólias. Quando saía de casa para fazer a sua caminhada, Sarah passava tanto pela farmácia como pelo palácio, até chegar a Front Street, onde muitas mansões bicentenárias se mantinham graciosamente de pé.

O que ela mais admirava, porém, era o facto de a maioria das casas ter sido cuidadosamente restaurada, uma a uma, ao longo dos últimos 50 anos. Ao contrário de Williamsburg, na Virgínia, onde as restaurações ocorreram, em grande parte, graças a uma doação da Fundação Rockefeller, New Bern apelara aos seus cidadãos e eles tinham respondido à chamada. Aquele

sentido de pertença a uma comunidade atraía os pais de Sarah para a cidade, quatro anos antes; já ela não sabia nada sobre New Bern antes de se mudar em junho.

Enquanto caminhava, pensava em como New Bern era diferente de Baltimore, em Maryland, onde nascera e crescera, onde morara até há poucos meses. Embora tivesse uma história rica, Baltimore era, acima de tudo, uma cidade grande. New Bern, por sua vez, era uma cidadezinha do Sul, relativamente isolada e quase sem interesse em acompanhar o ritmo cada vez mais frenético da vida noutros lugares. Ali, as pessoas acenavam ao vê-la passar e respondiam longa e demoradamente às suas perguntas, muitas vezes fazendo referências a pessoas ou acontecimentos dos quais Sarah nunca ouvira falar, como se tudo e todos estivessem de alguma forma ligados. Geralmente era agradável, mas às vezes aquilo deixava-a louca.

Os pais tinham-se mudado para ali quando o pai fora trabalhar como administrador do Centro Médico Regional Craven. Depois de Sarah se divorciar, começaram a insistir para que a filha também fosse morar para lá. Conhecendo a mãe, ela tinha adiado a mudança por um ano. Não que Sarah não amasse a mãe, mas ela às vezes conseguia ser, digamos, *cansativa*. Ainda assim, Sarah acabara por aceitar a sugestão dos pais e, para sua felicidade, ainda não se tinha arrependido. Aquilo era exatamente o que ela precisava. No entanto, por mais encantadora que a cidade fosse, Sarah não se via a morar lá para sempre.

Praticamente no momento em que chegara, tinha compreendido que New Bern não era uma cidade para solteiros. Não havia muitos lugares para se conhecer gente nova e as pessoas da sua idade que tinha encontrado já eram casadas e tinham família. Como em muitas cidades do Sul, a vida ainda era definida por certas convenções sociais. Como a maioria das pessoas era casada, uma mulher solteira tinha dificuldade em encontrar o seu lugar ao sol, ou mesmo em tentar encontrá-lo. Principalmente uma mulher divorciada e recém-chegada à cidade.

New Bern era, porém, um lugar ideal para se criar filhos. Às vezes, durante as caminhadas, Sarah gostava de fantasiar que a sua vida era diferente. Quando menina, sempre presumira que um dia teria o tipo de vida que queria: casamento, filhos, uma casa num bairro em que as famílias se reunissem nos quintais à sexta-feira à noite, depois de uma semana de trabalho. Fora o tipo de vida que tivera na infância e que queria ter quando

crecesse. Mas não acontecera assim. Uma coisa tinha aprendido: a vida raramente segue os nossos planos.

Durante algum tempo, no entanto, acreditara que tudo era possível, principalmente depois de conhecer Michael. Sarah estava a terminar a sua formação em pedagogia e Michael acabara de concluir um MBA em Georgetown. A família dele, um dos clãs mais importantes de Baltimore, era conhecida pela fortuna que ganhara no setor bancário. Era o tipo de família que faz parte do conselho administrativo de várias empresas e cria regulamentos em clubes, para excluir as pessoas que considera inferiores. Michael, porém, parecia rejeitar os valores da família e era considerado o melhor partido da cidade. Todos paravam para o ver quando ele chegava e, embora Michael tivesse consciência disso, a sua qualidade mais cativante era ser capaz de fingir que a ideia que os outros faziam dele não tinha a menor importância.

Fingir, naturalmente, era a palavra-chave.

Como todas as suas amigas, Sarah sabia quem ele era quando o viu aparecer numa festa, e ficou surpreendida quando ele foi cumprimentá-la mais tarde na mesma noite. Simpatizaram logo um com o outro. Aquela conversa breve levou a uma conversa mais demorada num café, no dia seguinte, e, depois, a um jantar. Passado pouco tempo, começaram a namorar e ela apaixonou-se. Um ano depois, Michael pediu-a em casamento.

A mãe de Sarah ficou animadíssima com a notícia, mas o pai não disse grande coisa a não ser que esperava que ela fosse feliz. Talvez desconfiasse de alguma coisa, ou talvez simplesmente já tivesse vivido o suficiente para saber que os contos de fadas raramente se tornam realidade. Seja como for, o pai não lhe disse nada na altura e Sarah nem sequer se preocupou em questionar a atitude dele, exceto quando Michael lhe pediu que assinassem um acordo pré-nupcial. Alegou que a família tinha insistido naquilo, mas, embora ele se tivesse esforçado bastante para pôr a culpa nos pais, parte de Sarah desconfiou que, mesmo que estes não estivessem por trás da decisão, Michael teria querido o acordo. Mesmo assim, assinou os documentos. Naquela mesma noite, os pais de Michael deram uma festa de noivado de arromba para anunciar formalmente o casamento.

Sete meses depois, Sarah e Michael estavam casados. Passaram a lua de mel na Grécia e na Turquia. Quando regressaram a Baltimore, mudaram-se

para uma casa a menos de dois quarteirões da casa dos pais de Michael. Embora não precisasse de trabalhar, Sarah começou a dar aulas ao segundo ano da escola primária do centro da cidade. Surpreendentemente, Michael apoiara totalmente a decisão dela; a sua relação era assim na época. Nos dois primeiros anos de casamento, tudo parecia perfeito: ao fim de semana, ela e Michael passavam horas na cama, conversando e fazendo amor, e ele partilhava o sonho de um dia entrar na política. Tinham um círculo amplo de amigos, composto principalmente por pessoas que Michael conhecia desde a infância, e havia sempre uma festa para ir ou uma viagem de fim de semana para fazer. Passavam o tempo livre que lhes restava em Washington, a explorar os museus, a frequentar os teatros e a visitar os monumentos. Foi num passeio desses, quando estavam dentro do monumento de homenagem a Abraham Lincoln, que Michael disse a Sarah que estava pronto para começar família. Ela abraçou-o assim que ouviu as palavras, sabendo que nada que ele pudesse ter dito a teria deixado mais feliz.

Como se explica o que aconteceu depois? Vários meses após aquele dia tão feliz, Sarah ainda não tinha engravidado. O médico disse-lhe que não se preocupasse, que às vezes demorava um pouco depois de se deixar de tomar a pílula, mas sugeriu que voltassem a consultá-lo no final do ano, caso ainda estivessem com problemas.

O fim do ano chegou, os problemas continuavam, e marcaram alguns exames. Passados uns dias, quando os resultados estavam prontos, consultaram o médico. Assim que se sentaram à frente dele, Sarah soube imediatamente que havia qualquer coisa errada.

Foi naquele dia que Sarah descobriu que não ovulava.

Uma semana mais tarde, Sarah e Michael tiveram a sua primeira briga séria. Michael demorou a chegar do trabalho e Sarah passou horas a caminhar de um lado para o outro à espera dele, perguntando-se porque é que ele não tinha ligado e imaginando que tinha acontecido alguma coisa horrível. Quando finalmente chegou, Michael estava bêbedo e ela, histérica. «Não és minha dona» foi a única explicação que ele deu, e a partir dali a discussão inflamou-se depressa. No calor da disputa, ambos disseram coisas horríveis. Horas depois, Sarah estava arrependida e Michael pedia desculpas. Depois disso, porém, ele começou a parecer mais distante, mais reservado. Quando Sarah o pressionava, ele negava que os seus sentimentos

por ela tivessem mudado. «Vai correr tudo bem», dizia ele, «nós vamos superar isto.»

Ao invés, a relação dos dois deteriorou-se cada vez mais. A cada mês que passava, as discussões tornavam-se mais frequentes e a distância entre eles, maior. Certa noite, quando Sarah tornou a sugerir que podiam adotar uma criança, Michael descartou simplesmente a sugestão: «Os meus pais não vão aceitar.»

Naquela noite, parte de Sarah teve a certeza de que o seu casamento enveredara por um caminho irreversível. Não foram as palavras de Michael que a fizeram entender isso, nem tão-pouco o facto de ele parecer tomar o partido dos pais. Foi a expressão no rosto dele – uma expressão que a fez perceber que Michael de repente parecia considerar aquilo um problema dela, não do casal.

Menos de uma semana depois, Sarah encontrou Michael sentado à mesa de jantar com um copo de *bourbon* a seu lado. Pela expressão nos olhos dele, percebeu que não era a primeira dose que ele bebera. Queria divorciar-se, disse ele; tinha a certeza de que ela entendia. Quando ele acabou de falar, Sarah descobriu-se incapaz de formular qualquer resposta, e sem vontade de o fazer.

O seu casamento tinha acabado. Durara menos de três anos. Sarah tinha 27.

Os doze meses seguintes passaram num borrão. Toda a gente queria saber o que tinha acontecido, mas, tirando a família, Sarah não contou nada a ninguém. «Não resultou», era tudo o que dizia sempre que alguém perguntava.

Como não sabia o que mais havia de fazer, Sarah continuou a dar aulas. Também passava duas horas por semana com uma terapeuta maravilhosa chamada Sylvia. Quando esta lhe recomendou um grupo de apoio, Sarah foi a algumas reuniões. Ouvia, basicamente, as histórias dos outros e acreditava estar a melhorar. Às vezes, porém, sentada sozinha no pequeno apartamento em que morava, a realidade abatia-se sobre ela e Sarah recomeçava a chorar e não conseguia parar por muitas horas. Durante uma das fases piores, chegou a pensar no suicídio. Nunca o revelou a ninguém – nem à terapeuta, nem à família. Foi nessa altura que percebeu que precisava de sair de Baltimore, que precisava de recomeçar a vida noutro lugar. Um lugar onde as lembranças não fossem tão dolorosas, onde nunca tivesse morado.

Agora, quando percorria as ruas de New Bern, Sarah fazia o possível por avançar. Às vezes ainda era penoso, mas não tão difícil quanto já tinha sido. Os pais apoiavam-na à sua maneira – o pai não comentava o assunto, a mãe recortava artigos de jornal sobre os últimos avanços da medicina –, mas o irmão, Brian, contudo, tinha sido uma verdadeira boia salva-vidas, antes de partir para o primeiro ano na Universidade da Carolina do Norte.

Como a maior parte dos adolescentes, Brian às vezes parecia distante e retraído, mas sabia ouvir com uma empatia verdadeira. Sempre que Sarah precisava de falar, Brian mostrava-se disponível e, agora que ele estava longe, ela sentia a falta dele. Tinham sido sempre muito próximos; como Sarah era mais velha, ajudara a trocar as fraldas do irmão e a dar-lhe comida sempre que a mãe deixava. Quando ele entrou para a escola, Sarah ajudava-o com os trabalhos de casa e foi quando estudava com ele que descobriu que queria ser professora.

Fora uma decisão da qual jamais se arrependera. Adorava ensinar, adorava trabalhar com crianças. Sempre que entrava numa sala nova e via trinta carinhas ansiosas erguidas na sua direção, tinha a certeza de que escolhera a carreira certa. No início, como a maioria dos jovens professores, era idealista e imaginava que conseguiria estimular qualquer criança, desde que se esforçasse o bastante. Para sua tristeza, descobrira que não era assim. Por mais que se esforçasse, certas crianças permaneciam alheias a tudo o que ela fizesse. Era a pior parte do trabalho, a única que às vezes lhe tirava o sono, mas nunca a impedia de tentar outra vez.

Sarah enxugou o suor da testa, feliz por o calor estar finalmente a diminuir. O Sol já descia no horizonte, alongando as sombras em redor. Quando passou pelo quartel dos bombeiros, dois deles, sentados em cadeiras de jardim, menearam a cabeça. Ela sorriu. O fim da tarde não devia ser hora de incêndios por ali. Pelo menos, nos últimos quatro meses, passara ali por volta da mesma hora e via aqueles bombeiros sentados exatamente no mesmo lugar.

New Bern.

Sarah percebeu que a sua vida se tinha tornado incrivelmente simples desde que se mudara para lá. Embora às vezes sentisse falta da energia da cidade, tinha de admitir que abrandar o ritmo tinha as suas vantagens. Durante o verão, passara longas horas a explorar os antiquários do centro ou, simplesmente, a admirar os veleiros atracados atrás do Sheraton.

Mesmo agora, que as aulas tinham começado, nunca precisava de correr para fazer nada. Trabalhava, caminhava e, tirando as visitas aos pais, passava a maior parte das noites sozinha, a ouvir música clássica e a rever os planos de aulas que trouxera de Baltimore. E, para ela, era perfeito.

Ainda precisava de ajustar algumas coisas no seu planeamento das aulas. Desde que começara o ano letivo, tinha descoberto que muitos alunos não estavam tão adiantados quanto deviam nas matérias principais e que tinha de abrandar um pouco o ritmo e fazer revisões. Não ficara espantada: cada escola avançava a um ritmo diferente. Imaginava, porém, que no final do ano a maioria da turma teria atingido o nível esperado. Contudo, havia um aluno em especial que a preocupava.

Jonah Ryan.

Era um miúdo simpático: tímido, quieto, o tipo de criança que passa facilmente despercebida. No primeiro dia de aulas, ficara sentado no fundo da sala e respondera educadamente às suas perguntas, mas o trabalho em Baltimore tinha-lhe ensinado a prestar atenção a alunos assim. Às vezes, o comportamento deles não significava nada de especial; outras vezes, indicava que a criança estava a tentar esconder-se. Depois de pedir à turma que entregasse os primeiros trabalhos de casa, fizera uma nota mental para verificar com cuidado os de Jonah. Não fora necessário.

A tarefa – um parágrafo curto sobre alguma coisa que os alunos tivessem feito no verão – era uma forma de Sarah avaliar rapidamente a capacidade de redação das crianças. A maioria das redações incluía o esperado, alguns erros ortográficos, pensamentos incompletos e caligrafia desleixada, mas o trabalho de Jonah tinha-se destacado pelo simples facto de ele não ter feito o que fora pedido. Tinha escrito o nome no canto superior do papel, mas, em vez de redigir um parágrafo, desenhara-se a pescar num barquinho. Quando ela lhe perguntara porque é que ele não tinha feito o que lhe pedira, Jonah tinha explicado que a Mrs. Hayes sempre o deixara desenhar, porque «não sei escrever muito bem».

O alarme na mente de Sarah disparou imediatamente. Sorriu e baixou-se, para ficar mais próxima dele. «Mostras-me?», pediu. Depois de um longo intervalo, Jonah assentiu com relutância.

Enquanto os demais alunos iniciavam outra atividade, Sarah ficou sentada ao lado de Jonah, enquanto ele dava o melhor de si. Depressa percebeu que era inútil: Jonah não sabia escrever. Mais tarde nesse dia, descobriu que ele

praticamente não sabia ler. Tão-pouco se saía melhor em matemática. Se nunca o tivesse visto e precisasse de avaliar em que nível ele estava, Sarah teria pensado que Jonah estava a começar o jardim de infância.

A primeira coisa que lhe passou pela cabeça foi que Jonah tinha uma deficiência de aprendizagem, talvez dislexia. Depois de passar uma semana com ele, porém, não achou que fosse esse o caso. Jonah não misturava letras nem palavras e entendia tudo o que ela lhe dizia. Quando Sarah lhe ensinava alguma coisa, a tendência dele era fazê-la corretamente dali em diante. O problema, achava ela, decorria do simples facto de os outros professores nunca terem exigido que ele fizesse os trabalhos.

Quando levantou a questão com um ou dois colegas, ficou a saber da mãe de Jonah. Embora tivesse sido compassiva, sabia que não era bom para ninguém – muito menos para Jonah – simplesmente deixá-lo ficar para trás, como tinham feito os seus antigos professores. Ao mesmo tempo, Sarah tinha outros alunos e não podia dar a Jonah toda a atenção de que ele precisava. Acabou por resolver chamar o pai de Jonah para conversar, na esperança de que, juntos, pudessem encontrar uma solução.

Já tinha ouvido falar de Miles Ryan.

Não muito, mas sabia que, de modo geral, as pessoas gostavam dele e o respeitavam. Acima de tudo, ele parecia importar-se com o filho. Isso já era um bom ponto de partida. Ainda que tivesse pouco tempo de profissão, Sarah já conhecera pais que não se preocupavam com os filhos, que os consideravam mais um fardo do que uma bênção, e também conhecera pais que acreditavam que os filhos seriam incapazes de cometer erros. Era impossível lidar tanto com uns como com outros. Pelo que ouvira dizer, Miles Ryan não era assim.

Na esquina seguinte, Sarah abrandou finalmente o passo, depois esperou que passassem dois carros. Atravessou a rua, acenou ao empregado da farmácia e pegou no correio antes de subir as escadas até ao seu apartamento. Depois de destrancar a porta, passou rapidamente os olhos pelos envelopes e deixou-os sobre o aparador junto à entrada.

Na cozinha, serviu-se de um copo de água gelada e levou-o para o quarto. Estava a despir-se, lançando as roupas para o cesto e a sonhar com um duche frio, quando viu a luzinha do atendedor de chamadas a piscar. Premiu o botão de *play* e ouviu a voz da mãe dizer-lhe que seria um prazer que ela

aparecesse mais tarde, se não tivesse outro compromisso. Como era hábito, a voz da mãe soava levemente ansiosa.

Sobre a mesa de cabeceira, ao lado do atendedor de chamadas, Sarah tinha uma fotografia da família: Maureen e Larry no meio, ladeados por ela e Brian. O atendedor de chamadas emitiu um som e começou a reproduzir um segundo recado, também da mãe. «Ah, achei que já tivesses chegado...», começou. «Espero que esteja tudo bem...»

Será que deveria ir visitá-los ou não? Estaria mesmo disposta?

Porque não? Não tenho mais nada para fazer.

Miles Ryan descia a Madame Moore's Lane, uma estrada estreita e sinuosa que corre paralela ao rio Trent e ao seu afluente Brices, desde o centro de New Bern até Pollocksville, um pequeno povoado vinte quilômetros para sul. O nome da estrada era uma referência à antiga proprietária de um dos mais famosos bordéis da Carolina do Norte. Nela ficavam também a casa de campo e a campa de Richard Dobbs Spaight, um herói sulista que assinara a Declaração da Independência. Durante a guerra civil, os soldados da União exumaram o corpo e puseram o crânio sobre um portão de ferro, como aviso aos cidadãos para que não resistissem à ocupação. Quando Miles era pequeno, aquela história fazia-o manter-se longe dali.

Apesar da beleza e do relativo isolamento, a estrada não era para crianças. Por ela passavam, dia e noite, caminhões acelerados, carregados de troncos, e os condutores tinham tendência a avaliar mal as curvas. Como a sua casa ficava num dos bairros à margem da estrada, Miles tentava havia anos baixar o limite de velocidade.

Nunca ninguém lhe dera ouvidos, exceto Missy.

Aquela estrada fazia-o sempre pensar nela.

Miles tirou outro cigarro do maço, acendeu-o e baixou o vidro. Quando a brisa morna soprou para dentro do carro, vieram-lhe à mente imagens da vida simples que levavam. Como sempre, no entanto, elas conduziram-no ao seu último dia juntos.

Por ironia, apesar de ser domingo, Miles tinha passado a maior parte do dia fora, a pescar com Charlie Curtis. Saíra cedo e, embora tanto ele quanto Charlie tivessem voltado para casa com peixes, isso não bastara para

apaziguar Missy. Tinha o rosto todo sujo de terra, as mãos postas nos quadris, e encarou-o com um olhar zangado assim que ele entrou em casa. Não disse nada, mas não era preciso. O olhar dela já dizia tudo.

O irmão e a cunhada de Missy chegavam de Atlanta no dia seguinte e ela passara o dia a arrumar a casa e a tentar prepará-la para os hóspedes. Jonah estava de cama, engripado, o que não facilitava nada as coisas, uma vez que também tinha de cuidar dele. Não era por isso, no entanto, que Missy estava zangada; o motivo era o próprio Miles.

Embora tivesse dito que não se importava que Miles fosse pescar, ela *pedira-lhe* que tratasse do quintal no sábado, para não ter de se preocupar com isso também. Contudo, no sábado, ele tivera de trabalhar e, em vez de ligar a Charlie e desmarcar a pescaria, Miles decidira ir, mesmo assim, pescar no domingo. Charlie passara o dia todo a fazer piadinhas – «Vais ter de dormir no sofá hoje à noite» – e Miles sabia que ele provavelmente tinha razão. Mas tratar do quintal era tratar do quintal e pescaria era pescaria – e, além disso, Miles sabia bem que nem o irmão de Missy nem a mulher dele ligariam minimamente às ervas daninhas que cresciam desmesuradamente no jardim.

Além do mais, planeara tratar de tudo quando voltasse e tencionava fazê-lo. Não tinha a intenção de passar o dia todo fora. No entanto, como em muitas das suas pescarias, uma coisa tinha levado a outra e Miles perdera a noção das horas. Apesar disso, tinha preparado o que diria: *Não te preocupes, vou tratar de tudo, nem que leve o resto da noite e precise de uma lanterna*. Podia ter funcionado, caso tivesse contado a Missy os planos que fizera antes de sair de manhã. No entanto, esquecera-se e, ao chegar a casa, Missy já tinha feito a maior parte do trabalho. A relva estava aparada, o caminho de acesso à casa estava livre de plantas, e ela tinha plantado amores-perfeitos à volta da caixa de correio. Devia ter levado horas. Dizer que ela estava zangada era pouco. Nem a palavra «furiosa» se adequava. Miles sabia que era a diferença entre um fósforo aceso e um incêndio florestal. Já tinha visto aquela expressão algumas vezes ao longo do casamento, mas só algumas. Engoliu em seco. Lá vamos nós.

– Olá, amor – disse, envergonhado. – Desculpa ter chegado tão tarde. Perdemos noção das horas. – Quando estava prestes a iniciar o discurso que ensaiara, Missy virou-lhe as costas e falou por cima do ombro.

– Vou sair para dar uma corrida. Consegues tratar *disto*, não consegues? – perguntou, apontando para a erva cortada que precisava de ser varrida do caminho até à porta de casa e da entrada dos carros.

Miles teve o bom senso de não responder.

Depois de ela entrar para trocar de roupa, Miles tirou a geleira da mala do carro e levou-a para a cozinha. Ainda estava a pôr os peixes no frigorífico quando Missy saiu do quarto.

– Estava só a guardar o peixe... – começou ele, e Missy contraiu o maxilar.

– E aquilo que te pedi para fazeres?

– Já vou fazer... Só vou acabar isto aqui, para não se estragar.

Missy revirou os olhos. – Esquece. Eu faço quando voltar.

A voz de mártir. Miles não a suportava.

– Eu faço – disse ele. – Disse que ia fazer, não disse?

– Tal como disseste que tratavas da relva antes de ires pescar?

Devia simplesmente ter ficado calado. Sim, tinha passado o dia a pescar em vez de ajudar em casa; sim, tinha desapontado Missy. No entanto, no contexto geral, aquilo não era assim *tão* importante, pois não? Afinal de contas, eram só o irmão e a cunhada dela. Não era o presidente que vinha visitá-los. Não era preciso perder as estribeiras por causa daquilo.

Sim, devia mesmo ter ficado calado. A julgar pela maneira como Missy o olhara depois de ele falar, teria sido melhor. Quando ela bateu a porta ao sair de casa, Miles chegou a ouvir os vidros oscilarem.

Algum tempo depois de ela sair, porém, percebeu que tinha agido mal e arrependeu-se. Fora um idiota e ela tivera razão em tratá-lo como tal.

Não teria, contudo, oportunidade de pedir desculpa.

– Continuas a fumar, é?

Charlie Curtis, xerife do condado, olhou para o amigo, sentado à sua frente.

– Não fumo – apressou-se Miles a responder.

Charlie ergueu as duas mãos. – Eu sei, eu sei... Já me disseste. Se queres continuar iludido, por mim tudo bem. Mas, mesmo assim, quando fores lá a casa, espalho uns cinzeiros para te servires.

Miles riu-se. Charlie era uma das poucas pessoas da cidade que ainda o tratavam como antes. A amizade dos dois era antiga. Fora Charlie quem sugerira a Miles que se tornasse adjunto de xerife e o acolhera no final da formação. Era mais velho – ia fazer 65 anos em março –, tinha os cabelos entremeados de fios grisalhos e engordara quase dez quilos nos últimos anos, praticamente todos na barriga. Não era o tipo de xerife que intimidava as pessoas à primeira vista, mas era observador, zeloso e conseguia sempre as respostas que procurava. Nas últimas três eleições, ninguém se dera sequer ao trabalho de concorrer contra ele.

– Só vou lá se deixares de fazer essas acusações ridículas – rebateu Miles.

Estavam sentados a uma mesa de canto reservada. A empregada de mesa, atarefada com o movimento do almoço, largou uma jarra de chá e dois copos com gelo em frente dos dois e foi atender o cliente seguinte. Miles serviu o chá e empurrou um copo na direção de Charlie.

– A Brenda vai ficar triste – comentou Charlie. – Já sabes que atravessa umas crises de abstinência quando passas muito tempo sem levar o Jonah lá a casa – disse, e bebeu um gole. – Então, ansioso por conversar com a Sarah hoje?

Miles ergueu os olhos. – Quem?

– A professora do Jonah.

– Foi a tua mulher que te contou?

Charlie fez um sorriso maroto. Brenda trabalhava no gabinete do diretor da escola e parecia estar sempre a par de tudo o que acontecia por lá. – Claro.

– Como é que ela se chama?

– Brenda – respondeu Charlie, muito sério.

Miles olhou para ele e Charlie fingiu-se subitamente entendido. – Ah... a professora? Sarah. Sarah Andrews.

Miles bebeu um gole de chá. – É boa professora? – perguntou.

– Acho que sim. A Brenda diz que ela é ótima e que os miúdos a adoram, mas a Brenda acha toda a gente ótima – disse. Depois, inclinou-se para a frente, como quem ia contar um segredo. – E comentou que a Sarah é bem bonita. De parar o trânsito, se é que me entendes.

– E o que é que isso tem a ver com o assunto?

– Também disse que ela era solteira.

– E então?

– E então nada. – Charlie abriu um pacotinho de açúcar e despejou-o no chá já adoçado. Encolheu os ombros. – Estou só a contar-te o que a Brenda me disse.

– Ah, bom – respondeu Miles. – Muito agradecido. Não sei como teria conseguido passar o dia sem o último relatório da Brenda.

– Tem calma, Miles. Já sabes que ela está sempre à procura de alguém para ti.

– Diz-lhe que estou bem assim.

– Eu sei que estás, caramba. Mas a Brenda preocupa-se contigo. Aliás, também já sabe que fumas.

– Mas eu vim cá para me atazanares o juízo ou querias falar sobre alguma coisa em especial?

– Na verdade, queria, sim. Mas precisava de te preparar, para não entrares em crise.

– Que conversa é essa?

No momento em que ele fez a pergunta, a empregada pôs em cima da mesa dois pratos de churrasco com salada de repolho e bolinhos de milho, o pedido habitual dos dois, e Charlie aproveitou para organizar as ideias. Pôs mais vinagrete na carne e temperou a salada com pimenta. Depois de decidir que não havia uma maneira mais fácil de dizer aquilo, disse simplesmente:

– O Harvey Wellman decidiu retirar a queixa contra o Otis Timson.

Harvey Wellman era o delegado do ministério público do condado de Craven. Tinha falado com Charlie de manhã e oferecera-se para conversar com Miles, mas Charlie decidira que era melhor que fosse ele a tratar do assunto.

Miles ergueu os olhos para o amigo. – O quê?

– O caso não se aguentava. Parece que o Beck Swanson, de repente, teve uma crise amnésica sobre o que aconteceu.

– Mas eu estava lá...

– Tu chegaste depois. Não *viste* o que aconteceu.

– Mas vi o sangue. Vi a cadeira e a mesa partidas no meio do bar. Vi as pessoas que se tinham juntado.

– Eu sei, eu sei. Mas o que é que o Harvey havia de fazer? O Beck jurou a pés juntos que caiu, que o Otis não lhe tocou. Disse que estava um bocado confuso naquela noite, mas que agora se lembrava de tudo.

Miles perdeu subitamente o apetite e empurrou o prato para o lado. — Se eu fosse lá outra vez, tenho a certeza de que conseguia encontrar alguém que viu o que aconteceu.

Charlie fez que não com a cabeça. — Eu sei que isto te chateia, mas de que é que ia adiantar? Sabes bem quantos irmãos do Otis estavam lá naquela noite. Também dizem que não aconteceu nada... E, sabe-se lá, se calhar os verdadeiros responsáveis até foram eles. Sem o depoimento do Beck, o que é que o Harvey podia fazer? Além do mais, sabes como é que o Otis é. Vai fazer outra coisa qualquer, é só uma questão de tempo.

— É isso que me preocupa.

Miles e Otis Timson tinham uma longa história. A desavença tinha começado oito anos antes, quando Miles se tornara adjunto do xerife. Prendera o pai de Otis, Clyde Timson, por agressão, depois de ele ter lançado a mulher através da porta de rede da caravana em que moravam. Clyde tinha cumprido uma pena de prisão — embora não tão longa quanto devia ter sido — e, ao longo dos anos, cinco dos seus seis filhos também tinham passado tempo na prisão, por crimes que iam de tráfico de droga a roubo de carros, passando por agressão.

Para Miles, Otis era o mais perigoso de todos, pelo simples facto de ser o mais inteligente.

Miles desconfiava de que Otis não fosse apenas adepto de pequenos delitos, como a restante família. Para começar, a sua aparência física não condizia com isso. Ao contrário dos irmãos, evitava as tatuagens e mantinha o cabelo cortado bem rente. Em certas ocasiões, chegava a fazer uns biscates, trabalho braçal. Não tinha cara de marginal, mas as aparências enganam. O nome dele aparecia associado a vários crimes e os moradores da cidade especulavam muitas vezes que ele administrava a entrada de drogas no condado, embora Miles não tivesse provas disso. Para sua grande frustração, nenhuma das buscas policiais dera em nada.

Otis também guardava ressentimentos.

Miles só o entendeu de facto depois de Jonah nascer. Tinha prendido três irmãos de Otis, após uma briga durante uma reunião de família. Uma semana depois, Missy estava na sala a embalar o filho, então com quatro meses, quando alguém atirou um tijolo através da janela. Os dois não foram atingidos por pouco e um pedaço de vidro ferira a bochecha do bebé. Embora não o pudesse provar, Miles sabia que Otis era o responsável e

apareceu na casa dos Timsons – um complexo de caravanas decrepitas dispostas em semicírculo nos arredores da cidade – com outros três adjuntos de xerife, de armas em punho. Os Timsons não apresentaram resistência e, sem dizer nada, estenderam as mãos para serem algemados e levados à esquadra.

No final de contas, por falta de provas, ninguém foi acusado. Miles ficou furioso. Depois de os Timsons serem liberados, confrontou Harvey Wellman à porta do gabinete deste. Discutiram e quase chegaram a vias de facto, antes de Miles ser finalmente arrastado para longe.

Nos anos subsequentes, houvera outros episódios: tiros disparados na proximidade da sua casa, um incêndio misterioso na garagem, coisas que mais faziam pensar em brincadeiras de adolescentes. No entanto, mais uma vez, sem testemunhas, não havia nada que Miles pudesse fazer. Desde a morte de Missy, andava tudo relativamente tranquilo.

Até à última detenção.

Charlie parou de olhar para o prato e fitou o amigo com uma expressão séria. – Ouve, tu e eu sabemos que ele tem culpa no cartório, mas nem penses em tratar disto sozinho. Não queres que as coisas piorem como da outra vez. E agora tens de pensar no Jonah, e nem sempre estás por perto para o proteger.

Miles olhou pela janela enquanto o amigo continuou a falar.

– Pá... Ele vai fazer outro disparate e, se o caso se aguentar, eu serei o primeiro a cair-lhe em cima. Sabes disso. Mas não vás atrás da confusão. Aquele tipo é perigoso. Fica longe dele.

Miles não reagiu.

– Esqueces isto, percebido? – Charlie já estava a falar não só como amigo, mas também como chefe.

– Porque é que me estás a dizer isso?

– Acabei de explicar porquê.

Miles avaliou o amigo com atenção. – Mas há mais qualquer coisa, não há?

Charlie fitou Miles demoradamente. – É que... o Otis diz que foste um bocado bruto quando o prendeste e apresentou queixa...

Miles deu um soco na mesa e o barulho ecoou pelo restaurante. Os clientes ao lado sobressaltaram-se e viraram-se para ver, mas ele nem reparou.

– É mentira!

Charlie ergueu as mãos para o fazer calar. – Eu sei, pá, e disse isso ao Harvey. Ele não vai avançar com a queixa. Mas tu e ele não são exatamente os melhores amigos do mundo e ele sabe como é que tu ficas quando te exaltas. Mesmo que não avance com a queixa, não acha impossível que o Otis esteja a dizer a verdade e pediu-me que te avisasse para te manteres longe.

– Então o que é que faço se vir o Otis a cometer um crime? Assobio para o lado?

– Não, pá! Deixa de ser parvo. Caio em cima de ti se fizeres isso. Fica só afastado por algum tempo, até as coisas acalmarem, a menos que não tenhas alternativa. Estou a dizer isto para teu próprio bem, percebeste?

Foi preciso algum tempo antes de Miles finalmente responder.

– Tudo bem – suspirou.

Contudo, tinha a certeza de que a história entre ele e Otis ainda não tinha terminado.

CAPÍTULO 3

Três horas depois do almoço com Charlie, Miles estacionou o carro num espaço em frente da Escola Primária Grayton. Era o horário de saída dos alunos, e três autocarros escolares aguardavam com o motor ligado enquanto as crianças apareciam em grupos pequenos de quatro ou seis. Miles viu Jonah ao mesmo tempo que o filho o avistou. Jonah acenou alegremente e correu em direção ao carro. Miles sabia que dali a poucos anos, quando se tornasse adolescente, Jonah deixaria de o fazer. O filho atirou-se nos braços dele e Miles apertou-o com força, saboreando aquela proximidade enquanto ainda podia.

– Olá, campeão. Como correram as aulas?

Jonah afastou-se. – Correram bem. E o trabalho?

– Está melhor agora, que já acabou.

– Prendeste alguém hoje?

Miles fez que não com a cabeça. – Hoje não. Talvez amanhã. Queres ir comer um gelado depois que eu me despachar aqui?

Jonah assentiu, animado, e Miles pô-lo no chão. – Combinado, então. Vamos comer um gelado – disse, baixando-se para poder olhar o filho nos olhos. – Achas que ficas bem no parque, enquanto eu converso com a tua professora? Ou queres esperar lá dentro?

– Já não sou pequeno, pai. E, além disso, o Mark também tem de ficar até tarde. A mãe dele foi ao médico.

Miles olhou para cima e viu o melhor amigo de Jonah aguardando, impaciente, junto de um cesto de basquetebol. Meteu a camisola do filho para dentro das calças.

– Tudo bem, mas fiquem juntos, OK? E não saiam daqui, nenhum dos dois.

– Não saíamos.

– Então, está bem... mas tenham cuidado.

Jonah entregou a mochila ao pai e desatou a correr. Miles atirou-a para o banco da frente do carro e começou a percorrer o estacionamento, passando

entre os veículos. Algumas crianças gritaram por ele e as mães também o cumprimentaram. Miles parou para conversar com algumas delas, enquanto esperavam que a confusão da saída diminuísse. Quando os autocarros partiram e a maioria dos carros também saiu, os professores voltaram para dentro da escola. Miles deu uma última olhadela na direção de Jonah e entrou no prédio.

Foi logo atingido por uma lufada de ar quente. O prédio tinha quase 40 anos e, embora o sistema de ar condicionado tivesse sido trocado mais de uma vez ao longo dos anos, não dava conta do recado no auge do verão. Miles começou imediatamente a transpirar e puxou a frente da camisa, balançando-a para se refrescar enquanto caminhava. Sabia que a sala de Jonah ficava no fundo do corredor. Quando chegou lá, porém, estava vazia.

Por instantes, pensou que estivesse no sítio errado, mas os nomes das crianças numa lista na parede confirmavam que era a sala certa. Consultou o relógio e, percebendo que estava alguns minutos adiantado, pôs-se a andar pela sala. Observou uma lição escrita no quadro, as mesas dispostas em fileiras ordenadas, uma mesa retangular atafulhada de cartolinas e cola. Na parede do fundo, estavam afixadas algumas redações curtas e Miles estava à procura da do filho quando ouviu uma voz atrás de si.

– Desculpe o atraso. Tive de deixar umas coisas no meu gabinete.

Foi então que Miles viu Sarah Andrews pela primeira vez.

Considerando tudo o que aconteceria a partir dali, Miles sempre se surpreenderia com aquele momento: não sentiu os pelos da nuca eriçar-se, não imaginou o seu futuro juntos, não teve nenhuma sensação especial. No entanto, lembrar-se-ia sempre da surpresa de constatar que Charlie tinha razão: ela era *mesmo* bonita. Não do tipo atraente e inatingível, mas do tipo que fazia os homens olharem para trás quando ela passava. Tinha os cabelos louros cortados a direito logo acima dos ombros, um corte ao mesmo tempo elegante e prático. Usava saia comprida e blusa amarela e, embora o rosto dela estivesse corado por causa do calor, os olhos azuis pareciam irradiar frescura, como se tivesse acabado de passar o dia a relaxar na praia.

– Não faz mal – respondeu ele por fim. – Eu é que cheguei cedo – disse, estendendo-lhe a mão. – Miles Ryan.

Enquanto ele falava, os olhos de Sarah relancearam rapidamente para baixo, em direção ao coldre. Não era a primeira vez que Miles percebia essa reação em alguém. No entanto, antes que pudesse fazer algum comentário,

ela encarou-o e sorriu, apertando-lhe a mão como se a arma não tivesse importância. – Sarah Andrews. Que bom que pôde vir. Depois de mandar o recado, lembrei-me de que não ofereci a hipótese de outra data, se hoje não lhe fosse conveniente.

– Não há problema. O meu chefe conseguiu tratar de tudo.

Ela assentiu, ainda de olhos postos nele. – Charlie Curtis, não é? Conheço a mulher dele, a Brenda. Tem-me ajudado a entender como as coisas funcionam por aqui.

– Cuidado. Se deixar, ela gasta-lhe as orelhas de tanto falar.

Sarah riu-se. – Já reparei. Mas ela tem sido maravilhosa, maravilhosa mesmo. É sempre intimidador chegar a um sítio novo, mas ela tem feito o possível e o impossível para me pôr à vontade.

– É uma querida.

Por alguns instantes, ficaram os dois mudos, parados diante um do outro, e Miles sentiu imediatamente que, agora que a conversa de circunstância se esgotara, Sarah não estava tão à vontade. Deu uma volta à secretária, com ar de quem estava pronta para abordar o assunto que interessava. Começou a remexer papéis e a vasculhar as pilhas, à procura do que precisava. Lá fora, o Sol despontou de trás de uma nuvem e começou a entrar enviesado pelas janelas e a derramar-se sobre eles. A temperatura pareceu subir instantaneamente e Miles deu outro puxão na camisa. Sarah ergueu os olhos para ele, de relance.

– Faz muito calor aqui... Passo a vida a pensar numa ventoinha, mas ainda não tive tempo de a comprar.

– Não se incomode comigo. – Sentiu o suor começar a escorrer-lhe pelo peito e pelas costas.

– Bom, temos duas opções: ou puxa uma cadeira para conversarmos aqui e talvez desmaiarmos de calor ou podemos ir lá para fora, onde está um pouco mais fresco. Há umas mesas de piquenique na sombra.

– Não seria problema?

– Se não se importar.

– Não me importo nada. Além disso, o Jonah está a brincar no parque e, assim, posso ficar de olho nele.

Ela assentiu. – Ótimo. Deixe-me só ver se tenho tudo...

Um minuto depois, saíram da sala, desceram o corredor e empurraram a porta de saída.

– Então quando é que veio morar para a cidade? – perguntou Miles por fim.

– Cheguei em junho.

– E está a gostar?

Ela olhou para ele. – É um bocado sossegada, mas é simpática.

– Onde morava antes?

– Baltimore. Cresci lá, mas... precisava de mudar de ares.

Miles assentiu. – Eu sei como é. Às vezes também tenho vontade de ir embora.

Pela mudança imediata da expressão no rosto dela, Miles percebeu imediatamente que a professora já ouvira falar de Missy. Mas Sarah não fez comentários.

Enquanto se sentavam à mesa de piquenique, Miles aproveitou para a observar melhor. De perto, com o sol a iluminá-la por entre as árvores, Miles percebeu que a pele de Sarah parecia lisa, quase luminescente. Sarah Andrews não tivera certamente acne na adolescência.

– Então... Miss Andrews? – hesitou ele.

– Pode-me chamar Sarah.

– OK, então. Sarah...

Calou-se e, passados alguns instantes, Sarah terminou a frase por ele:

– Quer saber porque é que eu preciso de falar consigo?

– Pois, era mais ou menos isso.

Sarah relanceou os olhos pela pasta à sua frente e em seguida tornou a erguê-los. – Bom, queria começar por dizer que aprecio muito ter o Jonah como aluno. É um menino maravilhoso... É sempre o primeiro a oferecer-se para ajudar quando eu preciso e também se dá muito bem com os colegas. Além disso, é educado e extremamente eloquente para a idade dele.

Miles observou-a atentamente. – Porque é que estou com a impressão de que me vai dar uma notícia má?

– Será que sou assim tão óbvia?

– Um bocado... – reconheceu Miles. Sarah fez um sorriso encabulado.

– Desculpe, mas queria que soubesse que nem tudo é mau. Diga-me uma coisa... O Jonah comentou o que se passa?

– Só hoje, ao pequeno-almoço. Quando lhe perguntei porque é que a professora queria falar comigo, ele disse que estava a ter dificuldade com

alguns trabalhos.

– Estou a ver. – Ficou calada por instantes, como se tentasse organizar os pensamentos.

– Estou a ficar um bocado nervoso – disse Miles por fim. – Não acha que ele tem nenhum problema sério, pois não?

– Bom... – Ela hesitou. – Detesto dizer isto, mas acho que sim. O Jonah não tem dificuldade em alguns trabalhos. Tem dificuldade em *todos* os trabalhos.

Miles franziu o cenho. – Todos?

– O Jonah está atrasado na leitura, na redação, na ortografia e na matemática... basicamente tudo. Para ser sincera, acho que ele não estava preparado para entrar no segundo ano.

Miles fitou-a apenas, sem saber o que dizer. Sarah prosseguiu. – Sei que é difícil ouvir isto. Acredite que eu também não gostaria de receber a notícia, se fosse o meu filho. Foi por isso que quis ter a certeza antes de conversar consigo. Veja...

Sarah abriu a pasta e entregou um maço de papéis a Miles. Eram os trabalhos de Jonah. Miles folheou as páginas – dois testes de Matemática sem uma única resposta certa, dois exercícios em que era necessário escrever um parágrafo (Jonah conseguira rabiscar umas poucas palavras ilegíveis) e três testes curtos de leitura nos quais ele também não se saía bem. Depois de um longo intervalo, ela empurrou a pasta na direção de Miles.

– Pode ficar com ela. Já vi tudo o que precisava.

– Não sei se quero ficar com isto – disse ele, ainda em choque.

Sarah inclinou-se ligeiramente para a frente. – Algum dos professores que ele teve antes chegou a dizer-lhe que ele estava com dificuldades?

– Não, nunca.

– Nada?

Miles desviou os olhos. Do outro lado do pátio, Jonah descia pelo escorrega, com Mark logo atrás de si. Uniu as mãos.

– A mãe do Jonah morreu pouco antes de ele entrar para o infantário. Soube que ele às vezes baixava a cabeça na mesa e chorava, e todos nos preocupámos com isso. Mas a professora não disse nada sobre os trabalhos. Segundo os boletins, ele estava a dar-se bem. No ano passado, foi a mesma coisa.

- Chegava a ver os deveres que ele levava para casa?
- Ele nunca levava nada. Só alguns trabalhinhos que fazia.

Agora, claro, parecia não fazer sentido, até mesmo para ele. Porque é que não se apercebera de nada? *Demasiado ocupado com o próprio umbigo, hein?*, respondeu uma voz dentro dele.

Miles suspirou, zangado consigo mesmo, zangado com a escola. Sarah pareceu ler-lhe os pensamentos.

– Sei que está a tentar entender como isto pôde acontecer e tem todo o direito de ficar zangado. Os professores do Jonah tinham a responsabilidade de o ensinar, mas não a cumpriram. Tenho a certeza de que não foi por mal... Tudo deve ter começado por ninguém querer exigir muito dele.

Miles refletiu sobre isso durante um longo intervalo. – Que *bom* – resmungou.

– Oiça, eu não o chamei cá só para lhe dar más notícias – disse Sarah. – Se fizesse só isso, estaria a negligenciar a *minha* responsabilidade. Queria conversar sobre a melhor maneira de ajudar o Jonah. Não quero que ele perca este ano e, com um pouco de esforço extra, acho que não vai ser preciso. Ainda é possível recuperar o atraso.

Foi preciso algum tempo para Miles absorver a informação. Quando ergueu os olhos, Sarah balançou a cabeça e disse:

– O Jonah é muito inteligente. Quando aprende alguma coisa, não se esquece mais. Só precisa de um reforço, de mais do que eu posso dar conta nas aulas.

- Ou seja...?
- Precisa de ajuda depois da escola.
- Um professor particular?

Sarah alisou a saia comprida. – Contratar um professor particular é uma ideia, mas pode sair caro, principalmente tendo em conta que o Jonah precisa de ajuda com o básico. Não estamos a falar de geometria... agora, por exemplo, estamos a dar as somas de um dígito, como três mais dois. Em relação à leitura, ele só precisa de um pouco de treino. Com a escrita também: é só praticar. A menos que tenha dinheiro de sobra, o melhor, provavelmente, é ser o Miles a ajudar.

- Eu?
- Não é assim tão difícil. Tente ler com ele, fazer com que ele leia para si, ajudar com os trabalhos de casa, essas coisas. Não acho que vá ter

dificuldade com nenhum dos trabalhos que eu passar.

– Diz isso porque não viu os meus boletins de notas quando era pequeno.

Sarah sorriu antes de prosseguir. – Ter um horário fixo também ajudará. As crianças aprendem melhor quando o estudo faz parte da rotina. Além disso, a rotina costuma garantir que o processo é constante e é disso que o Jonah mais precisa.

Miles remexeu-se no banco. – Não é tão fácil quanto pode parecer. O meu horário varia muito. Às vezes, volto para casa às quatro, outras vezes só chego quando o Jonah já está a dormir.

– E quem fica com ele depois da escola?

– A Mrs. Knowlson, nossa vizinha. Ela é ótima, mas não sei se estaria disposta a fazer os trabalhos de casa com ele todos os dias. Tem mais de 80 anos.

– E outra pessoa? Um avô ou avó, alguém assim?

Miles fez que não com a cabeça. – Os pais da Missy mudaram-se para a Flórida, quando ela morreu. A minha mãe morreu quando eu estava a terminar o liceu e o meu pai foi embora assim que entrei para a faculdade. Normalmente, nem sei onde ele está. O Jonah e eu passámos os últimos dois anos praticamente sozinhos. Não me entenda mal, ele é um miúdo estupendo. Às vezes sinto que tenho sorte em tê-lo só para mim, mas noutros momentos não consigo deixar de pensar que teria sido mais fácil se os pais da Missy tivessem ficado cá ou se o meu pai estivesse mais disponível.

– Para momentos como esse?

– Exatamente – respondeu ele.

Sarah tornou a rir-se. Miles gostou do som da gargalhada dela. Tinha algo de inocente, era um tipo de gargalhada que ele associava a crianças, a quem ainda não tinha percebido que o mundo era mais do que diversão e brincadeira.

– Pelo menos está a levar o assunto a sério – disse Sarah. – Nem sei dizer quantas vezes tive esta conversa com pais que, ou não acreditaram em mim, ou me culpavam.

– Isso acontece muito?

– Mais do que imagina. Antes de escrever o bilhete, cheguei a conversar com a Brenda sobre a melhor maneira de falar consigo.

– E o que é que ela lhe disse?

– Para eu ficar descansada, que não reagiria mal. Que, acima de tudo, ficaria preocupado com o Jonah e que estaria aberto ao que eu sugerisse. Até disse que não precisava de ter medo, apesar de o Miles andar armado.

Miles pareceu perplexo. – Não, ela não disse isso!

– Disse, sim. Tinha de estar presente para ouvir o tom de voz dela...

– Vou ter de conversar com ela.

– Não, não faça isso. É evidente que ela gosta de si. Também me disse isso.

– A Brenda gosta de toda a gente.

Nesse momento, Miles ouviu Jonah gritar o nome de Mark, pedindo ao amigo que corresse atrás de si. Apesar do calor, os dois miúdos atravessaram o parque a toda a velocidade, dando a volta nuns postes, antes de partir noutra direção.

– Não dá para acreditar na energia que eles têm – comentou Sarah, maravilhada. – Fizeram a mesma coisa à hora de almoço.

– Eu sei, acredite. Não consigo sequer lembrar-me da última vez que fiz uma coisa assim.

– Oh, por favor, não é assim tão velho. Tem o quê... 40, 45?

Miles pareceu perplexo outra vez e Sarah piscou-lhe o olho. – Estou só a brincar.

Enxugou a testa, fingindo alívio, e de repente surpreendeu-se, ao notar como estava a gostar daquela conversa. Fosse porque fosse, Sarah quase parecia estar a namoriscar com ele e isso agradou-lhe mais do que ele achava que deveria.

– Obrigado... acho eu.

– De nada – respondeu ela, tentando e não conseguindo disfarçar um sorriso de ironia. – Mas então... Onde é que íamos?

– Estava a comentar como o tempo deixou marcas no meu rosto.

– Antes disso... Ah, sim, estávamos a conversar sobre os seus horários e disse-me que seria impossível implementar uma rotina.

– Eu não disse impossível. Disse que não vai ser fácil.

– Em que dias tem as tardes livres?

– Geralmente às quartas e sextas.

Enquanto Miles pensava, Sarah pareceu encontrar uma solução.

– Oiça, em geral não faço isto, mas vou-lhe propor um acordo – disse ela, devagar. – Se quiser, claro.

Miles arqueou as sobrancelhas. – Que tipo de acordo?

– Eu estudo com o Jonah depois das aulas nos outros três dias da semana, se o Miles prometer fazer o mesmo nos dois dias que tem livres.

Ele não conseguiu disfarçar a sua surpresa. – Faria isso?

– Não por qualquer aluno. Mas, como eu disse, o Jonah é um amor de miúdo e passou por um período difícil nos últimos dois anos. Ajudarei de bom grado.

– A sério?

– Não faça essa cara de espanto. A maioria dos professores dedica-se bastante ao trabalho. Além do mais, costumo ficar na escola até às quatro, seja como for, de modo que nem vai dar tanto trabalho assim.

Como Miles não respondeu de imediato, Sarah calou-se.

– Só vou oferecer uma vez. É pegar ou largar – disse ela, por fim.

Miles parecia quase constrangido. – Obrigado – disse, muito sério. – Nem imagina como lhe agradeço.

– O prazer é todo meu. Mas, para fazer isto, vou precisar de uma coisa. Considere-a o meu pagamento.

– O quê?

– Uma ventoinha... e das boas – disse ela, meneando depois a cabeça em direção ao prédio. – É um forno ali dentro.

– Negócio fechado.

*

Vinte minutos mais tarde, depois de Miles se despedir, Sarah voltou à sala de aula. Enquanto juntava as suas coisas, deu por si a pensar em Jonah e na melhor maneira de o ajudar. Tinha sido uma boa solução oferecer-se para orientá-lo, disse a si mesma. Assim, poderia ver mais de perto a evolução dele e orientar Miles quanto ao estudo com o filho. Era um trabalho extra, sim, mas seria o melhor para Jonah, ainda que aquilo não estivesse nos seus planos – e não estava; a ideia surgira praticamente no momento em que Sarah fizera a proposta.

Ainda estava a tentar perceber porque é que a tinha feito.

Mesmo sem querer, também estava a pensar em Miles. Não era absolutamente nada como tinha imaginado. Quando Brenda lhe dissera que ele trabalhava com o xerife, Sarah visualizara imediatamente o típico agente

da lei sulista: obeso, com as calças descaídas, óculos de sol espelhados e a boca cheia de tabaco de mascar. Imaginara-o entrar na sua sala de aula a passos largos, com os polegares enfiados nos nós do cinto e falando com um sotaque carregado. *Então sobre que assunto é que queria falar comigo, menina?* Mas Miles não era nada disso.

Além do mais, era atraente. Não no mesmo estilo de Michael – moreno e cheio de *glamour*, sempre impecável e perfeito –, mas sedutor de um modo natural, mais rústico. O rosto dele tinha uma certa aspereza, como se tivesse passado muitas horas ao sol em criança. No entanto, ao contrário do que ela dissera, Miles não parecia ter 40 anos, o que a surpreendera.

Não devia ter surpreendido. Afinal de contas, Jonah só tinha sete anos e ela sabia que Missy Ryan morrera jovem. Supunha que o seu erro de avaliação tivesse a ver com o simples facto de a mulher dele ter morrido. Não conseguia imaginar isso acontecer a alguém da sua idade. Não era certo, parecia contrário às leis da natureza.

Ainda estava a refletir sobre a questão, quando deu uma última olhadela à sala, para se certificar de que tinha tudo o que precisava. Tirou a mala da gaveta de baixo da secretária, passou-a pelo ombro, pôs o restante material debaixo do braço e apagou a luz antes de sair.

A caminho do carro, sentiu uma pontada de decepção ao constatar que Miles já se tinha ido embora. Repreendendo-se por esse pensamento, lembrou a si mesma que um viúvo como ele dificilmente teria pensamentos desse tipo em relação à professora do filho pequeno.

Sarah Andrews não fazia ideia de como estava enganada.

CAPÍTULO 4

A luz fraca da minha escrivaninha, os recortes de jornal parecem mais antigos do que são. Amarelados e cheios de dobras, ganham uma aparência estranhamente pesada, como se carregassem o peso da minha vida na altura.

Há algumas verdades simples na vida e uma delas é a seguinte: sempre que alguém morre jovem e sob circunstâncias trágicas, as pessoas interessam-se, sobretudo numa cidade pequena, onde todos parecem conhecer-se.

Quando Missy Ryan morreu, a notícia ocupou as manchetes. Na manhã seguinte à morte dela, quando os jornais foram entregues, ouviram-se arquejos em New Bern inteira. Havia um grande artigo e três fotografias: uma do local do acidente e outras duas mostrando como Missy fora uma mulher linda. Nos dias subsequentes, à medida que se sabiam informações novas, houve mais dois artigos de fundo e, no início, todos estavam certos de que o caso seria resolvido.

Mais ou menos um mês depois do acidente, outro artigo de primeira página dizia que o Conselho Municipal oferecia uma recompensa por qualquer informação sobre o caso. Bastou isso para a confiança das pessoas começar a diminuir. E, como com todas as notícias, o interesse também começou a decrescer. Os moradores da cidade deixaram de falar no assunto com tanta frequência e o nome de Missy passou a ser citado cada vez menos. Passado algum tempo, outro artigo, dessa vez na terceira página, repetia o que os primeiros tinham dito e voltava a pedir que qualquer pessoa que tivesse alguma informação se apresentasse às autoridades. Depois disso, não houve mais nada.

Todos os artigos seguiam o mesmo padrão, apresentando os factos de forma simples e direta: numa noite quente do verão de 1986, Missy Ryan – casada com o namorado da escola, hoje agente da lei, e mãe de um menino – saiu para correr quando anoitecia. Duas pessoas tinham-na visto passar pela Madame Moore's Lane poucos minutos depois de ela sair de casa;

ambas tinham sido posteriormente interrogadas pela polícia rodoviária. A seguir, os artigos descreviam os acontecimentos da noite. O que nenhum mencionava, contudo, era como Miles tinha passado as últimas horas antes de saber o que acontecera.

Tenho a certeza de que Miles se lembraria delas para sempre, pois foram as últimas horas de normalidade que teve na vida. Limpou a relva cortada da entrada de carros e do caminho de casa, como Missy lhe pedira, e entrou em casa. Arrumou a cozinha, passou algum tempo com Jonah e depois deitou o filho. O mais provável é que tenha olhado para o relógio de tantos em tantos minutos, quando notou que já passara da hora de Missy chegar. No início, talvez tenha julgado que Missy fora visitar algum colega de trabalho, coisa que fazia às vezes, e provavelmente repreendeu-se por imaginar o pior.

Os minutos transformaram-se numa hora, duas horas, e Missy não apareceu. Nessa altura, Miles já estava preocupado o suficiente para ligar a Charlie. Pediu-lhe para verificar o circuito de corrida habitual de Missy, já que Jonah estava a dormir e ele não queria deixar o filho sozinho, a menos que fosse absolutamente necessário. Charlie respondeu que teria todo o gosto em fazê-lo.

Uma hora depois – período em que Miles ligou a diversas pessoas para pedir notícias e teve a impressão de que todas desconversavam –, Charlie apareceu à porta de casa. Viera com a mulher, Brenda, para tomar conta de Jonah. Estava atrás do marido, tinha os olhos vermelhos.

– É melhor vires comigo – disse Charlie com cautela. – Houve um acidente.

Pela expressão no rosto do amigo, tenho a certeza de que Miles entendeu exatamente o que Charlie estava a tentar dizer-lhe. O resto da noite foi um borrão.

O que nem Miles nem Charlie sabiam nessa noite – e que o inquérito mais tarde revelaria – era que o atropelamento que matara Missy não tivera nenhuma testemunha. Como também não apareceria ninguém a confessar o crime. Ao longo do mês seguinte, a polícia rodoviária interrogou toda a gente nas redondezas; procurou tudo o que pudesse levar a alguma pista, vasculhou arbustos, avaliou as provas encontradas no local do atropelamento, visitou bares e restaurantes próximos para saber se saíra algum cliente aparentemente embriagado por volta daquela hora. No fim, o

dossiê do caso estava grosso e pesado, reunindo tudo o que fora descoberto – que, no fundo, não ia além do que Miles soube no momento em que abriu a porta de casa e deparou com Charlie no alpendre.

Miles Ryan tinha ficado viúvo aos 30 anos.

CAPÍTULO 5

Dentro do carro, as lembranças do dia em que Missy morrera voltaram à mente de Miles em fragmentos, como acontecera antes, a caminho do almoço com Charlie. Agora, no entanto, em vez da habitual revisão incessante do dia, desde a pescaria até à discussão com a mulher e a tudo o que se seguira, as lembranças foram substituídas por pensamentos sobre Jonah e Sarah Andrews.

Permaneceu tanto tempo calado enquanto conduzia, absorto nos seus pensamentos, que Jonah acabou por ficar nervoso. Enquanto aguardava que o pai dissesse alguma coisa, Jonah imaginava os possíveis castigos que Miles lhe daria, cada um pior do que o outro. Começou a abrir e fechar o fecho de correr da mochila e continuou, até que Miles estendeu a mão e a pousou sobre a do filho, impedindo-o de continuar. Mesmo assim, Miles continuou mudo. Quando finalmente ganhou coragem, Jonah encarou o pai com os olhos arregalados e já à beira das lágrimas.

– Pai, fiz alguma asneira?

– Não, filho.

– Ficaste tanto tempo a conversar com a professora.

– Tínhamos muito que conversar.

Jonah engoliu em seco. – Conversaram sobre a escola?

Miles assentiu e Jonah tornou a olhar para a mochila, sentindo-se enjoado e desejando poder ocupar as mãos outra vez. – *Asneira das grandes* – murmurou.

Alguns minutos mais tarde, sentado num banco à porta da gelataria, Jonah terminava um cone, com o braço do pai à volta do ombro. Estavam a conversar há dez minutos e, pelo menos para Jonah, a conversa não fora nem de perto nem de longe tão má quanto tinha imaginado. O pai não tinha gritado, não tinha feito ameaças e, melhor de tudo, não o pusera de castigo. Em vez disso, tinha simplesmente perguntado a Jonah sobre os seus antigos

professores e os trabalhos que eles tinham – e não tinham – pedido que fizesse. Jonah explicou com sinceridade que, depois de ficar atrasado em relação à turma, tivera vergonha de pedir ajuda. Conversaram sobre as matérias em que Jonah estava a ter dificuldades – como Sarah dissera, eram praticamente todas –, e Jonah prometeu fazer o melhor possível dali em diante. Miles também disse que ia ajudá-lo e que, se tudo corresse bem, Jonah não tardaria a recuperar o atraso. No fim de contas, Jonah achou que tinha tido sorte.

O que não percebeu foi que o pai ainda não tinha terminado.

– Mas, como estás muito atrasado – continuou Miles, calmo –, vais ter de ficar na escola depois das aulas, alguns dias por semana, para a professora te poder ajudar.

Jonah levou alguns instantes a registar as palavras e, depois, ergueu os olhos para o pai.

– Depois das aulas?

Miles assentiu. – Ela disse que, assim, recuperas o atraso mais depressa.

– Mas não disseste que me ias ajudar?

– E vou, mas não posso ajudar todos os dias. Tenho de trabalhar, por isso é que a professora disse que também te vai ajudar.

– Mas depois das aulas? – tornou a indagar Jonah, com um tom de súplica na voz.

– Três vezes por semana.

– Mas, pai... – reclamou, atirando o resto do cone para o lixo. – Não quero ficar na escola depois das aulas.

– Não te perguntei se querias. Além disso, podias ter-me dito mais cedo que estavas com dificuldades. Se me tivesses contado, talvez pudesses ter evitado a situação.

Jonah franziu o cenho. – Mas, pai...

– Ouve, eu sei que preferias fazer um milhão de coisas, mas vais fazer isto durante um tempo. Não tens alternativa e, se pensares bem, podia ser pior.

– Pior como? – indagou Jonah, cantando a última sílaba, como fazia quando preferia não acreditar no que o pai lhe dizia.

– Então, ela podia querer estudar contigo ao fim de semana também. Nesse caso, não podias jogar futebol.

Jonah inclinou-se para a frente e apoiou o queixo nas mãos. – Está bem – disse por fim, com ar contrariado. – Eu alinho.

Miles sorriu e pensou «Não tens grande escolha».

– Que bom, campeão.

À noite, Miles estava debruçado sobre a cama do filho, a tapá-lo com os cobertores. Jonah já tinha os olhos pesados e Miles passou-lhe a mão no cabelo antes de lhe dar um beijo no rosto.

– É tarde. Toca a dormir.

Deitado na cama, parecia muito pequenino, satisfeito. Miles certificou-se de que a luz de presença estava acesa e, em seguida, estendeu a mão para apagar o candeeiro da mesa de cabeceira. Jonah forçou-se a abrir os olhos, embora não fosse difícil adivinhar que eles não iam permanecer muito tempo assim.

– Pai?

– Diz.

– Obrigado por não teres ficado zangado comigo hoje.

Miles sorriu. – De nada.

– E, pai?

– Diz.

Jonah ergueu a mão para limpar o nariz. Ao lado da almofada, estava um ursinho de pelúcia que Missy lhe oferecera quando ele fizera três anos. Ainda dormia com ele todas as noites.

– Fiquei contente por a professora me querer ajudar.

– Ah sim? – perguntou Miles, surpreendido.

– Ela é simpática.

Miles apagou o candeeiro. – Também achei. Agora dorme, filho.

– Está bem. E, pai?

– Diz.

– Adoro-te.

Miles sentiu a garganta contrair-se. – Também te adoro, Jonah.

Horas depois, pouco antes das quatro da madrugada, Jonah teve outro pesadelo.

Os gritos, como os de alguém que caísse num precipício, fizeram Miles saltar imediatamente da cama. Saiu a cambalear do quarto, praticamente às cegas, quase tropeçou num brinquedo e ainda estava a tentar focar a visão quando pegou ao colo o filho adormecido. Começou a sussurrar-lhe ao ouvido, enquanto o levava para o alpendre das traseiras. Tinha aprendido que aquilo era a única coisa capaz de o acalmar. Em instantes, os soluços transformaram-se em choro e Miles deu graças, não apenas por o seu terreno ser grande, mas também por a vizinha mais próxima, a Mrs. Knowlson, ouvir muito mal.

Na névoa da noite húmida, Miles embalou o filho sem parar de lhe sussurrar ao ouvido. A Lua brilhava nas águas vagarosas do rio, transformando-as numa passarela de luz refletida. Com os carvalhos pesados e os troncos claros dos ciprestes alinhados ao longo das duas margens, a vista era reconfortante e de uma beleza intemporal. Os longos véus de barba-de-velho que pendiam das árvores só faziam aumentar a sensação de que aquele pedaço do mundo permanecera intocado nos últimos mil anos.

Já eram quase cinco da manhã quando a respiração de Jonah voltou a um ritmo profundo e regular, mas Miles sabia que não conseguiria dormir mais. Pôs o filho na cama, foi à cozinha e fez café. Sentado à mesa, esfregou os olhos e o rosto para ativar a circulação do sangue e, depois, olhou pela janela. O céu começava a pratear o horizonte e a aurora irrompia entre as árvores.

Miles deu por si a pensar em Sarah Andrews outra vez.

Sentia-se atraído por ela, quanto a isso não havia dúvidas. Parecia uma eternidade desde que uma mulher lhe causara uma reação tão forte. Sentira-se atraído por Missy, claro, mas isso fora há quinze anos. Noutra vida. Não que tivesse deixado de sentir atração por ela nos últimos anos do casamento, longe disso, mas a sensação mudara com o tempo. A paixão que sentira ao conhecer Missy – o desejo adolescente desesperado de saber tudo o que pudesse a seu respeito – fora substituída, ao longo dos anos, por algo mais profundo, mais maduro. Com Missy não havia surpresas. Sabia como era o rosto dela ao levantar e tinha visto exaustão nele após o parto de Jonah. Conhecia Missy – os sentimentos e temores dela, as coisas de que gostava e as de que não gostava. Mas aquela atração por Sarah parecia-

lhe... *nova* e fazia-o sentir-se novo também, como se tudo fosse possível. Não se tinha dado conta de quanto essa sensação lhe fizera falta.

Mas o que faria agora? Sobre essa parte, ainda não tinha certeza. Para começar, não conseguia prever como é que as coisas se desenrolariam com Sarah. Não sabia nada sobre ela. Afinal, talvez nem fossem compatíveis. Havia milhares de coisas que podiam condenar uma relação.

Mesmo assim, sentira-se atraído...

Abanou a cabeça para afastar aqueles pensamentos. Não havia razão para ficar a ruminar naquilo, senão que a atração lhe recordara novamente que gostaria de reconstruir a vida. Queria encontrar alguém; não queria passar o resto da vida sozinho. Sabia que algumas pessoas conseguiam fazer isso. Conhecia gente na cidade que enviudara e nunca mais tornara a casar-se, mas ele não fora feito para isso. Nunca sentira que estivesse a perder alguma coisa por ser casado. Não olhava para os amigos solteiros e desejava ter a mesma vida que eles – namoricos, saídas, paixões que iam e vinham como as estações do ano. Simplesmente não era do temperamento dele. Adorava ser marido, adorava ser pai e adorava a estabilidade que isso tudo proporcionava. Queria ter essa vida outra vez.

Mas provavelmente não vou ter...

Miles suspirou e tornou a olhar pela janela. Agora havia mais luz na parte baixa do céu, mas em cima ainda estava tudo escuro. Levantou-se da mesa, foi ver como estava Jonah – ainda a dormir – e, depois, abriu a porta do próprio quarto. Nas sombras, conseguiu distinguir as fotografias que tinha mandado emoldurar, dispostas em cima da cómoda e sobre a mesa de cabeceira. Embora não pudesse ver claramente os traços, não precisava de luz para saber de quem eram: Missy sentada no alpendre das traseiras com um ramo de flores silvestres na mão; Missy e Jonah com os rostos próximos da lente, sorrisos largos; Missy e Miles andando em direção ao altar...

Entrou no quarto e sentou-se na cama. Ao lado da fotografia estava o envelope de papel pardo com as informações que tinha juntado nos tempos livres. Como os acidentes de trânsito não eram da alçada do xerife e sua equipa – nem tão-pouco lhe teriam permitido investigar o caso de Missy se fossem –, Miles tinha acompanhado de perto o trabalho da polícia rodoviária, interrogando as mesmas pessoas, fazendo as mesmas perguntas e examinando as mesmas informações. Como todos sabiam pelo que ele estava a passar, ninguém se recusara a colaborar, mas, no fim de contas, não

consequira descobrir nada além do que os investigadores já sabiam. Desde então, a pasta ficara ali, em cima da mesa de cabeceira, como que a desafiar Miles a descobrir quem conduzia o carro naquela noite.

Só que a descoberta já não parecia provável, por mais que Miles quisesse punir a pessoa que lhe tinha estragado a vida. E era exatamente isso que queria fazer: queria que a pessoa pagasse caro pelo que fizera. Sentia que era esse o seu dever, tanto como marido quanto como alguém que tinha jurado defender a lei. Olho por olho – não era isso que a Bíblia dizia?

Como quase todas as manhãs, Miles olhou para o envelope sem se dar ao trabalho de o abrir e começou a imaginar a pessoa responsável pelo acidente e a rever a mesma sequência de acontecimentos de sempre. Começava inevitavelmente com a mesma pergunta:

Se fora um acidente, porquê fugir?

O único motivo que lhe ocorria era que a pessoa estivesse bêbeda, talvez voltasse de uma festa ou tivesse o hábito de beber além da conta ao fim de semana. Um homem, provavelmente na casa dos 30 ou 40 anos. Embora nenhuma prova sustentasse essa hipótese, imaginava sempre alguém assim. Miles até conseguia ver o condutor, os reflexos lentos, o carro a virar de um lado para o outro na estrada, acima da velocidade, os solavancos no volante. Talvez tivesse estendido a mão para beber mais uma cerveja, já com uma sandes entre as pernas, justamente no momento em que viu Missy, tarde demais. Ou talvez nem a tivesse visto. Se calhar só tinha ouvido o baque e sentido o carro estremecer com o impacto. Nem assim o condutor entrara em pânico. Não havia marcas de travagens bruscas no asfalto, muito embora o condutor tivesse parado o carro para ver o que acontecera. As provas mostravam isso – algo que nunca fora publicado nos artigos de jornal.

Pouco importava.

Ninguém tinha visto nada. Não havia outros carros na estrada, não se acendeu nenhuma luz de alpendre, ninguém estava no quintal a desligar os irrigadores automáticos ou a passear o cão na rua. Mesmo embriagado, o condutor sabia que Missy morrera e que teria de enfrentar, no mínimo, uma acusação de homicídio involuntário, talvez até homicídio por negligência caso já tivesse antecedentes. Seria acusado criminalmente. Seria preso. Uma vida atrás das grades. Esses e outros pensamentos ainda mais assustadores deviam ter-lhe passado pela cabeça e feito com que se fosse

embora antes que alguém o visse. E assim fizera, sem sequer se dar ao trabalho de pensar no rasto de tristeza que deixava atrás de si.

Ou isso ou alguém tinha atropelado Missy de propósito.

Algum sociopata que matava pelo simples prazer de matar. Já ouvira falar de gente assim.

Ou que matara para se vingar de Miles Ryan?

Miles trabalhava com o xerife, tinha feito inimigos. Prendera pessoas, testemunhara contra elas. Tinha ajudado a mandar dezenas de criminosos para a prisão.

Teria sido uma dessas pessoas?

A lista era infundável, um exercício de paranoia.

Miles suspirou fundo e, por fim, abriu o envelope, sentindo-se atraído pelas páginas como por um íman.

Havia um pormenor no acidente que não parecia fazer sentido e, ao longo dos anos, Miles desenhara meia dúzia de pontos de interrogação em redor dele. Soubera do pormenor quando fora ao local do acidente.

Por mais estranho que parecesse, o condutor do carro tinha posto uma manta sobre o corpo de Missy.

Esse pormenor nunca tinha chegado aos jornais.

Durante algum tempo, houvera esperança de que a manta pudesse fornecer pistas sobre a identidade do condutor. Não fornecera. Era uma manta comum, incluída nos conjuntos de primeiros socorros vendidos em quase todas as lojas de peças automóveis ou centros comerciais do país. Impossível de rastear.

Mas... *porquê?*

Era essa a pergunta que ainda o atormentava.

Porquê cobrir o corpo e depois fugir? Não fazia sentido. Quando comentara o assunto com Charlie, este dissera-lhe uma coisa que o assombrava até hoje: «É como se o condutor tivesse tentado desculpar-se.»

Desculpar-se ou despistar-nos?

Miles não sabia em que acreditar.

Mas não ia desistir de encontrar aquele condutor. Depois, só depois, podia imaginar-se a seguir em frente.

CAPÍTULO 6

Na sexta-feira à noite, três dias depois da reunião com Miles Ryan, Sarah Andrews estava sozinha na sala de sua casa, a beber um segundo copo de vinho e a sentir-se tão em baixo quanto seria humanamente possível. Mesmo sabendo que o vinho não ajudaria, tinha a certeza de que se serviria de um terceiro copo assim que acabasse aquele. Nunca fora de beber muito, mas tivera um dia difícil.

Naquele momento, só queria fugir.

Estranhamente, o dia nem tinha começado mal. Sentira-se bastante bem ao acordar e mesmo durante o pequeno-almoço. Depois disso, porém, as coisas tinham piorado a olhos vistos. O esquentador do apartamento deixara de funcionar e Sarah tivera de tomar um duche frio antes de sair para a escola. Ao chegar lá, três dos quatro alunos da primeira fila estavam constipados e passaram o dia a tossir e a espirrar na direção dela, isso quando não estavam a portar-se mal. A restante turma pareceu seguir a deixa e Sarah não conseguiu fazer nem metade do que tinha planeado. Depois das aulas, ficou na escola para adiantar trabalho e, quando finalmente estava pronta para ir embora, viu que um dos pneus do carro estava vazio. Teve de ligar para a seguradora e acabou por esperar quase uma hora até a assistência aparecer. Quando conseguiu ir para casa, as ruas em redor do apartamento tinham sido fechadas por causa do Festival das Flores do fim de semana, e teve de estacionar a três quarteirões de distância. Depois, para coroar o dia, menos de dez minutos depois de entrar em casa, uma conhecida sua de Baltimore tinha ligado para avisar que Michael ia voltar a casar-se, em dezembro.

Foi nesse momento que abriu o vinho.

Finalmente a sentir os efeitos do álcool, Sarah deu por si a desejar que o reboque tivesse demorado mais, de modo que não estivesse em casa para atender o telefone. A mulher que telefonara não era sua amiga íntima – tinham conversado algumas vezes, mas só porque ela era amiga da família de Michael – e Sarah não fazia ideia do que a levaria a avisá-la sobre o

casamento. Além disso, embora lhe tivesse dado a notícia com a dose certa de empatia e incredulidade, Sarah suspeitou que ela ia ligar imediatamente a Michael, para lhe contar a reação da ex-mulher. Graças a Deus, conseguira manter a compostura.

Mas isso fora dois copos de vinho antes. Agora, já não estava a ser tão fácil. Não queria receber notícias de Michael. Estavam divorciados, separados por lei e por livre e espontânea vontade. Ao contrário de alguns casais na mesma situação, não tinham falado nem sequer uma vez desde o último encontro no escritório do advogado, quase um ano antes. Nessa altura, ela considerava-se sortuda só por se livrar dele e tinha simplesmente assinado os documentos sem fazer qualquer comentário. A dor e a raiva tinham sido substituídas por uma espécie de apatia, um entorpecimento causado pela descoberta de que nunca conhecera Michael de verdade. Depois disso, ele não lhe telefonara nem escrevera, e ela também não. Sarah perdera o contacto com a família e os amigos de Michael e ele, por sua vez, não demonstrara interesse pelos dela. Sob muitos aspetos, nem pareciam ter sido casados. Pelo menos era isso que Sarah dizia a si mesma.

E agora ele ia casar-se outra vez.

Aquilo não devia incomodá-la. Não devia ligar nenhuma ao que ele fizesse ou deixasse de fazer.

Mas ligava e isso também a incomodava. Na verdade, estava quase mais chateada com o facto de se importar tanto com o casamento iminente de Michael do que com o casamento em si. Sempre soubera que Michael tornaria a casar-se, ele mesmo lho dissera.

Era a primeira vez que odiava alguém de verdade.

Mas o verdadeiro ódio, do tipo que faz o sangue ferver, só pode existir quando há outros sentimentos por trás dele. Sarah não teria odiado tanto Michael se não o tivesse amado antes. Talvez por ingenuidade, imaginara que ficariam juntos para sempre. Afinal de contas, tinham trocado votos e jurado amor eterno, uma promessa que os casais da família de Sarah cumpriam havia décadas. Os seus pais estavam casados há quase 35 anos; tanto os avós maternos quanto os paternos se aproximavam dos 60 anos de casados. Mesmo depois de os problemas surgirem, continuara a acreditar que ela e Michael ficariam juntos. Sarah sabia que não seria fácil, mas quando ele preferiu defender a opinião da família a manter a promessa que lhe tinha feito, Sarah sentiu-se mais insignificante do que nunca.

Mas não estaria triste agora, se o tivesse realmente esquecido...

Sarah acabou o copo e levantou-se do sofá, recusando-se a acreditar nisso. Tinha-o esquecido, sim. Não o aceitaria de volta nem que ele regressasse de joelhos e lhe implorasse perdão. Não havia nada que ele pudesse dizer ou fazer para conquistar novamente o amor dela. Michael podia casar-se com quem bem entendesse, que para ela não faria a menor diferença.

Serviu-se do terceiro copo de vinho na cozinha.

Michael ia casar-se outra vez.

Mesmo sem querer, Sarah sentiu as lágrimas chegarem. Não queria chorar mais, mas os sonhos antigos não morrem de um momento para o outro. Quando pôs o copo sobre a bancada para se tentar controlar, pô-lo demasiado perto do lava-loiça e o copo caiu lá dentro, estilhaçando-se instantaneamente. Quando estendeu a mão para limpar os cacos, fez um corte num dedo, que começou a sangrar.

Mais uma coisa a juntar àquele dia terrível.

Sarah exalou com força e pressionou as costas da mão contra os olhos para conter o choro.

– Tens a certeza de que está tudo bem?

As palavras pareciam desaparecer e reaparecer, abafadas pelo burburinho da multidão ao redor de Sarah, como se tentasse ouvir alguma coisa ao longe.

– Pela terceira vez, mãe, estou bem. A sério.

Maureen ergueu a mão e afastou uma mecha de cabelo do rosto de Sarah.
– É que estás meio pálida... com cara de quem vai ficar com gripe.

– Estou um bocado cansada, só isso. Fiquei acordada até tarde a trabalhar.

Embora não gostasse de mentir à mãe, Sarah não estava com vontade nenhuma de lhe contar sobre a garrafa de vinho da noite anterior. A mãe não entendia porque é que as pessoas bebiam, sobretudo as mulheres. Se Sarah dissesse que, ainda por cima, tinha bebido sozinha, a mãe não faria mais do que morder o lábio de preocupação, antes de iniciar uma série de perguntas às quais ela não estava com disposição nenhuma de responder.

Era sábado, fazia um dia lindo e o centro da cidade estava apinhado de gente. O Festival das Flores estava lançado e Maureen queria passar o dia a

passar pelas bancas e pelos antiquários da Middle Street. Como Larry preferia ver o jogo de futebol americano entre as equipas da Universidade da Carolina do Norte e da Universidade Estadual do Michigan, Sarah tinha-se oferecido para fazer companhia à mãe. Imaginara que seria divertido, e provavelmente teria sido, não fosse a dor de cabeça que nenhuma aspirina conseguia aliviar. Enquanto conversavam, Sarah observava uma moldura antiga restaurada com esmero, embora não com tanto esmero que justificasse o preço.

– À sexta-feira? – estranhou a mãe.

– Já estava a adiar aquilo há um tempo e ontem à noite resolvi tratar do assunto.

A mãe aproximou-se, fingindo admirar a moldura. – Passaste a noite toda em casa?

– A-hã. Porquê?

– Porque te telefonei algumas vezes e ninguém atendeu.

– Desliguei o telefone.

– Ah. Pensei que tivesses saído com alguém.

– Com quem?

Maureen encolheu os ombros. – Não sei... alguém.

Sarah olhou para a mãe por cima dos óculos escuros. – Mãe, não vamos começar esse assunto outra vez...

– Não estou a começar assunto nenhum – replicou Maureen, na defensiva. Depois, baixando a voz como se falasse consigo mesma, continuou: – Só imaginei que tivesses resolvido sair. Costumavas sair bastante...

Além de mergulhar num poço de preocupação, Maureen também sabia desempenhar na perfeição o papel da mãe culpada. Às vezes Sarah precisava dessa compaixão – que, afinal, nunca fez mal a ninguém –, mas não desta vez. Franziu o cenho ao de leve enquanto punha a moldura no lugar. A dona da banca, uma senhora idosa sentada numa cadeira sob um grande guarda-sol, ergueu as sobrancelhas; era evidente que estava a apreciar o diálogo. Sarah franziu ainda mais o cenho e afastou-se da banca, enquanto a mãe continuava a falar. Passados alguns instantes, Maureen seguiu-a.

– Que foi? – perguntou.

O tom dela fez Sarah parar e encarar a mãe. – Nada. Só não estou com disposição para ficar a ouvir como tu te preocupas comigo. Ao fim de um

tempo, cansa.

A boca de Maureen entreabriu-se e assim ficou. Ao ver a expressão magoada dela, Sarah arrependeu-se do que dissera, mas não conseguira evitar. Pelo menos não naquele dia.

– Desculpa, mãe. Não devia ter falado assim contigo.

Maureen estendeu a mão e segurou a da filha. – O que se passa, Sarah? E, desta vez, diz-me a verdade. Eu conheço-te. Aconteceu alguma coisa, não foi?

Apertou a mão da filha com delicadeza e Sarah desviou o olhar. À volta delas, desconhecidos cuidavam dos seus afazeres, entretidos nas próprias conversas.

– O Michael vai casar-se outra vez – disse, baixinho.

Depois de se certificar de que tinha ouvido bem, Maureen envolveu lentamente a filha num abraço firme. – Oh, Sarah... sinto muito – sussurrou.

Não havia mais nada a dizer.

Alguns minutos depois, estavam um pouco mais adiante na mesma rua em que a multidão se aglomerava, sentadas num banco com vista para a marina. Tinham lá ido parar sem querer. Foram simplesmente andando até não terem mais para onde ir, e depois encontraram um lugar para se sentar.

Passaram muito tempo a conversar, ou melhor, Sarah falou e Maureen basicamente ouviu, incapaz de disfarçar a preocupação. Em determinados momentos, os seus olhos arregalaram-se e encheram-se de lágrimas; apertou a mão de Sarah diversas vezes.

– Ai... que *horror* – disse ela, provavelmente pela centésima vez. – Que dia *horrível*.

– Também achei.

– Bom, por acaso ajudaria se eu te dissesse para tentares ver as coisas pelo lado positivo?

– Mãe, não há nenhum lado positivo.

– É claro que há.

Sarah ergueu uma sobrancelha, descrente. – Qual, por exemplo?

– Bom, podes ter a certeza de que eles não vêm morar para aqui depois de casados. O teu pai fazia-lhes a vida negra.

Apesar do seu estado de espírito, Sarah riu-se. – Muito obrigada. Se eu vir o Michael um dia destes, aviso-o.

Maureen ficou calada por alguns instantes até que disse: – Não estás a planear isso, pois não? Tornar a ver o Michael.

Sarah fez que não com a cabeça. – Não, só se não puder evitar.

– Ótimo. Depois do que ele te fez, não devias vê-lo.

Sarah assentiu simplesmente, antes de voltar a encostar-se ao banco.

– Tens tido notícias do Brian? – perguntou, para mudar de assunto. – Ele nunca está em casa quando ligo.

Maureen pareceu feliz pela mudança de assunto. – Falei com ele há uns dois dias, mas sabes como é: às vezes a última coisa que uma pessoa quer é falar com os pais. Ele não conversa muito ao telefone.

– Está a fazer amigos?

– Ah, de certeza que sim.

Sarah fitou a água e passou alguns instantes a pensar no irmão. – E o pai, como está? – perguntou então.

– Igual. Fez um exame médico geral no começo da semana e parece que está tudo bem. Não se tem sentido tão cansado como antes.

– E continua a fazer exercício?

– Não tanto quanto devia, mas está sempre a prometer-me que vai começar a levar os exercícios a sério.

– Diz-lhe que fui eu que mandei.

– Está bem. Mas sabes como ele é teimoso. Seria melhor seres tu a dizer-lhe. Se for eu, ele diz que estou a ficar resmungona.

– E estás?

– É claro que não – respondeu prontamente Maureen. – Só me preocupo com ele, só isso.

Na marina, um grande veleiro seguia devagar em direção ao rio Neuse, e as duas ficaram a observá-lo, em silêncio. Dali a um minuto, a ponte erguer-se-ia para permitir a passagem e os carros começariam a formar filas nos dois sentidos da estrada. Alguém comentara com Sarah que, se algum dia chegasse atrasada a um compromisso, podia sempre alegar que ficara «presa na ponte». Toda a gente na cidade, de médicos a juizes, aceitaria sem questionar, pelo simples facto de eles próprios já terem usado essa desculpa.

– É bom ver-te rir outra vez – murmurou Maureen passados alguns instantes.

Sarah olhou de esguelha para a mãe.

– Não faças essa cara de surpresa. Passaste muito tempo sem rir – disse Maureen, tocando ao de leve no joelho da filha. – Não deixes o Michael magoar-te novamente, está bem? A tua vida já avançou, lembra-te disso.

Sarah assentiu de forma quase impercetível e a mãe embarcou no monólogo que, por essa altura, Sarah sabia praticamente de cor:

– E vai continuar a avançar. Um dia, vais encontrar alguém que te ame tal como tu és...

– Mãe... – interrompeu Sarah, esticando bem a palavra e abanando a cabeça. Ultimamente, todas as conversas entre elas pareciam conduzir ao mesmo ponto.

A mãe calou-se. Tornou a estender a mão para segurar a da filha, que se retraiu de início mas acabou por ceder.

– Não consigo evitar – disse Maureen. – Quero que sejas feliz, percebes?

Sarah forçou um sorriso, na esperança de satisfazer a mãe.

– Sim, mãe. Percebo, sim.

CAPÍTULO 7

Na segunda-feira, Jonah começou com a rotina que lhe tomaria boa parte do tempo ao longo dos meses seguintes. Quando a campainha tocou para anunciar o fim das aulas, Jonah saiu com os amigos, mas deixou a mochila na sala. Sarah e os outros professores saíram do edifício, para se certificar de que as crianças entravam nos carros e autocarros devidos. Quando os veículos começaram a partir, Sarah caminhou até onde Jonah estava, parado, a olhar com ar melancólico para os amigos que se iam embora.

– Aposto que preferias não ter de ficar cá, não é?

Jonah assentiu.

– Não vai ser assim tão mau. Trouxe umas bolachas de casa, para facilitar as coisas.

Ele pensou um pouco. – Que tipo de bolachas? – indagou, desconfiado.

– *Oreos*. A minha mãe deixava-me sempre comer uma ou duas quando eu chegava da escola. Dizia que era a minha recompensa por ser boa aluna.

– A Mrs. Knowlson gosta de me dar fatias de maçã.

– Preferes que eu traga maçãs amanhã?

– Eu, não – respondeu ele, sério. – *Oreo* é muito melhor.

Sarah gesticulou na direção da escola. – Vamos lá. Pronto para começar?

– Acho que sim – balbuciou ele. Sarah estendeu-lhe a mão.

Jonah ergueu os olhos para ela. – Mas... também trouxe leite?

– Posso ir buscar à cantina, se quiseres.

Dito isso, Jonah deu-lhe a mão e fez-lhe um breve sorriso, antes de entrarem novamente na escola.

Enquanto Sarah e Jonah se dirigiam de mãos dadas para a sala, Miles Ryan agachava-se atrás do carro e puxava da arma, antes mesmo de o eco do último tiro morrer. E tencionava permanecer onde estava até entender o que se passava.

Nada como tiros para acelerar o coração – a rapidez e a intensidade do instinto de autopreservação surpreendiam sempre Miles. A adrenalina espalhou-se pelo seu organismo como se tivesse sido injetada por um grande acesso intravenoso invisível. Sentiu o coração aos saltos e o suor molhar-lhe as palmas das mãos.

Se precisasse, podia emitir um aviso de que estava em apuros e, em poucos minutos, o sítio estaria cercado por todos os agentes de segurança pública do condado. Mas, por enquanto, evitaria fazê-lo. Em primeiro lugar, não achava que o alvo dos tiros fosse ele. Não havia dúvida de que ouvira tiros, mas estes pareciam abafados, como se tivessem sido disparados bem dentro do edifício.

Se estivesse em frente da casa de alguém, teria deduzido que se tratava de alguma discussão doméstica que fugira de controle e chamado ajuda. Mas estava na antiga casa dos Gregorys, uma estrutura de madeira a cair aos pedaços e coberta de trepadeiras na periferia de New Bern. Estava completamente abandonada desde que Miles era pequeno e tinha-se deteriorado ao longo dos anos. Ninguém dava atenção àquele sítio. Quando chovia, a água entrava pelos grandes buracos no telhado e, de tão velho e podre, o piso podia ceder a qualquer momento. A estrutura da casa também estava ligeiramente inclinada para um dos lados, dando a impressão de que poderia virar com uma rajada de vento mais forte. Embora os sem-abrigo não chegassem a ser um problema grave em New Bern, os poucos que existiam sabiam que não era seguro ir para ali.

Agora, porém, em plena luz do dia, Miles ouviu ecos de mais tiros – não eram de uma arma de grande calibre; era muito provavelmente uma 22 – e desconfiou que houvesse uma explicação simples para aquilo, algo que não representaria uma ameaça para si.

Mesmo assim, não era idiota a ponto de se arriscar. Abriu a porta do carro, deslizou para a frente sobre o assento e acionou um botão no rádio para que a voz fosse amplificada, alta o suficiente para ser ouvida por quem estivesse dentro da casa.

– Fala o adjunto do xerife – disse, com calma. – Se já tiverem terminado, gostava que saíssem para conversarmos, rapazes. E agradecia que largassem as armas.

Depois disso, os tiros cessaram por completo. Passados alguns minutos, Miles viu uma cabeça espreitar por uma das janelas da frente. O miúdo não

devia ter mais de 12 anos.

– Não vai disparar, pois não? – gritou ele lá de dentro, obviamente assustado.

– Não, não vou disparar. Deixem as armas no chão ao pé da porta e venham cá, para conversarmos.

Durante alguns minutos, Miles não ouviu nada, como se as crianças lá dentro estivessem a pensar se deviam fugir ou não. Sabia que não eram miúdos maus, só um pouco rústicos. Tinha a certeza de que preferiam fugir a ser levados para casa por ele.

– Saíam lá – disse Miles para o microfone. – Só quero conversar.

Por fim, passado mais um instante, do buraco onde antes era a porta da frente, surgiram dois miúdos, o segundo alguns anos mais novo do que o primeiro. Com movimentos exageradamente vagarosos, deixaram cair as armas e, com as mãos bem erguidas, saíram da casa. Miles reprimiu um sorriso. Trémulos e pálidos, ambos pareciam acreditar que se tornariam a qualquer momento alvos de um treino de tiro. Em pé atrás do carro, Miles guardou a arma no coldre, quando começaram a descer os degraus estragados. Quando o viram, ambos vacilaram, mas depois conseguiram prosseguir devagar. Usavam os dois calças de ganga desbotadas e ténis rasgados, e tinham o rosto e os braços sujos. Miúdos do campo. Caminhavam com os braços erguidos acima da cabeça e os cotovelos bem esticados. Era óbvio que tinham visto demasiados filmes.

Quando chegaram mais perto, Miles percebeu que estavam os dois quase a chorar.

Apoiou-se no carro e cruzou os braços: – Então, meninos, andam à caça?

O mais novo – devia ter uns dez anos – olhou para o mais velho, que retribuiu o olhar. Eram, sem dúvida, irmãos.

– Andamos, sim, senhor – responderam, a uma só voz.

– O que é que há lá dentro?

Os dois entreolharam-se outra vez.

– Pardais – responderam, por fim. Miles assentiu.

– Podem baixar as mãos – disse.

Os rapazes trocaram mais um olhar e depois baixaram os braços.

– Têm a certeza de que não andavam atrás de corujas?

– Temos, sim, senhor – respondeu o mais velho, depressa. – Só pardais. Há muitos lá dentro.

Miles tornou a assentir. – Pardais, hã?

– Sim, senhor.

Miles apontou na direção das espingardas. – São calibre 22?

– Sim, senhor.

– Um bocado exagerado para matar pardais, não?

Desta vez, fizeram ambos cara de culpados. Miles fitou-os com severidade.

– Oiçam... Se andavam a caçar corujas, não vou ficar muito feliz. Gosto de corujas. Comem as ratazanas e os ratos e até comem cobras. Antes uma coruja por perto do que qualquer um desses bichos, principalmente no meu quintal. Mas, felizmente, a julgar pela quantidade de tiros que ouvi, tenho quase a certeza de que não conseguiram acertar na coruja, pois não?

Depois de uma pausa longa, o mais novo fez que não com a cabeça.

– Então não tentem outra vez, percebido? – disse Miles, com voz de quem não admitia ser contrariado. – Não é seguro andar aos tiros aqui, tão perto da autoestrada. Além do mais, é ilegal. E aquela casa não é para crianças. Está a cair aos pedaços e podem-se magoar. Não querem que eu fale com os vossos pais, pois não?

– Não, senhor.

– Então, se eu vos deixar ir, não se metem com a coruja, pois não?

– Não, senhor.

Miles fitou-os sem dizer nada, assegurando-se de que estavam a dizer a verdade, e depois meneou a cabeça na direção das casas mais próximas. – Moram para aqueles lados?

– Moramos.

– Vieram a pé ou de bicicleta?

– A pé.

– Então vamos combinar o seguinte: vou buscar as vossas espingardas e vocês sentam-se no banco de trás do carro. Dou-vos boleia e deixo-vos ali mais abaixo, na rua principal. Desta vez, vou deixar passar, mas, se um dia destes vos vejo aqui novamente, conto aos vossos pais que já vos tinha apanhado antes, que vos tinha avisado e que tenho de vos levar para a esquadra, percebido?

Embora a ameaça os tenha feito arregalar os olhos, assentiram com gratidão.

Depois de deixar os miúdos, Miles seguiu para a escola, ansioso por ver Jonah. O filho ia sem dúvida gostar de ouvir tudo o que acabara de acontecer, embora Miles primeiro quisesse saber como tinha sido o dia dele.

E, mesmo sem querer, Miles não conseguiu evitar sentir-se empolgado com a perspectiva de rever Sarah Andrews.

– Pai! – gritou Jonah, correndo em direção a Miles. Este baixou-se para apanhar o filho exatamente quando Jonah saltou para ele. Pelo canto do olho, viu que Sarah vinha devagar atrás do filho. Jonah soltou o abraço para olhar para o pai.

– Prendeste alguém hoje?

Miles sorriu e fez que não com a cabeça. – Ainda não, mas o dia não acabou. Como correu a escola hoje?

– Correu bem. A professora deu-me bolachas.

– Ah, foi? – indagou ele, tentando vê-la aproximar-se sem que ela notasse.

– *Oreos*. Das boas, as duplas.

– Ah, estou a ver... Não há melhores do que essas – comentou Miles. – Mas e a explicação?

Jonah franziu o sobrolho.

– O que é a explicação?

– É a professora ajudar-te com os trabalhos da escola.

– Foi fixe. Estivemos a fazer jogos.

– Jogos?

– Depois explico – disse Sarah, entrando na conversa. – De qualquer forma, começámos com o pé direito.

Ao ouvir o som da voz de Sarah, Miles virou-se na direção dela e teve novamente uma surpresa agradável. Como da outra vez, usava uma saia comprida e uma blusa, nada muito elaborado, mas, quando ela sorriu, Miles sentiu o mesmo estranho arrepio do dia em que a conhecera. Espantou-se ao constatar que, apesar de ter notado que ela era uma mulher bonita, não dera a devida atenção à sua beleza. Foram os mesmos traços a despertar-lhe o interesse – os cabelos louros bem claros, o rosto delicado, os olhos turquesa –, mas Sarah pareceu-lhe de certa maneira mais suave e achou a expressão dela mais calorosa, quase familiar.

Miles pôs Jonah no chão.

– Jonah, podes esperar no carro enquanto eu converso um bocadinho com a professora?

– Posso – respondeu Jonah, descontraído. Depois, para surpresa de Miles, o filho deu um passo ao lado e abraçou Sarah antes de se ir embora. Ela retribuiu o abraço.

Quando Jonah se afastou, Miles olhou para ela com ar curioso. – Parece que se deram bem.

– Divertimo-nos muito hoje.

– Dá para perceber. Se eu soubesse que iam ficar a brincar e a comer bolachas, não me teria preocupado tanto com ele.

– Bem, desde que funcione... – disse ela. – Mas, antes que se preocupe além da conta, digo-lhe já que o jogo tinha a ver com leitura. Ele tinha de ler uns cartões.

– Já tinha percebido que havia mais qualquer coisa. Como é que ele se saiu?

– Bem. Tem um longo caminho pela frente, mas saiu-se bem – disse ela, antes de fazer uma pausa. – Ele é um miúdo maravilhoso. É mesmo. Eu sei que já disse isto antes, mas não quero que se esqueça disso, só por causa do problema que o Jonah está a ter. E é evidente que ele o adora.

– Obrigado – disse Miles, com simplicidade e sinceridade.

– De nada. – Quando ela sorriu outra vez, Miles afastou o olhar, tentando não deixar transparecer o que tinha pensado antes sobre ela e, ao mesmo tempo, querendo que ela percebesse.

– Ah, obrigada pela ventoinha – continuou ela, referindo-se à ventoinha de tamanho industrial que ele tinha deixado na sala de aulas de manhã.

– De nada – murmurou ele, dividido entre querer ficar a conversar com ela e fugir da súbita onda de nervosismo que parecia ter surgido do nada.

Durante alguns segundos, nenhum dos dois disse nada. A situação incómoda prolongou-se até Miles finalmente balbuciar, arrastando os pés no chão: – Bom... é melhor eu levar o Jonah para casa.

– Tudo bem.

– Temos umas coisas para fazer.

– Tudo bem – repetiu ela.

– Mais alguma coisa que eu deva saber?

– Não que eu me lembre.

– Tudo bem, então. – Miles fez uma pausa e enfiou as mãos nos bolsos. – É melhor eu levar o Jonah para casa.

Ela assentiu, séria. – Já disse isso.

– Já?

– Já.

Sarah ajeitou uma mecha de cabelos atrás da orelha. Embora não conseguisse explicar porquê, achou a despedida dele adorável, quase encantadora. Miles era diferente dos homens que Sarah conhecera em Baltimore, que compravam roupas elegantes e sabiam sempre o que dizer. Nos meses após o divórcio, percebera que esses homens eram todos iguais, representações artificiais do ideal de homem perfeito.

– Muito bem, então – disse Miles, alheio a tudo exceto à necessidade de sair dali. – Obrigado de novo. – Dito isto, pôs-se a recuar em direção ao carro, chamando Jonah enquanto andava.

A última imagem que levou daquele momento foi a de Sarah no meio do pátio da escola, acenando para o carro que se afastava, com um sorriso levemente confuso estampado no rosto.

Nas semanas seguintes, Miles começou a ansiar ver Sarah depois das aulas. Era um entusiasmo incontido que não sentia desde a adolescência. Pensava nela várias vezes ao dia, às vezes nas situações mais inusitadas – no supermercado enquanto escolhia uma peça de carne, parado no sinal vermelho, quando cortava a relva. Uma ou duas vezes, pensou nela quando estava no chuveiro de manhã e deu por si a imaginar qual seria a rotina matinal dela. Coisas ridículas. Será que comia cereais ou torradas com geleia? Será que bebia café ou seria mais fã de chá de ervas? Depois do banho, será que enrolava os cabelos na toalha enquanto se maquilhava ou secava-os logo?

Às vezes tentava imaginá-la na sala de aulas, em frente dos alunos com um pau de giz na mão; outras vezes, perguntava-se como é que ela ocupava o tempo depois do trabalho. Embora falassem um pouco sempre que se viam, essas conversas não bastavam para satisfazer a curiosidade crescente dele. Não sabia quase nada sobre ela e, embora houvesse momentos em que desejasse perguntar, continha-se, porque simplesmente não sabia como abordar o assunto. «Hoje o Jonah treinou ortografia e saiu-se muito bem»,

dizia ela, por exemplo, e o que devia ele responder? *Que bom. Por falar em ortografia, enrola os cabelos na toalha depois do banho?*

Os outros homens sabiam como lidar com essas questões, mas para ele eram um mistério. Certa vez, num acesso de coragem proporcionado por duas cervejas, quase lhe chegara a telefonar. Não tinha um motivo específico para ligar e, embora não soubesse o que lhe diria, esperara que algo lhe ocorresse, que um raio descesse do céu e lhe incutisse espirituosidade e carisma. Imaginara-a a rir das coisas que ele dissesse e a ser totalmente conquistada pelo seu charme. Chegara a procurar o nome dela na lista telefônica e a digitar os três primeiros números, antes de ficar demasiado nervoso e desligar.

E se ela não estivesse em casa? Não conseguiria deslumbrá-la se ela nem sequer estivesse lá para atender o telefone, e não ia certamente divagar para o atendedor de chamadas. Pensou que podia desligar, caso o aparelho atendesse, mas isso era demasiado adolescente, não? E o que aconteceria se, Deus nos livre, ela *estivesse* em casa, mas na companhia de um homem? Deu-se conta de que essa era uma possibilidade concreta. Já ouvira alguns comentários na esquadra: demorara, mas os seus colegas solteiros tinham percebido que ela não era casada. Se eles sabiam, outros também sabiam certamente. A notícia estava a espalhar-se pela cidade e Sarah não tardaria a ser abordada pela espirituosidade e pelo carisma *deles* – se é que isso já não tinha acontecido.

Meu Deus, não tinha tempo a perder.

Na vez seguinte em que pegou no telefone, conseguiu chegar ao sexto dígito antes de desistir, amedrontado.

Nessa noite, deitado na cama, perguntou-se que raio se passava consigo.

*

De manhã bem cedo, num sábado de final de setembro, mais ou menos um mês depois de ter conhecido Sarah Andrews, Miles estava no campo do Liceu H. J. Macdonald a ver Jonah jogar futebol. Exceto talvez a pesca, o futebol era a atividade de que o filho mais gostava – e jogava bem. Missy sempre gostara de desporto, mais ainda do que Miles, e Jonah tinha herdado a agilidade e a coordenação dela. Do pai, como Miles dizia de passagem a quem perguntasse, o filho tinha herdado a velocidade. Tudo junto, Jonah

arrasava no campo. Na idade dele, nunca se jogava mais de uma parte, pois todos os membros da equipa tinham de ter as mesmas oportunidades. Ainda assim, em geral Jonah marcava grande parte dos golos, se não todos, da equipa. Nos primeiros quatro jogos, tinha marcado 27 golos. Era bem verdade que as equipas só tinham três jogadores, que não havia guarda-redes e que metade das crianças não sabia em que direção chutar a bola, mas 27 golos era excecional. Quase sempre que tocava na bola, Jonah percorria o campo inteiro com ela e chutava-a para dentro da baliza.

Porém, realmente espantosa era a explosão de orgulho de Miles quando via Jonah jogar. *Adorava* e dava pulos de alegria secretos sempre que Jonah marcava um golo, mesmo sabendo que aquilo seria um fenómeno passageiro e não significava absolutamente nada. As crianças crescem a ritmos diferentes e algumas treinam com mais afinco. Jonah era bastante desenvolvido fisicamente, mas não gostava de treinar – era uma questão de tempo até os outros o apanharem.

Neste jogo, porém, ao fim da primeira quarta parte, Jonah já tinha marcado quatro golos. Na segunda quarta parte, ficara no banco e a equipa adversária marcara quatro golos e chegara ao intervalo à frente no marcador. Jonah regressou ao campo na terceira quarta parte e marcou mais duas vezes, alcançando 33 golos na temporada – não que alguém estivesse a contar –, e um dos seus companheiros de equipa também marcou um golo. No início da última parte, voltou para o banco e a equipa ficou a perder por 8 a 7. Miles cruzou os braços e perscrutou o público, fazendo o melhor por parecer que nem se apercebera de que, sem Jonah, a equipa seria cilindrada.

Enfim, foi divertido.

De tão concentrado no jogo, Miles levou alguns instantes a processar a voz que vinha do lado do campo.

– Apostou dinheiro neste jogo, adjunto de xerife Ryan? – perguntou Sarah, aproximando-se com um sorriso largo no rosto. – Parece um bocado nervoso.

– Não... não apostei nada. Estou só a apreciar o jogo – respondeu.

– Bom, cuidado, então. Já quase não tem unhas. Não quero que se magoe.

– Não estou a roer as unhas.

– Agora, não – disse ela. – Mas estava.

– Acho que está a imaginar coisas – rebateu ele, perguntando-se se ela estaria a namoriscar consigo. – Mas... – disse, enquanto levantava a pala do

boné. – Não esperava vê-la por aqui.

De calções e óculos escuros, ela parecia mais jovem do que de costume.

– O Jonah disse-me que tinha um jogo este fim de semana e perguntou se eu podia vir.

– Ah, sim? – indagou Miles, curioso.

– Na quinta-feira. Disse que eu ia gostar, mas tive a impressão de que ele queria que eu o visse numa coisa em que fosse bom.

Deus te abençoe, filho.

– Já está quase a acabar. Perdeu a maior parte do jogo.

– Não conseguia encontrar o campo certo. Não julguei que houvesse tantos jogos aqui hoje. E, de longe, os miúdos parecem iguais.

– Pois é. Às vezes até nós temos dificuldade em encontrar o campo do nosso jogo.

Jonah já voltara ao campo e, ao sinal do apito, chutou a bola para um companheiro de equipa. Este, contudo, não alcançou o passe e a bola saiu de campo. Alguém da outra equipa foi buscá-la e Jonah aproveitou para olhar na direção do pai. Acenou ao ver Sarah e ela acenou de volta com entusiasmo. Então, com uma determinação evidente no rosto, Jonah pôs-se em posição e esperou que a bola fosse lançada novamente para o campo. Instantes depois, ele e os outros jogadores corriam atrás dela.

– Como é que ele se está a sair? – perguntou Sarah.

– Está a fazer um bom jogo.

– O Mark disse que ele é o melhor jogador.

– Bom... – Miles deixou a frase em suspenso, fazendo o melhor por aparentar modéstia.

Sarah riu-se. – O Mark não estava a falar de si. Quem está a jogar é o Jonah.

– Eu sei – disse Miles.

– Filho de peixe sabe nadar, é isso?

– Bom... – repetiu Miles, sem conseguir pensar em nenhuma resposta inteligente.

Sarah arqueou uma sobrancelha, achando graça. *Onde estavam a espirituosidade e o carisma com que ele contava?*

– Então conte lá... jogava futebol quando era pequeno? – quis ela saber.

– Quando eu era pequeno, ninguém falava em futebol por aqui. Jogava os desportos tradicionais: futebol americano, basquetebol, basebol. Mas,

mesmo que houvesse futebol, acho que não teria jogado. Não gosto de desportos em que tenha de cabecear a bola.

– Mas no caso do Jonah não há problema?

– Não, contanto que ele goste. Já jogou?

– Não. Não era muito boa a desporto, mas passei a fazer caminhada quando entrei para a faculdade. Foi influência da minha colega de quarto.

Ele semicerrou os olhos. – Caminhada?

– É mais difícil do que parece, se se caminhar depressa.

– E ainda pratica?

– Todos os dias. Faço um percurso de cinco quilómetros. É um bom exercício e também ajuda a descontraír. Devia experimentar.

– Com o tempo livre que tenho?

– Claro. Porque não?

– Se eu andasse cinco quilómetros, provavelmente ficava tão dorido que nem conseguia sair da cama no dia seguinte. Isso se conseguisse acabar o percurso.

Sarah observou-o com um olhar avaliador. – Conseguia, sim – disse. – Talvez tivesse de parar de fumar, mas conseguia.

– Eu não fumo – protestou ele.

– Eu sei. A Brenda disse-me. – Ela sorriu e Miles também não conseguiu conter o sorriso. Antes que pudesse dizer outra coisa, porém, houve um alvoroço nas bancadas e ambos se viraram a tempo de ver Jonah afastar-se dos outros jogadores, atravessar o campo a correr e empatar o jogo. Enquanto os colegas de equipa o rodeavam, Miles e Sarah levantaram-se e aplaudiram, lado a lado, junto ao campo, gritando vivas ao mesmo menino.

– Gostou? – perguntou Miles. Acompanhava Sarah até ao carro dela, enquanto Jonah aguardava na fila do bar com os amigos. A equipa tinha ganhado e, depois do jogo, Jonah corra até junto da professora para lhe perguntar se tinha visto o golo dele. Quando Sarah respondeu que sim, o rosto de Jonah iluminou-se e ele deu-lhe um abraço antes de ir a correr ter com os amigos. Surpreendentemente, Miles tinha sido quase ignorado, embora o facto de o filho gostar de Sarah – e vice-versa – lhe desse uma estranha satisfação.

– Foi divertido – respondeu ela. – Só queria ter chegado a tempo de assistir ao jogo todo.

A pele dela, com o bronzado remanescente do verão, reluzia ao sol do início da tarde.

– Não há problema. O Jonah ficou feliz só por ter aparecido – disse ele, depois olhou-a de esguelha e ganhou coragem. – Quais são os seus planos para o resto do dia?

– Vou almoçar com a minha mãe no centro da cidade.

– Onde?

– No Fred & Clara's, conhece? É um restaurante pequeno na esquina da minha rua.

– Conheço, sim. É ótimo.

Chegaram ao carro dela, um *Nissan Sentra* vermelho, e Sarah começou a vasculhar a mala em busca da chave. Enquanto ela procurava, Miles deu por si a observá-la. De óculos escuros, lembrava mais uma mulher citadina, que de facto era, do que alguém que morasse no interior. Somando a isso os calções de ganga desbotados e as pernas compridas, concluía-se que Sarah não se parecia com nenhuma professora que Miles tivesse tido na infância.

Atrás deles, uma carrinha de caixa aberta branca começou a fazer marcha atrás. O condutor acenou e Miles acenou de volta, no mesmo instante em que Sarah tirava os olhos da mala.

– Conhece?

– A cidade é pequena. Acho que conheço toda a gente.

– Deve saber bem.

– Às vezes, sim; outras vezes, não. Se quiser guardar algum segredo, este não é com certeza o lugar ideal.

Por instantes, Sarah perguntou-se se ele estaria a falar dela. Antes de poder aprofundar a ideia, Miles prosseguiu:

– Queria agradecer-lhe, novamente, por tudo o que está a fazer pelo Jonah.

– Não precisa de me agradecer sempre que me vê.

– Eu sei. Mas é que tenho notado uma diferença grande nele, nestas últimas semanas.

– Eu também. Está a recuperar depressa, mais rápido ainda do que eu pensei. Na verdade, começou a ler em voz alta para a turma esta semana.

– Não me espanta. A professora dele é ótima.

Para surpresa de Miles, Sarah enrubesceu. – O pai também é ótimo.

Agradou-lhe a frase.

E agradou-lhe a maneira como ela o olhou ao dizê-la.

Como se não soubesse o que fazer em seguida, Sarah pôs-se a remexer as chaves. Separou uma e destrancou a porta do carro. Miles deu um passo para trás, para que ela a abrisse.

– Quanto tempo acha que ele vai precisar ainda de ter explicações? – perguntou.

Continua a conversar. Não a deixes ir embora.

– Ainda não sei. Mais algum tempo, com certeza. Porquê? Quer começar a diminuir o ritmo?

– Não – respondeu ele. – Só por curiosidade.

Ela balançou a cabeça, aguardando para ver se Miles diria mais alguma coisa, mas ele não disse. – Então, pronto – disse ela por fim. – Vamos continuar como até agora e ver como o Jonah estará daqui a um mês. Pode ser assim? Mais um mês.

Mais um mês. Continuará a vê-la por mais um mês, pelo menos. Ótimo.

– Parece um bom plano – concordou.

Passaram alguns instantes sem nenhum dos dois dizer nada. No meio do silêncio, Sarah consultou o relógio. – Estou um pouco atrasada – disse, em tom de quem se desculpa.

– Eu sei, tem de se ir embora – respondeu ele, assentindo. Não queria que ela fosse embora. Queria continuar a conversar, descobrir tudo o que pudesse sobre ela.

O que queres mesmo é convidá-la para sair.

E sem cobardia desta vez. Nada de desligar o telefone, nada de rodeios.

Ganha coragem!

Sê homem!

Avança!

Miles reuniu coragem, seguro de que estava pronto... mas... mas... que havia de dizer? Meu Deus, há tanto tempo que não se via naquela situação. Devia sugerir um jantar ou um almoço? Ou cinema? Ou...? Enquanto Sarah entrava no carro, a mente dele percorria e avaliava freneticamente as alternativas, tentando encontrar uma maneira de prolongar o tempo dela ali, até conseguir achar as palavras certas. – Espere... antes de ir... posso perguntar-lhe uma coisa? – disparou ele.

– Claro. – Ela encarou-o com um olhar intrigado.

Miles pôs as mãos nos bolsos e sentiu um frio na barriga, como se tivesse 17 anos outra vez. Engoliu em seco.

– Então... – começou ele.

A mente dele trabalhava a todo o vapor, com as engrenagens a rodar a velocidade máxima.

– Sim...

Sarah percebeu instintivamente o que ele ia dizer.

Miles respirou fundo e disparou a primeira e única coisa que lhe veio à cabeça.

– Que tal a ventoinha?

Ela fitou-o com uma expressão de perplexidade no rosto. – A ventoinha?

Miles sentiu um peso no estômago. *Ventoinha? Que porcaria de pergunta foi essa? Ventoinha? Não conseguiste pensar em nada melhor?*

Foi como se, de repente, o cérebro dele tivesse entrado de férias. Ainda assim, não conseguiu parar...

– Sim... A ventoinha que arranjei para a sua sala.

– É boa – respondeu ela, hesitante.

– Porque posso comprar outra, se não gostar daquela.

Ela estendeu a mão para tocar no braço dele. O rosto de Sarah demonstrava preocupação. – Está-se a sentir bem?

– Estou, estou – respondeu ele, sério. – Só queria certificar-me de que estava satisfeita com ela.

– Escolheu uma ventoinha boa, descanse.

– Ótimo – disse ele, esperando que um raio descesse dos céus e o fulminasse ali mesmo.

*

Ventoinha?

Depois de ela sair do estacionamento, Miles ficou imóvel, desejando poder voltar atrás no tempo e mudar o que tinha acontecido. Quis encontrar a pedra mais próxima e enfiar-se debaixo dela, ou então um buraco bem fundo onde pudesse esconder-se. Ainda bem que ninguém tinha ouvido aquilo!

Exceto Sarah.

O final da conversa repetia-se na cabeça dele, como uma música que tivesse ouvido na rádio de manhã cedo.

Que tal a ventoinha?... Porque posso comprar outra... Só queria certificar-me de que estava satisfeita com ela...

Relembrar o diálogo constituía um sofrimento, uma dor física. Durante o resto do dia, independentemente do que estivesse a fazer, aquela lembrança surgia do nada, como se estivesse à espreita, à espera de o humilhar. No dia seguinte, foi a mesma coisa. Acordou com a sensação de que alguma coisa estava errada... alguma coisa... e pronto! Foi novamente atormentado pela recordação da conversa. Fez uma careta e sentiu o corpo pesar-lhe. Depois, puxou da almofada e cobriu a cabeça.

CAPÍTULO 8

— Então, o que estás a achar até agora? — perguntou Brenda. Era segunda-feira e Brenda e Sarah estavam sentadas na mesa de piquenique em frente da escola, a mesma em que Miles e Sarah tinham conversado um mês antes. Brenda comprara o almoço na charcutaria de Pollock Street, que, na sua opinião, vendia as melhores sandes da cidade. «Assim podemos conversar», dissera ela com um piscar de olhos antes de ir à loja.

Embora aquela não fosse a primeira oportunidade que tinham de «conversar», os diálogos das duas em geral tinham sido rápidos e impessoais: onde se guardava o material escolar, com quem Sarah precisava de falar para pedir duas mesas novas, coisas assim. Naturalmente, Brenda também fora a primeira pessoa a quem Sarah tinha perguntado sobre Jonah e Miles. Como Brenda era amiga da família Ryan, Sarah também percebia que aquele almoço era uma tentativa dela de descobrir se se passava alguma coisa.

— De trabalhar aqui? É diferente das aulas que dava em Baltimore, mas estou a gostar.

— Trabalhavas num bairro carenciado, não era?

— Sim, trabalhei quatro anos no centro de Baltimore.

— E como era?

Sarah desembalhou a sua sandes. — Não era tão mau como imaginas. As crianças são crianças, pouco importa de onde venham, sobretudo quando são pequenas. O bairro até podia ser violento, mas uma pessoa habitua-se e aprende a ter cuidado. Nunca tive problema nenhum. E as pessoas com quem trabalhava eram ótimas. Às vezes, vemos a avaliação de uma escola e pensamos logo que os professores lá não se interessam, mas a realidade não é bem essa. Havia lá gente que eu realmente admirava.

— E porque é que decidiste trabalhar numa escola assim? O teu ex-marido também era professor?

— Não — respondeu Sarah, secamente.

Brenda viu sofrimento nos olhos de Sarah, mas este desapareceu quase instantaneamente.

Sarah abriu a sua lata de *Pepsi Diet*. – Trabalha num banco de investimentos. Ou trabalhava... Não sei o que faz agora. O nosso divórcio não foi exatamente amigável, se é que me entendes.

– Sinto muito – disse Brenda. – E desculpa ter puxado o assunto.

– Não faz mal. Não sabias – disse Sarah, antes de abrir um sorriso ténue.
– Ou sabias?

Brenda arregalou os olhos. – Não, não sabia.

Sarah fitou-a como se esperasse uma confissão.

– A sério – disse Brenda.

– Não sabias de nada?

Brenda remexeu-se ao de leve no banco. – Bem, talvez tenha ouvido uma ou duas coisinhas – reconheceu, encabulada.

– Já imaginava. A primeira coisa que me disseram quando me mudei para cá foi que tu sabias tudo o que acontecia na cidade.

– Não sei *tudo* – retrucou Brenda, fingindo indignação. – E, apesar do que possas ter ouvido a meu respeito, não ando a *espalhar* o que sei por aí. Quando alguém me pede para ser discreta, sou – garantiu. Depois, baixou a voz para prosseguir: – Sei coisas sobre algumas pessoas que te fariam revirar tanto a cabeça, que seria preciso chamar um exorcista. Mas, quando é para guardar segredo, guardo.

– Estás-me a dizer isso para eu confiar em ti?

– Claro – respondeu Brenda. Depois, olhou rapidamente em volta e inclinou-se sobre a mesa: – Podes desembuchar.

Sarah sorriu e Brenda fez um gesto vago com a mão enquanto continuava. – Estou a brincar, claro. E lembra-te: somos colegas de trabalho; não vou ficar magoada se me disseres que passei dos limites. Às vezes, faço perguntas sem pensar duas vezes, mas não é por mal. Não é mesmo.

– Acredito – disse Sarah, satisfeita com a resposta.

Brenda pegou na sua sandes. – Como és nova na cidade e não nos conhecemos muito bem, não te vou perguntar nada que pareça demasiado pessoal.

– Obrigada.

– Além do mais, não é da minha conta.

– Certo.

Brenda fez uma pausa antes de debicar a sua sandes. – Mas, se me quiseses fazer alguma pergunta sobre alguém, estás à vontade.

– Combinado – disse Sarah, descontraída.

– Quero dizer, eu sei como é ser nova na cidade e sentires-te excluída de tudo.

– Acredito que sim.

Ficaram ambas caladas por alguns instantes.

– Então... – Brenda esticou bem a palavra, tentando instigar Sarah.

– Então... – repetiu Sarah, sabendo exatamente o que Brenda queria ouvir.

Mais um intervalo de silêncio.

– Então, tens alguma pergunta a fazer-me sobre... *alguém*? – instigou Brenda.

– Hum... – disse Sarah, pensativa. Depois, abanou a cabeça e respondeu: – Nem por isso.

– Oh – disse Brenda, sem conseguir esconder a decepção.

A tentativa de Brenda para parecer subtil fez Sarah sorrir.

– Bom, talvez haja uma pessoa sobre a qual eu gostava de te perguntar – recomeçou Sarah.

O rosto de Brenda iluminou-se. – Ah, agora, sim! – disse ela, depressa. – O que queres saber?

– Bem, tenho andado a pensar no... – Quando Sarah deixou a frase no ar, Brenda encarou-a como uma criança que desembrulha um presente de Natal.

– Quem? – sussurrou Brenda, soando quase desesperada.

– Bom... – Sarah olhou em volta. – O que podes dizer-me sobre... o Bob Bostrum?

O queixo de Brenda caiu. – O Bob? O porteiro?

Sarah assentiu. – É bonitinho.

– Tem 74 anos – rebateu Brenda, pasmada.

– É casado? – quis saber Sarah.

– Há 50 anos. Tem nove filhos.

– Ah, que pena – disse Sarah. Brenda fitou-a com os olhos arregalados e Sarah abanou a cabeça. Depois de alguns instantes, ergueu o rosto e encarou Brenda com um brilho no olhar. – Bom, acho que nesse caso só sobra o Miles Ryan. O que tens a dizer-me sobre ele?

Foram precisos alguns instantes para as palavras surtirem efeito, e Brenda avaliou Sarah com cuidado. – Se não te conhecesse, dizia que estavas a gozar comigo.

Sarah piscou-lhe o olho. – Não precisas de me conhecer: confesso. Gozar com os outros é um dos meus pontos fracos.

– E tens jeito – afirmou Brenda, antes de fazer uma pausa e abrir um sorriso. – Mas já que estamos a falar do Miles Ryan... Ouvi dizer que vocês se têm visto bastante. Não só depois das aulas, mas também aos fins de semana.

– Sabes bem que estou a dar aulas extras ao Jonah. Ele convidou-me para o ver jogar futebol.

– Só isso?

Sarah não respondeu de imediato, pelo que Brenda prosseguiu, dessa vez com um olhar de quem sabe do que fala.

– Certo, então... sobre o Miles. Perdeu a mulher há uns dois anos, num acidente de carro. Atropelada. Foi a coisa mais triste que já vi na vida. Ele amava-a de verdade e passou muito tempo transtornado depois do acidente. Namoravam desde o liceu. – Brenda pôs a sandes de lado e fez uma pausa. – O condutor fugiu – completou.

Sarah assentiu. Já tinha ouvido partes dessa história.

– Foi um golpe terrível para ele. Principalmente por ser adjunto do xerife. Encarou o acidente como um fracasso pessoal. O caso nunca foi resolvido e ele culpou-se por isso. Depois da morte dela, isolou-se praticamente do mundo.

Brenda uniu as mãos ao ver a expressão de Sarah.

– É terrível, eu sei. Só que, ultimamente, o Miles tem parecido muito mais a pessoa que era antes, como se estivesse a sair da concha outra vez. Nem imaginas como fico feliz com isso. O Miles é um homem maravilhoso, é mesmo. É gentil, paciente, move mundos e fundos pelos amigos. E o melhor de tudo é que ama o filho. – Sarah percebeu a hesitação de Brenda.

– Mas...? – indagou Sarah.

Brenda encolheu os ombros. – Não há nenhum «mas» no caso dele. É um homem bom. E não estou a dizer isto só porque gosto dele. Há muito tempo que o conheço. É daqueles homens raros que, quando amam, amam com todo o coração.

Sarah assentiu. – É raro, realmente – disse, séria.

– É verdade. Lembra-te disso se um dia tu e o Miles se tornarem mais íntimos.

– Porquê?

Brenda desviou o olhar. – Porque eu detestaria vê-lo triste outra vez.

Mais tarde, Sarah deu por si a pensar em Miles. Ficara tocada por as pessoas gostarem tanto dele. E não eram suas parentes, mas *amigos*.

Sabia que Miles queria convidá-la para sair depois do jogo de futebol. O modo como tinha namoriscado com ela, chegando-se cada vez mais perto, deixara bem clara a intenção dele.

Contudo, acabara por não fazer o convite.

Na altura, Sarah tinha achado graça. Rira-se no carro – não tanto de Miles, mas de como ele fizera a situação parecer difícil. Ele tinha tentado, Deus sabe que sim, mas por algum motivo não conseguira dizer as palavras. Agora, depois da conversa com Brenda, Sarah entendia porquê.

Miles não a convidara para sair porque não soubera *como* o fazer. Era provável que, em toda a sua vida adulta, nunca tivesse tido de fazer um convite assim a uma mulher. Afinal, ele e a mulher namoravam desde o liceu. Sarah não se lembrava de ter conhecido ninguém assim em Baltimore, uma pessoa de trinta e poucos anos que nunca tivesse convidado alguém para jantar ou ir ao cinema. Por mais estranho que fosse, achava aquilo comovente.

E talvez esse facto também a reconfortasse, admitiu para si mesma, pois ela própria não era assim tão diferente.

Começara a namorar com Michael aos 23 anos. Quando se divorciaram, tinha 27. Desde então, saíra poucas vezes, e a última saída fora com um homem que a tinha pressionado em demasia. Depois disso, dissera a si mesma que simplesmente não estava pronta para aquilo. E talvez não estivesse mesmo, mas o tempo que passara com Miles Ryan recentemente fizera-a lembrar-se de como se sentia solitária nos últimos anos.

Em geral, era fácil evitar esses pensamentos quando estava na sala de aulas. De pé em frente ao quadro de ardósia, conseguia concentrar-se totalmente nos alunos, naquelas carinhas que a fitavam maravilhadas.

Passara a considerar essas crianças *suas* e queria certificar-se de que elas tinham todas as oportunidades de ser bem-sucedidas no futuro.

Nesse dia, contudo, constatou que estava atipicamente distraída. Depois de soar a última campainha, demorou-se em frente da escola até Jonah, por fim, ir falar com ela. Jonah deu-lhe a mão.

– Está tudo bem, professora? – perguntou.

– Tudo – respondeu ela, vagamente.

– Não está com boa cara.

– Andaste a falar com a minha mãe, foi? – perguntou ela, sorrindo.

– Como?

– Deixa. Pronto para começarmos?

– Trouxe bolachas?

– Claro.

– Então vamos – disse ele.

Enquanto caminhavam para a sala, Sarah reparou que Jonah não lhe largava a mão. Quando apertou a dele, Jonah agarrou-a mais firmemente, com a mãozinha totalmente coberta pela sua.

Aquilo quase bastou para fazer com que a vida dela parecesse valer a pena.

Quase.

Quando Jonah e Sarah saíram da escola depois da aula extra, Miles estava encostado ao carro como sempre, mas desta vez mal olhou para Sarah quando Jonah correu para lhe dar um abraço. Depois de pai e filho falarem rapidamente, como de costume, sobre o trabalho, a escola e coisas assim, Jonah entrou no carro sem que ninguém lhe pedisse. Quando Sarah se aproximou, Miles desviou o olhar.

– A pensar na melhor maneira de garantir a segurança da população, adjunto de xerife Ryan? Está com cara de quem quer salvar o mundo – disse ela, descontraída.

Ele fez que não com a cabeça. – Não, só estou um bocado preocupado.

– Dá para perceber.

Na realidade, o dia dele não tinha sido assim tão mau. Até ter de encarar Sarah. A caminho da escola, rezara para que ela já se tivesse esquecido da conversa ridícula do outro dia, depois do jogo.

– Como foi a explicação de hoje? – perguntou, para afastar esses pensamentos.

– O Jonah portou-se extremamente bem. Amanhã vou dar-lhe uns manuais que estão a ajudar bastante. Depois marco as páginas importantes, para que as trabalhe com ele.

– Tudo bem – disse ele, simplesmente. Quando ela lhe sorriu, Miles transferiu o peso de uma perna para a outra e pensou como Sarah estava bonita.

E no que estaria a pensar sobre ele.

Enfiou as mãos nos bolsos.

– Diverti-me muito no jogo – disse Sarah.

– Que bom.

– O Jonah perguntou-me se ia vê-lo jogar outra vez. Não se importa?

– Não, claro que não – respondeu Miles. – Mas não sei a que horas é o próximo jogo. O horário está afixado no frigorífico lá em casa.

Ela observou-o com cuidado, perguntando-se porque é que, de repente, ele parecia tão distante. – Se preferir que eu não vá, é só dizer.

– Não, não há problema – disse Miles. – E se o Jonah a convidou, por favor, vá. Se quiser, claro.

– Tem certeza?

– Tenho. Amanhã aviso-a do horário do jogo – disse ele e, antes de dar conta, acrescentou: – Além disso, eu também gostava que fosse.

Miles não imaginava que fosse dizer aquilo. Sem dúvida que queria dizê-lo. Voltara a falar de forma descontrolada...

– Ah, sim? – indagou ela.

Ele engoliu em seco. – Sim – respondeu, tentando ao máximo não estragar tudo agora. – Gostava, sim.

Sarah sorriu. Algures dentro de si, sentiu uma pontinha de ansiedade.

– Então, vou de certeza. Mas há uma coisa...

Oh, não...

– O quê?

Sarah fitou-o nos olhos. – Lembra-se de quando me perguntou sobre a ventoinha?

Ao ouvir a palavra «ventoinha», todas as sensações que Miles experimentara durante o fim de semana voltaram em força. Foi como se tivesse levado um murro no estômago.

- Sim?... – perguntou, cauteloso.
 - Também estou livre na sexta à noite, se ainda estiver interessado.
- O cérebro de Miles levou alguns segundos a processar as palavras.
- Estou interessado, sim – respondeu, abrindo um sorriso.

CAPÍTULO 9

Na quinta-feira à noite – véspera do Dia D, como Miles começara a pensar na data –, estava a ler na cama com Jonah. Cada um lia em voz alta uma página do livro e depois passava-o ao outro. Estavam recostados nas almofadas, com os cobertores afastados. O cabelo de Jonah ainda estava molhado e Miles sentia o cheiro do champô. Era um aroma adocicado e puro, como se a água do banho tivesse levado mais do que suor e poeira.

Quando Miles estava a meio de uma página, Jonah de repente ergueu os olhos para o pai. – Tens saudades da mãe?

Miles pousou o livro sobre a cama e passou um braço em volta do filho. Há alguns meses que ele não falava espontaneamente de Missy.

– Tenho – disse. – Tenho, sim.

Jonah baixou a cabeça e puxou o tecido do pijama, fazendo dois carros de bombeiros chocarem de frente. – E pensas nela?

– A toda a hora – disse Miles.

– Eu também penso nela – confessou Jonah, baixinho. – Às vezes, quando estou na cama... – Franziu a testa e olhou de novo para Miles. – Vejo umas imagens na cabeça... – Não completou a frase.

– Como se fosse um filme?

– É parecido, mas não é bem igual. Parece mais uma fotografia. Mas nem sempre consigo vê-la.

Miles puxou o filho para mais perto. – E ficas triste por isso?

– Não sei. Às vezes.

– Não faz mal ficares triste. Toda a gente fica triste de vez em quando. Até eu.

– Mas tu és grande.

– Os grandes também ficam tristes.

Jonah pareceu refletir sobre isso enquanto fazia os carros de bombeiros chocar outra vez. A flanela macia esticava e encolhia a um ritmo constante.

– Pai?

– Hum?

– Vais-te casar com a minha professora?

Miles ergueu as sobrancelhas. – Não tinha pensado nisso – respondeu, com sinceridade.

– Mas vocês vão sair juntos, não vão? Isso não quer dizer que se vão casar?

Miles não conseguiu reprimir um sorriso. – Quem te disse isso?

– Uns meninos mais velhos lá na escola. Disseram que, primeiro, as pessoas saem juntas e depois se casam.

– Bom – disse Miles –, eles têm uma certa razão, mas não toda. Só porque eu vou jantar com a professora não quer dizer que a gente se vá casar. Só quer dizer que vamos conversar um bocadinho, para nos conhecermos melhor. Às vezes os adultos gostam de fazer isso.

– Porquê?

Acredita em mim, filho, daqui a poucos anos vais entender.

– Porque gostam. É como... sabes quando brincas com os teus amigos e vocês contam piadas e se riem e divertem? Isso também é sair juntos.

– Ah – disse Jonah. Naquele momento, pareceu mais sério do que um menino de sete anos devia parecer. – Vão falar de mim?

– Um bocadinho, provavelmente. Mas não te preocupes. Só vamos dizer bem.

– Vão dizer o quê?

– Talvez falemos sobre o jogo. Ou talvez eu lhe conte como tu és bom a pescar. E vamos falar sobre como tu és inteligente...

De repente, Jonah fez que não com a cabeça e cenho cerrado. – Eu não sou inteligente.

– Claro que és. És muito inteligente e a professora também acha.

– Mas eu sou o único da minha turma que precisa de ficar depois das aulas.

– Sim, pois... mas isso não quer dizer nada. Eu também tive de ficar na escola depois das aulas quando era pequeno.

Aquilo pareceu despertar a atenção de Jonah. – A sério?

– Sim. Só que não foram um ou dois meses. Tive de ficar dois anos.

– Dois anos?

Miles assentiu para dar mais ênfase. – Todos os dias.

– Ena pá! – exclamou Jonah. – Devias ser mesmo burro para teres de ficar dois anos.

Não era isso que eu queria dizer, mas, se te faz sentir melhor, tudo bem.

– És um menino inteligente. Não te esqueças disso, OK?

– A professora disse mesmo que eu era inteligente?

– Diz-me isso todos os dias.

Jonah sorriu. – Ela é boa professora.

– Eu também acho e fico feliz por concordares.

Jonah fez uma pausa e os carros de bombeiros recomeçaram a chocar.

– Achas que a professora é bonita? – indagou Jonah, inocentemente.

Caramba, de onde é que saíram estas perguntas todas?

– Bom...

– Eu acho – declarou Jonah, erguendo os joelhos e puxando o livro para recomeçarem a leitura. – Às vezes, ela faz-me pensar na mãe.

Por mais que tentasse, Miles não soube o que dizer.

Noutro canto da cidade, Sarah também não sabia o que dizer. Teve de pensar por alguns segundos antes de, por fim, reencontrar a própria voz.

– Não faço ideia, mãe. Nunca lhe perguntei.

– Mas ele é xerife, não é?

– É, mas esse tipo de assunto nunca surgiu nas nossas conversas.

A mãe levantara a questão de Miles alguma vez ter disparado contra alguém.

– Bem, estava só com curiosidade, percebes? A gente vê os programas na televisão e, com tudo o que sai nos jornais hoje em dia, não ficaria nem um bocadinho surpreendida... É um trabalho perigoso.

Sarah fechou os olhos e manteve-os assim algum tempo. Desde que tinha mencionado, por acaso, que ia sair com Miles, a mãe telefonava-lhe mais de uma vez por dia para lhe fazer dezenas de perguntas, e Sarah não sabia responder à maioria delas.

– Não me vou esquecer de lhe perguntar, está bem?

A mãe inspirou ruidosamente. – Não faças isso! Não te quero estragar as coisas logo à partida.

– Mãe, não há nada para estragar. Nós ainda nem saímos.

– Mas disseste que ele era simpático, não disseste?

Sarah esfregou os olhos, cansada. – Disse, mãe. É simpático.

– Não te esqueças de causar boa impressão.

– Eu sei, mãe.

– E vai bem apresentada. Pouco importa o que algumas revistas publicam agora, é preciso mostrar que se é uma senhora quando se sai com um homem. As mulheres hoje em dia usam cada coisa...

Enquanto a mãe continuava o seu monólogo, Sarah imaginou-se a desligar o telefone, mas, em vez disso, começou a ver a correspondência. Contas, publicidade, uma oferta de cartão de crédito. Entretida com os papéis, não percebeu que a mãe tinha parado de falar e aguardava uma resposta sua.

– Sim, mãe – disse, mecanicamente.

– Estás-me a ouvir?

– Claro que estou.

– Então passam aqui?

Pensei que estivéssemos a falar sobre a roupa que eu devia usar... Sarah esforçou-se por adivinhar o que a mãe tinha estado a dizer.

– Levá-lo aí a casa, é isso? – perguntou, por fim.

– Tenho a certeza de que o teu pai adoraria conhecer o Miles.

– Não sei se vamos ter tempo.

– Mas acabaste de dizer que nem sabias o que iam fazer.

– Vamos ver, mãe. Mas não planeiem nada de especial, porque não garanto nada.

Houve uma pausa demorada do outro lado da linha. – Ah – disse Maureen. Depois, tentou uma tática diferente: – Só gostava de pelo menos poder dizer-lhe olá.

Sarah recomeçou a folhear a correspondência. – Não posso garantir nada. Como tu mesma disseste, detestaria estragar alguma coisa que ele já tenha planeado. Percebes, não percebes?

– Hum... Claro – respondeu a mãe, obviamente dececionada. – Mas, mesmo que não consigam passar aqui, telefonas-me para contar como foi, não é?

– Sim, mãe.

– Diverte-te.

– Descansa.

– Mas não te divirtas *demais*...

– Já percebi – disse Sarah, interrompendo-a.

– Quero dizer, é a *primeira* vez que vocês...

- Já percebi, mãe – disse Sarah, mais incisiva.
 - Bom, então tudo bem – respondeu Maureen, com a voz quase aliviada.
 - Acho que vou desligar, então. A menos que queiras conversar sobre mais alguma coisa.
 - Não, acho que já falámos de praticamente tudo.
- De alguma forma, mesmo depois disto, a conversa durou mais dez minutos.

Nessa noite, depois de Jonah adormecer, Miles pôs uma cassete antiga no leitor de vídeo e instalou-se para ver Missy e Jonah brincarem no mar perto de Fort Macon. Na altura, Jonah ainda era pequenino, tinha menos de três anos, e o que mais adorava na vida era brincar com os seus camiões nas estradas que Missy improvisava na areia. Missy tinha 26 anos e, com seu biquíni azul, parecia mais uma jovem universitária do que uma mulher que já era mãe.

No vídeo, acenava a Miles e dizia-lhe para largar a câmara de filmar e ir brincar com eles. Porém, Miles lembrava-se de que, naquela manhã, estivera mais interessado em observar. Gostava de ver os dois juntos; gostava da sensação que isso lhe provocava, de saber que Missy tinha por Jonah um amor que ele jamais conhecera. Os pais dele não tinham sido tão afetuosos. Não eram más pessoas, mas simplesmente não sentiam à-vontade para expressar emoções, nem pelo próprio filho. Depois de a mãe morrer e o pai desatar a viajar, Miles sentiu que nunca chegara a conhecê-los a sério. Às vezes, pensava se se teria transformado na pessoa que era caso Missy nunca tivesse entrado na vida dele.

Missy começou a cavar um buraco com uma pá de plástico a poucos metros da linha de água e, depois, usou as mãos para apressar o processo. De joelhos, ficava da mesma altura que Jonah e, quando ele viu o que a mãe estava a fazer, foi para o lado dela e pôs-se a gesticular e apontar, como um arquiteto na primeira fase de uma obra. Missy sorria e conversava com o filho, mas as vozes deles eram abafadas pelo rugido incessante das ondas e Miles não conseguia perceber o que diziam. A areia foi saindo em grandes bocados e acumulou-se em redor de Missy, à medida que o buraco ficou mais fundo. Passado algum tempo, ela fez um gesto indicando a Jonah que se sentasse lá dentro. Com os joelhos encostados ao peito, Jonah coube no

buraco – por um triz, mas coube – e Missy começou a repor a areia, moldando-a em volta do pequeno corpo do filho. Em poucos minutos, Jonah estava coberto até ao pescoço: parecia uma tartaruga com cabeça de menino.

Missy pôs mais areia aqui e ali, cobrindo os braços e as mãos do filho. Jonah mexeu os dedos e saiu alguma areia, mas Missy tornou a cobri-los. Quando estava a pôr os últimos punhados de areia no lugar, Jonah voltou a mexer-se e ela riu-se. Então, pôs um bolinho de areia molhada sobre a cabeça do filho e ele parou de se mexer. Missy aproximou-se para lhe dar um beijo e, nesse momento, Miles viu os lábios do filho formarem as palavras «Gosto muito de ti, mãe».

«Eu também te adoro», respondeu ela. Depois, sabendo que Jonah ficaria ali quieto durante alguns minutos, Missy voltou a atenção para Miles.

Ele disse-lhe qualquer coisa e ela sorriu – mais uma vez, as palavras perderam-se no rumor. Ao fundo, por cima do ombro dela, viam-se poucas pessoas. Se bem se recordava, era maio, uma semana antes de os banhistas chegarem em peso, e era um dia de semana. Missy olhou para um lado e para o outro e ficou em pé. Pôs uma mão no quadril, a outra atrás da cabeça e olhou para ele com os olhos semicerrados, sensual. Depois, desfez a pose, riu-se como se estivesse envergonhada e caminhou na direção dele. Deu um beijo na lente da câmara.

O vídeo terminava assim.

Aquelas cassetes eram preciosas para Miles. Guardava-as numa caixa à prova de fogo que comprara depois do funeral. Assistira a todas dezenas de vezes. Nas imagens, Missy estava viva outra vez, ele via-a mexer-se, ouvia o som da voz dela. Ouvia-a rir-se novamente.

Jonah nunca vira as cassetes. Miles duvidava até de que o filho soubesse da existência delas, uma vez que era demasiado pequeno quando a maioria dos vídeos fora filmada. Miles tinha deixado de usar a câmara de filmar depois da morte de Missy, pelo mesmo motivo que tinha parado de fazer outras coisas. Era demasiado difícil. Não queria recordar-se de nada do período imediatamente posterior à morte dela.

Não sabia muito bem porque tivera o impulso de ver os vídeos naquela noite. Talvez fosse por causa do comentário de Jonah, ou talvez pelo facto de o dia seguinte trazer algo novo para a sua vida, depois de um hiato que

lhe parecia ter durado uma eternidade. A despeito do que viesse a acontecer entre Sarah e ele, as coisas estavam a mudar. Ele estava a mudar.

Mas porque é que aquilo parecia tão assustador?

A resposta pareceu chegar pela imagem cheia de chuviscos do televisor.

E o que lhe dizia era que o motivo talvez fosse o facto de ele ainda não ter descoberto o que realmente acontecera a Missy.

CAPÍTULO 10

O funeral de Missy Ryan foi numa quarta-feira de manhã, na igreja episcopal do centro de New Bern. Apesar de comportar quase quinhentas pessoas, a igreja não conseguiu acolher a multidão que apareceu. Havia gente de pé e algumas pessoas aglomeravam-se do lado de fora, junto das portas principais, para prestar a sua última homenagem.

Lembro-me de que começou a chover naquela manhã. A chuva não era forte, mas era firme, do tipo que surge no final do verão, refrescando a terra e baixando a humidade do ar. Uma névoa etérea e fantasmagórica pairava logo acima do solo, onde se formaram pequenas poças. Fiquei a ver um cortejo de guarda-chuvas negros carregados por pessoas vestidas de preto avançar lentamente, como se o caminho estivesse coberto de neve.

Vi Miles Ryan sentado muito direito na primeira fila da igreja. Segurava a mão do filho. Jonah só tinha cinco anos na altura, idade suficiente para entender que a mãe tinha morrido, mas não para compreender que nunca mais tornaria a vê-la. Parecia mais confuso do que triste. O pai permaneceu sentado com ar pálido e os lábios contraídos, enquanto as pessoas se sucediam para lhe estender a mão ou dar um abraço. Embora parecesse ter dificuldade em encarar alguém nos olhos, não estava a chorar nem a tremer. Virei as costas e caminhei até ao fundo da igreja. Não lhe disse nada.

Nunca me esquecerei do cheiro que senti naquele dia, sentado na última fila de bancos da igreja: um odor de velas e madeira antiga. Alguém tocava guitarra, baixinho, perto do altar. Uma senhora sentou-se ao meu lado e, instantes depois, o marido juntou-se-lhe. Ela segurava um bolo de lenços de papel, que usava para secar os olhos. O marido, com os lábios contraídos, pousou a mão sobre o joelho dela. No átrio ainda se ouvia o burburinho das pessoas que entravam, mas no interior da igreja o silêncio era quebrado apenas pelo choro que as pessoas tentavam sufocar. Ninguém dizia nada, ninguém parecia saber o que dizer.

Foi nessa altura que tive a sensação de que ia vomitar.

Lutei para conter a náusea e senti o suor escorrer-me pela testa. Tinha as mãos húmidas, e não sabia onde as pousar. Não queria estar ali. Não queria ter ido. Mais do que qualquer coisa no mundo, queria levantar-me e ir embora.

Fiquei.

Não consegui concentrar-me no serviço fúnebre. Se alguém me perguntar, hoje, o que disse o padre ou o que é que o irmão de Missy recordou em sua homenagem, seria incapaz de responder. Lembro-me, no entanto, de que as palavras não me reconfortaram. Só conseguia pensar que Missy Ryan não devia ter morrido.

Depois da cerimónia, houve uma longa procissão até ao cemitério de Cedar Grove. Acredito que todos os xerifes, funcionários e agentes de polícia do condado estavam presentes. Esperei que boa parte das pessoas saísse com os carros, até por fim entrar na fila, seguindo o carro à minha frente. Vi faróis acenderem-se e, como um robô, também acendi os meus.

Enquanto avançávamos, a chuva começou a apertar. Os limpa-para-brisas empurravam a água de um lado para o outro.

O cemitério ficava a poucos minutos da igreja.

Estacionaram-se carros, abriram-se guarda-chuvas e as pessoas tornaram a caminhar no meio de poças, vindas de todas as direções. Fui seguindo-as às cegas e fiquei mais para trás, entre a multidão que se reunia à volta da campa. Tornei a ver Miles e Jonah. Estavam com a cabeça baixa, encharcados. Os carregadores levaram o caixão, assim como dezenas de coroas de flores, até à cova.

Pensei, mais uma vez, que não queria estar ali. Não devia ter ido. O meu lugar não era ali.

Mas lá estava eu.

Não tivera escolha. Tinha de ver Miles, tinha de ver Jonah.

Já naquela altura, sabia que as nossas vidas estariam ligadas para sempre.

Eu tinha de estar lá.

Afinal de contas, fora eu quem conduzira o carro.

CAPÍTULO 11

A sexta-feira trouxe o primeiro ar de outono verdadeiramente frio. Pela manhã, uma leve geada cobria todos os relvados e o hálito das pessoas condensava. Os carvalhos, cornizos e magnólias ainda não tinham iniciado a sua lenta transformação para tons vermelhos e laranja e, com a luz do dia já a diminuir, Sarah viu o sol penetrar por entre as folhas, desenhando sombras na calçada.

Miles chegaria dali a pouco e ela pensara no encontro diversas vezes ao longo do dia. Os três recados no atendedor de chamadas confirmavam que a mãe também pensara nele – um pouco demais, na opinião de Sarah. Maureen tinha falado sobre o assunto até à exaustão. «E não te esqueças de levar um casaco hoje à noite. Não te arrisques a apanhar uma pneumonia. Com este frio, é bem possível», começava um dos recados, e daí partia para todo o tipo de conselhos, desde não usar muita maquilhagem, nem joias extravagantes, «para ele não ficar com uma impressão errada», até certificar-se de que não vestia umas meias com malhas («Não há nada pior, sabes?»). O segundo recado recapitulava o primeiro e a mãe parecia um pouco mais ansiosa, como se soubesse que estava a ficar sem mais tempo para partilhar a sabedoria acumulada ao longo dos anos: «Quando eu disse casaco, quis dizer algo elegante. E leve. Talvez sintas algum frio, mas vale a pena, se for para ficares bonita. E, por amor de Deus, escolhas o que escolheres, não uses aquele casaco verde comprido de que tanto gostas. Até pode ser quente, mas é feio a valer.» Quando ouviu a voz da mãe no terceiro recado, já *realmente* ansiosa, a dizer como era importante ler o jornal «para ter algo interessante a dizer», Sarah premiu simplesmente o botão de apagar, sem se dar sequer ao trabalho de ouvir até ao fim.

Ia sair e tinha de se arranjar.

Uma hora mais tarde, pela janela, Sarah via Miles dobrar a esquina com uma caixa comprida debaixo do braço. Depois, viu-o parar por um instante,

como se para se certificar de que estava no sítio certo, e a seguir abrir a porta do prédio e entrar. Ao ouvi-lo subir a escada, Sarah ajeitou o vestido preto curto (que hesitara bastante em usar) e abriu a porta.

– Olá... Estou atrasado?

Sarah sorriu. – Não, chegou mesmo a horas. Eu é que o vi a subir a rua.

Miles inspirou fundo. – Está muito bonita – comentou.

– Obrigada – disse ela e, apontando para a caixa que Miles trazia: – É para mim?

Ele assentiu e entregou-lhe a caixa. Lá dentro havia seis rosas amarelas.

– Uma por cada semana que tem ajudado o Jonah.

– Muito gentil – disse ela, sincera. – A minha mãe vai ficar impressionada.

– A sua mãe?

Sarah sorriu. – Depois conto-lhe sobre ela. Entre, enquanto eu procuro uma jarra para as rosas.

Miles entrou no apartamento e olhou em volta rapidamente. Era encantador – menor do que ele imaginara, mas surpreendentemente aconchegante, com móveis que combinavam bem com o espaço: um sofá de madeira aparentemente confortável, mesas de canto com uma patina elegante e uma cadeira de baloiço antiga sob um candeeiro que parecia centenário – até a colcha de retalhos pousada no encosto da cadeira parecia saída do século anterior.

Na cozinha, Sarah abriu o armário acima do lava-loiça, afastou algumas tigelas e pegou numa jarra pequena de cristal, que encheu de água.

– Belo apartamento – comentou ele.

Ela ergueu os olhos. – Obrigada. Eu gosto muito.

Miles continuou a olhar em redor. – Decorou-o sozinho?

– Quase tudo. Trouxe umas coisas de Baltimore, mas, quando vi os antiquários aqui, resolvi trocar a maioria. Há umas lojas ótimas na cidade.

Miles passou a mão sobre uma escrivaninha antiga com tampo móvel junto à janela e depois afastou as cortinas para olhar para a rua. – Gosta de morar no centro da cidade?

Sarah tirou uma tesoura de uma gaveta e começou a cortar a ponta dos caules. – Gosto, mas o movimento na rua está sempre a acordar-me. É muita gente, gritaria, brigas e festas até altas horas... É quase um milagre que eu consiga dormir – brincou.

– É assim tão silencioso?

Sarah punha as rosas dentro da jarra, uma por uma. – É o primeiro lugar em que moro onde toda a gente parece ir para a cama às nove da noite. Parece que uma cidade-fantasma assim que o Sol se põe. Aposto que facilita bastante o seu trabalho, não?

– Para dizer a verdade, não me afeta muito. Com exceção das ordens de despejo, a minha jurisdição não inclui a cidade. Geralmente, fico na zona rural.

– A tratar daqueles radares de velocidade que fazem a fama do Sul? – indagou ela, brincalhona.

Miles fez que não com a cabeça. – Não, também não sou eu que trato disso. É a polícia rodoviária.

– Então o que está a dizer é que, na verdade, não faz muita coisa...

– Exato – concordou ele. – Tirando dar aulas, não me lembro de outro trabalho que exija menos da pessoa.

Ela riu-se enquanto posicionava a jarra no meio da bancada da cozinha. – São lindas. Obrigada. – Depois, saiu de trás da bancada e estendeu a mão para pegar na mala. – Onde vamos? – perguntou.

– Logo aqui ao virar da esquina, à Harvey Mansion. Ah, está algum frio lá fora, é melhor pôr um casaco – disse ele, olhando para o vestido sem mangas dela.

Sarah foi ao armário, lembrou-se das palavras da mãe no recado e desejou não as ter ouvido. Era uma pessoa friorenta e detestava passar frio. No entanto, em vez de pegar no casaco «verde comprido» que a manteria quente, escolheu um casaquinho leve que combinava com o vestido. A mãe teria aprovado a escolha. Elegante. Quando o vestiu, Miles olhou para ela como se quisesse dizer algo e não soubesse como.

– Algum problema? – perguntou ela.

– É que está frio na rua. Tem a certeza de que não quer vestir uma coisa mais quente?

– Não se importa?

– Porque é que havia de me importar?

Aliviada, Sarah escolheu outro casaco (o verde comprido) e Miles ajudou-a a vesti-lo, segurando as mangas para ela enfiar os braços. Instantes depois, fechavam a porta de casa e desciam a escada do prédio. Assim que

Sarah saiu para a rua, o frio mordeu-lhe as faces e fê-la enterrar instintivamente as mãos nos bolsos.

– Não acha que está frio demais para o outro casaco? – indagou Miles.

– Sem dúvida – respondeu ela com um sorriso agradecido. – Mas este não combina com o meu vestido.

– Prefiro que esteja confortável. Além do mais, esse casaco fica-lhe bem.

Adorou-o por dizer aquilo. Estás a ver, mãe?

Começaram a descer a rua e, poucos passos adiante – para surpresa tanto dela como de Miles –, Sarah tirou uma mão do bolso e passou o braço pelo dele.

– Então, deixe-me falar-lhe sobre a minha mãe... – começou.

*

Alguns minutos depois, à mesa, Miles não conseguiu conter uma gargalhada. – Parece uma mulher e tanto.

– Para si, é fácil falar. Não é sua mãe.

– É só a maneira de ela lhe mostrar como gosta de si.

– Eu sei. Mas seria mais fácil se não estivesse sempre tão preocupada. Às vezes, acho que ela faz de propósito, só para me deixar maluca.

Apesar da irritação evidente de Sarah, Miles não pôde deixar de notar que ela estava radiante à luz das velas.

A Harvey Mansion era um antigo casarão da década de 1790 e um dos melhores restaurantes da cidade, muito procurado por casais. Apesar de ter sido remodelado, os donos haviam mantido grande parte da traça original. Miles e Sarah tinham sido conduzidos por uma escadaria em curva e instalados numa sala que outrora fora uma biblioteca. A divisão tinha luz difusa e soalho de carvalho, com o teto finamente revestido de estanho. Duas paredes estavam cobertas por estantes de mogno que abrigavam centenas de livros; na terceira parede, uma lareira emitia um brilho etéreo. Sarah e Miles foram sentados no canto junto à janela. Havia apenas outras cinco mesas, todas ocupadas, e as pessoas conversavam baixinho.

– Hum... Acho que tem razão – disse Miles. – A sua mãe deve mesmo ficar acordada à noite a maquinar formas novas de a atormentar.

– Pensei que tinha dito que não a conhecia.

Miles riu-se. — Bom, pelo menos ela está presente. Como já lhe disse, hoje em dia praticamente não falo com o meu pai.

— Onde é que ele está agora?

— Não faço a menor ideia. Recebi um postal há uns dois meses, de Charleston, mas não sei se ele ainda está lá. Em geral, não para muito tempo no mesmo lugar, nem telefona, e é muito raro vir cá. Há anos que não me vê, nem ao neto.

— Não consigo imaginar uma coisa dessas.

— Ele é assim... mas, pensando bem, quando eu era pequeno, ele também não era exatamente um modelo de pai. Muitas vezes, tinha a impressão de que ele não gostava de nos ter por perto.

— A quem?

— À minha mãe e eu.

— Ele não gostava da sua mãe?

— Não faço ideia.

— Oh, a sério...

— Estou a falar a sério. Ela estava grávida quando se casaram e, francamente, não posso dizer que foram feitos um para o outro. A relação deles era muito instável: num dia estavam loucamente apaixonados, no outro ela mandava a roupa dele para a relva em frente de casa e dizia-lhe para nunca mais voltar. Quando ela morreu, ele foi-se embora o mais rápido que pôde. Abandonou o emprego, vendeu a casa, comprou um barco e disse-me que ia viajar pelo mundo. E olhe que ele nem sabia velejar. Disse que ia aprender o necessário pelo caminho. Imagino que tenha feito isso mesmo.

Sarah franziu o cenho. — É um bocado estranho.

— Não para ele. Para ser sincero, não fiquei nada surpreendido, mas é preciso conhecê-lo para perceber o que quero dizer. — Miles abanou a cabeça ao de leve, como se o facto o aborrecesse.

— Como é que a sua mãe morreu? — perguntou Sarah com delicadeza.

Uma expressão estranha cruzou o semblante de Miles e Sarah arrependeu-se imediatamente de ter tocado no assunto. Inclinou-se para a frente. — Desculpe. Fui indelicada. Não devia ter perguntado.

— Não faz mal — disse Miles, baixinho. — Não me importo. Foi há muito tempo, por isso não é doloroso falar do assunto. É só que há anos que não

falo nisso. Nem me lembro da última vez que alguém me perguntou sobre a minha mãe.

Miles tamborilou os dedos distraidamente na mesa e endireitou-se na cadeira. Quando falou, o tom era casual, quase como se falasse sobre alguém que não conhecesse. Sarah reconheceu aquele tom: era o mesmo que ela usava para falar de Michael atualmente.

– A minha mãe começou a ter umas dores abdominais. Às vezes não conseguia sequer dormir. No fundo, acho que ela sabia que era grave e, quando finalmente foi ao médico, o cancro já se tinha espalhado para o pâncreas e o fígado. Não havia nada a fazer. Morreu menos de três semanas depois disso.

– Lamento muito – disse ela, sem saber o que dizer mais.

– Também eu – respondeu ele. – Acho que teria gostado dela.

– Tenho a certeza de que sim.

Foram interrompidos pelo empregado de mesa, que se aproximou para anotar o que queriam beber. Como se tivessem combinado, assim que ele se afastou, tanto Sarah como Miles estenderam a mão para pegar nos cardápios e percorreram-nos rapidamente com os olhos.

– O que é que é melhor? – perguntou ela.

– Na verdade, é tudo bom.

– Nenhuma recomendação especial?

– Estou a pensar pedir um bife.

– Porque será que isso não me surpreende?

Ele ergueu os olhos. – Tem alguma coisa contra carne?

– Não, nada. É que o Miles não me parece o tipo de pessoa que come tofu e salada – explicou ela, fechando o cardápio. – Já eu preciso de zelar pela figura.

– Vai pedir o quê, então?

Ela sorriu. – Bife.

Miles também fechou o seu cardápio e empurrou-o para o lado. – Agora, que já falámos sobre a minha vida, porque é que não me conta sobre a sua? Como foi a sua infância?

Sarah pôs o seu cardápio por cima do dele.

– Ao contrário dos seus, os meus pais sempre foram um modelo de casal. Morávamos numa zona residencial perto de Baltimore, numa casa típica: quatro quartos, duas casas de banho, alpendre, jardim e uma cerca branca de

madeira. Eu ia para a escola no autocarro escolar que levava todas as crianças da rua, passava o fim de semana a brincar no quintal e tinha a maior coleção de *Barbies* da vizinhança. O meu pai trabalhava das nove às cinco e usava fato todos os dias; a minha mãe era dona de casa. Acho que nunca a vi sem avental durante a infância. A nossa casa tinha sempre um cheiro a confeitaria. A minha mãe fazia biscoitos para mim e para o meu irmão todos os dias e nós comíamos-los na cozinha enquanto lhe contávamos o que tínhamos aprendido na escola.

– Parece muito bom.

– E foi mesmo. A minha mãe era ótima quando nós éramos pequenos. Até as outras crianças corriam para ela quando se magoavam ou se metiam nalgum sarilho. Só quando o meu irmão e eu crescemos é que ela começou a ficar neurótica.

Miles arqueou as sobrancelhas. – Será que ela mudou ou será que sempre foi neurótica, mas a Sarah era demasiado jovem para perceber?

– Parece a Sylvia a falar.

– Quem é a Sylvia?

– Uma amiga minha – desconversou ela. – Uma grande amiga. Se Miles reparou na hesitação dela, não deixou transparecer.

O empregado de mesa trouxe as bebidas e anotou os pedidos. Assim que ele se foi embora, Miles inclinou-se para a frente, aproximando o rosto do de Sarah.

– E o seu irmão, como é?

– O Brian? É um miúdo à maneira. Juro que é mais maduro do que a maioria das pessoas com quem trabalho. Só que é tímido e não tem muito jeito para fazer novas amizades. É um pouco introspetivo, mas sempre nos demos bem. Sempre. Foi um dos principais motivos de eu ter vindo para cá: queria passar algum tempo com o Brian antes de ele ir para a faculdade. Acabou de entrar na Universidade da Carolina do Norte.

Miles assentiu. – Então, quer dizer que ele é bem mais novo.

– Não é *bem* mais novo – rebateu Sarah.

– Bom... é mais novo o suficiente. Quantos anos tem a Sarah? Quarenta? Quarenta e cinco? – respondeu ele, repetindo o que ela lhe dissera no dia em que se conheceram.

Sarah riu-se. – É preciso ter muito cuidado consigo.

– Aposto que diz isso a todos os tipos com quem sai.

– Na verdade, estou enferrujada – confessou ela. – Não tenho saído muito desde o meu divórcio.

Miles pousou o copo na mesa. – Está a brincar, não está?

– Não.

– Uma mulher assim? Tenho a certeza de que recebe muitos convites para sair.

– O que não quer dizer que os aceite.

– Faz-se difícil? – provocou Miles.

– Não – respondeu ela. – Só não gosto de magoar ninguém.

– Quer dizer que arrasa corações?

Ela não respondeu imediatamente. Estava de olhos postos na mesa.

– Não, não arraso corações – respondeu, baixinho. – O meu é que foi arrasado.

As palavras de Sarah surpreenderam-no. Miles tentou encontrar uma resposta espirituosa, mas, depois de ver a expressão no rosto dela, decidiu não dizer nada. Durante alguns instantes, Sarah pareceu perdida num mundo só seu. Por fim, virou-se para Miles com um sorriso quase encabulado.

– Desculpe. Estraguei um bocado a conversa, não foi?

– De modo algum – respondeu Miles depressa, estendendo a mão sobre a mesa para apertar a dela ao de leve. – É preciso mais do que isso para estragar a conversa para mim – continuou. – Agora, se me mandar a bebida à cara e me chamar canalha...

Apesar da tensão, Sarah riu-se.

– Para si, isso já seria um problema? – perguntou ela, mais relaxada.

– Provavelmente – respondeu ele com uma piscadela. – Mas, mesmo assim, tendo em conta que é o nosso primeiro encontro e tal... talvez deixasse passar.

*

Eram dez e meia quando terminaram de jantar. Quando chegaram à rua, Sarah sabia que não queria que a noite acabasse logo. O jantar tinha sido maravilhoso e a conversa, generosamente facilitada por uma excelente garrafa de vinho tinto. Queria passar mais tempo com Miles, mas ainda não estava pronta para o convidar a subir ao seu apartamento. Atrás deles, a

poucos metros, o motor de um carro arrefecia, emitindo sons abafados e esporádicos.

– Quer dar um pulinho ao Tavern? – sugeriu Miles. – Não fica muito longe.

Sarah concordou com um meneio de cabeça, apertando um pouco mais o casaco em volta do corpo, e os dois começaram a descer a rua a um ritmo relaxado, caminhando próximos um do outro. Os passeios estavam desertos. Passaram em frente de antiquários e galerias de arte, uma imobiliária, uma confeitaria e uma livraria, tudo parecia fechado.

– Onde fica esse sítio exatamente?

– Por aqui – respondeu ele, apontando com o braço. – É ao virar daquela esquina.

– Nunca ouvi falar.

– Não me espanta – disse ele. – Só quem mora aqui é que conhece e, para o dono, quem nunca ouviu falar provavelmente também não deve lá ir.

– Como é que o negócio sobrevive?

– Eles lá se arranjam – respondeu Miles, enigmático.

Um minuto depois, dobraram a esquina. Embora houvesse alguns carros estacionados na rua, não se notava nenhum sinal de vida. Era quase assustador. Mais ou menos a meio do quarteirão, Miles parou na entrada de um beco estreito entre dois prédios, um dos quais parecia abandonado. Bem ao fundo, uns dez metros adiante, pendia uma lâmpada torta e solitária.

– Chegámos – disse ele. Sarah hesitou e Miles pegou-lhe na mão, levando-a até à porta iluminada pela lâmpada. O nome do estabelecimento estava escrito a caneta de feltro acima do batente. Sarah ouviu música lá dentro.

– Impressiona – comentou ela.

– A Sarah só merece o melhor.

– Será que deteto um quê de sarcasmo?

Miles riu-se, abriu a porta e conduziu Sarah lá para dentro.

O Tavern estava instalado no edifício abandonado e era um bar de cores monótonas e com um leve cheiro a madeira bolorenta, mas surpreendentemente espaçoso. Ao fundo, havia quatro mesas de *snooker* iluminadas por anúncios de diferentes marcas de cerveja. Um balcão comprido acompanhava a parede de trás. Havia uma *jukebox* antiga junto à porta e uma dezena de mesas espalhadas de forma aleatória pelo espaço. O

piso era de betão e as cadeiras de madeira não combinavam entre si, mas isso não parecia ter importância.

Estava apinhado.

As pessoas acotovelavam-se no balcão e nas mesas, reuniam-se em volta das mesas de *snooker* e depois dispersavam-se. Havia duas mulheres extremamente maquilhadas e com roupas justíssimas encostadas à *jukebox*, enquanto percorriam as músicas para decidir o que poriam a tocar.

Miles olhou para Sarah com uma expressão divertida. – Surpreendente, não é?

– Se não tivesse visto, não acreditava. Está cheio!

– É assim todos os fins de semana. – Miles observou rapidamente o espaço, em busca de um lugar para se sentarem.

– Há uns lugares lá atrás – indicou ela.

– São para quem está a jogar *snooker*.

– Então, quer jogar uma partida?

– De *snooker*?

– Porque não? Vi uma mesa livre. E lá atrás não deve estar tanto barulho.

– Negócio fechado. Vou tratar das coisas com o empregado. Quer beber alguma coisa?

– Uma cerveja *light*, se houver.

– Têm certamente. Encontramo-nos na mesa, OK?

Dito isso, Miles dirigiu-se ao balcão, abrindo caminho entre a massa de gente. Enfiou-se entre dois bancos e ergueu a mão para chamar o empregado. Pela quantidade de pessoas ali, imaginou que levaria algum tempo a ser atendido.

Fazia calor dentro do bar e Sarah tirou o casaco. Quando o estava dobrar sobre o braço, ouviu a porta abrir-se atrás de si. Olhou por cima do ombro e deu um passo ao lado para deixar passar dois homens. O primeiro, tatuado e com cabelo comprido, parecia indubitavelmente perigoso. O segundo, de calças de ganga e polo, era o oposto, e Sarah perguntou-se o que teriam eles em comum.

Isso até os observar com mais atenção. Concluiu então que o segundo a assustava mais do que o primeiro. Algo na expressão e na postura dele parecia infinitamente mais ameaçador.

Deu graças por o primeiro homem ter passado sem dar por ela. O outro, porém, parou assim que se aproximou e Sarah sentiu que ele a observava.

– Nunca te vi aqui antes. Como é que te chamas? – indagou, de repente. Sarah sentiu-se avaliada pelos olhos frios dele.

– Sylvia – mentiu.

– Queres beber alguma coisa?

– Não, obrigada – respondeu, abanando a cabeça.

– Queres vir fazer companhia a mim e ao meu irmão, então?

– Estou acompanhada – respondeu.

– Não vejo ninguém.

– Está no bar.

– Otis, anda lá! – gritou o tatuado.

Otis ignorou-o, de olhos pregados em Sarah. – Tens a certeza de que não queres beber nada, Sylvia?

– Absoluta – respondeu ela.

– Porquê? – perguntou ele. Embora as palavras tivessem sido ditas com calma, educadamente até, Sarah notou a raiva que encobriam.

– Já lhe disse, estou acompanhada – disse, dando um passo para trás.

– Anda lá, Otis! Quero beber!

Otis Timson relanceou os olhos na direção da voz e, em seguida, tornou a fixar Sarah e sorriu, como se estivessem numa festa elegante e não numa espelunca. – Se mudares de ideia, Sylvia, estou ali – disse, com voz mansa.

Assim que ele se afastou, Sarah expirou com força e mergulhou na multidão de clientes do bar, abrindo caminho em direção às mesas de *snooker*, para se afastar o máximo possível dele. Quando chegou lá, pôs o casaco em cima de um dos bancos desocupados. Instantes depois, Miles chegou com as cervejas. Bastou-lhe uma olhadela para notar que tinha acontecido alguma coisa.

– Que foi? – perguntou, passando-lhe a garrafa de cerveja.

– Foi só um idiota a meter-se comigo. Chegou a assustar-me. Tinha-me esquecido das coisas que acontecem nestes sítios.

A expressão de Miles ficou um pouco mais séria. – Mas ele fez alguma coisa?

– Nada que eu não tenha conseguido resolver.

Miles pareceu avaliar a resposta. – De certeza?

Sarah hesitou. – Sim, de certeza – respondeu por fim. Então, sensibilizada com a preocupação de Miles, encostou a garrafa contra a dele e piscou-lhe o

olho, para tirar o incidente da cabeça. – Então, prepara as bolas na mesa ou preparo eu?

Depois de tirar o casaco e arregaçar as mangas, Miles puxou dois tacos de *snooker* de um suporte na parede.

– As regras do *snooker* são muito simples...

– Eu sei – disse ela com um aceno.

Ele ergueu as sobrancelhas, surpreso. – Já jogou *snooker*?

– Acho que toda a gente já jogou pelo menos uma vez na vida.

Miles passou-lhe o taco. – Então acho que podemos jogar. Quer começar?

– Não, faça favor.

Sarah ficou a ver Miles dar a volta até à frente da mesa ao mesmo tempo que passava giz na ponta do taco. Depois, Miles inclinou-se, posicionou a mão, apoiou o taco e bateu a bola com uma tacada certa. As bolas estalaram alto e espalharam-se pela mesa. A bola quatro entrou na bolsa do canto e desapareceu de vista. Miles ergueu os olhos.

– Comecei bem.

– Sem sombra de dúvida – disse ela.

Miles examinou a mesa, para decidir a tacada seguinte, e mais uma vez Sarah espantou-se por constatar como ele era diferente de Michael. Michael não jogava *snooker* e nunca a teria levado a um sítio daqueles. Não se teria sentido confortável lá, da mesma forma que Miles provavelmente não se teria sentido confortável no mundo em que Sarah vivia antes.

No entanto, ao vê-lo ali à sua frente, sem casaco e com as mangas arregaçadas, Sarah não pôde ignorar a atração que sentia. Em comparação com várias pessoas ali, que talvez exagerassem na cerveja e na piza, Miles era quase magricela. Não tinha uma beleza clássica de ator de cinema, mas mantinha a barriga lisa e os ombros eram de uma largura reconfortante. Mas não era só isso. Havia algo nos olhos dele e no seu jeito de falar que refletia as dificuldades que enfrentara ao longo dos últimos dois anos, algo que ela também via quando se olhava ao espelho.

A *jukebox* calou-se por um instante e depois começou a tocar *Born in the USA*, de Bruce Springsteen. Apesar das ventoinhas que giravam no teto, o ar estava pesado de tanto fumo de tabaco. Sarah ouvia o rumor abafado de pessoas a rir e a divertir-se à sua volta, mas, quando olhava para Miles,

quase tinha a sensação de que estavam sozinhos. Miles embolsou outra bola.

Com um olhar experiente, avaliou a mesa enquanto as bolas se imobilizavam. Foi para o outro lado e desferiu nova tacada, mas dessa vez errou. Ao ver que era a vez dela, Sarah pôs a cerveja de lado e empunhou o taco. Miles pegou no giz e ofereceu-lho.

– Tem ali uma boa jogada – disse ele, meneando a cabeça em direção ao canto da mesa. – A bola está à beira da bolsa.

– Estou a ver – respondeu ela, deixando o giz de lado, depois de o passar na ponta do taco. Examinou a mesa, mas não se posicionou imediatamente para a tacada. Pensando que ela estivesse insegura, Miles apoiou o seu taco num dos bancos e propôs:

– Quer que lhe mostre como posicionar a mão na mesa?

– Claro.

– Vamos lá – começou Miles. – Faça um círculo com o indicador, assim, e apoie os outros três dedos na mesa. – Miles demonstrou com a mão sobre a mesa.

– Assim? – indagou ela, imitando-o.

– Quase... – Ele aproximou-se e, assim que estendeu a mão em direção à de Sarah, inclinando-se ligeiramente mais para ela, Sarah sentiu algo saltar dentro de si, um pequeno choque que começou na barriga e irradiou para fora. As mãos dele estavam quentes quando ajustaram os dedos dela. Apesar do fumo e do ar abafado, Sarah sentiu a loção pós-barba dele, um perfume limpo, másculo.

– Aperte um pouco mais o dedo – explicou ele. – Não deixe demasiado espaço, senão perde o controlo da tacada.

– Está melhor assim? – perguntou ela, pensando que estava a gostar de o sentir perto de si.

– Sim – respondeu ele, afastando-se um pouco, alheio ao que ela estava a sentir. – Depois, recue devagar o taco e tente mantê-lo firme quando acertar na bola. E lembre-se de que não é preciso bater com muita força. A bola está mesmo no cantinho e, além disso, assim não mete a branca.

Sarah obedeceu. A tacada foi certa e, como Miles previra, a bola nove foi empurrada para a bolsa. A bola branca voltou a rolar, até parar mais ou menos no centro da mesa.

– Muito bem. Agora, tem uma boa jogada para acertar na 14 – disse ele, indicando a branca.

– A sério? – perguntou ela.

– Sim, mesmo ali. É só alinhar e fazer a mesma coisa...

Sarah assim fez, sem pressa. Depois de encestar a 14, a bola branca pareceu posicionar-se, mais uma vez, de forma perfeita para a tacada seguinte. Miles arregalou os olhos, surpreendido. Sarah olhou para ele, desejando tê-lo mais perto de novo. – Não achei esta tacada tão boa como a primeira – disse. – Importa-se de me ensinar outra vez?

– Não, claro que não – disse ele, depressa. Miles inclinou-se novamente para perto de Sarah e ajeitou a mão dela sobre a mesa. Mais uma vez, Sarah sentiu o cheiro da loção dele. O toque das mãos dele pareceu novamente carregado de eletricidade, mas dessa vez Miles também pareceu perceber e demorou-se mais do que seria necessário ao lado de Sarah. Havia algo de embriagante e ousado na forma como se tocavam, algo... *maravilhoso*. Miles inspirou fundo.

– Ora bem, tente agora – disse, afastando-se, como se precisasse de espaço.

Com uma tacada firme, a bola 11 entrou na bolsa.

– Acho que lhe apanhou o jeito – disse Miles, pegando na sua cerveja. Sarah deu a volta à mesa e preparou-se para a tacada seguinte.

Ele ficou a vê-la. Prestou atenção a tudo: ao andar gracioso, às curvas suaves do corpo dela enquanto se tornava a posicionar, à pele tão lisa que parecia quase irreal. Quando Sarah passou uma mão pelo cabelo, para o prender atrás da orelha, Miles bebeu um gole de cerveja e perguntou-se porque é que o ex-marido a tinha deixado escapar. Devia ser cego ou burro, talvez as duas coisas. Segundos depois, a bola 12 caiu na bolsa. Bela jogada, pensou ele, tentando concentrar-se outra vez.

Nos minutos que se seguiram, Sarah fez o jogo parecer fácil. Embolsou a bola dez depois de a fazer deslizar rente ao lado da mesa até chegar à bolsa.

Encostado contra a parede, com uma perna cruzada sobre a outra, Miles começou a girar o taco na mão enquanto esperava.

Numa jogada curta e fácil, a bola 13 caiu na bolsa do canto.

Ao ver aquilo, Miles franziu ao de leve o cenho. *Que estranho, ela ainda não errou nenhuma tacada...*

No que só podia ser descrito como uma jogada de sorte, a bola 15 acompanhou a 13, e Miles teve de resistir ao impulso de tirar o maço de cigarros do bolso do casaco.

Quando restava apenas uma bola, Sarah afastou-se da mesa e estendeu a mão para o giz. – Agora tenho de tentar a bola oito, certo? – perguntou.

Miles mudou ligeiramente de posição. – Sim, mas antes tem de dizer para que cesto vai apontar.

– Tudo bem – disse ela. Depois, deu a volta à mesa, até ficar de costas para ele. Usou o taco para apontar. – Acho que vou mandar para a bolsa do canto, então.

Era uma tacada à distância, que exigia uma certa angulação para resultar. Era possível, mas muito difícil. Sarah inclinou-se sobre a mesa.

– Cuidado para não meter a branca – avisou Miles. – Se ela entra na bolsa, eu ganho.

– Não se preocupe – sussurrou ela para si mesma.

Sarah deu a tacada. Segundos depois, a bola oito entrou na bolsa e ela virou-se para Miles com um grande sorriso no rosto. – Uau! Nem dá para acreditar.

Miles ainda estava com os olhos postos na bolsa do canto. – Bela tacada – disse, quase incrédulo.

– Sorte de principiante – respondeu ela, sem dar importância. – Quer jogar outra partida?

– Sim, acho que sim – respondeu Miles, hesitante. – Fez algumas jogadas bem boas.

– Obrigada.

Miles terminou a cerveja antes de dispor as bolas no triângulo novamente. Como no primeiro jogo, embolsou uma, mas errou a segunda tacada.

Com um encolher de ombros solidário, Sarah começou a jogar. Embolsou a mesa inteira sem errar uma só tacada. Quando acabou, tudo o que Miles conseguiu fazer foi encará-la do seu lugar encostado à parede. Tinha largado o taco a meio da partida e pedira mais duas cervejas a uma empregada de mesa.

– Acho que fui enganado – disse, experiente.

– Acho que foi mesmo – concordou ela, aproximando-se. – Mas pelo menos não apostámos. Se o tivéssemos feito, as minhas jogadas seriam bem melhores.

Miles abanou a cabeça, pasmado. – Onde aprendeu a jogar?

– Foi com o meu pai. Sempre tivemos uma mesa de *snooker* em casa. Ele e eu jogávamos muito.

– Então porque é que me deixou fazer papel de tonto, a mostrar-lhe como posicionar a mão?

– Parecia ter tanta vontade de me ajudar, que eu não o quis magoar...

– Muito obrigado... – Miles estendeu-lhe uma cerveja e, quando ela pegou na garrafa, os dedos dos dois roçaram-se ao de leve. Miles engoliu em seco.

Como ela é bonita! E, de perto, ainda mais.

Antes de conseguir pensar mais no assunto, Miles sentiu uma pequena movimentação atrás deles. Virou-se assim que ouviu o barulho.

– Como tem passado, adjunto de xerife Ryan?

A pergunta de Otis Timson fê-lo retesar imediatamente o corpo. Logo atrás de Otis, com olhos apáticos, o irmão dele segurava uma cerveja. Otis acenou de maneira forçada para Sarah, que recuou um passo, aproximando-se de Miles.

– E *tu*, como vais? Prazer em rever-te.

Miles acompanhou o olhar de Otis na direção de Sarah.

– É o homem de que lhe falei – sussurrou ela.

Otis ergueu as sobrancelhas ao ouvir aquilo, mas não disse nada.

– O que é que queres, Otis? – perguntou Miles em tom cauteloso, lembrando-se do que Charlie lhe tinha dito.

– Não quero nada – respondeu Otis. – Só vim dizer olá.

Miles virou-lhe as costas. – Quer ir para o bar? – perguntou a Sarah.

– Claro – concordou ela.

– Sim, vão. Não quero atrapalhar o vosso programa – disse Otis. – Bonita, a rapariga – comentou ainda. – Parece que finalmente encontrou alguém.

Miles retraiu-se e Sarah percebeu como o comentário o afetara. Miles abriu a boca para responder, mas não disse nada. Cerrou os punhos, respirou fundo e virou-se para Sarah.

– Vamos – disse. O tom dele expressava uma raiva que ela nunca tinha ouvido.

– Ah, a propósito – disse Otis. – Sobre aquele assunto com o Harvey, não se preocupe. Eu pedi-lhe para ser meigo consigo.

As pessoas já se juntavam em volta, pressentindo confusão. Miles fitou Otis com um olhar firme, que este recebeu sem se mexer. O irmão tinha-se posto a seu lado, como quem se preparasse para entrar no confronto, se necessário.

– Vamos embora – disse Sarah, com ênfase, esforçando-se ao máximo por impedir que a situação fugisse ainda mais ao controle. Segurou Miles pelo braço e puxou-o. – Vamos, Miles, por favor – pediu.

Foi o que bastou para atrair a atenção dele. Sarah pôs os dois casacos debaixo do braço e puxou-o entre a multidão. As pessoas abriram caminho e num minuto chegaram à rua. Miles tirou a mão de Sarah do seu braço, com raiva de Otis e de si mesmo, por quase ter perdido a cabeça, e acelerou pelo beco, a passos firmes. Sarah seguiu-o, mas parou para vestir o casaco.

– Miles, espere...

As palavras demoraram alguns segundos a surtir efeito e Miles finalmente parou e olhou para o chão. Quando Sarah se aproximou e lhe estendeu o casaco, ele nem pareceu reparar.

– Sinto muito por aquela cena toda – disse, sem conseguir fitá-la nos olhos.

– Não fez nada – disse ela. Como Miles não esboçou nenhuma reação, Sarah aproximou-se. – Está tudo bem? – perguntou, com voz suave.

– Sim... tudo bem. A voz dele saiu tão baixa, que ela mal ouviu. Por instantes, Miles pareceu exatamente igual a Jonah, quando ela lhe passava trabalhos a mais. – Não parece – disse ela, por fim. – Na verdade, está com um ar terrível.

Apesar da raiva que sentia, Miles riu-se. – Obrigadinho.

Um carro passou, à procura de sítio para estacionar. O condutor atirou um cigarro pela janela, direto à sarjeta. Estava mais frio, demasiado frio para ficar parado, e Miles estendeu a mão para pegar no casaco e vestiu-se. Sem dizer nada, foram caminhando pela rua. Quando chegaram à esquina, Sarah rompeu o silêncio.

– Posso perguntar o que se passou lá dentro?

Depois de um silêncio prolongado, Miles encolheu os ombros. – É uma longa história.

– Todas as histórias costumam ser longas.

Andaram mais um pouco. Os seus passos eram o único som na rua.

– Ele e eu já tivemos uns problemas – disse Miles por fim.

– Essa parte eu percebi – respondeu ela. – Não sou propriamente burra...
Miles não respondeu.

– Se preferir não falar no assunto...

Era uma escapatória e ele quase a aproveitou. Em vez disso, porém, pôs as mãos nos bolsos e fechou os olhos por alguns instantes. Nos minutos seguintes, contou tudo a Sarah: falou sobre as detenções ao longo dos anos, sobre o vandalismo em sua casa, sobre o corte na bochecha de Jonah e, finalmente, sobre a última detenção. Chegou a mencionar o alerta de Charlie. Enquanto falava, atravessaram o centro outra vez, passando pelas lojas fechadas e pela igreja episcopal, até finalmente cruzarem a Front Street e entrarem no parque em Union Point. Sarah ouviu sem dizer nada. Quando Miles terminou, ergueu os olhos para ele.

– Desculpe ter-me metido – disse, baixinho. – Devia ter deixado que lhe desse uma lição.

– Não, foi bom ter-me impedido. Ele não merece.

Passaram pelo antigo clube feminino, que fora outrora um local de encontro das mulheres da cidade, mas estava abandonado há muito tempo. As ruínas do prédio pareciam incentivá-los ao silêncio, quase como se estivessem num cemitério. Anos de enchentes do rio Neuse tinham tornado o edifício praticamente inabitável, a não ser por pássaros e outros animais.

Quando chegaram perto da margem, Miles e Sarah pararam para observar as águas escuras do Neuse correrem devagar à sua frente. A água batia nos muros de contenção da margem a um ritmo regular.

– Fale-me sobre a Missy – pediu ela por fim, rompendo o silêncio que os cercara.

– A Missy?

– Queria saber como ela era – disse Sarah, sincera. – É uma parte importante do Miles, mas não sei nada sobre ela.

Miles esperou alguns instantes e depois abanou a cabeça. – Não sei por onde começar.

– Bom... Do que é que sente mais falta?

Do outro lado do rio, a mais de um quilómetro, Miles viu as luzes de alguns alpendres, pontinhos brilhantes, ao longe, que pareciam suspensos no ar como pirilampos numa noite quente de verão.

– Sinto falta de a ter por perto – começou. – De a ver em casa quando chego do trabalho, de acordar ao lado dela, ou de a ver na cozinha ou no

quintal... em qualquer lugar. Apesar de não termos tido muito tempo, havia algo especial no facto de saber que ela estaria presente se eu precisasse. E teria estado, mesmo. Já éramos casados há tempo suficiente e passámos por todas as fases que os casais atravessam... as fases boas, as não tão boas, as más, até... e tínhamos encontrado um ponto que era bom para os dois. Éramos duas crianças quando começámos a namorar. Depois de sete anos juntos, muitos dos nossos amigos já estavam divorciados, alguns tinham casado pela segunda vez. – Virou as costas para o rio e ficou de frente para Sarah. – Mas nós conseguimos fazer com que tudo corresse bem, percebe? Quando olho para trás e penso nisso, sinto orgulho, porque sei como é raro. Nunca me arrependi de me ter casado com ela. Nunca.

Miles aclarou a garganta.

– Passávamos horas só a conversar, sobre tudo ou sobre nada. Na verdade, não tinha importância. Ela adorava ler, contava-me sempre as histórias que estava a ler e tinha uma maneira de contar que me dava vontade de ler o livro também. Lembro-me de que ela costumava ler na cama e, de vez em quando, eu acordava a meio da noite e ela estava ferrada a dormir, com o livro em cima da mesa de cabeceira e a luz do candeeiro ainda acesa. Tinha de me levantar da cama para a apagar. Acontecia com mais frequência depois de o Jonah nascer... Ela estava sempre cansada, mas agia como se não estivesse. Era maravilhosa com ele. Lembro-me quando o Jonah começou a tentar andar. Devia ter uns sete meses, foi muito cedo. Nem gatinhar sabia, mas já queria andar. A Missy passou semanas a andar pela casa toda encurvada com o Jonah segurado pelos dedos, só porque ele gostava. À noite, estava tão dorida que eu tinha de lhe fazer uma massagem, senão ela não se conseguia mexer no dia seguinte.

Sarah ouvia com atenção e Miles parou por um instante e cruzou o olhar com o dela.

– A Missy nunca reclamava. Acho que essa era a vocação dela. Queria ter quatro filhos, mas, depois de o Jonah nascer, eu dizia-lhe sempre que não era a altura certa, até que ela bateu com o pé. Queria que o Jonah tivesse irmãos e irmãs e, na verdade, eu também queria. Sei por experiência própria como é difícil ser filho único. Gostava de lhe ter dado ouvidos mais cedo. Pelo Jonah, quero dizer.

Sarah engoliu em seco antes de segurar no braço dele, em gesto de incentivo. – Parece ter sido uma mulher incrível.

Uma traineira subia vagarosamente o rio, com os motores a zumbir. Quando a brisa soprou na sua direção, Miles sentiu ao de leve o cheiro do champô de madressilva que Sarah usara.

Passaram algum tempo em silêncio cúmplice, reconfortados como se estivessem dentro de um casulo, como se a presença um do outro os aquecesse na escuridão como um cobertor quente.

Estava a ficar tarde. Hora de terminar o encontro. Por mais que quisesse fazer aquele momento durar para sempre, Miles sabia que era impossível. Tinha prometido a Mrs. Knowlson que chegaria antes da meia-noite.

– É melhor irmos andando – disse.

Cinco minutos depois, em frente ao seu prédio, Sarah largou o braço dele para poder pegar na chave.

– Diverti-me muito – disse ela.

– Eu também.

– Vemo-nos amanhã?

Miles demorou alguns segundos a lembrar-se de que ia assistir ao jogo de Jonah. – Não se esqueça: começa às nove.

– Sabe em que campo vai ser? – perguntou ela.

– Não faço ideia, mas nós vamos lá estar. Fico à espera de a ver chegar.

No breve silêncio que se seguiu, Sarah pensou que Miles talvez fosse tentar beijá-la, mas ele surpreendeu-a dando um passo para trás.

– Bem, tenho de ir...

– Eu sei – disse ela, ao mesmo tempo grata e dececionada por ele não ter tentado. – Cuidado na estrada.

Viu-o virar a esquina em direção a uma pequena carrinha de caixa aberta prateada, abrir a porta e sentar-se ao volante. Miles ainda acenou uma última vez antes de partir.

Sarah ficou no passeio a seguir a luz dos faróis do carro muito depois de ele ter ido embora.

CAPÍTULO 12

Na manhã seguinte, Sarah chegou ao campo de futebol alguns minutos antes de o jogo começar. De calças de ganga e botas, uma camisola grossa de gola alta e óculos escuros, destacava-se entre os pais com ar cansado. Miles não conseguia entender como é que ela conseguia parecer ao mesmo tempo descontraída e elegante.

Do outro lado do campo, Jonah fazia passes com um grupo de amigos, mas, ao vê-la chegar, correu na direção dela para lhe dar um abraço. Depois, pegou-lhe na mão e arrastou-a até onde Miles estava.

– Pai, olha quem eu encontrei – disse. – A professora veio.

– Estou a ver – respondeu Miles, passando a mão no cabelo do filho.

– Parecia perdida, por isso fui buscá-la – explicou Jonah.

– O que seria de mim sem ti, não é, campeão? – disse Miles e olhou para Sarah.

És linda e charmosa, e não consigo parar de pensar em ontem à noite.

Não, não foi isso que Miles disse. Pelo menos o que Sarah ouviu foi: – Olá. Tudo bem?

– Tudo – respondeu. – Se bem que, para mim, é um bocadinho cedo para começar o sábado. Parecia que estava a sair para trabalhar.

Miles viu a equipa começar a juntar-se atrás de Sarah e usou isso como pretexto para fugir ao olhar dela. – Jonah, acho que o teu treinador acabou de chegar...

Jonah virou a cabeça e começou a lutar com a camisola do fato de treino, até Miles o ajudar a tirá-la. A seguir, Miles pôs a camisola debaixo do braço.

– A minha bola? – perguntou Jonah.

– Não a tinhas agora mesmo?

– Sim.

– Então onde está?

– Não sei.

Miles apoiou-se sobre um dos joelhos e começou a pôr a *T-shirt* do filho para dentro dos calções. – Depois encontramos. Não deves precisar dela agora.

– Mas o treinador disse para levarmos a bola para o aquecimento.

– Pede uma emprestada a um colega.

– E depois ele joga com qual? – O tom de Jonah demonstrava preocupação.

– Não vai haver problema. Vá lá. O treinador está à espera.

– De certeza?

– Confia em mim.

– Mas...

– Vá lá. Estão à tua espera.

Dali a instantes, depois de ponderar se o pai tinha ou não razão, Jonah desatou finalmente a correr para se juntar à equipa. Sarah assistiu a tudo com um sorriso e achou graça à interação dos dois.

Miles indicou a mala com um gesto. – Quer um café? Trouxe a garrafa térmica.

– Não, obrigada. Bebi um chá antes de vir.

– De ervas?

– Não, chá preto mesmo.

– Com torrada e geleia?

– Não, com cereais, como sempre. Porquê?

Miles meneou a cabeça. – Nada, curiosidade.

Ouviu-se um apito e as equipas começaram a reunir-se em campo, preparando-se para o jogo.

– Posso fazer-lhe uma pergunta?

– Se não for sobre o meu pequeno-almoço... – disse ela.

– Talvez pareça um bocado estranha.

– Porque será que isso não me espanta?

Miles pigarreou. – Bom, é que estive a pensar se costuma enrolar uma toalha na cabeça depois de tomar banho.

Sarah ficou boquiaberta. – Como?

– Depois do banho... Enrola uma toalha na cabeça ou seca logo o cabelo?

Ela avaliou-o com atenção. – O Miles é engraçado.

– É o que dizem.

– Quem diz?

– As pessoas.

– Ah...

O apito soou outra vez e o jogo começou.

– Mas... e então? – insistiu ele.

– Sim – respondeu ela por fim, com uma gargalhada incrédula. – Enrolo uma toalha na cabeça.

Ele assentiu, satisfeito. – Foi o que eu pensei.

– E já pensou em beber menos cafeína?

Miles fez que não com a cabeça. – Nunca.

– Pois devia.

Miles bebeu mais um gole de café para disfarçar a satisfação. – Já me disseram.

Quarenta minutos depois, o jogo acabou. Apesar de todo o esforço de Jonah, a equipa perdeu. Mas Jonah não pareceu incomodar-se muito com isso. Depois de todos os colegas de equipa se cumprimentarem com um toque nas palmas das mãos uns dos outros, Jonah correu para junto do pai com o amigo Mark no seu encalço.

– Vocês dois jogaram muito bem – assegurou Miles.

Os miúdos murmuraram agradecimentos distraídos, antes de Jonah puxar a camisola do pai.

– Pai?...

– Sim?

– O Mark perguntou se eu posso dormir na casa dele.

Miles olhou para Mark, à espera de uma confirmação. – Ah foi?

Mark assentiu. – A minha mãe deixou, mas pode falar com ela se quiser. Ela está mesmo ali. O Zach também vai.

– Pai, posso? Vá lá! Eu faço os trabalhos assim que chegar a casa – disse Jonah. – Até faço exercícios a mais.

Miles hesitou. Não havia problema... Mas, ao mesmo tempo, havia. Gostava de ter o filho por perto. A casa ficava vazia sem ele. – Tudo bem, se quiseres mesmo ir...

Jonah sorriu, animado, e nem esperou que o pai terminasse a frase. – Obrigado, pai! És o maior.

– Obrigado, Sr. Ryan – disse Mark. – Anda, Jonah. Vamos dizer à minha mãe.

Desataram os dois a correr, empurrando-se um ao outro e atravessando a multidão enquanto riam. Miles virou-se para Sarah, que observava as crianças afastar-se.

– Parece mesmo triste por não me ver hoje à noite.

– Sim, completamente arrasado – concordou Sarah, com um meneio da cabeça.

– Íamos alugar um filme...

Ela encolheu os ombros. – Deve ser terrível ser-se esquecido assim tão facilmente.

Miles riu-se. Estava caidinho com ela, não havia dúvida. Completamente caidinho. – Bom, como estou sozinho e tal...

– Sim?

– Bom... Quero dizer...

Sarah arqueou as sobrancelhas e fitou-o com uma expressão brincalhona.

– Quer-me perguntar outra vez sobre a ventoinha?

Miles abriu um sorriso. Ela nunca o deixaria esquecer aquilo. – Se não tiver outro compromisso... – respondeu, com um ar de falsa segurança.

– O que tinha em mente?

– Tudo menos um jogo de *snooker*.

Sarah riu-se. – E se eu lhe der jantar lá em casa?

– Chá com cereais? – sugeriu ele.

Ela assentiu. – Isso. E prometo enrolar uma toalha na cabeça.

Miles tornou a rir-se. Não merecia aquilo. Realmente não merecia.

– Pai?

Miles empurrou o boné de basebol um pouco mais para trás e ergueu os olhos. Estavam no quintal, a apanhar as primeiras folhas caídas do ano.

– Sim?

– Desculpa não ficar a ver o filme contigo hoje à noite. Só me lembrei há bocado. Ficaste zangado comigo?

Miles sorriu. – Não. Nem um bocadinho.

– Vais alugá-lo mesmo assim?

Miles fez que não com a cabeça. – Provavelmente não.

– Então o que é que vais fazer?

Miles pôs o ancinho de lado, tirou o boné e enxugou a testa com as costas da mão. – Na verdade, acho que vou sair com a tua professora hoje à noite.

– Outra vez?

Miles perguntou-se quanto devia revelar. – Divertimo-nos ontem à noite.

– O que é que fizeram?

– Fomos jantar. Conversámos. Passeámos.

– Só isso?

– Sim, só isso.

– Deve ter sido chato.

– Mas não foi, acredita.

Jonah pensou um pouco. – E hoje vão sair juntos outra vez?

– Sim.

– Está bem – disse Jonah, para em seguida olhar para o lado e concluir: – Então tu gostas dela, não é?

Miles aproximou-se do filho e baixou-se, de forma que ficassem da mesma altura. – Por enquanto somos só amigos.

Jonah pareceu refletir demoradamente sobre o assunto. Miles envolveu-o num abraço e apertou com força. – Adoro-te, filho.

– Eu também te adoro, pai.

– És um bom menino.

– Eu sei.

Miles riu-se e levantou-se, tornando a estender a mão para pegar no ancinho.

– Pai?

– Sim?

– Estou a ficar com fome...

– O que queres comer?

– Podemos ir ao McDonald's?

– Claro. Já há muito tempo que não vamos lá.

– Posso comer um Happy Meal?

– Não achas que estás a ficar grande demais para isso?

– Pai, só tenho sete anos.

– Ah, pois é – disse Miles, como se se tivesse esquecido. – Anda, vamos entrar e tomar banho.

Começaram a caminhar para dentro de casa e Miles passou o braço em volta do filho. Depois de dar alguns passos, Jonah ergueu os olhos.

– Pai?

– Sim?

Jonah deu alguns passos em silêncio. – Não faz mal se gostares da minha professora.

Miles baixou os olhos, surpreso. – Ai é?

– Sim – disse Jonah, sério. – Porque eu acho que ela gosta de ti.

Quanto mais Miles e Sarah saíam juntos, mais os sentimentos se fortaleciam.

Durante o mês de outubro, saíram meia dúzia de vezes, além das ocasiões em que se viram depois das aulas.

Conversavam durante horas, Miles dava a mão a Sarah sempre que andavam juntos e, embora a relação ainda não se tivesse tornado física, havia uma inegável sensualidade subjacente nas suas conversas.

Alguns dias antes do Dia das Bruxas, depois do último jogo de futebol da temporada, Miles perguntou a Sarah se gostaria de sair com ele nessa noite, para fazer o passeio dos fantasmas. Era o aniversário de Mark e Jonah ia dormir na casa do amigo.

– Que passeio é esse? – quis ela saber.

– Visitamos algumas das residências históricas da cidade e ouvimos contar histórias de fantasmas.

– É isso que as pessoas fazem nas cidades pequenas?

– Ou fazemos isso ou podemos sentar-nos no meu alpendre, a mascar tabaco e a tocar banjo.

Ela riu-se. – Acho que prefiro o passeio.

– Também achei. Vou buscá-la às sete?

– Estarei ansiosamente à espera. Jantamos lá em casa depois?

– Ótimo. Mas vou ficar mimado se continuar a cozinhar assim para mim.

– Não faz mal – disse ela, piscando-lhe o olho. – Um pouco de mimo nunca fez mal a ninguém.

CAPÍTULO 13

— Então, do que é que sente mais falta de Baltimore, a grande cidade? — perguntou Miles a Sarah quando saíram do prédio dela mais tarde nessa noite.

— Das galerias, dos museus, dos espetáculos. De restaurantes abertos depois das nove da noite.

Miles riu-se. — Mas do que é que sente *mais* falta?

Sarah passou o braço no dele. — Dos cafés. Podia ficar horas sentada naqueles cafés, a beber chá enquanto lia o jornal de domingo. Era bom poder fazer isso lá no centro da cidade. De certa forma, era como um pequeno oásis, porque toda a gente que passava na rua parecia ir a correr para algum lugar.

Caminharam em silêncio por instantes.

— Também pode fazer isso aqui, sabia? — disse Miles por fim.

— Ah, sim?

— Claro. Há um lugar assim, ali, na Broad Street.

— Nunca vi.

— Bom, não é exatamente um café.

— Então o que é?

Ele encolheu os ombros. — Um posto de gasolina, mas tem um banco confortável do lado de fora, e tenho a certeza de que eles lhe arranjarão uma chávena de água quente se levasse o seu saquinho de chá de casa.

Ela soltou uma gargalhada. — Parece irresistível.

Quando atravessaram a rua, foram ultrapassados por um grupo de pessoas que também iam, claramente, participar do passeio. Estavam vestidas com roupas de época e pareciam recém-chegadas do século xviii — saias grossas e pesadas para as mulheres, calças pretas e botas de cano alto, colarinhos grandes e chapéus de aba larga para os homens. Na esquina, o grupo tomou duas direções opostas. Miles e Sarah seguiram o grupo mais pequeno.

— Sempre morou aqui, não é? — indagou Sarah.

— Sim, tirando os anos da faculdade.

– Nunca se quis mudar? Ter outras experiências?

– Como frequentar cafés?

Ela acotovelou-o, brincalhona. – Não, não é só isso. As cidades grandes têm uma vibração, uma animação que não existe nas cidades pequenas.

– Não duvido. Mas, para ser sincero, nunca me interessei muito por esse tipo de coisa. Não preciso disso para ser feliz. Um lugarzinho tranquilo para descansar ao final do dia, vistas agradáveis, alguns bons amigos. O que é que uma pessoa quer mais?

– Como foi crescer aqui?

– Costumava ver a série de televisão *The Andy Griffith Show*? A cidadezinha de Mayberry?

– Sim, claro que via a série.

– Então, foi mais ou menos assim. New Bern não era uma cidade tão pequena como a da série, claro, mas tinha ar disso. Parecia indubitavelmente segura. Quando eu era pequeno, com sete ou oito anos, lembro-me de que saía com os meus amigos para pescar, aventurar-me pelas matas ou brincar sozinho e só voltava na hora do jantar. Os meus pais não ficavam nada preocupados, porque não tinham motivo para isso. Às vezes, passávamos a noite inteira acampados à beira do rio e a ideia de que nos pudesse acontecer alguma coisa má nunca nos passava sequer pela cabeça. É uma maneira maravilhosa de passar a infância e eu queria que o Jonah também tivesse a oportunidade de crescer assim.

– Deixaria o Jonah passar a noite acampado à beira do rio?

– Nem pensar – respondeu ele. – As coisas mudaram, mesmo na pequena New Bern.

Estacionou um carro a seu lado, quando chegaram à esquina. Um pouco mais abaixo na rua, havia grupos de pessoas a entrar e a sair de várias casas.

– Somos amigos, não somos? – perguntou Miles.

– Gosto de pensar que sim.

– Importava-se que eu lhe perguntasse uma coisa?

– Acho que depende da pergunta.

– Como era o seu ex-marido?

Ela olhou-o de lado, surpreendida. – O meu ex-marido?

– Tenho andado a pensar nisso. Nunca falou sobre ele durante as nossas conversas.

Sarah não disse nada, prestando uma súbita atenção ao passeio à sua frente.

– Se preferir não responder, não é preciso – disse Miles. – Mas tenho a certeza de que isso não ia mudar a impressão que tenho dele.

– E que impressão é essa?

– Não gosto dele.

Sarah riu-se. – Porque é que diz isso?

– Porque a Sarah não gosta.

– É muito observador.

– É por isso que trabalho na manutenção da segurança pública – brincou. Depois, bateu com um dedo na têmpora e piscou o olho a Sarah. – Consigo detetar pistas que as pessoas comuns não percebem.

Ela sorriu e deu-lhe um apertão ligeiro no braço. – Tudo bem... Ora, o meu ex-marido: chamava-se Michael King e conhecemo-nos logo depois de ele acabar o MBA. Fomos casados três anos. Era rico, instruído, bonito... – Sarah enumerou as qualidades e, quando fez uma pausa, Miles assentiu com a cabeça.

– Hum... Já percebi porque é que não gosta dele.

– Não me deixou acabar.

– Há mais?

– Quer mesmo ouvir?

– Desculpe. Pode continuar.

Sarah hesitou antes de finalmente prosseguir.

– Bom, durante os dois primeiros anos, fomos felizes... pelo menos eu fui. Tínhamos um apartamento lindo, passávamos os tempos livres juntos e eu achava que o conhecia. Mas não conhecia. Pelo menos não de verdade. No final, discutíamos todos os dias, mal conversávamos e... não resultou, só isso – terminou ela, depressa.

– De um momento para o outro? – perguntou Miles.

– De um momento para o outro – respondeu Sarah.

– E ainda o vê de vez em quando?

– Não.

– Gostava de ver?

– Não.

– Foi assim tão mau?

– Pior.

- Desculpe ter puxado o assunto – disse Miles.
- Não tem de pedir desculpa. Estou melhor sem ele.
- Quando é que soube que tinha acabado?
- Quando ele me entregou os papéis do divórcio.
- Não estava à espera?
- Não.

– Eu já sabia que não ia gostar dele – disse Miles. Mas também sabia que ela não lhe tinha contado tudo.

Sarah fez-lhe um sorriso grato. – Talvez seja por isso que nos damos tão bem. Vemos as coisas da mesma maneira.

– Exceto, é claro, no que toca às maravilhas da vida numa cidade pequena, não é?

- Eu nunca disse que não gostava desta cidade.
- Mas conseguia ver-se a morar num sítio como este?
- Para sempre?
- Tem de reconhecer que é agradável.
- E é, mesmo. Já disse que sim.
- Mas, a longo prazo, não é para si.
- Acho que depende.
- De quê?

Ela sorriu-lhe. – Da minha razão para ficar.

Miles fitou-a e não pôde deixar de imaginar que as palavras dela eram ou um convite ou uma promessa.

A Lua começou a subir no seu vagaroso arco noturno, reluzindo amarela e depois avermelhada quando surgiu por trás do telhado velho da residência Travis-Banner, primeira paragem no passeio dos fantasmas. A casa antiga, de dois andares, em estilo vitoriano, tinha um alpendre amplo a toda a volta e necessitava desesperadamente de uma pintura. Reuniu-se um grupo pequeno no alpendre, quando duas mulheres vestidas de bruxas começaram a servir sidra de um grande caldeirão e a fingir invocar o espírito do primeiro dono da casa, um lenhador decapitado por acidente. A porta da frente estava aberta e, lá de dentro, vinham ruídos de casa assombrada de um parque de diversões: gritos agudos de terror, ranger de portas, baques estranhos, gargalhadas maquiavélicas. De repente, as duas bruxas baixaram

as cabeças, as luzes do alpendre apagaram-se e um fantasma decapitado fez uma aparição dramática no saguão atrás do público – era uma forma escura vestida com uma capa, de braços estendidos e ossos expostos nas mãos. Uma mulher soltou um grito e deixou cair o copo de sidra no chão do alpendre. Sarah aproximou-se instintivamente de Miles, virando-se para ele ao mesmo tempo que lhe segurou o braço com uma força que o deixou espantado. De perto, os cabelos dela pareciam macios e, embora não fossem da mesma cor dos de Missy, Miles lembrou-se da sensação de correr os dedos pelo cabelo da mulher quando estavam na cama. Um minuto depois, em resposta aos feitiços das bruxas, o fantasma desapareceu e as luzes tornaram a acender-se. O público dispersou-se, entre risos nervosos.

Ao longo das duas horas seguintes, Miles e Sarah visitaram várias casas. Nalgumas, foram convidados a entrar para fazer uma visita breve; noutras, permaneceram no saguão ou foram recebidos no jardim com relatos sobre a história delas. Enquanto iam de casa em casa, Miles, que já tinha feito aquele passeio, sugeria os locais mais interessantes e entretinha Sarah com histórias sobre as residências que não faziam parte do percurso daquele ano.

Caminhavam pelos passeios de cimento rachado conversando em sussurros, saboreando a noite. Com o tempo, o grupo começou a dispersar-se e algumas casas fecharam portas. Quando Sarah perguntou se ele tinha fome para jantar, Miles fez que não com a cabeça.

– Falta uma paragem – disse.

Conduziu-a pela rua, segurando-lhe na mão, a que fazia leves carícias com o polegar. Uma coruja piou quando passaram sob uma nogueira imponente. Mais adiante, um grupo de pessoas vestidas de fantasmas entrava numa camioneta. Na esquina, Miles apontou para uma casa grande de dois andares e desprovida dos visitantes com que Sarah contava. As janelas estavam completamente escuras, como se tivessem sido lacradas por dentro. A única luz vinha de algumas velas dispostas ao longo da balaustrada do alpendre e junto de um pequeno banco de madeira perto da porta da frente. Ao lado do banco, estava uma senhora sentada numa cadeira de baloiço, com um cobertor sobre os joelhos. À luz mortiça, parecia quase um manequim. Tinha cabelos brancos e ralos, o corpo, frágil e encarquilhado. A luz tremeluzente das velas fazia a pele dela parecer translúcida, e o rosto exibia rugas profundas, como rachas numa chávina

antiga. Miles e Sarah sentaram-se no banco de baloiço do alpendre, enquanto a velha os estudava.

– Boa noite, Miss Harkins – disse Miles, devagar. – Teve muitas visitas hoje?

– As mesmas de sempre – respondeu a senhora. Tinha a voz áspera de uma fumadora inveterada. Estreitou os olhos na direção de Miles, como se tentasse vê-lo ao longe: – Quer dizer que vieram ouvir a história de Harris e Kathryn Presser?

– Achei que ela devia ouvi-la – respondeu Miles, solene.

Por um instante, os olhos de Miss Harkins pareceram cintilar. Estendeu a mão para pegar na chávena de chá a seu lado.

Miles passou o braço pelo ombro de Sarah e puxou-a para si. Ela sentiu-se relaxar ao toque dele.

– Vai gostar – sussurrou Miles. O hálito dele fez a pele de Sarah ser percorrida por um arrepio.

Já estou a gostar, pensou Sarah.

A senhora pousou a chávena de chá. Quando falou, fê-lo num sussurro.

*Há fantasmas e amor,
Nesta história que conto,
E talvez, a quem puder ouvi-la,
O amor venha ao seu encontro.*

Sarah lançou um olhar rápido e discreto a Miles.

– Harris Presser – começou Miss Harkins – nasceu em 1843, filho dos donos de uma pequena loja que fabricava velas no centro de New Bern. Como muitos rapazes da sua época, quis servir a Confederação quando a guerra pela independência do Sul começou. Como era filho único, porém, tanto a mãe como o pai lhe imploraram que não fosse. Com a cedência aos apelos deles, Harris Presser selou para sempre o seu destino.

Nesse ponto, Miss Harkins parou e olhou para eles.

– Apaixonou-se – disse, baixinho.

Por um segundo, Sarah perguntou-se se a senhora estaria a referir-se a eles também. As sobrancelhas da senhora arquearam-se ligeiramente, como se tivesse lido os pensamentos da ouvinte, e Sarah olhou para o lado.

– Kathryn Purdy tinha apenas 17 anos e, tal como Harris, era filha única. Os pais dela eram donos do hotel e da madeireira, a família mais rica da cidade. Não tinham relações com os Pressers, mas ambas as famílias ficaram em New Bern quando a cidade caiu nas mãos das forças unionistas, em 1862. Apesar da guerra e da ocupação, Harris e Kathryn começaram a encontrar-se à beira do rio Neuse nos fins de tarde de verão, apenas para conversar, e os pais de Kathryn acabaram por descobrir. Ficaram zangados e proibiram a filha de tornar a ver Harris, já que os Pressers eram considerados gente modesta. A proibição só uniu ainda mais o jovem casal. No entanto, não era fácil encontrarem-se. Com o tempo, forjaram um plano para escapar aos olhos atentos dos pais de Kathryn. Harris ficava na loja de velas dos pais, mais abaixo na rua, à espera do sinal. Quando os pais dela adormeciam, Kathryn acendia uma vela no peitoril da janela e Harris ia até sua casa. Escalava o carvalho enorme logo em frente da janela dela e ajudava-a a descer. Assim, podiam encontrar-se sempre que quisessem. Com o passar dos meses, apaixonaram-se cada vez mais.

Miss Harkins bebeu outro gole de chá e semicerrou ligeiramente os olhos. A voz dela adquiriu um tom mais sombrio.

– Por essa altura, as forças unionistas aumentavam a pressão sobre os estados do Sul: as notícias da Virgínia eram desanimadoras e, segundo os boatos, o general Lee marcharia de lá com o seu exército, para tentar reconquistar o Leste da Carolina do Norte. Foi instaurado o recolher obrigatório na cidade e qualquer pessoa surpreendida na rua à noite, principalmente os rapazes, corria o risco de ser morta. Sem se poder encontrar com Kathryn, Harris passou a trabalhar até mais tarde na loja dos pais e a acender uma vela na janela da loja, para que a sua amada soubesse que ele ansiava vê-la. Assim foi durante várias semanas, até que um dia, graças à ajuda de um padre que se compadeceu da história, Harris conseguiu mandar um recado a Kathryn, pedindo-lhe que fugisse consigo. Caso a resposta fosse sim, ela devia pôr duas velas na janela: a primeira significava que aceitava o pedido, a segunda era um sinal de que seria seguro ir buscá-la. Nessa noite, as duas velas foram acesas e, apesar de todos os obstáculos, conseguiram casar-se sob a lua cheia, numa cerimónia realizada pelo mesmo padre que tinha transmitido o recado. Todos tinham arriscado a vida em nome do amor.

«Infelizmente, porém, os pais de Kathryn encontraram uma carta que Harris lhe enviara. Irados, confrontaram a filha e ela desafiou-os, afirmando que não havia nada que pudessem fazer àquele respeito. Infelizmente, não estava inteiramente certa...

«Alguns dias depois, o pai de Kathryn, que tinha relações profissionais com o coronel unionista responsável pela ocupação, entrou em contacto com o coronel e disse que havia um espião à solta que vinha transmitindo informações secretas sobre as defesas da cidade ao general Lee. À luz dos boatos sobre a provável invasão de Lee, Harris Presser foi preso na loja dos pais. Antes de ser levado para a forca, fez um último pedido: que acendessem uma vela na janela da loja. Assim foi feito e Harris Presser foi enforcado naquela mesma noite, nos galhos do carvalho gigante em frente da janela de Kathryn. Ela ficou desolada, e sabia que o culpado fora o próprio pai.

«Foi então visitar os pais de Harris e pediu-lhes a vela que estava acesa na janela no dia em que ele morrera. Transtornado de dor, o casal não soube como interpretar o estranho pedido, mas ela explicou-lhes que desejava ficar com algo que a recordasse do ‘rapaz gentil que sempre se mostrara tão cortês para com ela’. Entregaram-lhe a vela, e naquela noite Kathryn acendeu-a ao lado da outra, no peitoril da sua janela. Os pais encontraram-na no dia seguinte. Enforcara-se no mesmo carvalho gigante.

No alpendre, Miles puxou Sarah para mais perto de si. — O que está a achar até agora? — perguntou, com um sussurro.

— *Chiu* — respondeu ela. — Acho que estamos a chegar à parte dos fantasmas.

— As velas arderam a noite inteira e ainda no dia seguinte, até se tornarem apenas dois tocos de cera. Mesmo assim, continuaram acesas. Duraram toda a noite seguinte e a noite posterior. Arderam três dias inteiros, o tempo que Kathryn e Harris tinham sido casados, e depois apagaram-se. No ano seguinte, no aniversário de casamento de Kathryn e Harris, o quarto vazio de Kathryn pegou fogo sob circunstâncias misteriosas, mas a casa salvou-se. A família Purdy foi alvo de outros infortúnios: o hotel perdeu-se numas cheias e a madeireira foi confiscada para saldar dívidas. Arruinados, os pais de Kathryn mudaram-se e abandonaram a casa. Mas...

Miss Harkins inclinou-se para a frente com uma expressão travessa nos olhos. A voz dela transformou-se num sussurro.

– De vez em quando, as pessoas juravam ter visto duas velas acesas na janela do andar de cima. Outras juravam que era apenas uma, mas que havia uma segunda vela acesa noutra casa abandonada mais abaixo na mesma rua. Ainda hoje, mais de cem anos depois, há quem diga ver velas acesas nas janelas de algumas casas abandonadas deste bairro. O estranho é que só os casais jovens apaixonados as veem. Se vocês irão vê-las ou não, vai depender do que sentem um pelo outro.

Miss Harkins fechou os olhos, como se contar a história lhe tivesse exaurido as forças. Passou um minuto imóvel, enquanto Sarah e Miles permaneceram sentados, quietos, com medo de quebrar o encantamento. Por fim, a senhora tornou a abrir os olhos e estendeu a mão para a chávena de chá.

Depois de se despedirem, Miles e Sarah desceram os degraus do alpendre e afastaram-se da casa pelo caminho de cascalho. Antes de chegarem à rua, Miles tornou a segurar a mão de Sarah. Como se ainda estivessem sob o poder da história de Miss Harkins, nenhum dos dois disse nada durante algum tempo.

– Que bom que fomos lá – disse Sarah, por fim.

– Então gostou?

– Todas as mulheres adoram histórias românticas.

Viraram a esquina e avançaram em direção a Front Street. Mais à frente, podia ver-se o brilho negro do rio a correr preguiçosamente entre as casas.

– Já tem fome para jantar?

– Daqui a pouco – respondeu ele, diminuindo o passo até parar.

Ela fitou-o. Por cima do ombro dele, viu traças a voar em redor dos candeeiros que iluminavam a rua. O olhar de Miles caía longe, na direção do rio. Sarah olhou no mesmo sentido, mas não viu nada fora do normal.

– O que foi? – perguntou.

Miles abanou a cabeça, tentando desanuviar a mente. Quis recomeçar a andar, mas não conseguiu. Em vez disso, deu um passo na direção de Sarah e puxou-a delicadamente para si. Ela deixou-se levar e sentiu uma contração na barriga. Miles inclinou-se sobre Sarah, que fechou os olhos. Quando os seus rostos se encontraram, foi como se nada mais no mundo importasse.

O beijo foi demorado e, quando terminou, Miles abraçou Sarah, enterrando o rosto no pescoço dela. Depois beijou-lhe o ombro. Sarah

sentiu um calafrio e deixou o corpo pesar sobre o dele, saboreando a sensação de segurança daqueles braços enquanto o resto do mundo seguia o seu curso.

Alguns minutos depois, voltaram para o apartamento dela, conversando baixinho enquanto ele lhe acariciava as costas da mão com o polegar.

À chegada, Miles pendurou o casaco nas costas da cadeira, enquanto Sarah foi à cozinha. Pensou se ela estaria a perceber que ele a observava.

– O que vamos jantar? – perguntou.

Sarah abriu a porta do frigorífico e tirou uma travessa grande coberta com papel de alumínio. – Lasanha, pão francês e salada. Pode ser?

– Parece delicioso. Posso ajudar em alguma coisa?

– Está quase pronto – respondeu Sarah enquanto punha a travessa no forno. – Só tem de aquecer mais ou menos meia hora. Se quiseres, podes acender a lareira. E abrir o vinho. Está em cima da bancada.

– Está bem – disse ele.

– Volto já – disse Sarah por cima do ombro, enquanto se encaminhava para o quarto.

Lá dentro, pegou numa escova e começou a pentear-se.

Por mais que quisesse negar, o beijo deixara-a um pouco abalada. Pressentia que aquele era um momento decisivo na relação e estava com medo. Sabia que teria de contar a Miles o verdadeiro motivo do fracasso do seu casamento, mas não era um assunto fácil de abordar. Sobretudo com alguém de quem gostava.

Por mais que soubesse que Miles também gostava dela, não podia prever a reação dele nem se a notícia mudaria o que sentia por ela. Não tinha dito que gostava que Jonah tivesse irmãos? Estaria disposto a abrir mão disso?

Sarah olhou para o próprio reflexo no espelho.

Não queria contar-lhe já, mas sabia que teria de o fazer se quisesse que a relação avançasse. Mais do que tudo, não queria que a história se repetisse, que Miles fizesse o mesmo que Michael fizera. Não aguentaria passar por aquilo outra vez.

Parou de escovar os cabelos, verificou a maquilhagem, por força do hábito, e, decidida a contar a verdade a Miles, encaminhou-se para a porta.

No entanto, não saiu. Em vez disso, sentou-se de repente na borda da cama. Estaria mesmo preparada?

Naquele instante, a resposta à pergunta assustava-a tanto, que nem sequer conseguia explicá-lo.

Quando Sarah finalmente saiu do quarto, o fogo na lareira já ardia. Miles voltava da cozinha com a garrafa de vinho na mão.

– Bebidas a caminho – disse ele, erguendo a garrafa um pouco mais alto.

– É uma rica ideia – comentou Sarah.

Miles achou o comentário dela estranho. Ficou inseguro quanto ao que fazer. Sarah instalou-se no sofá e, instantes depois, ele pousou a garrafa sobre a mesa de centro e sentou-se a seu lado. Sarah passou muito tempo apenas a beber o seu copo de vinho, sem dizer nada. Por fim, Miles estendeu a mão para segurar na dela.

– Está tudo bem? – indagou.

Sarah agitou delicadamente o copo. – Há uma coisa que ainda não te contei – começou ela, baixinho.

Miles ouvia o barulho dos carros a passar na rua. A lenha estalava na lareira, fazendo uma chuva de faíscas subir pela chaminé. Sombras dançavam nas paredes.

Sarah sentou-se sobre uma das pernas. Miles observou-a em silêncio e depois apertou-lhe levemente a mão, como incentivo. Sabia que ela se preparava para falar.

Aquilo pareceu despertá-la. Miles viu o reflexo das chamas cintilar nos olhos dela.

– Miles, és um homem bom e estas últimas semanas significaram realmente muito para mim – disse Sarah e tornou a calar-se.

Miles teve um mau pressentimento e perguntou-se o que teria acontecido nos poucos minutos que ela passara no quarto. Enquanto a observava, sentiu um frio na barriga.

– Lembras-te quando quiseste saber sobre o meu ex-marido?

Miles assentiu.

– Eu não te contei a história toda. Havia mais uma coisa que não te disse... Não sei exatamente como falar dela.

– Porquê?

Ela olhou para o lume. – Porque estou com medo do que vais pensar.

Por causa do que via no trabalho, Miles pensou em várias possibilidades – que o ex-marido a tivesse agredido ou magoado de outra forma, que Sarah tivesse terminado o casamento ferida de alguma maneira. Os divórcios eram sempre dolorosos, mas a expressão dela sugeria muito mais do que apenas isso.

Sorriu, torcendo para que Sarah dissesse alguma coisa, mas ela permaneceu calada.

– Sarah, ouve – disse, por fim. – Não precisas de me contar nada que não queiras. Não te vou fazer mais perguntas sobre isso. É um assunto teu. Durante estas últimas semanas, já me contaste coisas suficientes a teu respeito para eu saber o tipo de pessoa que és, e para mim só isso é que importa. Não preciso de saber tudo sobre ti e, para ser sincero, duvido de que o que vás dizer, seja lá o que for, possa mudar o que sinto.

Sarah sorriu, mas continuou sem o olhar nos olhos. – Lembras-te quando te pedi que falasses sobre a Missy? – perguntou.

– Lembro.

– Lembras-te das coisas que me disseste sobre ela?

Miles assentiu.

– Eu também me lembro – disse Sarah, encarando-o pela primeira vez. – Quero que saibas que nunca vou poder ser como ela.

Miles franziu o cenho. – Eu sei – disse. – Nem espero que tu...

Ela levantou a mão. – Não, Miles, não estás a perceber. Não é que eu ache que possas estar atraído por mim por teres visto alguma semelhança com a Missy. Sei que não é isso. Não me expliquei bem.

– Então o que é? – perguntou ele.

– Lembras-te quando me disseste como ela era boa mãe? E como vocês queriam que o Jonah tivesse irmãos? – Sarah fez uma pausa rápida, sem esperar resposta. – Eu nunca vou poder ser assim. Foi por isso que o Michael me abandonou.

Os olhos dela prenderam-se finalmente nos dele. – Eu não consegui engravidar. Mas não foi por causa dele, Miles. Com ele, estava tudo bem. O problema era eu.

E então, para não restarem dúvidas, caso ele não tivesse percebido, Sarah disse-o com a maior clareza de que foi capaz.

– Não posso ter filhos. Nunca vou poder.

Miles não disse nada. Depois de um longo intervalo, Sarah continuou.

– Não imaginas como foi difícil descobrir isto. Parecia tão irónico. Tinha passado anos a tentar não engravidar. Entrava em pânico sempre que me esquecia de tomar a pílula. Jamais me ocorreu que talvez não pudesse ter filhos.

– Como é que descobriste?

– Da maneira habitual. Não aconteceu. Depois, fizemos alguns exames e descobrimos.

– Sinto muito – foi a única coisa que Miles conseguiu dizer.

– Eu também – desabafou ela, exalando com força, como se ainda tivesse dificuldade em acreditar. – E o Michael também. Mas ele não aguentou. Eu disse-lhe que podíamos adotar e que não teria o menor problema com isso, mas ele recusou-se sequer a ponderar essa possibilidade, porque a família dele não aceitaria.

– Estás a brincar...

Sarah fez que não com a cabeça. – Antes estivesse. Quando olho para trás, penso que não devia ter ficado surpreendida. Quando começámos a namorar, ele estava sempre a dizer que eu era a mulher mais perfeita do mundo. Assim que aconteceu algo que contradisse isso, ele desistiu de tudo o que existia entre nós. – Sarah fitou o copo de vinho. Quase parecia estar a falar consigo mesma. – Pediu o divórcio e eu saí de casa uma semana depois – continuou.

Miles pegou na mão dela sem dizer nada e meneou a cabeça, encorajando-a a prosseguir.

– Depois disso... Bom, não tem sido fácil. Afinal, não é assunto para se conversar numa festa ou assim. Os meus pais e o meu irmão sabem e conversei muito com a Sylvia. Ela foi minha terapeuta e ajudou-me muito, mas só essas pessoas é que sabiam. E agora tu...

Sarah não completou a frase. À luz da lareira, Miles pensou que ela estava mais linda do que nunca. Os cabelos dela absorviam fragmentos de luz e irradiavam-nos, formando um halo.

– Porque é que me contaste? – perguntou ele, por fim.

– Não é óbvio?

– Nem por isso.

– Achei que devias saber, só isso. Quero dizer, antes de... Como já disse, não quero que aconteça outra vez... – Sarah olhou para o lado.

Miles virou delicadamente o rosto dela na sua direção. – Achas mesmo que eu faria isso?

Sarah fitou-o com tristeza. – Ah, Miles, é fácil dizer que não tem importância agora. O que me preocupa é como te vais sentir depois de teres tempo para pensar no assunto. Digamos que continuamos a sair e que as coisas correm bem como correram até agora. Vais conseguir dizer com sinceridade que isto não importa? Que poder ter outros filhos não seria importante para ti? Que o Jonah nunca teria um irmão ou irmã a correr pela casa?

Sarah aclarou a garganta antes de continuar. – Sei que estou a pôr o carro à frente dos bois, e não penses que te estou a contar isto para te pressionar com a ideia de casamento. Mas tinha de te contar a verdade para saberes no que te estás a meter... antes que tudo se torne mais sério. Não posso ir mais longe, se não tiver a certeza de que não vais virar as costas e fazer o mesmo que o Michael. Se não der certo por algum outro motivo, tudo bem, eu aguento. Mas não tenho forças para enfrentar a mesma coisa uma segunda vez.

Miles olhou para o seu copo e viu a luz do lume refletida. Percorreu a borda com a ponta do dedo.

– Também há uma coisa sobre mim que deves saber – disse. – Passei por um período muito difícil depois de a Missy morrer. Não só por ela ter morrido, mas também por nunca ter descoberto quem estava a conduzir o carro naquela noite. Era minha obrigação, como marido dela e como agente da lei. E, durante muito tempo, só consegui pensar nisso: quem ia a conduzir. Fiz uma investigação particular, falei com várias pessoas, mas o responsável nunca apareceu e não podes imaginar como isso me atormentou. Durante muito tempo, tive a sensação de que ia enlouquecer, mas ultimamente...

A voz dele fez-se mais terna quando a encarou:

– Acho que o que estou a tentar dizer, Sarah, é que não preciso de tempo. Sei lá, simplesmente sei que falta algo na minha vida e que, antes de te conhecer, nem me dava conta disso. Se quiseses que eu pense um pouco no assunto, vou pensar. Mas seria por tua causa, não por mim. Não me disseste nada capaz de mudar o que sinto por ti. Não sou igual ao Michael. Nunca seria.

O relógio do forno disparou na cozinha, fazendo com que ambos se virassem. A lasanha estava pronta, mas nenhum dos dois se mexeu. Sarah, de repente, sentiu uma tontura, mas não soube se era por causa do vinho ou das palavras de Miles. Com cuidado, pousou o copo sobre a mesa, inspirou devagar e levantou-se.

– Vou tirar a lasanha do forno antes que se queime.

Na cozinha, parou para se apoiar na bancada e tornou a ouvir as palavras dele.

Não preciso de tempo.

Não me disseste nada capaz de mudar o que sinto por ti.

Não tinha importância para ele. E o melhor de tudo era que ela acreditava. As coisas que ele tinha dito, o modo como olhara para ela... Desde o divórcio, Sarah quase tinha passado a acreditar que nunca encontraria ninguém que a percebesse.

Deixou a travessa de lasanha em cima do fogão. Quando voltou para a sala, Miles estava sentado no sofá a olhar para a lareira. Instalou-se ao lado dele e recostou a cabeça no seu ombro, deixando que a puxasse para mais perto. Enquanto observavam o lume, Sarah sentia o peito dele subir e descer suavemente. A mão dele deslocava-se ritmadamente sobre a sua pele, ericando-a nos pontos em que tocava.

– Obrigado por confiares em mim – disse ele.

– Não tive alternativa.

– Temos sempre alternativa.

– Não desta vez. Não contigo.

Sarah levantou a cabeça e, sem dizer mais nada, encostou os lábios ao de leve nos dele, uma vez, depois duas, antes de se entregar ao beijo por completo. Os braços dele subiram-lhe pelas costas enquanto ela abria a boca e Sarah sentiu-se embriagada quando a língua dele se encostou à sua. Levou uma das mãos ao rosto dele, sentiu a aspereza da barba sob os dedos e depois roçou os lábios nela. Miles correspondeu descendo a boca pelo pescoço dela, mordiscando e beijando ao de leve, incendiando-lhe a pele com o hálito quente.

Passaram muito tempo a fazer amor, até o lume na lareira se extinguir e pintar a sala de sombras mais escuras. Durante a noite, Miles sussurrou-lhe no escuro, sem parar de a acariciar, como se estivesse a tentar convencer-se de que ela era real. Em duas ocasiões, levantou-se para pôr mais lenha na

lareira. Sarah foi buscar um cobertor ao quarto para se aquecerem e, algures durante a madrugada, perceberam que estavam famintos. Comeram ambos da travessa de lasanha, em frente do lume e, por algum motivo, o facto de comerem juntos, nus debaixo do cobertor, pareceu-lhes quase tão sensual como qualquer outra coisa que tivesse acontecido naquela noite.

Pouco antes de o Sol raiar, Sarah adormeceu finalmente e Miles carregou-a até ao quarto, fechou os cortinados e deitou-se ao lado dela na cama. O dia amanheceu nublado e chuvoso e dormiram quase até ao meio-dia – pelo que se lembravam, era a primeira vez que tanto um como o outro o fazia.

Sarah foi a primeira a acordar. Sentiu Miles aninhado contra si, com um braço por cima dela, e mexeu-se. Isso bastou para o acordar. Miles ergueu a cabeça da almofada e ela encarou-o. Ele traçou com o dedo o contorno do rosto dela, tentando engolir o nó que se lhe havia formado na garganta.

– Amo-te – disse ele, sem conseguir conter as palavras.

Sarah pegou nas mãos dele e levou-as ao peito.

– Ah, Miles, eu também te amo – sussurrou.

CAPÍTULO 14

Durante os dias seguintes, Sarah e Miles passaram o tempo livre sempre juntos – não só a sair, mas também em casa. Em vez de tentar entender o que aquilo significava, Jonah preferiu não fazer perguntas. Mostrou a Sarah a sua coleção de cromos de baseball, falou-lhe sobre pesca e ensinou-a a lançar um anzol. Às vezes, surpreendia Sarah, ao pegar-lhe na mão para a levar a ver qualquer coisa nova.

Miles assistia a tudo de longe, ciente de que Jonah precisava de perceber onde é que Sarah se encaixava no mundo dele e o que é que sentia por ela. Sabia que o facto de ela não ser uma desconhecida facilitava as coisas. Mesmo assim, não conseguia esconder o alívio que sentia ao vê-los dar-se tão bem.

No Dia das Bruxas, foram à praia e passaram a tarde a apanhar conchas. Depois, andaram a pedir doces pela vizinhança. Jonah foi de casa em casa com um grupo de amigos, e Miles e Sarah seguiram atrás, com outros pais.

Quando a notícia se espalhou pela cidade, Brenda encheu Sarah de perguntas. Charlie também comentou a novidade. «Amo-a, Charlie», disse Miles, simplesmente, e embora Charlie, por ser à moda antiga, se tivesse perguntado se as coisas não tinham evoluído depressa demais, deu uma pancadinha nas costas do amigo e convidou o casal para jantar.

A relação progrediu tão depressa, que parecia um sonho. Quando estavam separados, Miles e Sarah sentiam uma ânsia desesperada de se ver; quando estavam juntos, ansiavam por mais tempo. Encontravam-se para almoçar, falavam ao telefone e faziam amor sempre que tinham algum momento tranquilo.

Apesar da atenção que dava a Sarah, Miles também fazia questão de passar o máximo de tempo que pudesse sozinho com Jonah. Por sua vez, Sarah esforçava-se por manter as coisas o mais normais possível para Jonah. Nas aulas extras que tinha com ele depois do horário, tentava tratá-lo como antes: como um aluno que precisava de ajuda. Mesmo tendo a

impressão de que ele às vezes parava o que estava a fazer para a observar com um ar avaliador, Sarah não fazia nenhum comentário.

Em meados de novembro, três semanas depois de ela e Miles terem feito amor pela primeira vez, Sarah diminuiu de três para um o número de dias que Jonah tinha de ficar na escola depois das aulas. Ele tinha recuperado quase todo o atraso: estava a ir bem na leitura e na redação e, embora ainda precisasse de uma ajuda na matemática, Sarah calculou que uma vez por semana bastaria. Nessa noite, Miles e Sarah levaram Jonah a uma pizaria para comemorar.

Mais tarde, porém, quando deitava Jonah, Miles reparou que o filho estava mais quieto do que o normal.

– Que cara é essa, campeão?

– Estou um bocado triste.

– Porquê?

– Porque já não vou ter de ficar tantos dias na escola depois das aulas – respondeu Jonah, sincero.

– Pensei que não gostavas de ficar na escola depois das aulas.

– No começo não, mas agora gosto.

– Ai é?

Jonah assentiu. – A professora faz-me sentir especial.

*

– Ele disse isso?

Miles assentiu. Estava sentado com Sarah nos degraus em frente de sua casa, a ver Jonah e Mark saltarem de bicicleta sobre uma rampa de madeira na entrada da garagem. Sarah abraçou as próprias pernas, encolhidas junto ao peito.

– Disse. – Jonah passou acelerado por eles, com Mark logo atrás. Iam diretos à relva, prontos para darem meia-volta e repetirem o salto. – Para dizer a verdade, estava preocupado sobre como é que ele ia lidar com o facto de nos ver juntos, mas parece que está tudo bem – disse Miles.

– Que bom.

– E, na escola, como é que ele está a lidar com isto?

– Na verdade, não notei nenhuma mudança grande. Nos primeiros dias, acho que algumas crianças da turma lhe fizeram perguntas, mas agora

parece tudo mais calmo.

Jonah e Mark passaram acelerados outra vez, alheios à presença deles.

– Queres passar o Dia de Ação de Graças comigo e com o Jonah? – perguntou Miles. – Tenho de trabalhar à noite, mas podemos almoçar aqui, se não tiveres outro compromisso.

– Não posso. O meu irmão vem da faculdade e a minha mãe vai fazer um grande almoço para a família. Convidou uma quantidade de gente, tias, tios, primos e os meus avós também. Acho que ela não percebia se eu dissesse que não ia.

– Pois. Imagino que não.

– Mas ela quer conhecer-te. Está-me sempre a pedir para te levar lá.

– E porque é que não levas?

– Não achei que estivesse pronto ainda – disse ela, piscando-lhe o olho.

– Não te queria assustar.

– Ela não pode ser assim tão má.

– Não tenhas tanta certeza. Mas, se quiseres, podes ir almoçar connosco. Assim passamos o feriado juntos.

– Tens a certeza? Pelo que disseste, a casa vai estar cheia.

– Ah, não faz mal. Duas pessoas a mais não vão fazer diferença. Além disso, assim conheces logo o clã todo. A menos, é claro, que ainda não estejas pronto para isso.

– Estou, sim.

– Então vais?

– Podes contar comigo.

– Ótimo. Mas, se a minha mãe começar a fazer perguntas estranhas, não te esqueças de que eu saí ao meu pai, está bem?

Jonah foi dormir a casa de Mark outra vez. Naquela noite, Sarah acompanhou Miles até ao quarto dele. Era a primeira vez que tal acontecia: até então, tinham passado todas as suas noites juntos no apartamento de Sarah e o facto de se deitarem na cama outrora dividida por Missy e Miles não passou despercebido a nenhum deles. Quando fizeram amor, foi com uma urgência e uma paixão quase frenética, que deixou ambos sem fôlego. Não falaram muito a seguir. Sarah ficou simplesmente deitada ao lado de

Miles, com a cabeça recostada ao peito dele, enquanto ele lhe corria os dedos delicadamente pelos cabelos.

Teve a sensação de que Miles queria ficar sozinho com os seus pensamentos. Olhou para o quarto e, pela primeira vez, notou que estavam cercados por fotos de Missy, inclusive uma em cima da mesa de cabeceira que ela podia tocar se estendesse a mão.

Subitamente pouco à vontade, viu ainda o envelope de papel pardo sobre o qual Miles lhe tinha falado, recheado de informações reunidas por ele após a morte de Missy. Estava em cima da prateleira, grosso e muito manuseado, e Sarah deu por si a fitá-lo enquanto a sua cabeça subia e descia a cada respiração de Miles. Por fim, quando o silêncio entre os dois começou a tornar-se opressivo, Sarah deslizou a cabeça para a almofada e olhou para Miles.

– Tudo bem? – perguntou.

– Tudo – respondeu ele, sem olhar para ela.

– Estás muito calado.

– Estou só a pensar – murmurou ele.

– Coisas boas, espero.

– Só as melhores – afirmou, acariciando o braço dela com o dedo. –

Amo-te – sussurrou.

– Também te amo.

– Passas a noite comigo?

– Queres que eu passe?

– Quero muito.

– Tens a certeza?

– Absoluta.

Embora ainda um pouco incomodada, deixou-se envolver num abraço apertado. Miles deu-lhe outro beijo e manteve o braço em redor dela até Sarah adormecer. Pela manhã, quando acordou, Sarah levou alguns instantes a perceber onde estava. Miles acariciou-lhe as costas e ela sentiu o corpo começar a reagir.

Dessa vez fizeram amor de uma maneira diferente, mais parecida com a primeira vez juntos: carinhosa, sem pressa. Não foi só o modo como ele a beijou e lhe sussurrou ao ouvido: foi mais a expressão no rosto dele enquanto se mexia sobre ela que deixara transparecer como a relação entre os dois se tinha tornado séria.

Isso e o facto de, enquanto ela dormia, Miles ter retirado discretamente as fotos e o envelope de papel pardo que, na véspera, tinham lançado uma sombra sobre eles.

CAPÍTULO 15

— Só não entendo porque é que ainda não tive oportunidade de o conhecer.

Maureen e Sarah estavam na mercearia, a percorrer os corredores e a encher o carrinho com tudo o que precisavam. Parecia a Sarah que a mãe planeava alimentar dezenas de pessoas durante pelo menos uma semana.

— Vais conhecer, mãe, daqui a alguns dias. Como já te disse, ele e o Jonah vão almoçar connosco.

— Mas ele não ficava mais à vontade se fosse lá a casa antes, para nos podermos conhecer?

— Mãe, vais ter tempo de sobra para conhecer o Miles. Já sabes como é o Dia de Ação de Graças.

— Mas, com tanta gente lá, não vou conseguir conversar com ele como gostaria.

— Tenho a certeza de que ele vai entender.

— E não disseste que tem de sair cedo?

— Sim, tem de ir trabalhar lá para as quatro da tarde.

— No feriado?

— Trabalha no Dia de Ação de Graças para poder folgar no Natal. Sabes como é o trabalho dele. Não dá para dar folga a toda a gente nos feriados.

— E quem é que vai ficar com o Jonah?

— Eu. Provavelmente, levo-o para casa deles depois. Sabes como é o pai: às seis da tarde já está a dormir, por isso levo o Jonah para casa nessa altura.

— Tão cedo?

— Não te preocupes. Vamos passar a tarde inteira na tua casa.

— Tens razão — disse Maureen. — É que estou um pouco assoberbada com tudo isto.

— Descansa, mãe. Vai correr tudo bem.

— Vão lá estar outras crianças? — quis saber Jonah.

– Não sei – respondeu Miles. – Talvez.

– Meninos ou meninas?

– Não sei.

– E com quantos anos?

Miles abanou a cabeça. – Já disse que não sei. Para dizer a verdade, nem tenho a certeza se vão lá estar outras crianças. Esqueci-me de perguntar.

Jonah franziu o cenho. – Mas, se eu for a única criança, vou fazer o quê?

– Ver o jogo de futebol americano comigo?

– Que chato.

Miles estendeu a mão e puxou o filho para perto.

– Bom, de qualquer forma, não vamos passar o dia todo lá, porque eu tenho de trabalhar. Mas vamos ter de ficar algum tempo, porque eles tiveram a gentileza de nos convidar. Não seria educado sair logo a seguir ao almoço. Mas talvez possamos dar uma volta ou assim.

– Com a minha professora?

– Se quiseres que ela vá.

– Está bem – disse Jonah, com a cabeça virada para a janela. Estavam a passar por um bosque de pinheiros. – Pai, achas que vamos comer peru?

– De certeza que sim. Porquê?

– E o peru vai ter um sabor esquisito? Como o ano passado?

– Estás a dizer que não gostaste da minha comida?

– Tinha um sabor esquisito.

– Não tinha nada.

– Para mim, tinha.

– Talvez eles saibam cozinhar melhor do que eu.

– Espero que sim.

– Estás a brincar comigo?

Jonah sorriu. – Um bocadinho. Mas a tua comida tinha mesmo um sabor esquisito.

Miles e Jonah estacionaram o carro perto da caixa de correio da casa de dois andares. A relva tinha todo o aspeto de pertencer a alguém que gostava de jardinagem. Amores-perfeitos enfeitavam o caminho até à porta, a base das árvores tinha sido coberta com palhinhas e as únicas folhas visíveis

eram as que tinham caído na noite anterior. Sarah afastou o cortinado e acenou de dentro da casa. Instantes depois, abriu a porta.

– Uau, que chique – comentou.

Miles tocou automaticamente na gravata. – Obrigado.

– Estava a falar com o Jonah – disse Sarah, piscando o olho.

Jonah olhou para o pai com uma expressão de vitória. Tinha umas calças azul-marinhas e uma camisa branca. Estava tão arranjado, que parecia ter vindo diretamente da igreja. Deu um abraço rápido a Sarah.

Ela tirou de trás das costas uma caixa com uma coleção de carrinhos e entregou-a a Jonah.

– O que é isto? – perguntou ele.

– É para teres alguma coisa com que brincar enquanto cá estiveres – respondeu ela. – Gostas?

Ele olhou para a caixa. – Que fixe! Pai... olha! – disse, erguendo a caixa.

– Estou a ver. O que é que se diz?

– Obrigado, professora.

– De nada.

Assim que Miles se aproximou, Sarah tornou a levantar-se e cumprimentou-o com um beijo. – Estava a brincar, hã? Também estás elegante. Não estou habituada a ver-te de casaco e gravata a meio da tarde – disse, tocando-lhe ao de leve na lapela. – Era capaz de me habituar.

– Obrigado, professora – disse ele, imitando o filho. – Também estás muito elegante.

E estava mesmo. Na verdade, quanto mais a conhecia, mais bonita ela lhe parecia, independentemente do que usasse.

– Preparado para entrar? – perguntou Sarah.

– Quando quiseres – respondeu Miles.

– E tu, Jonah?

– Há mais crianças?

– Não, lamento. Só uma cambada de adultos. Mas são muito simpáticos e estão doidos por te conhecer.

Ele assentiu e tornou a desviar o olhar para a caixa. – Posso abrir já?

– É tua, podes abrir quando quiseres.

– Então também posso brincar com os carrinhos ali fora?

– Claro – disse Sarah. – Foi para isso que os comprei...

– Mas, primeiro, tens de entrar e falar com as pessoas – disse Miles, interrompendo a conversa. – E, se saíres para brincar a seguir, não quero que te sujes antes de almoço.

– Está bem – concordou Jonah no mesmo instante.

Pela expressão do rosto dele, parecia mesmo acreditar que conseguiria ficar limpo. Miles, porém, não tinha a mesma ilusão. Um miúdo de sete anos a brincar no chão fora de casa? Nem pensar. Com um pouco de sorte, talvez não ficasse demasiado sujo.

– Então venham – disse Sarah. – Vamos entrar. Mas só um pequeno aviso...

– Sobre a tua mãe?

Sarah sorriu. – Como é que adivinhaste?

– Não te preocupes. Eu e o Jonah vamos comportar-nos muito bem. Certo?

Jonah assentiu sem erguer os olhos.

Sarah deu a mão a Miles e aproximou-se da orelha dele. – Não era com o vosso comportamento que eu estava preocupada.

– Ah, chegaram! – exclamou Maureen assim que saiu da cozinha.

Sarah deu um toque com o cotovelo a Miles. Quando seguiu o olhar dela, Miles ficou espantado por constatar que Maureen não se parecia nada com a filha. Sarah era loura, já os cabelos de Maureen estavam a ficar grisalhos de um modo que levava a pensar que tinham sido pretos. Sarah era alta e magra, mas a mãe tinha mais ar de matrona. Por fim, enquanto Sarah dava a impressão de deslizar quando caminhava, Maureen quase pareceu saltar quando veio ao seu encontro. Usava um avental branco por cima do vestido azul e aproximou-se com as mãos estendidas, como se cumprimentasse amigos que não via há muito tempo.

– Ouvei falar tanto de vocês! – Maureen envolveu Miles num abraço e fez o mesmo com Jonah, antes mesmo de Sarah os apresentar formalmente. – Que bom que vieram! A casa está cheia, como podem ver, mas vocês são os convidados de honra.

Ela quase parecia embriagada de emoção.

– O que é um convidado de honra? – perguntou Jonah.

– Quer dizer que toda a gente estava à espera de ti.

– Estava?

– Sim, senhor.

– Mas nem me conhecem – disse Jonah, inocente, olhando para a sala e sentindo-se observado por vários desconhecidos. Para o tranquilizar, Miles pôs uma mão no ombro do filho.

– Muito prazer, Maureen. E obrigado por nos ter convidado.

– Ah, o prazer foi todo meu – respondeu ela, e deu uma gargalhada. – Estamos felizes por terem podido vir. E a Sarah também ficou muito feliz.

– Mãe...

– Que foi? Ficaste, não ficaste? Não há razão para negar.

Maureen voltou a atenção para Miles e Jonah e passou os minutos seguintes a tagarelar e a rir-se. Quando finalmente terminou, começou a apresentá-los aos avós de Sarah e aos restantes familiares, umas dez pessoas ao todo. Miles apertou as mãos de todos, Jonah seguiu-lhe o exemplo e Sarah estremeceu ao ouvir a forma como a mãe apresentava Miles. «É o amigo da Sarah», dizia ela, mas o tom, um misto de orgulho e aprovação materna, não deixava dúvida quanto ao significado das palavras. Terminadas as apresentações, Maureen parecia quase exausta. Voltou a atenção para Miles outra vez. – O que lhe apetece beber?

– Que tal uma cerveja?

– Sai já uma cerveja. E tu, Jonah? Temos limonada ou sumo.

– Sumo.

– Eu ajudo-te, mãe – disse Sarah, segurando o braço de Maureen. – Acho que também preciso de uma bebida.

A caminho da cozinha, a mãe estava radiante. – Ai, Sarah, estou tão feliz por ti!

– Obrigada.

– Ele parece maravilhoso. Que sorriso bonito! Parece uma pessoa em quem se pode confiar.

– Eu sei.

– E o menino é um amor.

– Sim, mãe...

– Onde está o pai? – indagou Sarah alguns minutos depois. A mãe acalmara finalmente o suficiente para tornar a dedicar-se aos preparativos

do almoço.

– Pedi que ele e o Brian fossem ao supermercado – respondeu Maureen. – Precisávamos de mais pão e de uma garrafa de vinho. Achei que talvez não tivéssemos suficiente.

Sarah abriu o forno e espreitou o peru. O cheiro espalhou-se pela cozinha.

– Quer dizer que o Brian acordou finalmente?

– Estava cansado. Só chegou depois da meia-noite. Teve exame na quarta-feira à tarde, por isso não conseguiu vir mais cedo.

Nesse momento, a porta traseira abriu-se e Larry e Brian entraram carregados com sacos, que puseram em cima da bancada. Brian parecia mais magro e, de certa forma, mais velho do que quando saíra de casa em agosto daquele ano. Foi dar um abraço a Sarah assim que a viu.

– Como vai a faculdade? Parece que não falo contigo há séculos.

– Vai andando. Sabes como é. E o trabalho?

– Vai bem. Estou a gostar. – Sarah olhou por cima do ombro do irmão. – Olá, pai.

– Olá, querida – respondeu Larry. – Cheira tão bem!

Conversaram alguns minutos enquanto guardavam as compras. Por fim, Sarah disse-lhes que gostaria de lhes apresentar uma pessoa.

– Sim, a mãe comentou que estavas a namorar – disse Brian, subindo e descendo as sobrancelhas como quem partilha um segredo. – Fico feliz. É um tipo porreiro?

– Eu acho.

– A coisa é séria?

Sarah reparou que a mãe parara de descascar as batatas para ouvir a resposta.

– Ainda não sei – respondeu, evasiva. – Queres conhecê-lo?

Brian encolheu os ombros. – Claro, pode ser.

Sarah estendeu a mão para lhe tocar no braço. – Não te preocupes, vais gostar dele. Brian assentiu. – Pai, também vens?

– Só um instantinho. A tua mãe quer que eu ache mais tigelas. Estão dentro de uma caixa algures na despensa.

Sarah e Brian saíram da cozinha e encaminharam-se para a sala, mas ela não viu Miles nem Jonah. A avó disse que Miles tinha saído um minuto, mas, quando abriu a porta da frente, Sarah continuou sem os ver.

– Devem estar lá atrás...

Quando ela e Brian deram a volta pelo lado da casa, Sarah viu-os finalmente. Jonah tinha encontrado um montinho de terra e estava a empurrar os carrinhos por estradas imaginárias.

– O que é que ele faz? É professor?

– Não, embora nos tenhamos conhecido na escola. O filho dele é meu aluno. Na verdade, ele trabalha com o xerife. Miles! – chamou. – Jonah! – Quando eles se viraram, Sarah meneou a cabeça na direção do irmão. – Gostava de vos apresentar uma pessoa.

Quando Jonah se levantou do chão, Sarah viu que os joelhos das calças dele tinham duas manchas castanhas. Ele e Miles caminharam ao seu encontro.

– É o meu irmão, Brian. Brian, este é o Miles e este é o Jonah, filho dele.

Miles estendeu a mão. – Tudo bem? Miles Ryan. Prazer em conhecer-te.

Brian esticou rigidamente a mão. – O prazer é todo meu.

– Soube que estás na universidade.

Brian assentiu. – Estou, sim, senhor.

Sarah riu-se. – Não tens de ser tão formal. Ele é só alguns anos mais velho do que eu. – Brian fez um leve sorriso, mas não disse nada, e Jonah ergueu os olhos para ele. Brian deu um passo para trás, como se não soubesse como falar com uma criança.

– Olá – disse Jonah.

– Olá – respondeu Brian.

– És irmão da Miss Andrews?

Brian assentiu.

– Ela é minha professora.

– Eu sei. Ela disse-me.

– Ah... – De repente, Jonah pareceu entediado e começou a mexer nos carrinhos que tinha na mão. Os quatro passaram algum tempo sem dizer nada.

– Não me estava a esconder da tua família – disse Miles alguns minutos mais tarde. – O Jonah é que me pediu para lhe dizer se podia brincar aqui. Eu disse-lhe que sim... Espero que não haja problema por ele ficar ali fora.

– Problema nenhum – disse Sarah. – Desde que ele se divirta.

Larry tinha dado a volta à casa, enquanto os quatro conversavam, e perguntou a Brian se podia procurar na garagem as tigelas que não conseguira encontrar. Brian partiu na direção da garagem e desapareceu de vista.

Larry também ficou calado, embora de forma mais observadora do que o filho. Pareceu avaliar Miles com um olhar atento, como se a análise das expressões faciais dele fosse revelar mais do que Miles estava a dizer, enquanto os dois trocavam informações básicas. Essa sensação passou rapidamente, conforme foram descobrindo interesses comuns – como, por exemplo, o jogo de futebol americano que estava prestes a começar, entre o Dallas Cowboys e o Miami Dolphins. Numa questão de minutos, estavam entretidos a conversar descontraidamente. Um tempo depois, Larry voltou para dentro de casa, deixando Sarah sozinha com Miles e Jonah, que voltou para o seu montinho de terra.

– O teu pai é uma figura. Tive a sensação estranha de que a primeira coisa que fez quando me viu foi tentar adivinhar se nós já tínhamos ido para a cama.

Sarah riu-se. – É provável que tenha feito isso mesmo. Sou a filhinha querida dele, sabes como é.

– Sim, sei. Há quanto tempo é que ele e a tua mãe estão casados?

– Quase 35 anos.

– Muito tempo.

– Às vezes acho que ele devia ser canonizado.

– Ora, ora... Não sejas tão dura com a tua mãe. Também gostei dela.

– Acho que foi recíproco. A certa altura lá dentro, achei que ela se fosse oferecer para te adotar.

– Como tu mesma disseste, ela só quer ver a filha feliz.

– Se lhe disseres isso, acho que ela nunca mais te deixa ir embora. Ainda mais agora, que o Brian foi para a faculdade. Ah, ouve, não leves a mal a timidez do meu irmão. Ele é muito reservado com pessoas novas. Vai sair da concha quando te conhecer melhor.

Miles abanou a cabeça, sinalizando que as preocupações dela eram desnecessárias. – Ele foi simpático. Além do mais, faz-me lembrar como eu era naquela idade. Não vais acreditar, mas às vezes também não sei o que dizer.

Sarah arregalou os olhos. – Não! A sério? E eu que achava que eras o tipo com mais lábia do mundo. Afinal, conquistaste-me praticamente só pela conversa.

– Achas mesmo que esse sarcasmo todo é adequado para um dia como hoje, em que as pessoas reúnem a família para agradecer as bênçãos recebidas?

– Claro que é.

Miles passou o braço pelo ombro dela. – Bom, pelo menos o que eu disse parece ter funcionado, não é?

Ela suspirou. – Acho que sim.

– Achas?

– O que é que queres? Uma medalha?

– Para começar. Um troféu também seria bem bom.

Ela sorriu. – E o que é que achas que estás a segurar neste preciso momento?

A tarde passou sem percalços. Uma vez levantada a mesa, alguns dos familiares foram ver o jogo e outros foram para a cozinha, ajudar a guardar as montanhas de comida que tinham sobrado. O tempo passou sem pressa e, depois de se encher com dois pedaços de tarte, até Jonah se deixou acalmar pela atmosfera da casa. Larry e Miles conversaram sobre New Bern e Larry quis saber mais sobre a história da cidade. Sarah voltou da cozinha – onde a mãe repetia (sem parar) que Miles parecia um rapaz maravilhoso – e reapareceu na sala, para se certificar de que Miles e Jonah não se sentiam abandonados. Brian mostrou-se prestável e passou a maior parte do tempo na cozinha, a lavar e secar a louça que a mãe tinha usado no almoço.

Meia hora antes de Miles ter de ir embora, para se vestir para o trabalho, ele, Sarah e Jonah foram dar um passeio, como Miles tinha prometido. Seguiram até ao final do quarteirão e entraram na zona de mata que ficava em frente das casas. Jonah pegou na mão de Sarah e conduziu-a, sorridente. Ao vê-los serpentear entre as árvores, Miles percebeu aos poucos onde aquilo podia levar. Embora já soubesse que amava Sarah, ficara tocado por ela ter decidido partilhar com ele um momento especial para a família. Gostava daquela sensação de proximidade, da atmosfera de feriado, da

forma natural como os familiares dela pareceram reagir à sua presença, e teve a certeza de não querer que aquele fosse um convite isolado.

Foi nesse momento que pensou pela primeira vez em pedir Sarah em casamento. E, uma vez formulada a ideia, achou quase impossível parar de pensar no assunto.

Mais à frente, Sarah e Jonah atiravam pedras a um pequeno riacho, uma após a outra. Depois, Jonah saltou por cima do curso de água e Sarah foi atrás dele.

– Anda! – gritou ela a Miles. – Vamos explorar!

– Sim, pai, anda depressa!

– Já vou... Não precisam de esperar por mim, eu já vos apanho.

Não se apressou a fazê-lo. Pelo contrário, continuou perdido nos seus pensamentos, à medida que eles se iam afastando até desaparecerem atrás de uma densa formação de árvores. Miles pôs as mãos nos bolsos.

Casamento.

É claro que a sua relação ainda estava no começo e ele não tinha a menor intenção de se ajoelhar ali mesmo e fazer o pedido. No entanto, soube de repente que chegaria o momento em que o faria. Ela era a mulher certa para ele, disso tinha a certeza. E era maravilhosa com Jonah. O filho parecia amá-la – e isso também era importante. Se Jonah não gostasse dela, Miles nem sequer estaria a pensar ter um futuro a seu lado.

Com esse pensamento, algo se tornou claro para ele, como uma chave que se encaixasse perfeitamente numa fechadura. Embora Miles não tivesse tido consciência do facto, o «se» tinha-se transformado em «quando».

Inconscientemente, a decisão fez Miles relaxar. Não encontrou nem Sarah nem Jonah ao atravessar o riacho, mas seguiu na direção em que os tinha visto pela última vez. Um minuto depois, tornou a vê-los e, enquanto se aproximava deles, deu-se conta de que há muitos anos que não era tão feliz.

Do Dia de Ação de Graças a meados de dezembro, Miles e Sarah tornaram-se ainda mais próximos, como amantes e como amigos, e a relação desabrochou e transformou-se em algo mais profundo e permanente.

Miles também começou a dar pequenas pistas sobre o possível futuro dos dois. Sarah entendia muito bem o que ele queria realmente dizer – na

verdade, dava por si a contribuir com comentários. Eram coisas pequenas: um dia, quando estavam na cama, ele comentou, por exemplo, que as paredes precisavam de pintura; Sarah respondeu que um tom amarelo-claro tornaria as paredes alegres, e os dois escolheram a cor juntos. Depois, Miles comentou que o jardim precisava de cor e ela disse que adorava camélias e que seria essa flor que plantaria se morasse ali. No mesmo fim de semana, Miles plantou cinco pés de camélias em frente da casa.

A pasta foi guardada no armário e, pela primeira vez em muito tempo, Miles sentiu o presente mais vivo do que o passado. O que nem ele nem Sarah sabiam, no entanto, era que, embora estivessem prontos para deixar o passado para trás, alguns acontecimentos em breve tornariam isso impossível.

CAPÍTULO 16

Tive mais uma noite de insónia. Por mais que queira voltar para a cama, não consigo. Só depois de contar como aconteceu.

O acidente não foi como deve estar a imaginar, nem como Miles imaginou. Eu não tinha bebido naquela noite, como ele desconfiou. Também não tinha consumido nenhuma droga. Estava totalmente sóbrio.

O que aconteceu a Missy naquela noite foi pura e simplesmente um acidente.

Já revi os factos umas mil vezes na cabeça. Nos últimos quinze anos, desde que tudo aconteceu, tive uma sensação de déjà-vu em momentos estranhos – quando carregava caixas para um camião de mudanças há uns anos, por exemplo. Até hoje a sensação faz-me parar o que estou a fazer, mesmo que só por alguns instantes, e suga-me para o passado, até ao dia em que Missy morreu.

Naquele dia, tinha começado a trabalhar de manhã cedo, num armazém, a descarregar caixas para umas paletes, e devia ter saído às seis. Contudo, chegou um carregamento de canos de plástico mesmo antes do final do expediente – o homem que me contratara nesse dia era fornecedor da maioria das lojas da Carolina do Sul e da Carolina do Norte – e o dono do armazém perguntou-me se não me importava de ficar mais uma hora ou duas. Não me importei. Cada hora extra valia mais cinquenta por cento, uma ótima maneira de juntar um pouco de dinheiro, dinheiro muito necessário. Só que não imaginava que o camião estivesse tão cheio, nem que acabaria a fazer a maior parte do trabalho sozinho.

Devíamos ser quatro homens a trabalhar, mas um deles telefonou para avisar que estava doente e outro não pôde ficar, pois não queria faltar ao jogo de basebol do filho. Ficámos apenas dois para dar conta do serviço – o que, ainda assim, teria sido suficiente. No entanto, poucos minutos depois de o camião chegar, o outro tipo torceu o tornozelo. Mal dei por mim, estava a trabalhar sozinho.

Além disso, fazia calor. A temperatura lá fora rondava os 35 graus e dentro do armazém estava ainda mais quente, acima de 38, e havia muita humidade. Já tinha trabalhado oito horas e ainda tinha três pela frente. Os camiões não pararam de chegar o dia todo e, como eu não era um funcionário fixo, geralmente davam-me as tarefas mais difíceis. Os outros três tipos revezavam-se para manobrar a empilhadora, pelo que tinham um descanso de vez em quando. Eu, não. A minha tarefa era separar as caixas e depois levá-las do fundo do camião até à porta, pondo-as em cima de paletes que a empilhadora depois carregaria para o armazém. Ao final do dia, como era o único que restava, tive de fazer tudo sozinho. Quando acabei, estava feito num oito. Mal conseguia mexer os braços, sentia as costas repuxarem. Além disso, não tinha jantado, pelo que também estava esfomeado.

Foi por isso que decidi ir comer na churrascaria Rhett's, em vez de ir logo para casa. Depois de um dia longo e cansativo, nada melhor do que um bom churrasco e, quando finalmente entrei no carro, estava a pensar que dali a poucos minutos podia finalmente descansar.

Na altura, o meu carro era uma carripa velha, toda descascada e cheia de mossas, um Pontiac Bonneville já bem rodado. Comprara-o em segunda mão no verão anterior, pela bagatela de trezentos dólares. No entanto, apesar do aspeto batido, o carro andava bem e nunca me tinha dado nenhuma dor de cabeça. O motor pegava sempre à primeira e eu próprio tinha consertado os travões depois de o comprar, o único arranjo necessário na altura.

Assim, entrei no carro quando o Sol estava finalmente a pôr-se. A essa hora, o Sol parece fazer malabarismos enquanto traça o seu arco descendente no Ocidente. A cor dele muda quase a cada minuto, as sombras espalham-se pelas ruas como dedos longos e espectrais. Como não havia nenhuma nuvem no céu, em certos momentos a luz entrava de viés pelo para-brisas e obrigava-me a semicerrar os olhos, para poder ver por onde ia.

Logo à minha frente, outro condutor parecia ter ainda mais dificuldade do que eu. Não vi quem era, mas aumentava e diminuía a velocidade sempre que a luz mudava de direção. Por mais de uma ocasião, passou para a faixa contrária. Eu reagia pisando o travão também, mas por fim cansei-me e decidi abrir distância entre o carro da frente e o meu. A

estrada era estreita demais para uma ultrapassagem, por isso diminuí a velocidade, na esperança de que o outro condutor se distanciasse mais um pouco.

Mas ele fez exatamente o contrário: diminuiu a velocidade também. Quando a distância entre nós diminuiu outra vez, vi as luzes do travão dele acender-se e apagar-se como luzinhas de Natal antes de ficarem vermelhas de vez. Pisei com força o travão e o meu carro parou com um chiado dos pneus. Duvido de que tenha parado a mais de trinta centímetros do carro da frente.

Foi nesse momento, acho eu, que o destino interveio. Às vezes penso que teria sido melhor eu ter batido no outro carro, pois isso ter-me-ia obrigado a parar e Missy Ryan teria chegado viva a casa. No entanto, como não bati – e porque estava farto do condutor da frente –, virei à direita na rua seguinte, Camellia Road, embora isso aumentasse o trajeto em alguns minutos, um tempo que hoje gostaria de poder fazer voltar atrás. A rua passava por uma parte mais antiga da cidade, com carvalhos frondosos, e o Sol estava já baixo o suficiente para que a sua luz ofuscante deixasse de ser um problema. Poucos minutos depois, o céu começou a escurecer mais depressa e acendi os faróis.

A rua fazia curvas para a esquerda e para a direita e as casas começaram a espaçar-se. Os quintais foram ficando maiores e parecia haver menos transeuntes. Dali a mais alguns minutos, fiz outra curva e entrei na Madame Moore's Lane. Conhecia bem essa estrada e animei-me por pensar que dali a poucos quilómetros chegaria à churrascaria.

Lembro-me de ligar o rádio e rodar o botão, mas não cheguei a tirar os olhos da estrada. Depois, tornei a desligá-lo. Juro que estava completamente concentrado na condução.

A estrada era estreita e sinuosa, mas, como já disse, eu conhecia-a como a palma da minha mão. Pisei automaticamente o travão antes de fazer uma curva. Foi nesse momento que a vi – e tenho quase a certeza de que diminuí ainda mais a velocidade. Só que não tenho certeza absoluta, porque tudo o que aconteceu a partir daí foi tão rápido, que é impossível afirmar seja o que for com precisão.

Vinha por trás dela e a distância entre nós foi diminuindo. Ela corria na berma da estrada, pela linha de erva. Lembro-me de que usava uma T-shirt

branca e uns calções azuis e que não estava a correr muito depressa, mas avançava a um ritmo sereno.

Naquele bairro, os terrenos das casas são enormes e não havia ninguém na rua. Ela sabia que o meu carro vinha atrás – notei-a olhar rapidamente para o lado, talvez o suficiente para me ver pelo canto do olho e dar mais meio passo para longe da estrada. Eu estava a segurar o volante com as duas mãos. Estava a prestar atenção a tudo o que devia e acreditava estar a ser cauteloso. Ela também.

Só que nenhum de nós viu o cão.

Quase como se estivesse à espera de a ver passar, saltou de uma abertura na cerca quando ela estava a menos de cinco metros do meu carro. Era um cão preto grande. Mesmo dentro do carro, ouvi a rosnadela feroz dele quando avançou direto a ela. O cão deve ter apanhado Missy de surpresa, pois ela afastou-se dele de repente, dando um passo a mais do que devia para a estrada.

Foi nesse momento que o meu carro chocou contra ela.

CAPÍTULO 17

Aos 40 anos, Sims Addison parecia uma ratazana: nariz afilado, testa oblíqua e um queixo que parecia ter parado de crescer antes do resto do corpo. Usava os cabelos penteados para trás, com a ajuda de um pente de dentes largos que trazia sempre consigo.

Sims também era alcoólico.

Mas não era o tipo de alcoólico que bebe todas as noites. Sims era o tipo de alcoólico cujas mãos tremem de manhã antes da primeira bebida do dia, que ele em geral terminava muito antes de a maioria das pessoas sair para o trabalho. Embora preferisse *bourbon*, raramente tinha dinheiro para outra coisa que não fosse vinho barato, que bebia aos garrafões. Não gostava de dizer onde arranjava dinheiro, mas, com exceção da pinga e da renda de casa, não precisava de muita coisa.

Se Sims tinha alguma característica positiva, era o talento de se tornar invisível e, conseqüentemente, descobrir coisas sobre os outros. Quando bebia, não se tornava exaltado nem inconveniente, mas a sua expressão natural – olhos semicerrados, boca frouxa – dava-lhe a aparência de alguém bem mais embriagado do que geralmente estava. Por causa disso, as pessoas diziam coisas à sua frente.

Coisas que deviam guardar para si.

Sims ganhava o pouco dinheiro que conseguia dando dicas à polícia.

Não vendia tudo o que sabia, porém. Somente as dicas que lhe permitissem permanecer anônimo e ainda assim receber o dinheiro. Somente aquelas em que a polícia pudesse guardar o seu segredo, em que ele não precisasse de depor.

Sabia que os criminosos guardavam rancor e não era burro a ponto de acreditar que, se soubessem quem os tinha denunciado, fossem simplesmente assobiar para o lado e esquecer.

Sims já tinha passado um tempo na prisão: uma vez aos 20 e poucos anos, por furto, e duas vezes na casa dos 30, por posse de haxixe. Mas a terceira temporada atrás das grades transformara-o. Na altura, a sua dependência do

álcool já era grave e Sims passou a primeira semana a sofrer a maior crise de abstinência que se possa imaginar. Tremia, vomitava e, quando fechava os olhos, via monstros. E quase morreu, embora não de abstinência. Depois de alguns dias sem dormir devidamente, a ouvir Sims gritar e gemer, o seu companheiro de cela espancou-o até o deixar inconsciente. Sims passou três semanas na enfermaria e foi posto em liberdade condicional por uma comissão que se compadeceu do que ele tinha sofrido. Em vez de concluir o ano de pena que ainda lhe restava, foi libertado e instruído a manter-se em contacto com o agente responsável pela sua liberdade condicional. Foi alertado, porém, de que, se bebesse ou consumisse drogas, voltaria para trás das grades.

A possibilidade de passar por outra abstinência, conjugada com o espancamento, deixou Sims com pânico de voltar à prisão.

No entanto, Sims não conseguia encarar a vida sóbrio. No início, teve o cuidado de só beber na privacidade da própria casa. Com o tempo, contudo, começou a ressentir-se dos entraves impostos à sua liberdade. Embora continuasse discreto, recomeçou a encontrar-se com amigos para beber. Depois, passou a acreditar que a sua sorte ia durar para sempre. Começou a beber no trajeto para o local de encontro com os amigos, sempre com a garrafa escondida num saco de papel pardo. Depois, passou a sair embriagado para todo o lado. Embora pudesse haver um pequeno sinal de alerta na sua mente, dizendo-lhe para ter cuidado, estava sempre demasiado bêbedo para o ouvir.

Ainda assim, tudo podia ter ficado bem, caso Sims não tivesse pedido o carro da mãe emprestado para sair. Não tinha carta de condução, mas, mesmo assim, foi encontrar-se com alguns amigos numa espelunca fora dos limites da cidade, à beira de uma estrada de cascalho. Bebeu mais do que devia e, algures depois das duas da manhã, foi a cambalear para o carro. Mal conseguiu sair do estacionamento sem bater noutros veículos, mas de alguma forma arranjou uma maneira de rumar a casa. Alguns quilómetros mais adiante, viu a luz vermelha a piscar atrás de si.

Quem saiu do carro foi Miles Ryan.

– És tu, Sims? – chamou Miles, aproximando-se devagar. Como a maioria dos adjuntos de xerife, tratava Sims por tu. Mesmo assim, manteve a

lanterna na mão e iluminou o interior do carro, vasculhando-o rapidamente em busca de algum sinal de perigo.

– Ah, olá, adjunto de xerife Ryan. – As palavras saíram arrastadas.

– Andaste a beber? – indagou Miles.

– Não... não. Nem pensar – negou Sims, encarando-o com um olhar quase vidrado. – Fui só encontrar-me com uns amigos.

– Tens a certeza? Nem uma cervejinha?

– Não, senhor.

– Talvez um copo de vinho ao jantar, não?

– Não, nem pensar.

– Estavas a conduzir às guinadas.

– Estou só cansado. – Como para provar o que dizia, pôs uma mão à frente da boca e bocejou. Miles sentiu o cheiro do álcool no hálito dele.

– Ah, confessa lá... nem um copinho? A noite inteira?

– Não, senhor.

– Vou ter de ver os documentos do carro e a tua carta de condução.

– Bom... hum... é que não tenho a carteira aqui comigo. Devo tê-la deixado em casa.

Miles afastou-se do carro e manteve a lanterna apontada para Sims. – Vou ter de te pedir que saias do carro.

Sims pareceu surpreendido por Miles não acreditar nele. – Para quê?

– Sai do carro, por favor.

– Não me vai prender, pois não?

– Anda, não tornes isto mais difícil do que tem de ser.

Sims pareceu refletir sobre o que fazer, embora estivesse mais bêbedo do que o normal, mesmo para os seus padrões. Em vez de se mexer, ficou a olhar através do para-brisas até Miles finalmente abrir a porta.

– Anda.

Embora Miles tivesse estendido a mão, Sims limitou-se a abanar a cabeça, como se tentasse dizer que estava bem, que podia sair sozinho. Só que sair do carro mostrou ser mais difícil do que ele previra. Em vez de ficar cara a cara com Miles Ryan, para poder implorar clemência, Sims estatelou-se no chão e perdeu imediatamente os sentidos.

Acordou a tremer na manhã seguinte, completamente desorientado. Tudo o que sabia era que estava atrás das grades, e essa percepção paralisou-o de medo. Aos poucos, em cenas desconexas, reconstruiu na memória a noite anterior. Lembrou-se de ter ido ao bar e bebido com os amigos... depois disso, tudo se perdia numa névoa, até chegar à imagem das luzes a piscar. Dos cantos mais recônditos da mente, Sims também resgatou o facto de ter sido Miles Ryan a levá-lo para a esquadra.

No entanto, tinha coisas mais importantes em que pensar do que nos acontecimentos da noite anterior. Concentrou-se na melhor maneira de evitar ir parar novamente à prisão. A simples ideia fez-lhe aparecer gotas de suor na testa e acima dos lábios.

Não podia ficar preso outra vez. Nem pensar. Morreria. Tinha certeza absoluta disso.

Mas ia ficar preso. O medo ajudou a que a mente se concentrasse. Nos minutos seguintes, Sims só conseguiu pensar nas coisas que simplesmente não conseguiria aguentar outra vez.

A prisão.

Os espancamentos.

Os pesadelos.

Os tremores e vômitos.

A morte.

Levantou-se da cama, trôpego, e usou a parede para se equilibrar. Cambaleou até às grades da cela e espreitou o corredor. Três das outras celas estavam ocupadas, mas ninguém sabia se o adjunto de xerife Ryan estava de serviço. Quando Sims perguntou, mandaram-no calar-se duas vezes; a terceira pessoa nem sequer lhe respondeu.

Esta é a tua vida nos próximos dois anos.

Não era ingénuo ao ponto de acreditar que o deixariam sair, nem tão pouco tinha qualquer ilusão de que o ministério público se esforçasse por ajudá-lo. Sims tinha sido libertado sob a condição de não infringir nenhuma regra, senão voltaria para a cadeia. Tendo em conta os seus antecedentes e o facto de estar a conduzir sem carta e bêbedo, não tinha nenhuma escapatória possível. Nenhuma. Pedir desculpa seria insuficiente. Implorar piedade seria em vão. Sims ia apodrecer na cadeia até o caso ser julgado e, depois, quando perdesse, seria trancado para sempre.

Ergueu a mão para enxugar a testa. Tinha de fazer alguma coisa. Qualquer coisa para evitar o destino que certamente o aguardava.

A sua mente começou a funcionar mais depressa, débil e vacilante, mas, mesmo assim, mais depressa. A sua única esperança, a única coisa que podia ajudá-lo, era, de alguma forma, recuar os ponteiros do relógio e desfazer a detenção da noite anterior.

Mas como poderia fazer isso?

Tens uma informação, respondeu uma vozinha.

Miles tinha acabado de sair do chuveiro, quando o telefone tocou. Antes, tinha preparado o pequeno-almoço de Jonah e mandado o filho para a escola, mas, em vez de dar um jeito à casa, voltara para a cama, na esperança de conseguir mais uma ou duas horas de sono. Embora não tivesse conseguido dormir grande coisa, passara pelas brasas. Ia trabalhar do meio-dia às oito e, à noite, pretendia relaxar. Jonah não estaria em casa – ia ao cinema com Mark – e Sarah tinha sugerido passar na casa dele, para estarem algum tempo juntos.

O telefonema ia mudar tudo isso.

Miles pegou numa toalha, enrolou-a na cintura e atendeu o telefone antes de a chamada ir parar ao atendedor de chamadas. Era Charlie. Depois de trocarem cumprimentos, o chefe foi direto ao assunto.

– É melhor vires já para cá.

– Porquê? Que se passa?

– Prendeste o Sims Addison ontem à noite, não foi?

– Foi.

– Não encontro o relatório.

– Ah... o relatório. Recebi outra chamada e tive de sair à pressa logo a seguir. Tencionava chegar mais cedo hoje, mesmo para terminar o relatório. Algum problema?

– Ainda não sei. A que horas é que consegues chegar?

Miles não soube como interpretar a pergunta, muito menos o tom que Charlie estava a usar.

– Acabei de sair do duche. Meia hora, talvez?

– Quando chegares, vem falar diretamente comigo. Vou estar à espera.

– Não podes pelo menos dizer-me o porquê da pressa?

Houve uma longa pausa do outro lado da linha.

– Vem assim que puderes. Depois conversamos.

– Então, que se passa? – indagou Miles. Assim que ele chegara, Charlie puxara-o para o seu gabinete e fechara a porta.

– Conta-me o que aconteceu ontem à noite.

– Com o Sims Addison?

– Sim, começa do princípio.

– Hum... Pouco depois da meia-noite, parei o carro perto do Beckers, aquele bar perto de Vanceboro.

Charlie assentiu e cruzou os braços.

– Estava só parado à espera. A noite tinha sido calma e eu sabia que o bar estava a fechar. Pouco depois das duas, vi uma pessoa sair do bar, tive um pressentimento e comecei a seguir o carro. O meu pressentimento estava certo. O carro andava às curvas pela estrada, por isso obriguei o condutor a parar, para ver se estava embriagado. Foi nessa altura que descobri que era o Sims Addison. Senti um cheiro a álcool no hálito dele assim que me aproximei da janela. Quando lhe pedi que saísse do carro, ele caiu e apagou-se. Pu-lo no banco de trás do carro e trouxe-o para cá. Quando chegámos, ele já tinha recuperado o suficiente para não precisar de ser carregado, mas teve de se apoiar em mim. Ia fazer o relatório, mas recebi outra chamada e tive de sair a correr. Só voltei no final do meu turno e, como hoje estou a substituir o Tommie, calculei que pudesse preencher a papelada antes de o meu turno começar.

Charlie não disse nada, mas não tirou os olhos de Miles. – Mais alguma coisa?

– Não. Ele está a dizer que o magoei, ou algo assim? Já disse que não lhe toquei. Ele caiu sozinho. Estava muito tocado, Charlie. Absolutamente borracho...

– Não, não é isso.

– Então o que é?

– Deixa-me certificar primeiro... Ele não te disse nada ontem à noite?

Miles refletiu por instantes. – Não. Sabia quem eu era, chamou-me pelo nome... – Miles não terminou a frase, tentando lembrar-se se havia mais alguma coisa.

- Comportou-se de forma estranha?
 - Não me pareceu... Estava só bêbedo, percebes?
 - Hum... – balbuciou Charlie, e pareceu perdido nos seus pensamentos.
 - Vá lá, Charlie, diz o que é que se passa.
- Charlie suspirou fundo. – Ele diz que quer falar contigo.
- Miles aguardou, sabendo que havia mais alguma coisa.
- Só contigo. Diz que tem uma informação.
- Miles também conhecia a fama de Sims. – E?
- Não quer falar comigo. Mas diz que é uma questão de vida ou morte.

Miles olhou para Sims por entre as grades e achou que o homem estava à beira da morte. Assim como outros alcoólicos crónicos, a pele dele tinha um aspeto doentio, amarelado. As mãos tremiam-lhe e escorria-lhe suor pela testa. Sentado no catre da cela, tinha passado horas a coçar os braços, absorto, e Miles viu os arranhões vermelhos com sangue, como riscos de batom feitos por uma criança.

Puxou uma cadeira e sentou-se inclinado para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos.

- Querias falar comigo?

Sims virou-se ao ouvir o som da voz dele. Não tinha reparado que Miles chegara e pareceu demorar um momento a focar a visão. Enxugou o lábio superior e assentiu.

- Adjunto de xerife Ryan.

Miles inclinou-se um pouco mais. – O que é que tens para me dizer, Sims? Puseste o meu chefe nervoso. Segundo ele, disseste que tinhas uma informação para mim.

– Porque é que me trouxe para cá ontem à noite? – perguntou Sims. – Não fiz mal a ninguém.

- Sims, estavas bêbedo. E a conduzir. Isso é crime.

- Então porque é que não me acusou ainda?

Miles pensou na resposta, tentando entender aonde Sims queria chegar com aquela conversa.

– Não tive tempo – respondeu, sincero. – Mas, pelas leis do nosso estado, tanto faz que o tivesse feito ontem à noite ou depois. Se era sobre isso que querias falar comigo, tenho mais que fazer.

Miles levantou-se teatralmente da cadeira e avançou um passo pelo corredor.

– Espere! – pediu Sims.

Miles parou e virou-se. – Diz.

– Tenho uma coisa importante para lhe dizer.

– Disseste ao Charlie que era uma questão de vida ou morte.

Sims tornou a enxugar o lábio superior. – Não posso voltar para a cadeia. Se me acusar, é isso que vai acontecer. Estou em liberdade condicional.

– É assim que funciona. Quando alguém infringe a lei, vai preso. Não sabias que era assim?

– Não posso voltar para lá – repetiu ele.

– Devias ter pensado nisso ontem à noite.

Miles tornou a virar as costas e Sims levantou-se do catre com uma expressão de pânico no rosto. – Não faça isso.

Miles hesitou. – Sinto muito, Sims. Não posso ajudar-te.

– Podia libertar-me. Eu não fiz mal a ninguém. E, se voltar para a prisão, vou morrer de certeza. Tenho tanta certeza disso como de o céu ser azul.

– Não posso fazer isso.

– É claro que pode. Pode dizer que se enganou, que eu adormeci ao volante e por isso é que estava às guinadas na estrada...

Miles não pôde deixar de sentir uma certa pena de Sims, mas tinha de cumprir o seu dever.

– Sinto muito – repetiu, e pôs-se a descer o corredor. Sims aproximou-se das grades e agarrou-se a elas.

– Eu tenho uma informação...

– Depois contas-me, quando eu te levar lá para cima para preencher a papelada.

– Espere!

Algo no tom de voz dele fez Miles parar outra vez.

– O que foi?

Sims limpou a garganta. Os outros três detidos das celas adjacentes tinham sido levados para o andar de cima, mas ele olhou em volta, para ter a certeza absoluta de não haver ali mais ninguém. Fez sinal com o dedo para Miles se aproximar, mas este permaneceu onde estava e cruzou os braços.

– Se eu tiver uma informação importante, desiste de me acusar?

Miles reprimiu um sorriso. *Agora, sim, já falas.*

– Não depende só de mim, sabes bem disso. Teria de conversar com o delegado do ministério público do condado.

– Não. Não esse tipo de informação. Sabe como é que eu trabalho. Nunca deponho, fico sempre no anonimato.

Miles não disse nada.

Sims olhou em redor, para se certificar de que ainda estavam sozinhos.

– Não tenho prova nenhuma do que vou dizer, mas é verdade e é algo que lhe interessa. – Baixou a voz, como quem conta um segredo: – Eu sei quem fez aquilo naquela noite. *Eu sei.*

O tom que usou e a implicação evidente fizeram os cabelos da nuca de Miles eriçar-se.

– Que conversa é essa?

Sims tornou a enxugar o lábio, ciente de que agora tinha toda a atenção de Miles.

– Só posso dizer se me libertar.

Miles aproximou-se da cela sentindo-se desequilibrado. Ficou a fitar Sims até este recuar para longe das grades.

– Dizer o quê?

– Primeiro, preciso de um acordo. Tem de me prometer que me vai tirar daqui. Basta dizer que não soprei no balão e que não tem como provar que eu estava bêbedo.

– Já disse: não posso fazer acordo nenhum.

– Sem acordo, não há informação. Como eu disse, não posso voltar para a prisão.

Ficaram parados a observar-se e nenhum dos dois desviou o olhar.

– Sabe exatamente do que estou a falar, não sabe? – indagou Sims, por fim. – Não quer saber quem foi?

O coração de Miles começou a acelerar e os seus punhos cerraram-se involuntariamente junto ao corpo. Tinha a mente num turbilhão.

– Se me libertar, eu conto-lhe – acrescentou Sims.

A boca de Miles abriu-se e fechou-se logo a seguir, enquanto tudo – cada lembrança – ressurgia numa enxurrada, derramando-se sobre ele como a água de um tanque a transbordar. Parecia inacreditável, absurdo. Mas... e se Sims estivesse a dizer a verdade?

E se ele souber quem matou a Missy?

– Vais ter de depor – foi tudo o que conseguiu dizer.

Sims ergueu as duas mãos. – Nem pensar. Eu não vi nada, mas ouvi pessoas a conversar. E, se essas pessoas descobrirem que fui eu que dei com a língua nos dentes, matam-me. Por isso, não posso depor. Não posso e não vou. Vou jurar que não me lembro de ter dito nada. E também não pode contar-lhes de onde veio a informação. Vai ficar só entre nós os dois. Mas...

Sims encolheu os ombros e estreitou os olhos, manipulando Miles com habilidade.

– Não quer saber disso agora, pois não? Só quer saber quem foi. E eu posso dizer-lhe. E que um raio me fulmine se eu não estiver a dizer a verdade.

Miles agarrou nas grades e os nós dos seus dedos embranqueceram. – Diz-me! – berrou.

– Tire-me daqui – retrucou Sims, conseguindo de algum modo manter a calma, apesar da explosão de Miles. – Depois eu digo-lhe.

Durante um longo intervalo, Miles ficou simplesmente a olhar para ele.

– Foi no Rebel – começou Sims por fim, depois de Miles concordar com as exigências dele. – Sabe onde fica, não sabe?

Sims não esperou resposta. Ajeitou os cabelos sebosos com as costas da mão. – Já foi há uns dois anos, mais ou menos... não me lembro exatamente. Estava a beber, percebe? Atrás de mim, numa das mesas reservadas, vi o Earl Getlin. Sabe quem é?

Miles assentiu com a cabeça. Mais um de uma longa lista de pessoas conhecidas da esquadra. Alto e magro, rosto marcado pela acne, tatuagens nos dois braços – uma mostrava um linchamento, a outra exibia uma caveira trespassada por uma faca. Já tinha sido preso por agressão, invasão de domicílio, comércio de artigos roubados. Era ainda suspeito de tráfico de droga. Há um ano e meio que estava na Prisão Estadual de Hailey, por roubar um carro. Só sairia dali a quatro anos.

– Ele estava meio nervoso, não parava de mexer no copo, como se estivesse à espera de alguém. Foi então que os vi entrar, os irmãos Timson. Ficaram parados perto da porta por um segundo, a olhar em volta até encontrarem o Earl. Não são o tipo de gente que eu goste de ter por perto, por isso tentei não chamar a atenção. Quando percebi, estavam os dois

sentados à frente do Earl, a falar muito baixinho, quase a sussurrar, mas, de onde estava, consegui ouvir tudo o que disseram.

A história de Sims tinha feito as costas de Miles retesar-se. Sentiu a boca seca, como se tivesse passado muitas horas ao sol.

– Estavam a ameaçar o Earl, mas ele não parava de dizer que ainda não tinha o dinheiro. Foi então que ouvi o Otis falar. Até ali, tinha deixado a conversa a cargo dos irmãos. Ele disse ao Earl que, se não pagasse o que devia até ao fim da semana, era melhor ter cuidado, porque, a ele, ninguém passava a perna.

Sims pestanejou. O sangue tinha-se-lhe esvaído do rosto.

– Disse que aconteceria ao Earl o mesmo que tinha acontecido à Missy Ryan. Só que, agora, recuariam e passariam outra vez por cima dele.

CAPÍTULO 18

*L*embro-me de que comecei a gritar antes de sequer conseguir parar o carro.

Lembro-me do impacto – o leve tremor da roda, o baque nauseante. Mas aquilo de que mais me lembro são os meus gritos dentro do carro. Gritos ensurdecedores que ecoaram nos vidros fechados até eu conseguir desligar o motor e abrir a porta. Os meus gritos transformaram-se então numa prece aterrorizada. Só me lembro de dizer «Não, não, não...».

Quase sem conseguir respirar, corri para a frente do carro. Não vi nenhum estrago: como já disse, o carro era um modelo antigo, fabricado para suportar mais impacto do que os veículos de hoje em dia. Mas também não vi o corpo. Tive a impressão súbita de que ia encontrar o corpo dela preso debaixo do carro, de que tinha passado por cima dela. Quando essa visão medonha me cruzou a cabeça, senti as entranhas revirarem-se. Não sou o tipo de pessoa que se impressione com facilidade – as pessoas comentam muitas vezes sobre o meu autocontrole –, mas confesso que, naquele momento, levei as mãos aos joelhos e quase vomitei. Quando a náusea finalmente desapareceu, forcei-me a olhar para baixo do carro. Não vi nada.

Pus-me a correr de um lado para o outro, à procura dela. Não a vi, pelo menos não de imediato, e tive a sensação estranha de que talvez me tivesse enganado, de que devia ter sido só imaginação minha.

Comecei então a correr por um dos lados da estrada e depois pelo outro, na esperança vã de, por milagre, a ter atingido só de raspão, de ela estar apenas inconsciente por causa do impacto. Espreitei atrás do carro, não a encontrei, e então percebi onde ela estaria.

Enquanto o meu estômago começava outra vez a revirar-se, perscrutei a zona em frente do carro. Os faróis ainda estavam acesos. Dei alguns passos hesitantes para a frente e foi nessa altura que a vi na vala, a mais de dez metros de distância.

Hesitei entre correr até à casa mais próxima e chamar uma ambulância ou ir logo ter com ela. Naquele momento, a segunda opção pareceu-me mais correta. À medida que me aproximava, fui caminhando cada vez mais devagar, como se diminuir o passo pudesse aumentar as hipóteses de um desfecho melhor.

Percebi imediatamente que o corpo dela estava caído num ângulo que não era normal. Uma das pernas parecia dobrada, como que cruzada por cima da outra na coxa, com o joelho virado numa direção impossível e o pé a apontar para o lado errado. Um dos braços estava preso debaixo do tronco, o outro estava acima da cabeça. Estava deitada de costas.

Tinha os olhos abertos.

Lembro-me de que não me ocorreu que estivesse morta, pelo menos não naquele primeiro instante. No entanto, bastaram uns poucos segundos para eu perceber que algo no brilho dos olhos dela não batia certo. Não pareciam reais – eram quase uma caricatura de como os olhos devem ser, como se pertencessem a um manequim de uma vitrina. Enquanto os fitava, porém, acho que foi a completa imobilidade deles que me fez realmente entender. Durante o tempo que passei parado ao lado dela, os olhos não piscaram uma única vez.

Foi então que reparei na poça de sangue debaixo da cabeça dela e que tudo se encaixou ao mesmo tempo – os olhos, a posição do corpo, o sangue...

E, pela primeira vez, tive a certeza de que ela tinha morrido.

Acho que caí. Não me lembro de ter tomado a decisão consciente de me aproximar dela, mas foi exatamente isso que fiz alguns segundos depois. Encostei o ouvido ao peito dela, depois à boca, procurei pulsação. Tentei detetar qualquer movimento que fosse, qualquer centelha de vida, qualquer coisa que me indicasse qual devia ser a minha ação seguinte.

Não houve nada.

Mais tarde, a autópsia mostraria – e os jornais informariam – que ela teve morte instantânea. Digo isto para que saibam que estou a dizer a verdade. Missy Ryan não tinha hipótese nenhuma, independentemente do que eu tivesse feito depois.

Não sei quanto tempo passei ao lado dela, mas não pode ter sido muito. Lembro-me de ter cambaleado de volta para o carro e ter aberto a mala; lembro-me de ter pegado na manta e coberto o corpo dela. Na altura,

pareceu-me a coisa certa a fazer. Charlie desconfiou que eu estivesse a tentar pedir desculpa; hoje, quando penso no gesto, acho que, em parte, foi isso mesmo. Mas, em parte também, simplesmente não queria que ninguém a visse como eu a tinha visto. Por isso, cobri-a, como se estivesse a esconder o meu próprio pecado.

As minhas lembranças depois disso são incertas. A coisa seguinte de que me lembro é estar no carro a caminho de casa. Não sei explicar muito bem; tudo o que posso dizer é que não estava a pensar como devia ser. Se tudo tivesse acontecido agora, se soubesse o que sei hoje, não o teria feito. Teria corrido até à casa mais próxima e chamado a polícia. Mas naquela noite, por algum motivo, não foi isso que fiz.

Não acho, porém, que estivesse a tentar esconder o que fizera. Pelo menos não na altura. Quando olho para trás e tento entender o que aconteceu, acho que rumei a casa porque era lá que precisava de estar. Como um inseto atraído pela luz de um alpendre, não me parecia ter alternativa. Simplesmente, reagi a uma situação.

Também não fiz o que devia quando cheguei a casa. Tudo o que consigo lembrar-me é de que nunca me tinha sentido tão cansado e, em vez de ligar para a polícia, simplesmente caí na cama e adormeci.

Quando dei por mim, já era de manhã.

Se o subconsciente sabe que aconteceu algo horrível, o pânico assalta-nos logo após acordarmos, antes mesmo de as lembranças voltarem completamente à mente. Foi isso que senti, assim que os meus olhos se abriram. Era como se não conseguisse respirar, como se me tivessem tirado o ar todo; assim que inspirei, porém, tudo voltou subitamente.

O trajeto de carro.

O impacto.

O modo como Missy estava quando a encontrei.

Levei as mãos ao rosto: não queria acreditar. Lembro-me de que o meu coração começou a bater depressa no peito e que rezei com fervor para que tudo não passasse de um sonho. Já tivera sonhos assim antes, tão reais que eram precisos alguns momentos de reflexão séria antes de eu perceber o equívoco. Só que, daquela vez, a realidade não foi embora. Pelo contrário: foi-se tornando cada vez pior, e senti que me afundava para dentro de mim mesmo, como se estivesse a afogar-me no meu oceano particular.

Alguns minutos depois, estava a ler a notícia no jornal.

E foi então que cometi o meu verdadeiro crime.

Vi as fotos, li o que tinha acontecido. Li as declarações da polícia prometendo encontrar o responsável, por mais tempo que levasse. E, com tudo isso, surgiu a pavorosa compreensão de que o que tinha acontecido – um acidente, um terrível acidente – não era considerado um acidente. De alguma forma, era considerado um crime.

Crime de omissão de socorro, dizia o artigo.

Vi o telefone em cima da bancada. Parecia chamar-me.

Eu tinha fugido.

Para eles, quaisquer que fossem as circunstâncias, eu era culpado.

Digo e repito que, apesar do que tinha feito na noite anterior, o que aconteceu não foi um crime, independentemente do que estivesse no artigo. Não tomei uma decisão consciente de fugir. Não estava a raciocinar devidamente para tomar essa decisão.

Não, o meu crime não tinha ocorrido na noite anterior.

O meu crime ocorreu ali, na cozinha, quando olhei para o telefone e não fiz a chamada.

Embora estivesse abalado pelo artigo, estava a raciocinar perfeitamente. Não estou a tentar dar desculpas pelo que fiz, pois não há desculpa possível. Pus os medos num lado da balança e, no outro, pus o que devia fazer. No fim, os meus medos acabaram por vencer.

Fiquei apavorado com a possibilidade de ir preso pelo que sabia ter sido um acidente, e comecei a inventar desculpas. Acho que disse a mim mesmo que telefonaria mais tarde. Não telefonei. Disse a mim mesmo que esperaria alguns dias, até as coisas acalmarem, e só depois telefonaria. Não telefonei. A seguir, decidi esperar até depois do funeral.

Nessa altura, sabia que já era tarde demais.

CAPÍTULO 19

Alguns minutos depois, com a sirene aos berros e as luzes a piscar, a traseira do carro derrapava numa curva e quase saía da estrada, mas Miles afundou o pé no acelerador outra vez.

Tinha arrastado Sims para fora da cela e subido do cárcere com ele, conduzindo-o pela esquadra sem parar para responder aos olhares curiosos. Charlie falava ao telefone no seu gabinete e desligou imediatamente quando viu a palidez de Miles – só que não o fez a tempo de o impedir de alcançar a porta com Sims. Saíram ao mesmo tempo e, quando Charlie chegou à rua, Miles e Sims já se afastavam em direções opostas. Tomando uma decisão rápida, Charlie optou por seguir Miles e gritou, mandando-o esperar. Miles ignorou-o e chegou ao seu carro de patrulha.

Charlie apressou o passo e alcançou o carro de Miles exatamente quando este entrava na rua. Bateu na janela com o veículo ainda em movimento.

– O que se passa? – quis saber.

Miles fez-lhe sinal para sair da frente e Charlie ficou petrificado, com uma expressão de incompreensão e incredulidade no rosto. Em vez de baixar o vidro, Miles ligou a sirene, acelerou e saiu a toda a velocidade do estacionamento, fazendo os pneus chiar ao entrar na rua.

Um minuto depois, quando Charlie o chamou pelo rádio, exigindo que lhe dissesse o que tinha acontecido, Miles nem sequer se deu ao trabalho de responder.

Em geral, o trajeto da esquadra até ao complexo dos Timsons levava cerca de 15 minutos. Com a sirene ligada e o carro a seguir acima da velocidade permitida – na autoestrada, alcançou 145 quilómetros por hora –, Miles levou menos de oito. Quando Charlie o chamou no rádio, já ia a meio caminho de lá. Ao chegar à entrada do parque de caravanas em que Otis morava, estava dominado pela adrenalina. Miles segurava o volante com tanta força, que partes da sua mão ficaram dormentes, embora o seu estado não lhe permitisse perceber isso. A raiva bloqueava tudo.

Otis Timson magoara o filho dele.

Otis Timson matara a mulher dele.

Otis Timson quase conseguira escapar.

O carro de Miles guinou de um lado para o outro na entrada de terra batida, quando ele tornou a acelerar. As árvores por que passou eram apenas um borrão; Miles só conseguia ver o caminho à sua frente. Quando virou para a direita, tirou finalmente o pé do acelerador e começou a diminuir a velocidade. Estava quase a chegar.

Há dois anos que Miles aguardava aquele momento.

Há dois anos que se torturava, que era obrigado a conviver com o fracasso.

Otis.

Instantes depois, parou o carro com uma derrapagem no centro do terreno e saiu. Junto da porta aberta, olhou em volta, à espreita de algum movimento, prestando atenção a tudo. Contraiu o maxilar para tentar controlar a ira.

Abriu o coldre e começou a mover a mão em direção à arma.

Otis Timson matara a mulher dele.

Atropelara-a a sangue-frio.

Um silêncio ameaçador pairava sobre a propriedade. Tirando os estalidos que o motor do carro emitia ao arrefecer, não se ouvia mais nenhum som. Os galhos das árvores não se moviam ao vento. Nenhum pássaro cantava sobre as cercas. Os únicos ruídos que Miles ouvia eram os que ele próprio produzia: o deslize da arma para fora do coldre, o ritmo acelerado da respiração.

Fazia frio. O ar estava gelado e o céu, sem nuvens – um céu de primavera em pleno inverno.

Miles aguardou. Passado algum tempo, uma mão abriu uma porta de rede, que rangeu como uma concertina enferrujada.

– O que é que quer? – perguntou uma voz. O som era áspero, como se aquela garganta tivesse passado anos a ser castigada por cigarros sem filtro. Era Clyde Timson.

Miles baixou-se e pôs-se atrás da porta do carro, para o caso de haver troca de tiros.

– Vim buscar o Otis. Mande-o sair.

A mão desapareceu e a porta fechou-se com um baque.

Miles soltou a patilha de segurança da arma e percebeu que tinha o dedo no gatilho e o coração a bater acelerado. Depois do minuto mais longo da sua vida, viu a porta entreabrir-se de novo, empurrada pela mesma mão.

– Qual é a acusação? – quis saber a voz.

– Mande-o sair, *já!*

– Porquê?

– Está preso! Ele que saia com as mãos na cabeça!

A porta tornou a bater e foi então que Miles de repente entendeu a fragilidade da sua posição. Na pressa, tinha-se posto em perigo. Havia quatro autocaravanas estacionadas no terreno – duas em frente e uma de cada lado. Embora não tivesse visto ninguém nas outras, sabia que morava lá gente. Havia também várias carcaças de automóveis, algumas sem rodas, suspensas sobre blocos de betão entre as autocaravanas, e Miles imaginou se os Timsons não estariam a tentar ganhar tempo para o cercar.

Uma parte dele sabia que devia ter levado reforços, que devia pedir ajuda aos colegas naquele instante. Não pediu.

Nem pensar. Não agora.

Por fim, a porta abriu-se outra vez e Clyde apareceu na soleira. Segurava uma chávena de café, como se acontecessem todos os dias coisas daquele tipo. Quando viu Miles com a arma apontada a si, porém, deu um passo atrás.

– O que é que quer daqui, Ryan? O Otis não fez nada.

– Tenho de o levar, Clyde.

– Ainda não disse porquê.

– Vai ser acusado quando chegar à esquadra.

– Onde está o mandado?

– Não preciso de mandado para isto! Ele está preso.

– Os cidadãos têm direitos! Não pode aparecer aqui, do nada, a fazer exigências. Eu tenho direitos! Se não tiver um mandado, pode sair mas é daqui! Já estou farto de si e das suas acusações!

– Não estou a brincar, Clyde. Ou manda o Otis sair ou, daqui a dois minutos, todos os xerifes do condado estão aqui e vai ser preso por dar abrigo a um criminoso.

Era mentira, mas, de alguma forma, funcionou. Instantes depois, Otis surgiu de trás da porta e deu uma pequena cotovelada ao pai. Miles mudou

a posição da arma e apontou-a para Otis. Assim como Clyde, este não pareceu muito preocupado.

– Chega-te para lá, pai – disse Otis, calmo. Ver o rosto de Otis foi o suficiente para fazer Miles querer puxar o gatilho. Engolindo a raiva que ameaçava sufocá-lo, levantou-se, mantendo Otis na mira. Começou a dar a volta ao carro, até ficar completamente descoberto.

– Sai! Quero-te no chão!

Otis avançou até ficar na frente do pai, mas não desceu do alpendre. Cruzou os braços. – Qual é a acusação, adjunto de xerife Ryan?

– Sabes muito bem qual é a acusação! Põe as mãos ao alto.

– Receio não saber, não.

Apesar do possível perigo, que de repente não pareceu ter qualquer importância, Miles continuou a aproximar-se da casa com a arma sempre apontada a Otis. Estava com o dedo no gatilho e sentia-o contrair-se.

Faz um movimento... Basta um movimento...

– Desce do alpendre!

Otis olhou de relance para o pai, que parecia prestes a perder a cabeça. Quando se virou outra vez para Miles, porém, a fúria incontrolável que viu nos olhos deste fê-lo descer depressa os degraus do alpendre.

– Tudo bem, tudo bem, estou a ir.

– Mãos ao alto! Quero as mãos para cima.

Por essa altura, já outras pessoas tinham posto as cabeças fora das autocaravanas e assistiam ao que se passava. Embora raramente estivessem do lado certo da lei, nenhuma delas tentou puxar de uma arma. Também tinham visto a expressão no rosto de Miles, a expressão que deixava bem claro que ele dispararia ao menor pretexto.

– Ajoelha-te! *Já!*

Otis obedeceu, mas Miles não guardou a arma no coldre. Pelo contrário: manteve-a apontada a Otis. Olhou para um lado e para o outro, para se certificar de que ninguém o impediria e aproximou-se.

Otis matara a mulher dele.

Quando se chegou mais perto, o resto do mundo pareceu desaparecer. Só existiam eles dois. Os olhos de Otis irradiavam medo e outra coisa – cansaço? –, mas ele não disse nada. Miles parou por um instante, olharam-se, e, depois, começou a dar a volta, posicionando-se nas costas de Otis.

Aproximou a arma da cabeça de Otis.

Como um executor.

Sentia o gatilho sob o dedo. Bastava um puxão, um movimento rápido, para aquilo terminar.

Meu Deus, como queria disparar, como queria acabar com tudo ali mesmo. Por Missy, por Jonah.

Jonah...

A súbita imagem do filho trouxe-o de volta à realidade.

Não...

Mesmo assim, Miles ainda precisou de respirar fundo algumas vezes antes de finalmente exalar o ar com força e ceder. Levou a mão às algemas e retirou-as do cinto. Com um gesto experiente, passou uma das argolas pelo pulso de Otis que estava mais próximo e puxou-lhe as mãos para trás das costas. Depois de guardar a arma no coldre, fechou a argola no outro pulso, apertando as duas até Otis fazer uma careta de dor, e a seguir obrigou-o a levantar-se.

– Considera-te detido... – começou.

Clyde, que até então se mantivera imóvel, de repente não se conteve, como um formigueiro que acaba de ser pisado.

– Isto não bate certo. Vou chamar o meu advogado! Não tem o direito de aparecer aqui assim e apontar a arma dessa maneira!

Clyde continuou a gritar muito depois de Miles ter acabado de informar Otis sobre os seus direitos, tê-lo empurrado para o banco de trás do carro e partido em direção à autoestrada.

Nem Miles nem Otis disseram nada até chegarem à autoestrada. Miles mantinha os olhos presos na estrada. Apesar de ter detido Otis, não queria vê-lo sequer pelo retrovisor, por medo do que poderia fazer.

Como tinha desejado dar-lhe um tiro.

Deus era testemunha disso.

E teria bastado um movimento em falso de qualquer uma das pessoas lá para que o tivesse feito.

Mas teria sido errado.

E erraste na forma como agiste.

Quantos regulamentos tinha desrespeitado? Cinco, dez? Libertar Sims, não ter um mandado, ignorar Charlie, não chamar ajuda, sacar da arma,

apontá-la à cabeça de Otis... Teria de pagar um preço alto por tudo isso – e não só com Charlie, mas também com Harvey Wellman. As faixas descontínuas que separavam as vias avançavam na sua direção e desapareciam ao mesmo ritmo.

Não me importa. Aconteça o que acontecer, o Otis vai ser preso. Vai apodrecer na prisão, como fez a minha vida apodrecer nos últimos dois anos.

– Porque é que me está a prender desta vez? – perguntou Otis, descontraído.

– Cala-me essa boca – respondeu Miles.

– Tenho o direito de saber qual é a acusação.

Miles olhou rapidamente para trás e tentou sufocar a raiva que emergia dentro de si ao ouvir a voz de Otis. Como Miles não respondeu, Otis continuou a falar, num tom estranhamente calmo.

– Vou contar-lhe um segredo. Eu sabia que não ia disparar. Não seria capaz.

Miles mordeu o lábio e ficou com o rosto vermelho. Controla-te, disse para si mesmo. Controla-te...

Otis, porém, continuou.

– Diga-me uma coisa: ainda anda a sair com aquela rapariga que estava consigo no Tavern? Estava só pensar, porque...

Miles pisou a fundo o travão e os pneus guincharam, deixando marcas pretas na estrada. Como estava sem cinto, Otis foi projetado contra a grade de segurança do carro. Miles pisou o acelerador novamente e, como um ioiô, Otis foi lançado de volta para o banco.

Durante o resto do trajeto, Otis não disse mais nada.

CAPÍTULO 20

— **Q**ue raio é que se passa?! — perguntou Charlie. Alguns minutos antes, Miles tinha aparecido com Otis e fizera-o atravessar a esquadra e descer até uma das celas. Depois de ser trancado lá dentro, Otis pedira para falar com o advogado, mas Miles voltara simplesmente a subir a escada, até ao gabinete de Charlie. Este fechara a porta, enquanto os outros funcionários espreitavam furtivamente pelo vidro, fazendo o possível por disfarçar a curiosidade.

— Acho que ficou tudo bastante claro, não? — respondeu Miles.

— Miles, não é hora nem lugar para brincadeiras. Preciso de respostas, e já, a começar pelo Sims. Quero saber onde está a papelada, porque é que o deixaste ir embora e o que é que ele queria dizer com aquela história de vida ou morte. Depois, quero saber porque é que saíste como um louco e porque é que o Otis está detido lá em baixo.

Charlie cruzou os braços e apoiou-se na mesa.

Miles passou os 15 minutos seguintes a contar o que tinha acontecido. Charlie ficou de queixo caído. Quando a história terminou, já andava de um lado para o outro da sala.

— Quando é que foi isso tudo?

— Há uns dois anos. O Sims não se lembra exatamente.

— Mas acreditaste no resto da história?

Miles assentiu. — Acreditei — respondeu. — Acreditei, sim. Ou ele estava a dizer a verdade ou é o melhor ator que já vi. — Miles sentia a onda de adrenalina dissipar-se e deixar em seu lugar um enorme cansaço.

— E deixaste-o ir embora — disse Charlie. Era uma afirmação, não uma pergunta.

— Tive de deixar.

Charlie fez que não com a cabeça e fechou os olhos por instantes. — Não podias ter decidido sozinho. Devias ter falado comigo primeiro.

— Charlie, tinhas de lá estar para perceber. Ele não teria dito nada, se eu tivesse começado a falar com toda a gente e a tentar fazer acordos contigo e

com o Harvey. Segui os meus instintos. Podes achar que fiz mal, mas, no fim de contas, consegui a resposta de que precisava.

Charlie olhou pela janela, pensativo. Não gostava daquilo. Nem um bocadinho. E o que o incomodava não era só o facto de Miles ter ultrapassado os limites e de ainda faltarem muitas explicações.

– Sim, não há dúvida de que conseguiste uma resposta – disse, por fim.

Miles ergueu os olhos. – O que é que queres dizer?

– Essa história não me soa bem, só isso. O Sims sabe que vai voltar para a cadeia a menos que consiga fazer um acordo, e, de repente, tem uma informação sobre a Missy? – disse Charlie. Depois, virou-se de frente para Miles e continuou: – Onde é que ele esteve nos últimos dois anos? Oferecemos uma recompensa, e tu sabes como é que o Sims ganha a vida. Porque é que não disse nada até agora?

Miles não tinha pensado nisso. – Não sei. Talvez estivesse com medo.

Os olhos de Charlie voltaram-se rapidamente para o chão. *Ou talvez esteja a mentir.*

Miles pareceu ler os pensamentos do amigo. – Vamos conversar com o Earl Getlin. Se ele confirmar a história, podemos fazer um acordo para ele depor.

Charlie não disse nada. Que grande embrulhada.

– Charlie, ele atropelou a minha mulher.

– *O Sims diz que o Otis disse* que atropelou a tua mulher. Há uma diferença grande entre as duas coisas, Miles.

– Conheces a minha história com o Otis.

Charlie virou-se e ergueu as duas mãos no ar.

– É claro que conheço. Cada pormenor. E é por isso que o álibi de Otis foi o primeiro a ser verificado, ou por acaso não te lembras disso? As testemunhas disseram que ele estava em casa na noite do acidente.

– As testemunhas eram os irmãos...

Charlie abanou a cabeça, frustrado. – Mesmo não tendo participado da investigação, sabes como nos esforçámos por conseguir uma resposta. Não somos um bando de palhaços nesta esquadra, e os agentes da polícia rodoviária também não são. Todos nós sabemos investigar um crime e fizemos tudo certo, porque queríamos a verdade tanto quanto tu. Conversámos com as pessoas certas, mandámos o material todo para os laboratórios de perícia. Nada vinculou o Otis ao que aconteceu. Nada.

– Não tens a certeza disso.

– Tenho muito mais certeza disso do que sobre o que me estás a contar agora – respondeu Charlie, e respirou fundo. – Eu sei que esta história te atormenta desde que aconteceu e, se queres saber, também me atormenta a mim. Se fosse comigo, teria agido da mesma forma que tu. Teria endoidecido se alguém atropelasse a Brenda e se safasse. Provavelmente também teria tentado encontrar o culpado por minha conta. Mas sabes que mais?

Interrompeu-se para ter a certeza de que Miles estava a ouvir.

– Não teria acreditado na primeira história que promettesse uma solução do caso, sobretudo se viesse de um tipo como o Sims Addison. Pensa um bocadinho sobre quem estás a falar: *Sims Addison*. Ele venderia a própria mãe se pudesse ganhar algum com isso. Até onde achas que ele está disposto a ir pela própria liberdade?

– Isto não tem nada a ver com o Sims...

– É claro que tem. Ele não queria voltar para a prisão, estava disposto a dizer qualquer coisa para garantir que não voltaria. Não faz mais sentido do que isto que me estás a contar?

– Ele não me mentiria sobre este assunto.

Charlie fitou Miles. – Ai, é? Porquê? Por ser demasiado pessoal? Demasiado importante? Paraste em algum momento para pensar que ele sabia exatamente o que te dizer para que o soltasses? Ele é alcoólico, mas não é burro. Diria qualquer coisa para se safar e, pelos vistos, foi exatamente isso que aconteceu.

– Tu não estavas lá quando ele me contou. Não viste a cara dele.

– Ah, não? Para dizer a verdade, não acho que precisasse de estar lá. Consigo imaginar exatamente como foi. Mas digamos que tens razão. Digamos que o Sims está a dizer a verdade. E vamos ignorar o facto de teres feito mal em deixá-lo sair da cela sem conversar comigo ou com o Harvey. E depois? Disseste que ele só ouviu uma conversa, que não foi sequer testemunha do facto.

– Não precisa de ter sido.

– Miles, por favor! Conheces as regras. No julgamento, isso será considerado apenas um boato. O caso não se aguenta.

– O Earl Getlin pode depor.

– O Earl Getlin? E quem é que vai acreditar nele? Basta ver as tatuagens e o cadastro dele para metade do júri ficar desconfiado. Com o acordo que, com certeza, ele vai querer, perdemos a outra metade. E estás-te a esquecer de uma coisa importante.

– O quê?

– E se o Earl não confirmar a história?

– Vai confirmar.

– Mas e se não confirmar?

– Nesse caso, vamos ter de fazer o Otis confessar.

– E achas que ele vai fazer isso?

– Acho.

– Se o pressionares o suficiente, queres tu dizer...

Miles levantou-se, querendo acabar a conversa. – Olha, Charlie, o Otis matou a Missy. É tão simples como isso. Podes não querer acreditar, mas talvez vocês tenham deixado passar alguma pista na altura, e nem penses que vou deixá-la passar agora. – Miles levou a mão à maçaneta da porta. – Tenho um prisioneiro para interrogar...

Com um gesto, Charlie segurou a porta e fechou-a novamente.

– Não me parece, Miles. Por agora, é melhor ficares de fora desta história.

– Ficar de fora?

– Sim, *ficar de fora*. É uma ordem. A partir de agora, eu trato dela.

– Charlie, estamos a falar da Missy.

– Não, estamos a falar de um adjunto de xerife que passou dos limites e que não devia sequer ter-se envolvido no caso, para começo de conversa.

Passaram muito tempo a fitar-se antes de Charlie, por fim, abanar a cabeça. – Miles, eu percebo aquilo por que estás a passar, mas estás a perder o juízo. Vou conversar com o Otis e vou encontrar o Sims e falar com ele também. E vou à prisão conversar com o Earl. Quanto a ti, acho que provavelmente devias ir para casa. Tira o resto do dia.

– Acabei de começar o meu turno...

– E agora acabaste-o – interrompeu-o Charlie, virando a maçaneta. – Anda, vai para casa. Deixa-me tratar disto, está bem?

Continuava a não gostar daquela história.

Vinte minutos depois, sentado no seu gabinete, Charlie ainda não estava convencido.

Era xerife há quase 30 anos. Tinha aprendido a confiar nos seus instintos. E os seus instintos diziam-lhe para ter cuidado.

Neste momento, nem sequer sabia por onde começar. Por Otis Timson, provavelmente, uma vez que estava detido. Na verdade, porém, era com Sims que queria falar primeiro. Miles dizia ter certeza de que Sims dissera a verdade, mas, para Charlie, isso não bastava.

Não agora. Não naquelas circunstâncias.

Não quando se tratava de Missy.

Charlie tinha testemunhado em primeira mão o sofrimento de Miles após a morte da mulher. Meu Deus, como se amavam. Pareciam dois adolescentes; não conseguiam manter os olhos nem as mãos longe um do outro. Eram abraços, beijos, mãos dadas, olhares – parecia que ninguém tivera o cuidado de os avisar de que dava trabalho manter um casamento. E a situação não tinha mudado, nem com a chegada de Jonah! Brenda costumava brincar que, dali a 50 anos, Miles e Missy provavelmente ainda estariam na marmelada, nalguma casa de repouso.

Depois de ela morrer, Miles provavelmente ter-se-lhe-ia juntado, não fosse por Jonah. Mesmo assim, tinha-se praticamente matado de outras formas. Bebia além da conta, fumava, não dormia o suficiente e tinha emagrecido. Durante muito tempo, só conseguia pensar no crime.

Crime, não acidente. Não na cabeça de Miles. Para ele, era sempre *o crime*.

Charlie tamborilou na mesa com um lápis.

Lá vamos nós outra vez.

Sabia da investigação pessoal de Miles e, apesar de não aprovar, tinha feito vista grossa. Harvey Wellman soltara vários palavrões quando descobrira, mas e então? Ambos sabiam que Miles não interromperia a busca, dissesse Charlie o que dissesse. Se a situação tivesse chegado a esse extremo, Miles teria entregado o crachá e prosseguido a sua investigação.

Mas Charlie conseguira mantê-lo afastado de Otis Timson. Em boa hora o fizera. Havia algo entre aqueles dois, algo mais do que a tensão normal entre polícias e bandidos. Os esquemas em que os Timsons se metiam – Charlie não precisava de provas para saber quem eram os responsáveis – eram uma parte significativa da história. Isso, no entanto, aliado à tendência

de Miles de prender os Timsons primeiro e investigar depois, era uma mistura explosiva.

Teria Otis sido capaz de atropelar Missy Ryan?

Charlie refletiu sobre isso. Era possível... Mas, embora Otis tivesse um temperamento difícil e se envolvesse em algumas brigas, nunca tinha ultrapassado os limites. Até agora. Pelo menos não que o pudessem provar. Além do mais, tinham-no vigiado discretamente. Fora Miles que insistira, mas Charlie antecipara-se. Seria possível terem deixado escapar alguma coisa?

Pegou num bloco de notas e, como sempre, começou a escrever as ideias, para as organizar.

Sims Addison. Será que mentiu?

Sims já lhes dera informações importantes. Na realidade, as informações dele confirmavam-se sempre. Desta vez, no entanto, a história era outra. Agora não estava a agir por dinheiro. O que estava em jogo era bem mais importante: estava a agir para se salvar. Será que isso o tornava mais propenso a dizer a verdade? Ou menos?

Charlie precisava de conversar com ele. Naquele mesmo dia, se possível. No dia seguinte, o mais tardar.

Voltou ao bloco de notas. Escreveu o nome seguinte.

Earl Getlin. O que diria?

Se Earl negasse a história, assunto encerrado. Otis seria libertado e Charlie passaria o resto do ano a convencer Miles de que ele era inocente – pelo menos daquele crime específico. Mas, se Earl a confirmasse, o que aconteceria? Com o cadastro que tinha, não era exatamente a testemunha mais confiável do mundo. E ia, sem dúvida, querer algo em troca, coisa que nunca agradava ao júri.

De qualquer forma, Charlie precisava de conversar com ele sem demora.

Passou Earl para o topo da lista e escreveu um terceiro nome.

Otis Timson. Culpado ou não?

Se Otis tivesse matado Missy, a história de Sims faria sentido, mas e depois? Deviam mantê-lo preso enquanto conduziam o inquérito, dessa vez às claras, em busca de mais indícios? Libertá-lo e fazer a mesma coisa? Fosse como fosse, Harvey não veria com bons olhos um caso que se sustentasse apenas nos depoimentos de Sims Addison e Earl Getlin. Dois

anos depois do ocorrido, porém, o que é que ainda tinham esperança de encontrar?

Não restava dúvida de que tinha de investigar mais a fundo. Por mais que achasse que não iam descobrir nada, teria de reabrir a investigação. Por Miles. E por si próprio.

Charlie abanou a cabeça.

Muito bem, supondo que Sims estava a dizer a verdade e que Earl confirmava a informação – uma senhora suposição, mas não impossível –, porque é que Otis teria dito uma coisa daquelas? A resposta óbvia era que tinha dito porque o tinha feito. Nesse caso, voltava-se ao problema de construir um caso que se aguentasse. Mas...

Foram precisos alguns instantes para que a ideia ganhasse a forma de uma pergunta.

E se Sims estivesse a dizer a verdade, mas Otis tivesse mentido naquela noite?

Seria possível?

Charlie fechou os olhos, pensando.

Se sim, porque é que Otis o teria feito?

Por causa da reputação? *Vejam só o que eu fiz sem ser apanhado...*

Para assustar Earl e o obrigar a conseguir o dinheiro? *Isto também vai acontecer contigo a menos que...*

Ou será que Otis quisera dizer que tinha planeado tudo, embora não tivesse feito, ele mesmo, o trabalho sujo?

As ideias corriam em todas as direções na mente de Charlie.

Mas como é que Otis haveria de saber que Missy ia sair para correr naquela noite?

Aquela história estava muito mal contada.

Sem conseguir chegar a conclusão nenhuma, Charlie pousou o lápis e esfregou as têmporas, sabendo que tinha mais coisas em que pensar além da situação daqueles três.

O que faria em relação a Miles?

Seu amigo. Seu adjunto.

Fazer um acordo com Sims sem ligar às regras? Deixá-lo ir-se embora? Depois, sair espavorido para prender Otis como se estivessem no Faroeste, sem se dar sequer ao trabalho de conversar com Earl Getlin?

Harvey não era mau tipo, mas não veria aquilo com bons olhos. De modo algum.

Ninguém veria aquilo com bons olhos.

Charlie suspirou fundo. – Madge? – chamou.

A secretária espreitou para dentro do gabinete. Era roliça, com cabelos grisalhos, trabalhava na esquadra há quase tanto tempo quanto ele e sabia tudo o que acontecia. Teria ouvido a sua conversa com Miles?, pensou Charlie.

– O Joe Hendricks ainda é diretor da cadeia de Hailey?

– Acho que agora é o Tom Vernon.

– Ah, pois é – disse Charlie, meneando a cabeça ao lembrar-se de que tinha lido alguma coisa sobre a mudança. – Pode arranjar-me o número de telefone dele?

– Claro. Vou buscar. Está na agenda em cima da minha secretária.

Menos de um minuto depois, Madge voltou. Quando Charlie pegou no pedaço de papel, ela ficou parada por alguns instantes, sem gostar da expressão que viu nos olhos dele. Aguardou para ver se ele queria dizer-lhe alguma coisa.

Não quis.

Foram precisos quase dez minutos para que Tom Vernon atendesse o telefone.

– Earl Getlin? Sim, ainda cá está – respondeu Vernon.

Charlie rabiscava o papel à sua frente. – Preciso de falar com ele.

– Assunto oficial?

– Sim, pode dizer-se que sim.

– Por mim, não há problema. Quando pensa vir?

– Hoje à tarde seria possível?

– Assim tão urgente, é? Deve ser coisa séria.

– É, sim.

– Muito bem. Vou mandar avisar que vem. A que horas acha que chega?

Charlie consultou o relógio. Pouco passava das onze. Se não almoçasse, conseguia chegar lá a meio da tarde.

– Pelas duas da tarde?

– Combinado. Imagino que vá precisar de um sítio para conversar sozinho com ele.

– Se for possível.

– Sem problema. Até mais tarde, então.

Charlie desligou. Quando estava a pegar no casaco, Madge espreitou para dentro do gabinete.

– Vai à prisão?

– Tem de ser – respondeu Charlie.

– Enquanto estava ao telefone, o Thurman Jones ligou. Precisa de falar consigo.

O advogado de Otis Timson.

Charlie fez que não com a cabeça. – Se ele tornar a ligar, diga que volto lá para as seis. Pode falar comigo a essa hora.

Madge insistiu. – Ele disse que era importante, que não dava para esperar.

Advogados. Quando queriam falar, era sempre importante. Quando uma pessoa precisava de entrar em contacto com eles, eram outros quinhentos.

– Ele disse qual era o assunto?

– Não, mas parecia zangado.

É claro que Jones estava zangado. O cliente dele estava atrás das grades e ainda não fora acusado. Fosse como fosse, Charlie podia mantê-lo preso, pelo menos por enquanto. Mas o tempo estava a passar.

– Não tenho tempo para tratar disso agora. Diga-lhe que ligo mais tarde.

Madge abanou a cabeça, contraindo os lábios. Parecia querer dizer mais alguma coisa.

– Mais algum recado?

– O Harvey também ligou, alguns minutos depois do Thurman Jones. E também disse que precisava de conversar consigo. Disse que era urgente.

Charlie vestiu o casaco ao mesmo tempo que pensava «é claro que disse isso. Num dia como hoje, do que é que eu estava à espera?».

– Se ele tornar a ligar, dê o mesmo recado.

– Mas...

– Dê o recado e pronto, Madge. Não tenho tempo para discutir – disse. Pensou um instante e depois completou: – Peça ao Harris para vir aqui um instante. Preciso que ele resolva um assunto.

A expressão de Madge deixou claro que essa decisão a desagradava, mas obedeceu. Harris Young, outro adjunto, entrou no gabinete do chefe.

– Preciso que encontres o Sims Addison e que fiques de olho nele.

Harris pareceu não ter entendido o que o chefe pedira. – Quer que o prenda? – perguntou, para se certificar.

– Não – respondeu Charlie. – Descobre só onde está e fica de olho nele. Mas não deixes que ele te veja.

– Por quanto tempo?

– Eu volto lá para as seis, por isso no mínimo até essa hora.

– É quase o meu turno inteiro.

– Eu sei.

– E o que faço se receber uma chamada e tiver de ir?

– Não vais. O teu trabalho hoje é o Sims. Vou pôr alguém a substituir-te.

– O dia inteiro?

Tanto Harris como Charlie sabiam que o trabalho seria uma chatice. Charlie piscou-lhe o olho. – Isso mesmo. Garantir a segurança pública não é o máximo?

Quando saiu do gabinete de Charlie, Miles não foi para casa. Em vez disso, conduziu sem rumo pela cidade, fazendo curva atrás de curva, circulando sem rumo por New Bern. Não estava concentrado no trajeto, mas, levado pelo instinto, percebeu logo que se aproximava do arco de pedra do cemitério de Cedar Grove.

Estacionou, saiu do carro e foi caminhando em direção ao túmulo de Missy. Apoiado na pequena lápide de mármore havia um ramo de flores já secas que parecia ter sido deixado algumas semanas antes. Sempre que ia ao cemitério, havia flores no túmulo. Nunca eram acompanhadas por um cartão, mas Miles entendia que ele não era necessário.

Mesmo morta, Missy continuava a ser amada.

CAPÍTULO 21

Dois semanas depois do funeral de Missy Ryan, estava deitado na cama, um dia de manhã, quando ouvi um pássaro começar a cantar do lado de fora da janela. Tinha deixado a janela aberta na véspera, na esperança de aliviar um pouco o calor e a humidade. Tinha o sono agitado desde o acidente: havia acordado, mais de uma vez, com o corpo coberto de suor, os lençóis molhados e pegajosos, a almofada ensopada. Nessa manhã, não foi diferente: quando ouvi o pássaro, senti o cheiro de suor à minha volta, um odor adocicado de amoníaco.

Tentei ignorar o pássaro, o facto de estar empoleirado na árvore, o facto de eu ainda estar vivo e Missy Ryan, não. Mas não consegui. O pássaro estava mesmo em frente da minha janela, num galho que dava para o meu quarto, e o canto dele era estridente. Eu sei quem tu és, parecia dizer-me, e sei o que fizeste.

Perguntei-me quando é que a polícia apareceria para me levar.

Pouco importava que tivesse sido um acidente ou não, o pássaro sabia que a polícia viria e estava a dizer-me que isso não demoraria a acontecer. Eles descobririam que carro tinha causado o atropelamento naquela noite e encontrariam o dono do carro. Alguém viria bater-me à porta de casa e entraria, ouviria o pássaro e saberia que eu era o culpado. Sei que era ridículo, mas, no meu estado de semiloucura, acreditava que assim seria.

Sabia que eles viriam.

No quarto, enfiado entre as páginas de um livro guardado na gaveta, estava o obituário que eu recortara do jornal. Também tinha guardado outros artigos sobre o acidente, bem dobrados ao pé do obituário. Era um perigo ter aquelas folhas. Qualquer pessoa que abrisse o livro tê-las-ia encontrado e saberia o que eu fizera, mas eu guardava-as porque precisava. Sentia-me atraído por aquelas palavras, não por uma questão de reconforto, mas para entender melhor o que provocara. As palavras escritas no jornal tinham vida, as fotos tinham vida. Já naquele quarto,

naquela manhã em que o pássaro cantou na minha janela, havia apenas morte.

Tinha pesadelos desde o funeral. Uma vez sonhei que o padre me identificava, que sabia o que eu tinha feito. No sonho, o padre parou de repente de falar, a meio da cerimónia, passou os olhos pelos bancos da igreja e depois ergueu o dedo, devagar, na minha direção. «Eis o responsável», disse. Vi os rostos voltar-se para mim, um após o outro, como uma onda num estádio cheio, e todos eles me fitaram com expressões de espanto e raiva. No entanto, nem Miles nem Jonah se viraram para me ver. A igreja emudeceu, cheia de olhos arregalados; eu fiquei sentado, imóvel, à espera de ver se Miles e Jonah finalmente se virariam para descobrir quem a tinha matado. Mas eles não se viraram.

No outro pesadelo, sonhei que Missy ainda estava viva dentro da valeta quando a encontrei, que gemia e tinha a respiração entrecortada, mas que eu lhe virara as costas e me afastara, deixando-a ali para morrer. Quando acordei, estava a hiperventilar. Saltei da cama e comecei a andar para lá e para cá no quarto, a falar sozinho, até finalmente me convencer de que fora apenas um sonho.

Missy morreu de um traumatismo craniano. Também fiquei a sabê-lo graças aos artigos de jornal. Hemorragia cerebral. Como já disse, não estava a conduzir depressa, mas os textos diziam que ela tinha caído de uma maneira que fizera a cabeça bater numa pedra protuberante na valeta. Diziam que tinha sido uma fatalidade, uma hipótese num milhão.

Não fiquei convencido.

Perguntei-me se Miles desconfiaria de mim quando me visse, se, por algum golpe de inspiração divina, adivinharia que eu era. Perguntei-me o que lhe diria, caso ele me confrontasse. Será que ele ligaria ao facto de eu gostar de basebol, ou de a minha cor preferida ser azul, ou de, com sete anos, gostar de sair de casa às escondidas para observar as estrelas, muito embora ninguém desconfiasse de que isso me interessaria? Será que gostaria de saber que, até ao instante em que atingi Missy com o carro, eu tinha certeza de que acabaria por fazer algo importante na vida?

Não, não ligaria a essas coisas. Queria apenas saber o óbvio. Queria saber que o assassino tem cabelo castanho, olhos verdes e um metro e oitenta de altura. Queria saber onde me encontrar. E como aquilo aconteceu.

Mas será que lhe faria diferença saber que foi um acidente? Que, se alguém teve culpa, foi mais ela do que eu? Que, se ela não estivesse a correr à noite numa estrada perigosa, muito provavelmente teria voltado para casa? Que ela tinha saltado para a frente do meu carro?

Reparei que o pássaro tinha parado de cantar. Os galhos das árvores estavam imóveis e ouvi o zumbido distante de um carro que passava. O tempo estava a aquecer outra vez. Soube que Miles Ryan já estaria acordado e imaginei-o sentado na sua cozinha. Visualizei Jonah ao lado dele, a comer cereais de uma tigela. Tentei imaginar o que estariam a dizer um ao outro. Contudo, a única coisa que consegui montar na mente foi a respiração regular dos dois, pontuada pelo barulho da colher a bater na tigela.

Levei as mãos às têmporas e massajei-as, para tentar afastar a dor. Parecia vir bem lá do fundo, apunhalar-me com fúria, acompanhar cada batida do meu coração. Imaginei Missy caída na estrada, de olhos abertos, a fitar-me.

A fitar o vazio.

CAPÍTULO 22

Charlie chegou à Prisão Estadual de Hailey pouco antes das duas, com a barriga a roncar, os olhos cansados e a sensação de que há mais ou menos uma hora que o sangue lhe deixara de circular nas pernas. Estava a ficar velho para passar três horas sentado no carro.

Devia ter-se reformado no ano anterior, quando Brenda lhe dissera que o fizesse, para poder gastar o tempo com algo produtivo. Como pescar, por exemplo.

Tom Vernon foi recebê-lo ao portão.

De fato, parecia mais um banqueiro do que o diretor de uma das cadeias mais problemáticas do estado. Tinha os cabelos repartidos com esmero para um dos lados, entremeados de fios grisalhos, e uma postura muito ereta. Quando estendeu a mão, Charlie notou que ele parecia ter arranjado as unhas.

Vernon entrou primeiro, mostrando o caminho.

Como todas as prisões, aquela era cinzenta e fria... só betão e aço por toda a parte, tudo banhado por lâmpadas fluorescentes. Subiram um corredor comprido e passaram por uma pequena área de receção, até finalmente chegarem ao gabinete de Vernon.

À primeira vista, o gabinete era tão frio e cinzento quanto o resto do edifício. Tudo ali tinha cara de repartição pública: a secretária, os candeeiros, os armários de arquivo dispostos no canto. Uma janelinha fechada por barras de metal dava para o pátio. Charlie avistou os prisioneiros lá fora: alguns levantavam pesos, outros estavam sentados ou reunidos em grupos. Metade parecia estar a fumar.

Por que carga de água é que Vernon ia trabalhar de fato num sítio assim?

– Só preciso que preencha uns papéis – disse. – Sabe como é.

– Claro.

Charlie palpou o peito, à procura de uma caneta. Antes de conseguir encontrá-la, Vernon estendeu-lhe uma.

– O Earl Getlin foi avisado da minha visita?

- Imaginei que não quisesse que o avisássemos.
- Está tudo pronto para ele falar comigo?
- Vamos buscá-lo só depois de o xerife estar na sala.
- Obrigado.
- Antes, queria conversar consigo sobre o prisioneiro um instante. Só para que não seja apanhado de surpresa.
- Apanhado de surpresa?
- Tenho de lhe dizer uma coisa.
- Que coisa?
- O Earl envolveu-se numa briga há algum tempo. Não consegui descobrir ao certo o que aconteceu... Sabe como são as coisas aqui. Ninguém vê nada, ninguém sabe de nada, enfim...

Charlie ergueu os olhos para Vernon quando este suspirou.

– O Earl Getlin perdeu um olho. Foi-lhe arrancado durante uma confusão no pátio. Já abriu meia dúzia de processos alegando que a culpa foi nossa, de alguma forma.

Porque é que ele me está a contar isto?, perguntou-se Charlie quando Vernon fez uma pausa.

– A questão é que ele anda a dizer que nem sequer devia ter sido preso. Que lhe armaram uma cilada – disse Vernon, antes de erguer as mãos e prosseguir: – Eu sei, eu sei, toda a gente aqui diz que é inocente. A história é velha, todos nós já a ouvimos um milhão de vezes. Mas o facto é que, se estivesse aqui para obter alguma informação dele, eu não teria muita esperança, a menos que ele acredite que vai conseguir sair daqui. E, mesmo assim, talvez minta.

Charlie olhou com outros olhos para Vernon. Para um homem que se vestia com tanto esmero, parecia muito ciente do que acontecia na sua prisão. Vernon entregou-lhe os papéis e Charlie correu os olhos rapidamente por eles. Eram os mesmos de sempre.

– Alguma ideia de quem ele diz que armou a cilada? – quis saber.

– Só um instante – respondeu Vernon, erguendo um dedo. – Já lhe digo. – Pegou no telefone da secretária, digitou um número e aguardou que alguém atendesse. Fez a pergunta, ouviu a resposta e agradeceu à pessoa do outro lado.

– Pelo que soubemos, diz que foi um homem chamado Otis Timson.

Charlie não soube se havia de rir ou chorar.

É claro que Earl culpava Otis.

Isso facilitava bastante uma parte do seu trabalho.

Mas a outra parte, de repente, tornava-se muito mais difícil.

Antes mesmo de perder o olho, a vida na prisão já tinha sido menos clemente com Earl Getlin do que com a maioria dos detidos. A sua pele tinha adquirido um tom amarelado e o cabelo parecia ter sido cortado de forma grosseira em vários pontos, enquanto noutros estava mais comprido, como se ele próprio tivesse feito o serviço com uma tesoura enferrujada. Earl sempre fora magro, mas tinha emagrecido ainda mais, e Charlie viu o contorno dos ossos dele sob a pele das mãos.

O que mais lhe chamou a atenção, porém, foi a pala. Era preta, como a de um pirata ou a de um bandido dos filmes de guerra de antigamente.

As algemas que prendiam os pulsos de Earl estavam ligadas por uma corrente a argolas nos tornozelos. Earl entrou a arrastar os pés e parou por um segundo assim que viu Charlie, após o que avançou até ao seu lugar, em frente do xerife, do outro lado de uma mesa de madeira.

Depois de confirmar com Charlie, o guarda saiu discretamente da sala.

Earl encarou-o com o olho que lhe restava. Parecia ter praticado aquele olhar fixo, sabendo que a maioria das pessoas seria forçada a desviar a vista. Charlie fingiu não reparar na pala.

– O que está aqui a fazer? – rosnou Earl. Se o seu corpo parecia mais fraco, a voz não perdera potência. Era um homem ferido, mas não estava disposto a desistir. Charlie teria de ficar de olho nele quando ele fosse libertado.

– Vim conversar contigo – respondeu.

– Sobre o quê?

– Sobre o Otis Timson.

O nome fez Earl retesar o corpo. – O que é que tem o Otis? – perguntou, desconfiado.

– Preciso de saber sobre uma conversa que tiveste com ele há uns tempos. Estavas à espera dele no Rebel e o Otis e os irmãos sentaram-se na tua mesa. Lembras-te disso?

Não era o que Earl parecia estar à espera. Depois de levar alguns segundos a processar as palavras de Charlie, piscou o olho.

– Refresque-me a memória. Já foi há muito tempo.

– A conversa tinha a ver com Missy Ryan. Ajuda?

Earl levantou um pouco o queixo e olhou para a ponta do nariz. Depois olhou para um lado e para o outro da sala.

– Depende.

– De quê? – perguntou Charlie, inocente.

– Do que vou ganhar com isso.

– O que queres ganhar?

– Xerife, poupe-me... Não se faça de desentendido. O senhor sabe o que quero.

Não precisava de dizer. Era óbvio para ambos.

– Não posso prometer nada antes de ouvir o que tens a dizer.

Earl recostou-se na cadeira, tentando parecer indiferente. – Então acho que estamos num beco sem saída, não é?

Charlie fitou-o. – Talvez – disse. – Mas acho que vais acabar por me dizer.

– Porque é que acha isso?

– Porque o Otis te armou uma cilada, não foi? Se me contares o que ele te disse naquele dia, eu oiço a tua versão. E prometo verificar a história. Se o Otis te armou uma cilada, nós descobrimos. E, no final, pode ser que troquem de lugar.

Era tudo o que Earl precisava para começar a falar.

– Eu devia-lhe dinheiro – começou Earl. – Mas faltava-me um bocado, percebe?

– Um bocado, quanto? – quis saber Charlie.

Earl fungou. – Uns milhares.

Charlie sabia que a dívida devia referir-se a algo ilegal, muito provavelmente drogas. No entanto, assentiu simplesmente com a cabeça, como se já soubesse daquilo e não ligasse.

– E então os Timsons apareceram, todos, e começaram a dizer que eu tinha de lhes pagar, que aquilo os deixava ficar mal, que não podiam continuar a ajudar-me. Eu disse várias vezes que lhes daria o dinheiro assim que o tivesse. Enquanto isso, durante a conversa toda, o Otis ficou muito calado. Como se estivesse mesmo a ouvir o que eu dizia. Parecia meio

distante, mas ao mesmo tempo era o único que parecia ligar ao que eu dizia. Então, comecei a explicar-lhe a situação. O Otis fez que sim com a cabeça e os outros pararam de falar. Quando terminei, achei que ele ia dizer alguma coisa, mas ele ficou muito tempo calado. Foi então que se inclinou para a frente e me disse que, se não pagasse o que devia, me acontecia o mesmo que tinha acontecido à Missy Ryan. Só que, agora, recuariam e passariam outra vez por cima de mim.

Bingo.

Então Sims estava a dizer a verdade. Interessante.

A expressão de Charlie, porém, não revelou nada.

Fosse como fosse, sabia que aquela era a parte fácil. Fazer Earl falar sobre o assunto não era o que o preocupava. Sabia que a parte difícil ainda estava por vir.

– Quando foi isso?

Earl pensou um pouco. – Em janeiro, provavelmente. Estava frio.

– Quer dizer que estavas no bar, sentado à frente dele, e de repente ouves isso. Como é que reagiste?

– Não soube o que pensar. Sei que não fiz nenhum comentário.

– Acreditaste nele?

– Claro. – Meneio vigoroso da cabeça, como se quisesse enfatizar a resposta.

Vigoroso demais, talvez?

Charlie olhou de relance para a mão dele e examinou-lhe as unhas.

– Porquê?

Earl inclinou-se para a frente e a corrente que o prendia tilintou na mesa.

– Por que outro motivo é que ele me diria uma coisa daquelas? Além do mais, sabe o tipo de pessoa que ele é. Faria isso sem pestanejar.

Pode ser que sim. Pode ser que não.

– Mas pergunto-te outra vez: porque é que achas isso?

– Diga o xerife o que acha.

– O que eu acho não importa. O importante é o que tu achas.

– Já disse o que penso.

– Acreditaste nele.

– Acreditei – confirmou Earl.

– E achaste que ele te faria o mesmo?

– Ele disse que faria, não disse?

– Então tiveste medo, certo?

– Sim! – disparou.

Estás a ficar impaciente?

– Quando é que foste preso? Pelo roubo do carro, digo.

A mudança de assunto surpreendeu Earl, que demorou a responder.

– No final de junho.

Charlie aquiesceu, como se tivesse verificado o assunto de antemão. – O que é que gostas de beber? Quando não estás preso, claro.

– Que diferença é que isso faz?

– Cerveja, vinho, uísque. Só por curiosidade.

– Principalmente cerveja.

– Tinhas bebido alguma naquela noite?

– Uma ou duas. Não o suficiente para ficar bêbedo.

– Antes de chegares? Talvez já estivesse um pouco tocado...

Earl fez que não com a cabeça. – Não, bebi as cervejas quando já estava lá.

– E quanto tempo é que passaste na mesa com os Timsons?

– Como assim?

– É uma pergunta fácil. Ficaste cinco minutos? Dez? Meia hora?

– Não me lembro.

– Mas o suficiente para beber uma ou duas cervejas.

– Sim.

– Mesmo estando com medo.

Earl entendeu finalmente onde Charlie queria chegar. Este aguardou, paciente, inexpressivo.

– Sim – repetiu Earl. – Não são o tipo de pessoas que possamos simplesmente deixar e ir embora.

– Ah – disse Charlie, levando a mão ao queixo, num gesto que dava a entender que tinha aceitado a explicação. – Tudo bem, então... Deixa-me ver se percebi bem. O Otis disse... não, sugeriu... que eles tinham matado a Missy e tu pensaste que te fariam o mesmo porque lhes devias dinheiro. Bate certo até aqui?

Earl assentiu com cautela. Charlie fazia-lhe lembrar o maldito delegado do ministério público que o pusera na prisão.

– E sabias do que eles estavam a falar, não sabias? Sobre a Missy. Sabias que ela tinha morrido, não sabias?

- Toda a gente sabia.
- Leste a notícia no jornal?
- Sim.

Charlie abriu as mãos, palmas para cima.

- Então porque é que não contaste à polícia o que ele te disse?
- Pois, está bem... – desdenhou Earl. – Até parece que vocês teriam acreditado em mim.

- Mas queres que acreditemos agora.
- Ele disse aquilo. Eu ouvi. Ele disse que tinha matado a Missy.
- Repetirias isso como testemunha em tribunal?
- Depende do acordo que me oferecerem.

Charlie pigarreou. – Muito bem, mudemos de assunto por um instante. Foste apanhado com um carro roubado, certo?

Earl tornou a assentir.

- E, segundo o que dizes, o responsável pela tua captura foi o Otis.
- Sim. Eles deviam ter-se encontrado comigo perto da antiga fábrica de Falls Mill, mas nunca apareceram. Acabei por ser preso.

Charlie assentiu. Lembrava-se de ter ouvido aquilo no julgamento.

- Ainda lhe devias dinheiro?
- Devia.
- Quanto?
- Earl remexeu-se na cadeira.
- Uns milhares.
- A mesma quantia que devias antes?
- Mais ou menos a mesma.
- E ainda estavas com medo que eles te matassem? Mesmo ao fim de seis meses?
- Não conseguia pensar em mais nada.
- E não estarias aqui se não fossem eles, certo?
- Já disse que sim.

Charlie inclinou-se para a frente. – Então porque é que não tentaste usar essa informação para diminuir a tua pena? Ou para mandar prender o Otis? E porque é que, durante este tempo todo que passaste aqui a dizer que o Otis te armou uma cilada, nunca mencionaste que ele tinha matado a Missy Ryan?

Earl fungou novamente e olhou para a parede.

– Ninguém teria acreditado em mim – respondeu, por fim.
Porque será?

No carro, Charlie reviu as informações.

Sims estava a dizer a verdade sobre o que tinha ouvido. Mas era alcoólico e estava a beber na noite em questão.

Tinha ouvido as palavras, mas será que tinha percebido o tom?

Será que Otis estava a brincar? Ou será que falava a sério?

Ou será que estava a mentir?

E sobre o que é que os Timsons tinham conversado com Earl na meia hora seguinte?

Earl não lhe esclarecera nenhum desses pontos. Era óbvio que não se lembrava da conversa até Charlie a mencionar, e o relato dele não oferecia muito além disso. Achara que os irmãos o iam matar, mas ficara na mesa a beber cervejas depois da ameaça. Passara meses aterrorizado, mas não o suficiente para pagar a dívida, ainda que roubasse carros e pudesse ter conseguido o dinheiro. Não dissera nada ao ser preso. Culpava Otis por o ter incriminado e falava sobre isso com as pessoas da prisão, mas nunca mencionara o facto de Otis ter confessado o homicídio de uma pessoa. Tinha perdido um olho e, mesmo assim, não dissera nada. A recompensa não o atraía.

Um alcoólico bêbedo que dá informações para fugir da prisão. Um detido rancoroso que recorda subitamente factos importantes, mas cuja história apresenta lacunas graves.

Qualquer advogado de defesa que se prezasse arrasaria tanto Sims Addison como Earl Getlin. E Thurman Jones era bom. Muito bom.

Charlie mantivera o cenho franzido desde que entrara no carro.

Não gostava nada daquela história.

Nadinha.

Mas o facto era que Otis tinha realmente dito «acontece-te o mesmo que aconteceu à Missy Ryan». Foi ouvido por duas pessoas e isso significava alguma coisa. Talvez bastasse para o manter preso. Pelo menos por enquanto.

Mas será que bastaria para abrir um processo?

E, o mais importante de tudo, será que algum desses factos provava mesmo que Otis era culpado?

CAPÍTULO 23

*N*ão conseguia fugir àquela imagem de Missy Ryan, àqueles olhos a fitar o vazio e, por causa disso, transformei-me numa pessoa que não conhecia.

Seis semanas depois da morte dela, parei o carro no estacionamento de um posto de gasolina, a pouco menos de um quilómetro de onde queria ir. Fiz o resto do caminho a pé.

Era quinta-feira, pouco depois das nove da noite. Passava apenas meia hora desde que o Sol de setembro se tinha posto e eu sabia que me precisava de esconder. Estava vestido de preto e fui andando pela beira da estrada. Cheguei a baixar-me atrás de uns arbustos ao ver faróis a aproximar-se.

Apesar do cinto, tinha de estar sempre a segurar as calças, que não paravam de cair. Entretanto, o gesto era tão habitual, que eu nem me dava mais conta, mas naquela noite, com galhos e gravetos a puxá-las para baixo, percebi como tinha emagrecido. Desde o acidente, perdera completamente o apetite. A simples ideia de me alimentar parecia repugnante.

Também tinha começado a perder cabelo. Não em tufos, mas fio a fio, como se os cabelos estivessem a apodrecer lenta e regularmente, como uma casa devorada por térmitas. Acordava com fios de cabelo na almofada e, depois de me pentear, a escova ficava tão cheia, que tinha de limpar as cerdas com os dedos. Mandava os cabelos para a sanita e ficava a ver os fios serem tragados pelo turbilhão. Assim que desapareciam, fazia uma segunda descarga, sem outro motivo que não fosse adiar a realidade que era a minha vida.

Naquela noite, quando passava por um buraco na cerca, cortei a palma da mão num prego solto. Doeu e sangrou, porém, em vez de dar meia-volta e ir para casa, cerrei simplesmente o punho e senti o sangue escorrer entre os dedos, espesso e pegajoso. Não liguei à dor no momento, assim como hoje em dia não ligo à cicatriz. Tinha de ir lá. Na semana anterior, tinha

visitado o local do acidente de Missy e também o túmulo. Tinham colocado a lápide há pouco tempo e havia espaços em que a relva ainda não emergira, deixando quase um buraco na terra nua. Aquilo incomodou-me, por algum motivo que eu não soube muito bem explicar, e foi lá que depusitei as flores. Então, sem saber o que mais fazer, sentei-me e fiquei simplesmente a olhar para o mármore. O cemitério estava praticamente vazio. Ao longe, algumas pessoas tratavam, aqui e ali, dos seus afazeres. Virei-lhes as costas, sem me importar que me vissem.

Sob a luz do luar, abri a mão. O meu sangue era negro, lustroso como óleo. Fechei os olhos, recordei Missy e depois tornei a avançar. Levei meia hora a chegar. Zumbiam mosquitos em redor do meu rosto. Mais ou menos no final do caminho, tive de atravessar alguns quintais para sair da estrada. Os terrenos naquele sítio são amplos, com as casas bem afastadas da estrada, e foi mais fácil andar por ali. Tinha os olhos postos no meu destino final e, quando me aproximei, diminuí o passo, tendo o cuidado de não fazer barulho. Vi luz a sair das janelas. Avistei um carro parado junto à casa.

Sabia onde eles moravam; toda a gente sabia. Afinal de contas, era uma cidade pequena. Também já tinha visto a casa deles durante o dia – já estivera lá antes, tal como já fora ao local do acidente e ao túmulo de Missy –, só que nunca me tinha aproximado tanto. A minha respiração desacelerou, quando cheguei ao lado da casa. Senti o cheiro de relva recém-cortada.

Parei e apoiei a mão na parede de tijolos. Apurei os ouvidos, tentando escutar o ranger de tábuas no chão, algum movimento perto da porta. Vi sombras a tremeluzir no alpendre. Mas ninguém pareceu reparar na minha presença.

Fui avançando, pé ante pé, até à janela da sala e depois subi para o alpendre, onde me encolhi num canto, para me esconder atrás de uma treliça coberta de hera, caso alguém porventura passasse pela estrada. Ao longe, ouvi um cão começar a latir, parar e latir de novo, para ver se alguma coisa se mexia. Curioso, espreitei para dentro da sala.

Não vi nada.

No entanto, não consegui sair dali. Era assim que eles viviam, pensei. Missy e Miles sentavam-se naquele sofá, pousavam as chávenas sobre aquela mesa de apoio. Tinham aquelas fotografias na parede. Aqueles

livros. Olhei em volta e vi que o televisor estava ligado. Os sons das conversas no ecrã fundiam-se. A divisão estava arrumada, sem objetos em excesso, e, fosse por que razão fosse, isso fez-me sentir melhor.

Foi então que vi Jonah entrar na sala. Sustive a respiração quando ele se aproximou do televisor, pois, ao fazê-lo, aproximava-se de mim também, mas ele não olhou na minha direção. Em vez disso, sentou-se, cruzou as pernas e ficou quieto a ver o programa, como que hipnotizado.

Ceguei-me um pouco mais ao vidro, para o ver melhor. Tinha crescido nos últimos dois meses, não muito, mas dava para perceber. Embora fosse tarde, não estava de pijama, mas de calças de ganga e T-shirt. Ouvi-o soltar uma gargalhada e o meu coração quase explodiu dentro do peito.

Foi então que Miles entrou na sala. Recuei para a sombra novamente, mas continuei a observá-lo. Passou muito tempo parado, só a olhar para o filho, sem dizer nada. Tinha uma expressão vazia, impossível de interpretar... hipnotizada. Segurava um envelope pardo e, instantes depois, vi-o olhar para o relógio. O cabelo dele estava volumoso de um dos lados da cabeça, como se ele tivesse passado repetidamente a mão por ali.

Eu sabia o que ia acontecer a seguir, e aguardei. Ele começaria a conversar com o filho. Perguntaria o que é que Jonah estava a ver. Ou então, como era dia de semana, diria qualquer coisa sobre Jonah ter de ir para a cama ou vestir o pijama. Perguntaria se ele queria um copo de leite ou um lanche.

Mas não o fez.

Em vez disso, Miles simplesmente passou pela sala e desapareceu no corredor escuro, como se nunca tivesse estado ali.

Um minuto depois, esgueirei-me para longe da casa.

Passei o resto da noite em claro.

CAPÍTULO 24

Miles entrou em casa ao mesmo tempo que Charlie chegava à Prisão Estadual de Hailey e a primeira coisa que fez foi ir ao quarto.

Não foi dormir. Em vez disso, tirou a pasta do armário em que a tinha escondido.

Passou as horas seguintes a folheá-la, a virar as páginas e a estudar as informações. Não havia nada novo, nada que tivesse negligenciado, mas mesmo assim não conseguiu largá-la.

Agora sabia o que procurar.

Algum tempo depois, o telefone tocou. Não atendeu. O aparelho tocou outra vez 20 minutos depois, com o mesmo resultado. À hora do costume, Jonah saiu do autocarro escolar e, ao ver o carro do pai, foi para casa, em vez de ir ter com Mrs. Knowlson. Correu animado para o quarto, pois só esperava ver o pai mais tarde, e pensou que pudessem fazer alguma coisa juntos, antes de sair com Mark. Ao ver a pasta, porém, soube imediatamente o que aquilo significava. Conversaram por alguns instantes, mas Jonah sentiu que o pai precisava de ficar sozinho e não lhe pediu nada. Voltou para a sala e ligou o televisor.

O Sol da tarde foi-se aproximando do horizonte. Ao cair da noite, as luzes de Natal do bairro começaram a acender-se. Jonah foi ver como o pai estava. Chegou a falar com ele, da soleira da porta, mas Miles nem sequer ergueu os olhos.

Jonah juntou uma tigela de cereais.

Miles continuou a examinar a pasta. Rabiscou perguntas e anotações nas margens, começando por Sims e Earl e pela necessidade de os fazer depor. Depois, avançou para as páginas relativas à investigação sobre Otis Timson, desejando ter estado lá para a conduzir pessoalmente. Mais perguntas, mais anotações. *Verificaram todos os carros, inclusive as carcaças, da propriedade em busca de avarias? Será que ele usou um carro emprestado? Se sim, de quem? Alguém em alguma loja se lembrava de Otis ter comprado um conjunto de primeiros socorros? Onde teriam largado o*

carro, caso este tivesse sofrido danos? Ligar para outras esquadras e ver se tinham fechado alguma oficina que desmontasse carros nos últimos dois anos. Se possível, interrogar as pessoas. Fazer acordo se alguém se lembrar de alguma coisa.

Pouco antes das oito da noite, Jonah reapareceu no quarto, pronto para ir ao cinema com Mark. Miles tinha-se esquecido completamente de que o filho ia sair. Jonah despediu-se do pai com um beijo e foi-se embora. Miles voltou imediatamente à pasta, sem perguntar a que horas o filho voltaria.

Só ouviu Sarah chegar quando ela o chamou da sala.

– Miles? Estás em casa?

Instantes depois, ela apareceu no vão da porta e Miles lembrou-se, de repente, de que haviam combinado sair.

– Não me ouviste bater? – indagou ela. – Fiquei a congelar lá fora, à espera que viesses, e acabei por desistir de esperar. Esqueceste-te de que fiquei de passar cá?

Quando ele ergueu os olhos, ela viu a expressão perturbada e distante neles. Pelo aspeto do cabelo, Miles tinha passado as últimas horas a correr os dedos por ele.

– Está tudo bem? – perguntou ela.

Miles começou a juntar os papéis outra vez. – Tudo... tudo bem. Estava a trabalhar... Desculpa, perdi noção das horas.

Ela reconheceu a pasta e arqueou as sobrancelhas. – O que se passa? – indagou.

Ver Sarah fê-lo perceber como estava exausto. Tinha o pescoço e as costas rígidos e a sensação de que uma fina camada de poeira os cobria. Fechou a pasta e pô-la de lado, ainda a pensar no conteúdo. Esfregou o rosto com as duas mãos e olhou para ela entre os dedos.

– O Otis Timson foi preso hoje – disse.

– O Otis? Porquê?

Antes de concluir a pergunta, de repente Sarah adivinhou a resposta. Inspirou com força.

– Oh, Miles... – disse, aproximando-se instintivamente dele. Miles levantou-se, todo dorido, e ela envolveu-o num abraço. – Tens a certeza de que está tudo bem? – sussurrou Sarah, segurando-o com força.

Com aquele abraço, tudo o que ele tinha sentido ao longo do dia voltou de enxurrada. A mistura de incredulidade, raiva, frustração, fúria, medo e

exaustão ampliou o seu sentimento de perda, até que Miles se rendeu. De pé no quarto, envolvido pelos braços de Sarah, deixou-se abater e chorou como nunca tinha chorado.

Quando voltou para a esquadra, Charlie tinha Madge à espera. Embora em geral saísse às cinco, ficara mais uma hora e meia à espera dele. Estava no estacionamento, de braços cruzados sobre o peito e o casaco de lã comprido, tentando proteger-se do frio.

Charlie saiu do carro e limpou as migalhas das calças. Pelo caminho, tinha comprado um hambúrguer e batatas fritas, que comera acompanhados por um café.

– O que está a fazer aqui a esta hora, Madge?

– À sua espera – respondeu ela. – Vi o carro chegar e queria falar-lhe sem que ninguém ouvisse.

Charlie estendeu a mão para dentro do carro e pegou no chapéu. Com aquele frio, precisava dele. Já não tinha cabelos suficientes para manter a cabeça aquecida.

– Que se passa?

Antes que ela respondesse, um dos adjuntos de xerife saiu da esquadra. Para ganhar tempo até que ele se afastasse, Madge respondeu apenas: – A Brenda ligou.

– Está tudo bem? – indagou Charlie, entrando no jogo.

– Pelo que percebi, sim. Mas ela quer que lhe ligue.

O adjunto meneou a cabeça ao passar por Charlie. Quando o adjunto já estava perto do seu carro, Madge aproximou-se de Charlie.

– Acho que temos um problema – disse, em voz baixa.

– Que problema?

Acenou por cima do ombro. – O Thurman Jones está à sua espera lá dentro. O Harvey Wellman também.

Charlie continuou a encará-la, sabendo que havia mais qualquer coisa.

– Querem conversar consigo – disse ela.

– E então?

Ela olhou em volta mais uma vez, para se certificar de que estavam sozinhos.

– Estão juntos, Charlie. Querem conversar consigo juntos.

Charlie fitou-a simplesmente, tentando adivinhar o que ela ia dizer, sabendo que não ia gostar. Os delegados do ministério público e os advogados de defesa só uniam forças nos casos mais sinistros.

– É por causa do Miles – disse Madge. – Acho que ele talvez tenha feito alguma coisa. Alguma coisa que não devia.

Thurman Jones tinha 53 anos, estatura e peso medianos e cabelos castanhos ondulados que pareciam permanentemente despenteados pelo vento. No tribunal, gostava de usar fatos azul-marinhos, gravatas escuras aos quadrados e tênis de corrida pretos, o que lhe dava um ar meio salão. Durante os julgamentos, falava devagar e com clareza, sem nunca perder a calma, e essa combinação, aliada à sua aparência física, causava muito boa impressão nos jurados. Charlie não conseguia entender porque é que ele representava pessoas como Otis Timson e seus familiares, mas era isso que Jones fazia há muitos anos.

Harvey Wellman, por sua vez, gostava de usar fatos feitos à medida e sapatos da marca *Cole-Haan*, e parecia sempre pronto para ir a um casamento. Começara a ficar grisalho nas têmporas aos 30 anos. Agora, aos 40, tinha cabelos quase prateados, que lhe davam um aspeto distinto. Podia passar por pivô de noticiários na televisão. Ou, quem sabe, gerente de uma agência funerária.

Nenhum dos dois parecia feliz por estar à espera à porta do gabinete de Charlie.

– Queriam falar comigo? – perguntou Charlie.

Ambos se levantaram.

– É importante, Charlie – respondeu Harvey.

Charlie conduziu-os ao seu gabinete e fechou a porta. Apontou para um par de cadeiras, mas nenhum dos dois se sentou. Depois, pôs-se atrás da secretária, para abrir um pouco de distância entre si e os visitantes.

– Em que posso ajudar-vos?

– Temos um problema, Charlie – respondeu Harvey. – É sobre a detenção de hoje de manhã. Tentei falar consigo antes, mas já tinha saído.

– Desculpe. Tive de resolver um assunto fora da cidade. Que problema é esse de que fala?

Harvey Wellman encarou Charlie olhos nos olhos. – Parece que o Miles Ryan passou dos limites.

– Ah, sim?

– Temos testemunhas. Várias testemunhas. E todas elas dizem a mesma coisa.

Charlie não disse nada, Harvey pigarreou e Thurman Jones manteve-se um pouco de lado, exibindo uma expressão insondável. Porém, Charlie sabia que ele estava a prestar atenção a cada palavra.

– Apontou uma arma à cabeça do Otis Timson.

*

Mais tarde, na sala de sua casa, enquanto bebia uma cerveja e descascava distraidamente o rótulo com a unha, Miles contou a Sarah tudo o que tinha acontecido. Tal como os seus sentimentos, a história baralhou-se nalgumas partes. Saltava de um ponto para outro, voltava atrás e repetiu-se mais de uma vez. Sarah não o interrompeu nem desviou os olhos, embora ele tivesse sido pouco claro em determinadas partes. Não lhe pediu para esclarecer nada, pelo simples motivo de que não tinha certeza se ele seria capaz.

Ao contrário da conversa que tivera com Charlie, porém, Miles foi mais além.

– Passei os últimos dois anos a pensar no que aconteceria quando enfrentasse o tipo que fez aquilo. E, quando descobri que tinha sido o Otis... Sei lá... Quis puxar o gatilho. Quis matá-lo.

Sem saber o que dizer, Sarah remexeu-se no lugar. A reação dele era compreensível, pelo menos a certo ponto, mas... também era um pouco assustadora.

– Mas não mataste – disse ela por fim.

Miles não reparou na hesitação do comentário dela. A mente dele voltara atrás, àquele momento, com Otis.

– E, agora, o que é que vai acontecer? – perguntou Sarah.

Miles levou a mão à nuca e apertou-a. Apesar do seu envolvimento emocional na situação, o seu lado racional sabia que precisariam de mais provas. – Vamos ter de fazer um inquérito, conseguir testemunhas para depor, verificar alguns locais. Vai dar muito trabalho e vai ser mais difícil, agora, que os anos passaram. Não sei quanto tempo vou ficar ocupado.

Várias noites, vários fins de semana. Vou voltar ao ponto em que estava há dois anos.

– O Charlie não disse que ia tratar disso?

– Disse, mas não o fará como eu.

– E tu podes fazer um inquérito?

– Não tenho alternativa.

Não era a altura nem o lugar de discutir a participação de Miles, e Sarah não insistiu.

– Tens fome? – perguntou ela, em vez disso. – Posso ir à cozinha improvisar alguma coisa para comermos. Ou podemos mandar vir uma piza...

– Não. Não tenho fome.

– Queres sair para dar uma volta?

Ele fez que não com a cabeça. – Nem por isso.

– Que tal um filme? Fui buscar um vídeo a caminho de cá.

– Ah... pode ser.

– Não queres saber que filme é?

– Não faz muita diferença. O que tiveres escolhido está bom.

Ela levantou-se do sofá e foi buscar o filme. Era uma comédia e conseguiu fazer Sarah rir uma ou duas vezes. Ela olhou de relance para Miles, para ver a reação dele. Não houve nenhuma. Depois de uma hora de filme, Miles disse que ia à casa de banho. Alguns minutos depois, como não voltou, Sarah foi ver se estava tudo bem.

Encontrou-o no quarto, com o envelope de papel pardo à sua frente.

– Só tenho de verificar uma coisa – disse ele. – É só um minuto.

– Tudo bem – respondeu ela.

Ele não voltou.

Muito antes do final do filme, Sarah parou a reprodução e ejetou a cassete. A seguir, pegou no casaco. Foi dar mais uma olhadela a Miles – exatamente como Jonah tinha feito – e depois saiu de casa sem fazer barulho. Miles só reparou que ela se fora embora quando Jonah chegou do cinema.

Charlie ficou quase até à meia-noite no escritório. Tal como Miles, analisava a pasta sobre o caso e perguntava-se o que é que podia fazer.

Fora preciso um bom poder de persuasão para acalmar Harvey, sobretudo depois de ele incluir na conversa o incidente no carro de Miles. Como habitualmente, Thurman Jones permaneceu calado durante quase toda a conversa. Charlie imaginou que ele achasse melhor ser Harvey a falar. No entanto, quando Harvey afirmou estar a pensar seriamente em acusar Miles, o advogado esboçou um leve sorriso.

Foi nessa altura que Charlie lhes disse porque é que Otis fora detido.

Aparentemente, Miles não se dera ao trabalho de dizer a Otis qual era a acusação. No dia seguinte, ele e Miles teriam uma conversa muito séria – isso se Charlie não o esganasse primeiro.

Perante Harvey e Thurman, contudo, Charlie comportou-se como se o soubesse desde o princípio.

– Não havia razão para começar a fazer acusações quando eu nem sequer sabia se tinham fundamento.

Conforme esperado, nem Harvey nem Thurman aceitaram facilmente esse facto. Aceitaram menos ainda a história de Sims, até Charlie lhes dizer que tinha falado com Earl Getlin.

– E ele confirmou tudo – foi a sua formulação da questão.

Por enquanto, não ia dizer a Thurman que tinha dúvidas, tão-pouco estava disposto a compartilhá-las com Harvey. Assim que Charlie acabou de falar, Harvey lançou-lhe um olhar que dava a entender que deviam falar mais tarde, sozinhos. Sabendo que precisava de mais tempo para digerir tudo aquilo, Charlie fingiu não entender.

Depois de Charlie acabar de falar, passaram muito tempo a conversar sobre Miles. Charlie não tinha dúvidas de que Miles fizera exatamente o que os outros lhe diziam e, embora estivesse... *chateado*, para não dizer coisa pior, conhecia Miles há bastante tempo para perceber que a reação dele era compreensível perante a situação. No entanto, escondeu a raiva que sentia, da mesma forma que procurou defender Miles o mínimo possível.

No final da conversa, Harvey recomendou a suspensão temporária de Miles, até que conseguissem entender inteiramente o que se passara.

Thurman Jones solicitou a libertação de Otis ou a sua acusação imediata.

Charlie disse-lhes que Miles já fora para casa naquele dia, mas que a sua prioridade na manhã seguinte seria tomar uma decisão sobre os dois assuntos.

Torcia para que, de alguma forma, as coisas estivessem mais claras pela manhã.

Mas não estariam, como descobriu quando foi, finalmente, para casa.

Antes de sair da esquadra, ligou para casa de Harris, para saber como tinham corrido as coisas.

Harris disse-lhe que não conseguira encontrar Sims.

– Procuraste devidamente? – indagou Charlie, ríspido.

– Procurei em todo o lado – respondeu Harris, ensonado. – Na casa dele, na casa da mãe, nos sítios que ele costuma frequentar. Fui a todos os bares e lojas de bebidas do condado. Ele desapareceu.

Brenda estava à espera do marido, de roupão e pijama vestidos, quando ele chegou a casa. Charlie contou-lhe a maior parte do que se tinha passado e ela perguntou-lhe o que aconteceria caso Otis tivesse mesmo de responder em tribunal.

– Vai ser uma defesa habitual – respondeu Charlie, cansado. – Jones vai argumentar que o Otis não estava no local na noite do atropelamento e vai encontrar gente que confirme isso. Depois, vai argumentar que o Otis não disse aquilo de que o acusam. E que, mesmo que tenha dito, as palavras dele foram tiradas de contexto.

– E vai funcionar?

Charlie bebeu um gole de café. Ainda tinha trabalho a fazer. – Nunca dá para prever o que um júri vai decidir. Já sabes disso.

Brenda tocou no braço do marido. – Mas o que é que tu achas? – perguntou. – Com toda a sinceridade.

– Com toda a sinceridade?

Ela assentiu. O marido parecia dez anos mais velho do que quando saíra para trabalhar de manhã.

– A menos que descubramos outra coisa qualquer, o Otis vai ser declarado inocente.

– Mesmo que tenha sido ele?

– Sim – confirmou, sem energia nenhuma na voz. – Mesmo que tenha sido ele.

– E o Miles aceitaria isso?

Charlie fechou os olhos. – Não. Nunca.

– O que é que ele faria?

Charlie terminou a chávena de café e estendeu a mão para pegar na pasta do caso. – Não faço a menor ideia.

CAPÍTULO 25

*C*omecei a segui-los constantemente, sempre tendo o cuidado de que ninguém se apercebesse do que eu andava a fazer.

Esperava Jonah à saída da escola, visitava o túmulo de Missy, ia a casa deles à noite. As minhas mentiras eram convincentes; ninguém desconfiou de nada.

Sabia que aquilo era errado, mas deixei de conseguir controlar as minhas ações. Era uma compulsão, não conseguia parar. Quando fazia aquelas coisas, perguntava-me se era um masoquista a desejar aliviar a dor que infligira ou se era um sádico, que lá no fundo gostava do tormento que causara e queria testemunhá-lo em primeira mão. Será que era ambos? Não sabia. Tudo o que sabia era que não parecia ter alternativa.

Não conseguia fugir da imagem que vira naquela primeira noite, quando Miles tinha passado pelo filho sem lhe dirigir a palavra, como se estivesse alheio à presença dele. Depois de tudo o que acontecera, não era assim que devia ser. Sim, eu sabia que Missy fora arrancada das vidas deles... mas as pessoas não ficavam mais próximas depois de um acontecimento traumático? Não procuravam apoio umas nas outras? Sobretudo nos familiares?

Fora nisso que eu quisera acreditar. Fora assim que conseguira superar as primeiras seis semanas. Tornara-se o meu mantra. Eles iam sobreviver. Iam superar a dor. Iam apoiar-se um no outro e tornar-se ainda mais próximos. Era a toada monótona e repetitiva de um tolo, mas, na minha mente, tornara-se real.

Naquela noite, porém, eles não estavam bem. Não naquela noite.

Não sou tão ingénuo agora, como não era na altura, que acredite que uma só imagem de uma família em casa revele toda a verdade. Depois daquela noite, disse a mim mesmo que me enganara em relação ao que vira, ou que, mesmo que tivesse visto bem, aquilo não significava nada. Nada pode ser interpretado isoladamente. Quando cheguei ao carro, já estava quase convencido disso.

Mas tinha de ter certeza.

Existe um caminho a percorrer quando se rumo à destruição. Como alguém que ingere uma bebida numa sexta-feira à noite e duas no dia seguinte, até perder gradualmente o controlo, dei por mim a ser mais ousado. Dois dias depois da minha visita noturna, tive de saber como o Jonah estava. Ainda me lembro do raciocínio que usei para justificar os meus atos. Era o seguinte: vou observar o Jonah hoje. Se ele estiver a sorrir, sei que me enganei. Assim, fui à escola dele. Fiquei à espera no estacionamento, um desconhecido sentado ao volante de um carro num local onde não tinha o direito de estar, olhando através do para-brisas. Na primeira vez que fui lá, mal consegui vê-lo, de modo que voltei no dia seguinte.

Alguns dias mais tarde, voltei outra vez.

E outra vez.

Cheguei ao ponto de saber reconhecer a professora dele, a turma, e em pouco tempo conseguia identificá-lo assim que ele saía do edifício. E ficava a observar. Às vezes ele sorria, outras vezes não, e durante o resto da tarde perguntava-me o significado que isso tinha. Fosse como fosse, nunca ficava satisfeito.

Depois chegava a noite. Como uma comichão que eu não conseguia aliviar, a compulsão de os espiar passou a atormentar-me e tornou-se mais forte com o passar do tempo. Ficava deitado com os olhos muito abertos e depois saía da cama. Punha-me a andar de um lado para o outro. Sentava-me, tornava-me a deitar. E, mesmo sabendo que era errado, tomava a decisão de voltar lá. Conversava comigo mesmo, sussurrando os motivos por que devia ignorar a sensação que me corroía, ao mesmo tempo que pegava na chave do carro. Percorria a estrada escura tentando convencer-me a dar meia-volta e ir para casa e, quando dava por mim, estava a estacionar o carro. E atravessava os arbustos em volta da casa deles, passo a passo, sem entender o que me tinha levado ali.

Observava-os pela janela.

Durante um ano, vi a vida deles desenrolar-se em pequenos fragmentos dispersos e fui preenchendo as lacunas do que já sabia. Descobri que Miles ainda trabalhava à noite, de vez em quando, e perguntei-me quem é que tomava conta de Jonah nesses dias. Então, registei os horários de Miles, para saber quando estaria ausente e, um dia, segui o autocarro de Jonah

da escola até casa. Descobri que ele ficava com uma vizinha. Uma olhadela à caixa de correio informou-me do nome dela.

Noutras ocasiões, via-os a jantar. Descobri o que Jonah gostava de comer e que programas gostava de ver depois do jantar. Reparei que ele gostava de jogar futebol, mas não de ler. Vi-o crescer.

Vi coisas boas e coisas más e procurei, sempre, um sorriso – alguma coisa, qualquer coisa que pudesse fazer-me parar com aquela loucura.

Também observava Miles.

Via-o arrumar a casa, guardar objetos em gavetas. Via-o preparar o jantar. Via-o beber cerveja e fumar no alpendre de trás, quando ele achava que não havia ninguém a ver. Acima de tudo, porém, observava-o sentado na cozinha.

Ali, concentrado, passando uma mão pelo cabelo, ele fitava o envelope. No início, pensei que ele levasse trabalho para casa, mas aos poucos cheguei à conclusão de que me enganara. Ele não estava a estudar vários casos, mas um só, pois o envelope nunca mudava. Foi então que, com um súbito choque de compreensão, entendi o que tinha aquela pasta. Soube que ele estava à minha procura, à procura desta pessoa que o observava através das janelas.

Depois disso, tentei justificar mais uma vez o que estava a fazer. Comecei a visitá-lo, a estudar os traços dele à medida que examinava o conteúdo da pasta, à procura de um momento de compreensão seguido de um telefonema frenético que conduziria a uma visita à minha casa. Para saber quando chegaria o fim.

Quando, finalmente, saía da janela para voltar ao carro, sentia-me fraco, completamente exaurido. Jurava que era a última vez, que nunca mais faria aquilo, que os deixaria levar as vidas deles sem me intrometer. A ânsia de os observar ficava saciada e era substituída pela culpa e, nessas noites, desprezava-me. Rezava e implorava perdão e chegava a pensar matar-me.

Eu, que antes era alguém que acalentava sonhos de provar o que valia ao mundo, agora detestava a pessoa em que me tinha transformado.

Mas então, por mais que quisesse parar, por mais que quisesse morrer, a ânsia voltava. Lutava contra ela, até não poder mais, e dizia a mim mesmo que aquela seria a última vez. A última mesmo.

Depois, como um vampiro, saía e esgueirava-me pela noite.

CAPÍTULO 26

Nessa noite, enquanto Miles estudava a pasta na cozinha, Jonah teve o seu primeiro pesadelo desde há muitas semanas.

Miles levou algum tempo a notar o barulho. Ficara a estudar a pasta quase até às duas da manhã. Isso, o facto de ter trabalhado no turno da noite na véspera e tudo o que acontecera ao longo do dia tinham-no deixado completamente esgotado. O corpo pareceu não obedecer quando ouviu os gritos de Jonah. Miles demorou a perceber o que estava a acontecer. Mesmo quando se dirigiu ao quarto de Jonah, fê-lo mais como um reflexo condicionado do que por um desejo consciente de reconfortar o filho.

Era quase manhã, faltavam poucos minutos para o dia raiar. Miles carregou o filho até ao alpendre e, quando Jonah finalmente parou de gritar, o Sol já tinha nascido. Como era sábado e Jonah não tinha aulas, Miles levou-o de volta para o quarto e começou a preparar uma cafeteira. Tinha a cabeça a latejar. Pegou em duas aspirinas e engoliu-as com sumo de laranja.

Parecia que estava de ressaca.

Enquanto o café passava, tornou a analisar a pasta e as observações feitas na noite anterior. Queria relê-las antes de sair para o trabalho. Porém, Jonah surpreendeu-o ao voltar para a cozinha antes de ele ter tempo de o fazer. Entrou pé ante pé, a esfregar os olhos, e sentou-se à mesa.

– O que estás a fazer acordado? – perguntou Miles. – Ainda é cedo.

– Não estou cansado – respondeu Jonah.

– Mas pareces.

– Tive um pesadelo.

As palavras do filho apanharam Miles desprevenido. Era a primeira vez que mencionava os pesadelos.

– Ah, foi?

Jonah assentiu. – Sonhei que tinhas um acidente. Como a mãe.

Miles aproximou-se do filho. – Foi só um sonho – disse. – Não aconteceu nada, está bem?

Jonah limpou o nariz às costas da mão. Com o pijama de carrinhos de corrida, parecia mais novo do que de facto era.

– Pai...

– Sim?

– Estás zangado comigo?

– Não, de modo nenhum. Porque perguntas isso?

– Porque não falaste comigo ontem.

– Desculpa. Não estava zangado contigo, estava só a tentar perceber umas coisas.

– Sobre a mãe?

Miles foi apanhado desprevenido outra vez. – Porque é que achas que é sobre a mãe? – perguntou.

– Porque começaste a olhar para aqueles papéis outra vez – explicou Jonah, apontando para a pasta sobre a mesa. – São sobre a mãe, não são?

Miles demorou algum tempo até assentir com a cabeça. – De certa forma.

– Não gosto desses papéis.

– Porquê?

– Porque te deixam triste – respondeu.

– Eles não me deixam triste.

– Deixam, sim – disse Jonah. – E também me deixam triste a mim.

– Por teres saudade da mãe?

– Não – respondeu Jonah, abanando a cabeça –, porque fazem com que te esqueças de mim.

As palavras fizeram Miles sentir um nó na garganta. – Isso não é verdade.

– Então porque é que não falaste comigo ontem?

Jonah parecia à beira das lágrimas. Miles puxou-o para perto.

– Desculpa, Jonah. Não volta a acontecer.

Jonah ergueu os olhos para ele. – Juras?

Miles traçou um x à frente do peito e sorriu. – Juro.

– Juras pela tua vida?

Com os olhos arregalados do filho a fitá-lo, na verdade Miles sentiu foi vontade de morrer.

Depois de tomar o pequeno-almoço com Jonah, Miles ligou a Sarah e também se desculpou. Ela interrompeu-o antes de ele conseguir terminar.

– Miles, não tens de me pedir desculpa. Depois de tudo o que aconteceu, era óbvio que precisavas de ficar sozinho. Sentes-te melhor hoje?

– Não tenho a certeza. Estou igual, acho eu.

– Vais trabalhar?

– Tenho de ir. O Charlie ligou. Quer falar comigo daqui a pouco.

– Ligas-me mais tarde?

– Se der, ligo. Devo ter bastante que fazer hoje.

– Por causa do inquérito?

Miles não respondeu. Sarah enrolou alguns fios de cabelo com os dedos.

– Bom, se precisares de conversar e não conseguires apanhar-me, vou estar na casa da minha mãe.

– Tudo bem.

Mesmo após desligar o telefone, Sarah não pôde evitar a sensação de que estava prestes a acontecer algo terrível.

*

Às nove da manhã, Charlie já estava a beber a quarta chávena de café e pediu a Madge para preparar mais. Só tinha dormido umas duas ou três horas e voltara à esquadra antes de o Sol nascer.

Desde então, tivera muito que fazer. Encontrara-se com Harvey, interrogara Otis na cela e passara algum tempo com Thurman Jones. Também tinha chamado outros adjuntos, para procurar Sims Addison. Até então, nada.

Mas conseguira tomar algumas decisões.

Miles chegou passados 20 minutos e encontrou Charlie à espera em frente do seu gabinete.

– Tudo bem? – perguntou Charlie, reparando que Miles tinha um aspeto tão mau quanto o seu.

– Noite difícil.

– Dia difícil, também. Precisas de um café?

– Já bebi bastante em casa.

Charlie gesticulou por cima do ombro. – Vamos lá, então. Temos de conversar.

Depois de Miles entrar, Charlie fechou a porta. Miles sentou-se na cadeira e Charlie apoiou-se na secretária.

– Ouve, antes de começarmos, quero que saibas que estou a trabalhar nisto desde ontem e acho que tenho umas ideias... – começou Miles.

Charlie abanou a cabeça e não o deixou terminar. – Ouve, Miles, não foi para isso que te chamei para conversar. Preciso que me oiças, está bem?

Alguma coisa na expressão do chefe disse a Miles que não ia gostar do que estava prestes a ouvir. O seu corpo enrijeceu.

Charlie olhou para o chão de ladrilhos, depois outra vez para Miles.

– Não vou pôr-me com rodeios. A gente conhece-se há demasiado tempo para isso. – Ficou um instante em silêncio.

– O que foi?

– Vou soltar o Otis Timson hoje.

Miles abriu a boca, mas, antes de conseguir dizer fosse o que fosse, Charlie levantou as mãos.

– Antes que aches que estou a tirar conclusões precipitadas, ouve-me. Não tive escolha, não com as informações de que disponho até agora. Ontem, fui conversar com o Earl Getlin depois de saíres.

Contou a Miles o que Getlin tinha dito.

– Aí tens a prova de que precisas – disparou Miles em resposta.

– Calma aí. Acho que o possível testemunho dele levantaria várias questões sérias. Pelo que ouvi, o Thurman Jones comeria o homem vivo. Além disso, nenhum júri do mundo acreditaria numa única palavra do que ele dissesse.

– Isso cabe ao júri decidir – protestou Miles. – Não podes simplesmente libertá-lo.

– Estou de mãos atadas. Acredita, passei a noite inteira acordado a analisar o caso. Neste momento, não temos provas suficientes para o manter detido. Sobretudo agora, que o Sims desapareceu do mapa.

– Que história é essa?

– Pois, mandei procurar o Sims ontem o dia inteiro e hoje desde cedo. Depois de sair daqui, ele simplesmente desapareceu. Ninguém conseguiu encontrá-lo e o Harvey não está disposto a deixar que nada avance sem antes falar com o Sims.

– Por amor de Deus, o Otis confessou.

– Não tenho alternativa – disse Charlie.

– Ele matou a minha mulher – disse Miles entre dentes.

Charlie detestava ter de fazer aquilo.

– A decisão não é só minha. Sem o Sims, o nosso caso não se aguenta. Sabes disso. O Harvey Wellman disse que o ministério público não vai acusar o Otis na situação atual.

– Foi o Harvey que te mandou soltá-lo?

– Passei a manhã com ele – respondeu Charlie – e também conversámos ontem. Acredita que ele tem sido mais do que justo. Não é nada pessoal, está só a fazer o trabalho dele.

– Balelas.

– Miles, põe-te no lugar dele.

– Não quero pôr-me no lugar dele. Quero que o Otis seja acusado de homicídio.

– Sei que estás zangado...

– Charlie, não estou zangado. Estou furioso.

– Eu sei, mas a história ainda não acabou. Tens de perceber que, mesmo que soltemos o Otis, não significa que ele não vá ser acusado no futuro. Só significa que não temos o suficiente para o manter preso agora. E também é bom ficares a saber que a polícia rodoviária vai reabrir o inquérito. Esta história ainda não terminou.

Miles fitou-o com fúria. – Mas até lá o Otis anda à solta.

– Ele ia sair de qualquer maneira, depois de pagar a fiança. Mesmo acusado por omissão de socorro, ficaria livre. Sabes disso.

– Então acusem-no de homicídio.

– Sem o Sims? Sem nenhuma outra prova? Não ia colar.

Havia ocasiões em que Miles desprezava o sistema judiciário. Os seus olhos varreram a sala antes de se tornarem a fixar em Charlie.

– Falaste com o Otis? – indagou, por fim.

– Tentei, hoje de manhã. O advogado dele estava cá e aconselhou-o a não responder à maioria das minhas perguntas. Não consegui nenhuma informação útil.

– Ajudaria se eu falasse com ele?

Charlie fez que não com a cabeça. – Nem pensar, Miles.

– Porquê?

– Não posso permitir isso.

– Por ter a ver com a Missy?

– Não, por causa do que fizeste ontem.

– Que conversa é essa?

– Sabes muito bem que conversa é.

Charlie ficou a olhar para Miles, à espera de reação. Como não houve nenhuma, levantou-se de trás da mesa.

– Vou ser franco contigo, OK? Mesmo sem ter respondido às minhas perguntas sobre a Missy, o Otis falou espontaneamente sobre o teu comportamento ontem. Então, agora, pergunto-te a ti sobre isso. O que é que aconteceu no carro?

Miles remexeu-se na cadeira. – Vi um bicho na estrada e tive de travar.

– Achas que sou burro para acreditar nisso?

Miles encolheu os ombros. – Foi o que aconteceu.

– E se o Otis me tiver dito que só fizeste isso para o magoar?

– É mentira.

Charlie inclinou-se para a frente. – E também mentiu quando me disse que lhe apontaste a arma à cabeça, apesar de ele estar de joelhos e com as mãos levantadas? E que a mantiveste apontada algum tempo?

Miles remexeu-se na cadeira, pouco à vontade. – Tive de manter a situação sob controle – disse, evasivo.

– E achaste que a melhor maneira era essa?

– Charlie, ninguém se magoou.

– Ou seja, para ti foi tudo absolutamente justificável?

– Sim.

– Bom, o advogado do Otis não achou. Nem o Clyde. Estão a ameaçar abrir um processo contra ti.

– Um processo?

– Claro! Uso excessivo de força, intimidação, maus-tratos, foi o pacote completo. O Thurman tem uns amigos na associação de defesa dos direitos civis que também estão a pensar entrar no processo.

– Mas não aconteceu nada!

– Pouco importa, Miles. Eles têm o direito de apresentar as queixas que bem entenderem. Mas também é bom que fiques a saber que pediram ao Harvey que abrisse um processo criminal.

– Criminal?

– Foi o que disseram.

– E, deixa-me adivinhar, o Harvey vai aceitar o pedido, não é?

Charlie abanou a cabeça. – Eu sei que tu e o Harvey não se dão bem, mas eu trabalhei anos com ele e considero que é quase sempre um homem justo. Ontem à noite ficou em brasa com esta história toda, mas quando nos vimos hoje de manhã disse que talvez não fosse dar continuidade ao caso...

– Então não há problema nenhum – interrompeu Miles.

– Não me deixaste terminar – disse Charlie. Fitou Miles. – Mesmo que ele não dê continuidade à queixa, isso não é garantia de nada. Ele sabe como estás envolvido nesta história. Mesmo achando que não tinhas o direito de soltar o Sims nem de prender o Otis por conta própria, ele sabe que és humano, entende como te sentiste. Mas isso não muda o facto de te teres comportado de forma inadequada, para não dizer coisa pior. E, por causa disso, disse-me que acha melhor que sejas suspenso... com vencimento, é claro... até a coisa toda se resolver.

A expressão de Miles foi de incredulidade. – Suspenso?

– É para teu próprio bem. Quando tudo acalmar, o Harvey acha que consegue fazer o Clyde e o advogado recuarem. Mas se nós agirmos, ou se eu agir, como se achasse que tu não fizeste nada de mal, ele não tem tanta certeza de conseguir convencer o Clyde a desistir.

– Eu só prendi o homem que matou a minha mulher.

– Sabes perfeitamente que fizeste muito mais do que isso.

– Quer dizer que vais fazer o que ele mandou?

Charlie demorou algum tempo a assentir. – Acho que ele me deu um bom conselho, Miles. Como já disse, é para teu próprio bem.

– Deixa ver se percebi bem: apesar de ter matado a minha mulher, o Otis sai em liberdade. E eu sou suspenso por o ter prendido.

– Se é assim que queres ver as coisas.

– É assim que as coisas são!

Charlie abanou a cabeça e manteve a voz firme: – Não é, não. E, daqui a um tempo, quando tiveres acalmado, vais perceber. Mas, por enquanto, estás oficialmente suspenso.

– Charlie... Não faças isso.

– É para o teu bem. E, faças o que fizeres, não piores a situação. Se eu descobrir que andas a importunar o Otis ou a meter o bedelho onde não deves, vou ser obrigado a tomar outras providências e não poderei ser tão tolerante.

– Isto é ridículo!

– Vai ter de ser assim, amigo. Sinto muito. – Charlie começou a dirigir-se para a cadeira do outro lado da mesa. – Mas, como eu disse, esta história ainda não acabou. Quando encontrarmos o Sims e conversarmos com ele, vamos poder confirmar a história que contou. Quem sabe se mais alguém ouviu alguma coisa? Talvez consigamos encontrar alguém que confirme...

Miles atirou o crachá para cima da secretária, antes de Charlie acabar de falar. Depois, pendurou o coldre e a arma na cadeira.

Bateu com a porta quando saiu.

Vinte minutos mais tarde, Otis Timson foi libertado.

Depois de sair a bufar do gabinete de Charlie, Miles entrou no carro atordoado com todos os acontecimentos das últimas 24 horas. Girou a chave, ligando o motor, e acelerou com força na curva de saída, invadindo a faixa contrária antes de acertar a direção do carro.

Otis seria libertado, enquanto ele estava suspenso.

Não fazia sentido nenhum. Não entendia como, mas o mundo tinha enlouquecido completamente.

Pensou, por breves instantes, em ir para casa, mas acabou por decidir não o fazer, pois Jonah – que estava com a Mrs. Knowlson – também iria para casa se ele fosse para lá. Miles sabia que não conseguiria encarar o filho. Não depois do que ele dissera de manhã. Primeiro, precisava de tempo para se acalmar, para decidir o que dizer.

Precisava de conversar com alguém, alguém que pudesse ajudá-lo a entender aquela situação toda.

Como o caminho estava livre, inverteu a marcha e foi procurar Sarah.

CAPÍTULO 27

Sarah estava na sala com a mãe quando viu Miles chegar de carro. Como não tinha comentado nada com Maureen sobre os acontecimentos mais recentes, esta saltou do sofá e foi abrir a porta com os braços bem abertos.

– Que surpresa tão boa! – exclamou. – Não estava à espera de que aparecesse!

Miles balbuciou um cumprimento, mas recusou a oferta dela de uma chávena de café. Sarah sugeriu rapidamente um passeio e foi buscar o casaco. Poucos minutos depois, saíram porta fora. Maureen, que interpretou a situação, de forma equivocada, como «a vontade de um casal apaixonado de estar sozinho», praticamente enrubesceu ao vê-los afastar-se.

Foram até ao bosque em que tinham passeado com Jonah no Dia de Ação de Graças. Caminharam um pouco e Miles não disse nada. Em vez disso, cerrou os punhos com força suficiente para os dedos ficarem brancos.

Sentaram-se em cima de um pinheiro caído coberto de musgo e hera. Miles continuava a abrir e fechar as mãos com força. Sarah segurou uma delas. Em poucos instantes, ele pareceu relaxar e entrelaçou os dedos nos dela.

– Tiveste um dia mau?

– Sim, de certa forma.

– Foi o Otis?

Miles resfolegou. – O Otis. O Charlie. O Harvey. O Sims. Toda a gente.

– O que é que aconteceu?

– O Charlie libertou o Otis. Disse que o caso não era suficientemente sólido para o manter detido.

– Porquê? Pensei que houvesse testemunhas – disse Sarah.

– Eu também. Mas parece que os factos não valem um chavo neste caso.

– Arrancou um pedaço da casca do tronco e atirou-o para o lado, revoltado.

– O Charlie suspendeu-me.

Sarah estreitou os olhos, como se duvidasse de ter ouvido bem. – Desculpa?

– Hoje de manhã. Era por isso que queria falar comigo.

– Estás a brincar.

Miles fez que não com a cabeça. – Não.

– Não percebo... – Sarah não terminou a frase.

Mas percebia, sim. Bem lá no fundo, entendeu assim que pronunciou as palavras.

Miles atirou para longe outro pedaço de casca da árvore. – Disse que o meu comportamento durante a detenção foi inadequado e que vou ficar suspenso enquanto averiguam os factos. Mas não é só isso. – Fez uma pausa, com o olhar fixo em frente. – Também disse que o advogado do Otis e o Clyde querem abrir um processo contra mim. Para cúmulo, talvez seja acusado criminalmente.

Sarah não soube muito bem como responder. Nenhuma reação parecia adequada. Miles expirou com força e soltou a mão dela, como se precisasse de espaço.

– Dá para acreditar? Prendo o homem que matou a minha mulher e sou suspenso. Ele é solto e eu é que sou acusado. – Sarah ouvia com atenção, e ele finalmente virou-se para ela. – Faz-te algum sentido?

– Não, nenhum – respondeu ela, sincera.

Miles abanou a cabeça e tornou a olhar para o lado.

– E o Charlie, o bom velho Charlie de sempre, concorda com tudo. Achava que ele era meu amigo.

– Ele é teu amigo, Miles. Sabes disso.

– Não sei, não. Já não sei.

– Quer dizer que te vão acusar?

Miles encolheu os ombros. – Talvez. O Charlie disse que existe uma hipótese de conseguir que o Otis e o advogado desistam. Esse foi o outro motivo por que me suspendeu.

Sarah ficou confusa.

– Começa do início, está bem? O que é que o Charlie disse exatamente?

Miles repetiu a conversa. Quando acabou de falar, Sarah tornou a segurá-lhe a mão.

– Não me parece que o Charlie te queira prejudicar. Deve estar a fazer o possível por te ajudar.

– Se quisesse ajudar, manteria o Otis na cadeia.

– Mas, sem o Sims, o que é que ele podia fazer?

– Devia ter acusado o Otis por homicídio, independentemente do Sims. O Earl Getlin confirmou a história. É só disso que ele precisa. Nenhum juiz da região teria libertado o Otis sob fiança. Quero dizer, ele sabe que o Sims vai acabar por aparecer. Não é exatamente um tipo que viaje pelo mundo, deve andar por aí algures. Duvido de que eu não o encontre numa ou duas horas e, quando encontrar, vou obrigá-lo a assinar uma declaração que confirme o que aconteceu. E acredita em mim, depois de eu falar com o Sims, ele assina.

– Mas não estás suspenso?

– Não comeses a tomar o partido do Charlie. Não estou com disposição para isso.

– Miles, não estou a tomar o partido dele. Só não quero que te metas em mais sarilhos. O Charlie até disse que o inquérito provavelmente vai ser reaberto.

Ele fitou-a. – Então achas que eu devia esquecer a história toda?

– Não é isso que estou a dizer...

Miles não a deixou acabar. – Então estás a dizer o quê? Porque a impressão que me dá é que queres que eu me afaste e fique só a torcer para que tudo se resolva. – Não esperou resposta. – Bom, Sarah, não posso fazer isso. Maldito seja, se o Otis escapar sem pagar pelo que fez.

Ao ouvi-lo falar, ela não pôde deixar de recordar a noite anterior. Perguntou-se quando teria ele finalmente percebido que ela se fora embora.

– Mas e se o Sims não aparecer? – perguntou, por fim. – Ou se eles acharem que não têm material suficiente para aguentar o caso? O que vais fazer?

Os olhos dele estreitaram-se. – Porque é que estás a fazer isto?

Sarah empalideceu. – Não estou a fazer nada...

– Estás, sim, estás a questionar tudo.

– Só não quero que faças nada de que te arrependas depois.

– Como assim?

Ela apertou-lhe a mão. – O que eu quero dizer é que, às vezes, as coisas não acontecem como nós queremos.

Ele ficou muito tempo a encará-la com uma expressão dura e as mãos imóveis. *Frias*. – Achas que não foi ele, não é?

– Não estou a falar sobre o Otis. Estou a falar sobre ti.

– Mas *eu* estou a falar sobre o Otis. – Miles largou-lhe a mão e levantou-se. – Duas pessoas afirmam que o Otis praticamente se vangloriou de ter matado a minha mulher. Apesar disso, neste momento ele deve estar a caminho de casa. O homem foi solto e tu queres que eu não faça nada. Conheceste o Otis, viste o tipo de homem que ele é, por isso quero saber o que *tu* achas. Achas que ele matou a Missy ou não?

Pressionada, Sarah respondeu depressa: – Não sei o que pensar sobre nada disto.

Embora Sarah tivesse dito a verdade, não era o que Miles queria ouvir. E as palavras também não saíram bem. Virou-lhe as costas, não queria olhar para ela.

– Bom, eu acho – disse. – Eu sei que foi ele e vou encontrar as provas, custe o que custar. Não me importa o que tu aches. Trata-se da minha mulher.

A minha mulher.

Antes que Sarah pudesse reagir, ele virou-se para ir embora. Ela levantou-se e ficou a vê-lo afastar-se.

– Espera, Miles. Não te vás embora.

Ele falou para trás, sem parar de andar. – Para quê? Para poderes continuar a implicar comigo?

– Não estou a implicar contigo, Miles. Só estou a tentar ajudar.

Ele parou e fitou-a. – Então, para. Não preciso da tua ajuda. Além do mais, o assunto não te diz respeito.

Ela pestanejou, surpresa e magoada com as palavras dele. – É claro que me diz respeito. Preocupo-me contigo.

– Então, da próxima vez que eu vier ter contigo por precisar de falar, não me dêes sermões. Ouve-me só, está bem?

Dito isso, deixou Sarah sozinha na floresta, completamente aturdida.

Harvey entrou no gabinete de Charlie com um ar ainda mais exausto do que de costume.

– Alguma notícia do Sims?

Charlie fez que não com a cabeça. – Ainda não. Escondeu-se bem.

– Acha que ele vai aparecer?

– Tem de aparecer. Ele não tem para onde ir. Só desapareceu por uns tempos, mas não pode ficar assim para sempre.

Harvey fechou a porta lentamente atrás de si. – Acabei de falar com Thurman Jones – disse.

– E?

– Continua a querer apresentar queixa, mas acho que não está muito determinado. Deve estar a ir na onda do Clyde.

– E o que é que isso significa?

– Ainda não sei muito bem, mas tenho a sensação de que ele vai acabar por recuar. A última coisa que quer é dar a toda a gente nesta esquadra um motivo para se interessar seriamente pelos comportamentos do seu cliente. Ele sabe que é isso que vai acontecer se levar a queixa por diante. Além do mais, a decisão final caberá a um júri, e os jurados vão estar muito mais propensos a tomar o partido de um agente da lei do que de um homem com a reputação do Otis. Sobretudo tendo em conta que o Miles não disparou um único tiro enquanto lá esteve.

Charlie assentiu com a cabeça. – Obrigado, Harvey.

– Disponha.

– Não estava a agradecer pela informação.

– Eu percebi o que queria dizer. Mas tem de me garantir que consegue segurar o Miles por alguns dias, até isto acalmar. Se ele fizer alguma parvoíce, aí o caso muda de figura e sou obrigado a aceitar a queixa.

– Eu sei.

– Vai conversar com ele?

– Vou. Vou avisá-lo.

Só espero que ele me oiça.

Quando Brian chegou a casa, por volta do meio-dia, para passar as férias de Natal, Sarah suspirou de alívio. Finalmente, alguém com quem podia conversar. Passara a manhã inteira a evitar as perguntas curiosas da mãe. Enquanto comiam sandes, Brian falou sobre a faculdade («Tudo bem»), sobre as notas que pensava ter tirado («Boas, acho eu») e sobre como estava em geral («Bem»).

Parecia muito pior do que da última vez que o vira. Estava abatido, com a palidez de alguém que raramente se aventurava para fora da biblioteca.

Brian disse que ficara exausto por causa dos exames de fim de semestre, mas Sarah perguntou-se como estariam de facto a correr os estudos.

Analisando-o com calma, achou que o irmão parecia quase um drogado.

O mais triste era que, por mais que o amasse, não ficaria realmente surpreendida caso isso fosse verdade. Brian sempre fora um rapaz sensível. Agora, que estava sozinho e possivelmente pressionado pelo novo estilo de vida, seria fácil deixar-se levar por algo assim. Acontecera a uma colega de alojamento de Sarah no primeiro ano da faculdade e, sob muitos aspetos, Brian lembrava-lhe a rapariga. Desistira do curso antes de o segundo semestre começar e há muitos anos que Sarah não pensava nela. Mas agora, ao olhar para Brian, não pôde negar o facto de ele estar exatamente com a mesma aparência dessa colega.

Estava a ser um dia e tanto.

Maureen, é claro, ficou preocupada com o aspeto do filho e não parou de lhe encher o prato.

– Mãe, não tenho fome – protestou ele, empurrando para longe o prato ainda pela metade, até que Maureen finalmente desistiu e levou o prato para o lava-loiça, mordendo o lábio.

Depois de almoço, Sarah foi com Brian até ao carro, para o ajudar a tirar as suas coisas.

– A mãe tem razão, sabes? Estás com um ar terrível.

Ele tirou a chave do bolso. – Obrigada, mana. A sério.

– O semestre foi difícil?

Brian encolheu os ombros. – Deu para sobreviver. – Abriu o porta-bagagens e começou a tirar uma mala.

Sarah forçou-o a largá-la e tocou-lhe no braço. – Se precisares de conversar sobre alguma coisa, sabes que estou disponível, não sabes?

– Sei, sim.

– Estou a falar sério. Mesmo que seja algo que não aches que queiras contar-me.

– Estou mesmo com tão mau aspeto? – perguntou ele, arqueando uma sobrancelha.

– A mãe acha que andas a drogar-te.

Era mentira, mas ele não ia entrar em casa e perguntar isso à mãe.

– Bom, podes dizer-lhe que não ando. Só estou a achar complicado adaptar-me à faculdade. Mas hei de arranjar-me – garantiu, fazendo um

sorriso travesso. – Aliás, a resposta vale para ti também.

– Para mim?

Brian estendeu a mão para tirar outra mala. – A mãe não acharia que eu me drogava, mesmo que me apanhasse a fumar erva no meio da sala. Já se tivesses dito que ela estava preocupada que os colegas me tratassem mal por eu ser muito mais inteligente do que eles, aí talvez eu tivesse acreditado.

Sarah riu-se. – Acho que tens razão.

– Eu vou ficar bem, a sério. E tu, como estás?

– Bem. As minhas aulas terminam sexta-feira e estou feliz por ter umas semanas de férias.

Brian entregou a Sarah uma mala de viagem cheia de roupa suja. – Quer dizer que os professores também precisam de férias?

– Mais do que os alunos, se queres saber.

Depois de fechar o porta-bagagens, Brian baixou-se para apanhar as malas. Sarah olhou por cima do ombro, para se certificar de que a mãe não tinha saído.

– Ouve, eu sei que só chegaste há bocado, mas será que podemos conversar?

– Claro. Isto pode esperar – disse ele, e largou as malas no chão, encostando-se ao carro. – O que se passa?

– É o Miles. Discutimos hoje e não posso conversar com a mãe sobre o assunto. Sabes como ela é.

– Que assunto?

– Acho que te contei, quando ele veio cá, que a mulher dele morreu atropelada há uns dois anos. Nunca apanharam o responsável e o Miles sofreu muito com isso. Então, ontem, surgiu uma nova informação e ele prendeu uma pessoa. Mas não parou por aí. Passou um bocado das marcas. Disse que, por pouco, não matou o tipo.

Brian pareceu chocado e Sarah abanou rapidamente a cabeça.

– No fim de contas, não aconteceu nada... Bom, nada grave. Ninguém se chegou a magoar, mas... – Sarah cruzou os braços e espantou a ideia. – Enfim, ele foi suspenso hoje por causa do que fez. Mas, na verdade, não é com isso que estou preocupada. Para resumir, tiveram de libertar o tipo e, agora, não sei o que fazer. O Miles não está a ser racional. Tenho medo de que ele faça alguma coisa da qual acabe por se arrepender.

Sarah fez uma pausa e depois prosseguiu. – Enfim, tudo isto ainda é mais complicado por o Miles e o homem que ele prendeu já terem tido vários confrontos no passado. Mesmo suspenso, o Miles não vai desistir. E aquele homem... enfim, não é o tipo de gente com quem ele deva meter-se.

– Mas não acabaste de dizer que tiveram de o soltar?

– Sim, mas o Miles não aceitou isso. Devias ter ouvido a maneira como ele falou hoje. Não foi sequer capaz de ouvir nada do que eu disse. Uma parte de mim acha que eu devia ligar para o chefe dele e contar o que o Miles me disse, mas ele já está suspenso e não quero que tenha mais problemas. Mas se eu não disser nada... – Sarah interrompeu-se e encarou o irmão. – O que achas que devo fazer? Esperar para ver o que acontece? Telefonar para o chefe dele? Ou não me meter?

Brian demorou a responder. – Acho que tudo depende do que sentes por ele e até onde achas que ele é capaz de ir.

Sarah passou a mão pelos cabelos. – O problema é justamente esse. Eu amo o Miles. Sei que tu e ele não chegaram a ter oportunidade de conversar, mas ele tem-me feito muito feliz nestes últimos dois meses. E agora esta história toda está a deixar-me assustada. Não quero ser responsável pela demissão dele, mas, ao mesmo tempo, estou preocupada com o que ele possa fazer.

Brian ficou a pensar, sem se mexer durante muito tempo.

– Sarah, não podes deixar uma pessoa inocente ir para a prisão – disse, por fim, olhando para ela.

– Não é disso que eu tenho medo.

– O quê?... Achas que ele vai atrás do tipo?

– Se a coisa chegar a esse ponto... – Sarah lembrou-se de como Miles a tinha olhado, com os olhos a chispar de raiva e frustração. – Acho que poderá ir, sim – concluiu.

– Não podes deixar que isso aconteça.

– Então achas que eu devia ligar?

Brian tinha um ar soturno.

– Acho que não tens alternativa.

Depois de sair de casa dos pais de Sarah, Miles passou as horas seguintes a tentar localizar Sims. Tal como Charlie, porém, não teve sorte.

Depois, pensou visitar novamente o complexo dos Timsons, mas conteve-se. Não porque lhe faltasse tempo, mas porque se lembrou do que acontecera mais cedo, de manhã, no gabinete de Charlie.

Já não tinha a sua arma de serviço.

Mas tinha outra em casa.

À tarde, Charlie recebeu dois telefonemas. O primeiro foi da mãe de Sims, que lhe perguntou porque é que toda a gente estava subitamente interessada no filho. Quando ele quis saber o motivo da pergunta, ela respondeu: – O Miles Ryan veio cá hoje, fazer as mesmas perguntas que o senhor.

Charlie desligou o telefone com o cenho franzido, zangado por Miles ter ignorado tudo o que lhe dissera de manhã.

A segunda chamada foi de Sarah Andrews.

Quando ela se despediu, Charlie virou a cadeira em direção à janela e ficou a olhar para o estacionamento, girando um lápis entre os dedos.

Passado um minuto, tendo partido o lápis ao meio, virou-se para a porta e atirou os pedaços para o lixo.

– Madge! – bradou.

A secretária apareceu à porta.

– Chame o Harris. Já.

Madge não precisou de ouvir duas vezes o pedido. Um minuto depois, Harris estava à frente da mesa de trabalho de Charlie.

– Preciso que vás ao complexo dos Timsons. Não deixes que ninguém te veja, mas fica de olho em quem entra e sai. Quero que me liguês se alguma coisa, *qualquer* coisa, parecer fora do normal. Melhor: não liguês só para mim, avisa pelo rádio. Não quero nenhum tipo de problema por lá. Nenhum mesmo, percebeste?

Harris engoliu em seco e assentiu. Não precisou de perguntar em quem devia ficar de olho.

Depois de ele sair, Charlie pegou no telefone para avisar Brenda. Entretanto, tinha a certeza de que também ia ficar fora até tarde.

Não pôde deixar de sentir que a situação estava a ficar descontrolada.

CAPÍTULO 28

*A*o fim de um ano, as minhas visitas noturnas à casa deles cessaram tão de repente como tinham começado. O mesmo aconteceu às minhas visitas à escola de Jonah e ao local do acidente. Depois disso, o único lugar que continuei a visitar com regularidade foi o túmulo de Missy, e o cemitério tornou-se parte da minha rotina semanal, agendado mentalmente para as quintas-feiras. Nunca faltava. Chovesse ou fizesse sol, ia ao cemitério e percorria o caminho até ao túmulo dela. Já nem sequer olhava para ver se estava a ser observado. E levava sempre flores.

O fim das visitas à escola e ao local do acidente, na verdade, apanhou-me de surpresa. Embora se possa imaginar que, ao fim de um ano, a minha obsessão teria diminuído naturalmente, não foi isso que aconteceu. No entanto, assim como me vira compelido a observá-los, a compulsão subitamente transformou-se e compreendi que tinha de permitir que vivessem em paz.

O dia em que isso aconteceu é um dia que nunca esquecerei.

Era o primeiro aniversário da morte de Missy. Nessa altura, após um ano a esgueirar-me pela escuridão, eu deslocava-me de modo quase invisível. Conhecia cada canto que percorria e cada curva que devia fazer – o tempo que levava para chegar à casa deles diminuía para metade. Tinha-me tornado voyeur profissional: além de espiar pelas janelas da casa, já há meses que levava uns binóculos. Isto porque, às vezes, havia pessoas na estrada ou nos quintais e não me conseguia aproximar das janelas. Outras vezes, Miles fechava as cortinas da sala. As contrariedades não faziam a minha compulsão diminuir, pelo que tive de fazer alguma coisa. Os binóculos resolveram o problema. Ao lado do terreno da casa, junto ao rio, há um carvalho gigante e muito velho. Os galhos são baixos e grossos e alguns correm paralelos ao chão. Era neles que eu às vezes montava acampamento. Descobri que, se subisse alto o suficiente, conseguia ver através da janela da cozinha, sem que nada obstruísse a minha visão.

Passava horas a olhar, até Jonah ir para a cama, e depois ficava a observar Miles sentado na cozinha.

Ao longo daquele ano, ele, tal como eu, tinha mudado.

Embora ainda estudasse a pasta, não o fazia com a mesma regularidade de antes. À medida que os meses desde o acidente foram passando, a compulsão dele para me encontrar diminuiu. Não que ele desse menos importância ao acidente, mas por causa da realidade que enfrentava. Nessa altura, eu já sabia que o caso estava parado e suspeitava que Miles tivesse percebido o mesmo. No aniversário da morte, depois de Jonah se ir deitar, Miles pegou na pasta. Só que não ficou a analisar os papéis como antes. Em vez disso, pôs-se a folhear as páginas, dessa vez sem lápis nem caneta, e não fez nenhuma anotação, quase como se estivesse a virar as páginas de um álbum de fotografias, para reviver lembranças. Algum tempo depois, deixou a pasta de lado e desapareceu na sala.

Quando percebi que ele não ia voltar, desci da árvore e dei a volta até ao alpendre das traseiras, sem fazer barulho.

Embora ele tivesse fechado as cortinas, vi que a janela fora deixada aberta, para que a brisa da noite entrasse. De onde estava, vislumbrei pedaços da sala, o suficiente para ver Miles sentado no sofá. Ao lado dele havia uma caixa. Pelo ângulo em que ele se virara, percebia que estava a ver televisão. Aproximei o ouvido da fresta da janela e escutei, mas nada do que consegui ouvir pareceu fazer sentido. Havia longos períodos em que nada era dito; noutros, os sons ficavam distorcidos, com as vozes baralhadas. Quando tornei a olhar para Miles, para tentar distinguir a que estava a assistir, bastou ver-lhe o rosto para perceber. Era claro nos olhos dele, na expressão da boca, na postura.

Estava a ver vídeos caseiros.

Quando entendi isso, tudo o resto fez sentido e, ao fechar os olhos, comecei a reconhecer quem estava a falar no vídeo. Ouvi Miles, a sua voz aumentar e diminuir de volume, e ouvi o guincho agudo de uma criança. Ao fundo, débil mas perceptível, ouvi outra voz. Era a dela.

A voz de Missy.

Era uma voz surpreendente, desconhecida, e por alguns instantes tive a sensação de não conseguir respirar. Durante todo aquele tempo, depois de um ano a observar Miles e Jonah, pensei que já os conhecia, mas o som que ouvi naquela noite mudou tudo. Não conhecia Miles, não conhecia

Jonah. Existe observação e estudo, e existe conhecimento; embora eu tivesse os dois primeiros, não tinha o terceiro, nem nunca teria.

Fiquei a ouvir, fascinado.

A voz dela foi desvanecendo. Instantes depois, ouvi-a rir-se.

O som fez com que me sobressaltasse, e os meus olhos foram imediatamente atraídos para Miles. Embora eu soubesse qual seria a reação dele, quis vê-la. Ele estaria com o olhar fixo, perdido nas suas lembranças, com lágrimas de raiva nos olhos.

Mas enganei-me.

Ele não estava a chorar. Em vez disso, sorria para o televisor com uma expressão de ternura.

Com isso, de repente, entendi que era hora de parar.

Depois dessa visita, acreditei sinceramente que jamais voltaria a casa deles para os espiar. No ano seguinte, tentei continuar com a minha vida e, à superfície, consegui. As pessoas à minha volta comentavam que eu tinha melhor aspeto, que parecia a mesma pessoa de antigamente.

Parte de mim acreditava que isso fosse verdade. Livre da compulsão, pensei ter deixado o pesadelo para trás. Não o que tinha feito, não o facto de ter matado Missy, mas a culpa obsessiva que carregara durante um ano.

O que não percebi foi que a culpa e a angústia, na verdade, nunca me tinham deixado. Estavam apenas adormecidas, como um urso que hiberna durante o inverno, alimentando-se dos próprios tecidos, enquanto espera a chegada da nova estação.

CAPÍTULO 29

Na manhã de domingo, pouco depois das oito horas, Sarah ouviu alguém bater à porta. Depois de hesitar, finalmente levantou-se para abrir. No caminho até à porta, parte de si esperou encontrar Miles.

E outra parte esperou não o encontrar.

Quando levou a mão à maçaneta, não tinha a certeza do que diria. Muita coisa dependeria de Miles. Será que ele sabia que ela tinha telefonado a Charlie? Caso soubesse, estaria zangado? Será que ia entender que ela fizera aquilo por sentir que não tinha alternativa?

Ao abrir a porta, porém, sorriu de alívio.

– Olá, Brian – disse. – O que estás a fazer aqui?

– Preciso de falar contigo.

– Claro... entra.

Ele seguiu-a para dentro e sentou-se no sofá. Sarah instalou-se ao lado dele.

– Que se passa? – perguntou.

– Acabaste por telefonar ao chefe do Miles, não foi?

Sarah passou a mão pelos cabelos. – Sim. Como disseste, não tinha alternativa.

– Porque achas que ele vai atrás do homem que prendeu – disse Brian.

– Não sei o que ele vai fazer, mas estou com medo suficiente para o tentar impedir.

Brian meneou a cabeça ao de leve. – Ele sabe que telefonaste?

– O Miles? Não sei.

– Falaste com ele?

– Não. Não falo com ele desde que se foi embora ontem. Tentei ligar-lhe umas duas ou três vezes, mas ele não estava em casa. Respondeu sempre o atendedor de chamadas.

Brian levou os dedos ao osso do nariz e apertou. – Preciso de saber de uma coisa – disse. No silêncio da sala, a sua voz soou estranhamente amplificada.

– O quê? – indagou ela, intrigada.

– Preciso de saber se achas mesmo que o Miles iria longe demais.

Sarah inclinou-se para a frente. Tentou fazer o irmão encará-la, mas Brian desviou o olhar.

– Não sou adivinha. Mas, sim, essa possibilidade preocupa-me.

– Acho que devias dizer ao Miles para esquecer essa história.

– Que história?

– O homem que ele prendeu... tem de o deixar em paz.

Sarah encarou o irmão, confusa. Por fim, ele virou-se para ela com um ar de súplica nos olhos.

– Tens de o fazer entender isso, está bem? Fala com ele, está bem?

– Já tentei falar. Conte-te.

– Tens de tentar novamente.

Sarah recostou-se no sofá e franziu o cenho. – O que é que se passa?

– Só estou a perguntar o que é que achas que o Miles vai fazer.

– Mas porquê? Porque é que isso é tão importante para ti?

– O que é que aconteceria ao Jonah?

Ela pestanejou. – Ao Jonah?

– O Miles ia pensar no filho, não ia? Antes de fazer alguma coisa.

Sarah abanou a cabeça devagar.

– Quero dizer, não achas que ele correria o risco de ir preso, achas? – continuou Brian.

Ela estendeu as mãos e segurou as do irmão com força. – Para um bocadinho, pode ser? Chega de perguntas por enquanto. O que é que se passa?

Lembro-me de que esse foi o meu momento da verdade, o motivo pelo qual fora a casa dela. Finalmente tinha chegado o momento de confessar o que fizera.

Nesse caso, porque é que não lhe disse e pronto? Porquê aquelas perguntas todas? Será que estava a tentar encontrar uma saída, outro motivo para continuar a guardar o segredo? A parte de mim que passara dois anos a mentir até podia querer isso, mas sinceramente acho que a melhor parte de mim queria proteger a minha irmã.

Tinha de me certificar de que não tinha alternativa.

Sabia que as minhas palavras iam magoá-la. A minha irmã estava apaixonada pelo Miles. Eu vira-os juntos no Dia de Ação de Graças. Vira o modo como se olhavam, a forma natural como interagiam quando estavam próximos, o beijo carinhoso que ela lhe dera antes de ele sair. A Sarah amava o Miles e o Miles amava-a – ela mesma mo tinha dito. E o Jonah amava os dois.

Na noite anterior, apercebera-me finalmente de que não conseguia guardar mais o segredo. Se a Sarah de facto achava que o Miles era capaz de fazer justiça com as próprias mãos, eu sabia que, se permanecesse calado, correria o risco de destruir mais vidas. A Missy já tinha morrido por minha causa. Eu não conseguiria viver com mais uma tragédia.

Só que, para me salvar, para salvar um homem inocente, para salvar Miles Ryan de si mesmo, eu também sabia que teria de sacrificar a minha irmã.

Ela, que já passara por tanta coisa, teria de encarar Miles, sabendo que o próprio irmão tinha matado a mulher dele – e teria de enfrentar o risco de o perder por isso. Afinal, depois de saber a verdade, como é que ele algum dia conseguiria olhar para ela da mesma forma?

Seria justo sacrificá-la? Sarah era inocente, mera espectadora nesta história. Com as minhas palavras, ficaria encurralada para sempre entre o seu amor por Miles Ryan e o seu amor por mim. No entanto, por mais que eu não quisesse fazer isto, sabia que não tinha alternativa.

«Eu sei quem ia a conduzir o carro naquela noite», disse, por fim, com a voz rouca.

Sarah fitava-me. Quase parecia não ter compreendido as minhas palavras.

«Sabes?», perguntou.

Assenti.

Foi então, no longo silêncio que precedeu a pergunta dela, que ela começou a entender o motivo da minha visita. Percebeu o que eu estava a tentar dizer-lhe. Desabou como um balão subitamente esvaziado. Já eu nunca desviei o olhar.

«Fui eu, Sarah», sussurrei. «Fui eu o culpado.»

CAPÍTULO 30

Ao ouvir as palavras do irmão, Sarah recuou como se o estivesse a ver pela primeira vez.

– Não foi por querer. Sinto muito... tanto...

Brian desatou a chorar antes mesmo de conseguir terminar a frase.

Não era o pranto tranquilo e reprimido da tristeza, mas os gritos angustiados de uma criança. Os ombros tremiam-lhe com violência, como se tomados por espasmos. Até àquele momento, Brian nunca tinha chorado por causa do que fizera. Agora que tinha começado, não tinha a certeza de conseguir parar.

No meio do pesar de Brian, Sarah abraçou-o, e o toque dela fez o crime dele parecer ainda pior, pois sabia que a irmã continuava a amá-lo apesar daquilo. Sarah não disse nada enquanto ele chorava, mas a mão dela começou a mover-se delicadamente para cima e para baixo nas costas dele. Brian encostou-se a ela, abraçando-a com força, acreditando, de algum modo, que, se a soltasse, tudo entre os dois mudaria.

Mas, mesmo nesse momento, ele sabia que já tinha mudado.

Não soube ao certo quanto tempo chorou, mas, quando as lágrimas finalmente cessaram, começou a contar à irmã como tudo acontecera.

Não mentiu.

Porém, não lhe contou sobre as visitas.

Durante toda a confissão, Brian não encarou Sarah nos olhos sequer uma vez. Não queria ver pena nem horror neles, não queria ver o modo como ela realmente o via.

No final do relato, porém, finalmente preparou-se para a fitar.

Não viu nem amor nem perdão no rosto dela.

O que viu foi medo.

Brian passou quase a manhã inteira com Sarah. Ela fez-lhe muitas perguntas. Ao responder, Brian contou-lhe tudo uma segunda vez. Algumas

perguntas, no entanto – como, por exemplo, porque é que não avisara a polícia –, não tinham resposta senão a óbvia: estava em choque, estava assustado, acabou por passar demasiado tempo.

Tal como Brian, Sarah percebeu o motivo da sua decisão. E, tal como Brian, questionou-o. Viram e reviram os factos, mas, no final, quando Sarah se calou, Brian soube que era hora de partir.

Ao encaminhar-se para a porta, olhou para trás por cima do ombro.

Sentada no sofá, curvada como uma mulher com o dobro da sua idade, a irmã chorava baixinho, com o rosto enterrado nas mãos.

CAPÍTULO 31

Nessa mesma manhã, enquanto Sarah chorava sentada no sofá, Charlie Curtis subia o caminho que conduzia até à porta de casa de Miles Ryan. Estava fardado. Era o primeiro domingo em muitos anos em que ele e Brenda faltariam à missa, mas, como tinha explicado mais cedo à mulher, não achava que tivesse alternativa. Não após os dois telefonemas que recebera na véspera.

Não após passar a maior parte da noite acordado a vigiar a casa de Miles por causa das chamadas.

Bateu à porta. Miles apareceu vestido com calças de ganga, camisola de fato de treino e um boné. Se ficou surpreendido por ver o chefe no alpendre, não deu mostras disso.

– Precisamos de falar – disse Charlie, sem rodeios.

Miles levou as mãos aos quadris, sem tentar esconder a raiva que sentia pelo que Charlie tinha feito.

– Então fala.

Charlie levantou um pouco a aba do chapéu. – Queres falar aqui no alpendre, onde o Jonah pode ouvir, ou no quintal? Tu é que sabes. Para mim, não faz diferença.

Passado um minuto, Charlie estava encostado ao carro, de braços cruzados. O Sol ainda baixo no céu obrigou Miles a semicerrar os olhos.

– Preciso de saber se foste procurar o Sims Addison – disse Charlie, indo direto ao assunto.

– Queres saber ou já sabes?

– Estou a perguntar porque quero saber se estás disposto a mentir-me na cara.

Depois de alguns instantes, Miles desviou os olhos. – Fui. Fui à procura dele.

– Porquê?

– Porque disseste que não conseguias encontrá-lo.

– Miles, estás suspenso. Sabes o que isso significa?

– Não foi nada oficial, Charlie.

– Pouco importa. Dei-te uma ordem clara e ignoraste-a. É uma sorte o Harvey Wellman não ter descoberto. Mas não posso andar sempre a proteger-te e estou demasiado velho e cansado para aturar estas merdas. – Transferia o peso do corpo de uma perna para a outra, tentando manter-se quente. – Preciso da pasta, Miles.

– Da minha pasta?

– Quero que seja registada como prova.

– Prova? Prova de quê?

– É uma pasta sobre a morte da Missy Ryan, não é? Quero ver as anotações que tens feito.

– Charlie...

– Estou a falar a sério. Ou ma dás ou eu venho buscá-la. Das duas, uma, mas no final de contas vou ficar com ela.

– Porque é que estás a fazer isto?

– Espero que, assim, ganhes juízo. É óbvio que não ouviste uma única palavra do que eu disse ontem, por isso vou repetir: fica fora disto e deixa-nos resolver tudo.

– Certo.

– Preciso que me dês a tua palavra de honra de que vais parar de procurar o Sims Addison e ficar longe do Otis Timson.

– A cidade é pequena, Charlie. Não posso prometer que não esbarre com eles.

Os olhos de Charlie estreitaram-se. – Miles, estou farto destes jogos, por isso vou deixar uma coisa bem clara: se chegares a menos de cem metros do Otis, da casa dele ou dos locais que ele frequenta, mando-te prender.

Miles olhou para Charlie, incrédulo. – Porquê?

– Por agressão.

– Agressão?

– Aquela tua palhaçada no carro – disse e abanou a cabeça. – Parece que não percebes que te estás a afundar até ao pescoço em problemas. Ou manténs distância ou vais acabar atrás das grades.

– Isto é de loucos...

– Só te podes culpar a ti próprio. Estás tão transtornado, que já não sei o que fazer mais. Sabes onde passei a noite? – perguntou, sem esperar pela resposta. – Estacionado mais abaixo, ali, na rua, para ter a certeza de que

não saías de casa. Sabes como me sinto quando penso que não posso confiar em ti, depois de tudo por que já passámos juntos? É uma sensação horrível e não quero ter de fazer isto outra vez. Por isso, se não te importares... e eu não posso obrigar-te a isso... juntamente com a pasta, gostava que me entregasses as outras armas por algum tempo, as que tens em casa. Podes reavê-las quando isto tudo terminar. Se disseres não, vou ter de mandar alguém vigiar-te. E, acredita, fá-lo-ei. Não vais poder sequer comprar um café sem que alguém observe cada movimento teu. E também é bom que saibas que pus pessoal nosso no complexo dos Timsons e que eles também vão ficar de olho em ti.

Teimoso, Miles recusava-se a encarar o chefe nos olhos. — Ele estava a conduzir o carro, Charlie.

— Achas mesmo isso? Ou será que só queres uma resposta, seja ela qual for?

Miles ergueu a cabeça com um movimento rápido. — Não é justo dizeres isso.

— Ah, não? Fui eu que falei com o Earl, não foste tu. Fui eu que revi todos os passos do inquérito da polícia rodoviária. Estou a dizer-te: não existe nenhum indício físico que relacione o Otis com o crime.

— Eu vou encontrar os indícios...

— Não vais, não! — disparou Charlie em resposta. — É justamente essa a questão! Não vais encontrar nada, porque estás fora disto!

Miles não disse nada. Depois de um longo intervalo, Charlie tocou-lhe no ombro.

— Ouve, ainda estamos a investigar, juro que estamos — disse, soltando um suspiro demorado. — Sei lá... pode ser que encontremos alguma coisa. Se isso acontecer, serei o primeiro a vir aqui dizer que me enganei e que o Otis vai pagar pelo que fez. Está bem assim?

Miles cerrou os dentes enquanto Charlie esperava uma resposta. Por fim, ao sentir que não haveria nenhuma, Charlie tornou a falar:

— Eu sei que isto é difícil...

Ao ouvir aquelas palavras, Miles afastou a mão de Charlie com um safanão e fitou-o. Os seus olhos brilhavam.

— Não sabes, não — disparou Miles. — Nem nunca vais saber, Charlie. A Brenda ainda está viva, lembra-te? Ainda acordas na mesma cama que ela, podes telefonar-lhe quando queres. Ninguém a atropelou a sangue-frio,

ninguém escapou impune durante anos. E ouve bem o que te vou dizer, Charlie: ninguém vai escapar impune agora.

Apesar das palavras de Miles, Charlie foi-se embora dez minutos depois levando a pasta e as armas. Nenhum dos dois disse mais nada.

Não havia mais nada a dizer. Charlie estava a fazer o trabalho dele.

E Miles faria o seu.

Sarah ficou sentada na sala, sozinha, anestesiada contra tudo à sua volta. Não saíra do sofá mesmo depois de as lágrimas cessarem, com medo de que o mais leve movimento estilhaçasse o seu frágil equilíbrio.

Nada fazia sentido.

Não tinha energia para separar as suas emoções – elas formavam um bolo confuso, era impossível distingui-las. Tinha a sensação de que algo dentro de si chegara ao limite, deixando-a incapaz de qualquer ação.

Como é que aquilo podia ter acontecido? Não o acidente de Brian – isso ela conseguia entender, pelo menos superficialmente. Era terrível e a atitude subsequente do irmão tinha sido errada, qualquer que fosse o prisma pelo qual ela a considerasse. Mas tinha sido um acidente. Sarah sabia disso. Brian não poderia tê-lo evitado. Nem ela o teria conseguido, caso estivesse no lugar dele.

Assim, num piscar de olhos, Missy Ryan tinha morrido.

Missy Ryan.

Mãe de Jonah.

Mulher de Miles.

Era isso que não fazia sentido.

Porque é que Brian a tinha atropelado *logo a ela*?

E porque é que, entre todas as pessoas no mundo, fora Miles quem entrara na vida de Sarah anos depois? Era quase impossível de acreditar. Sentada no sofá, Sarah não conseguia conciliar tudo o que acabara de descobrir – o seu horror diante da confissão de Brian e da culpa evidente que ele sentia... a sua raiva e repulsa pelo facto de ele ter ocultado a verdade, em conflito com a consciência implacável de que sempre amaria o irmão...

E Miles...

Ai, meu Deus... *Miles*...

O que é que devia fazer agora? Telefonar-lhe e contar o que sabia? Ou esperar um pouco até se recompor e decidir exatamente o que dizer?

Tal como Brian tinha esperado?

Ai, meu Deus...

O que é que ia acontecer a Brian?

Seria preso...

Sarah sentiu-se mal.

Sim, era isso que ele merecia, mesmo sendo seu irmão. Não tinha cumprido a lei e tinha de pagar pelo seu crime.

Mas será que tinha mesmo? Era o seu irmão mais novo, um miúdo na altura do acidente, e a culpa não fora dele.

Abanou a cabeça, desejando de repente que Brian não lhe tivesse contado.

No entanto, bem lá no fundo, sabia porque é que ele lhe dissera. Durante dois anos, fora Miles quem pagara o preço do silêncio dele.

E agora seria Otis a pagar.

Sarah inspirou fundo, levando os dedos às têmporas.

Não, Miles não iria tão longe. Ou será que iria?

Talvez não agora, mas aquilo ia atormentá-lo enquanto ele acreditasse que Otis era culpado e um dia talvez...

Abanou a cabeça, sem querer pensar naquilo.

Mesmo assim, continuou sem saber o que fazer.

Ainda não tinha conseguido encontrar uma resposta quando Miles apareceu à sua porta, poucos minutos depois.

– Olá – disse Miles, simplesmente.

Sarah encarou-o como se estivesse em choque, sem conseguir tirar a mão da maçaneta. Sentiu o corpo retesar-se e os seus pensamentos pareceram partir em direções opostas.

Conta-lhe agora, acaba com isto... Espera até decidires exatamente o que dizer...

– Estás bem? – perguntou ele.

– Hã... sim... bem... – gaguejou ela. – Entra.

Deu um passo para trás e Miles fechou a porta depois de entrar. Hesitou por um instante antes de se encaminhar até à janela, onde afastou as cortinas e olhou para a rua. Depois, percorreu a sala toda, claramente

incomodado com alguma coisa. Parou junto à cornija da lareira e ajeitou distraidamente um retrato de Sarah com a família, posicionando-o bem de frente para a divisão. Sarah ficou no meio da sala, sem se mexer. Aquilo parecia surreal. Ao vê-lo, só conseguia pensar que sabia quem tinha matado a mulher dele.

– O Charlie foi lá a casa hoje de manhã – disse ele de repente, e o som da sua voz despertou-a. – Levou a minha pasta sobre a Missy.

– Lamento muito.

As palavras soaram ridículas, mas foram as primeiras e únicas que lhe ocorreram.

Miles não pareceu perceber.

– Também me disse que me mandava prender se eu olhasse sequer para o Otis Timson.

Dessa vez, Sarah não reagiu. Miles fora até lá desabafar. A postura dele deixava isso claro. Virou-se para ela.

– Dá para acreditar? Limitei-me a prender o homem que matou a minha mulher e acontece isto.

Sarah teve de se controlar ao máximo para manter a compostura.

– Lamento muito – disse, pela segunda vez.

– Eu também – disse ele, abanando a cabeça. – Não posso ir atrás do Sims, não posso procurar provas, não posso fazer nada. Tenho de ficar sentado em casa, à espera que o Charlie trate de tudo.

Ela pigarreou, esforçando-se por encontrar uma saída. – Bem... não achas que talvez seja uma boa ideia? Pelo menos por algum tempo – sugeriu.

– Não, não acho. Meu Deus, fui o único que continuou a investigar depois de o inquérito inicial ter parado. Sei mais sobre este caso do que ninguém.

Não sabes não, Miles.

– O que vais fazer, então?

– Não sei.

– Mas vais obedecer ao Charlie, não vais?

Miles olhou para o lado, recusando-se a responder, e Sarah sentiu um peso na barriga.

– Miles – disse –, eu sei que não queres ouvir isto, mas acho que o Charlie tem razão. Deixa os outros tratarem do Otis.

– Para quê? Para fazerem nova borrada?

– Eles não fizeram nenhuma borrada.

Os olhos dele faiscaram. – Ah, não? Então porque é que o Otis continua à solta? Porque é que fui eu que tive de encontrar as pessoas que o denunciaram? Porque é que ninguém investigou mais a fundo na época?

– Talvez não houvesse por onde começar – respondeu ela, baixinho.

– Porque é que estás a fazer de advogada do diabo nesta história? – perguntou ele. – Fizeste a mesma coisa ontem.

– Não fiz, não.

– Fizeste, sim. Não ouviste nada do que eu disse.

– Não queria que fizesses nada...

Ele ergueu as mãos. – Sim, já sei. Nem tu nem o Charlie. Parece que não percebem o que é que está a acontecer.

– É claro que percebo – disse ela, tentando disfarçar a tensão na voz. – Achas que foi o Otis e queres-te vingar. Mas e se descobrires que o Sims e o Earl estavam enganados?

– Enganados?

– Em relação ao que ouviram...

– Achas que eles estão a mentir sobre isto? Os dois?

– Não. Estou só a dizer que talvez tenham ouvido mal. Talvez o Otis tenha dito isso, mas da boca para fora. Talvez não tenha sido ele.

Por instantes, Miles ficou demasiado chocado para dizer fosse o que fosse. Sarah insistiu, falando através do nó que lhe obstruía a garganta:

– E se descobrires que o Otis é inocente? Eu sei que vocês os dois não se dão bem...

– Não nos damos bem? – perguntou ele, interrompendo-a. Encarou-a com firmeza antes de dar um passo na sua direção. – Que conversa é essa, Sarah? Ele matou a minha mulher.

– Não tens a certeza.

– Tenho, sim – retrucou Miles, chegando ainda mais perto dela. – O que não sei é porque é que estás tão convencida de que ele é inocente.

Ela engoliu em seco. – Não estou a dizer que ele é inocente. Só estou a dizer que devias deixar o Charlie resolver esta história, para não fazeres nada, como...

– Como o quê? Matá-lo?

Sarah não respondeu e Miles ficou parado à sua frente. A voz dele soou estranhamente calma. – Como ele matou a minha mulher, é isso que queres dizer?

Ela empalideceu. – Não fales assim. Tens de pensar no Jonah.

– Deixa o Jonah fora da conversa.

– Mas é verdade. Ele só te tem a ti.

– E achas que não sei isso? O que é que achas que me impediu de puxar o gatilho? Tive oportunidade, mas não puxei, lembras-te? – Miles expirou com força e, ao mesmo tempo, virou-lhe as costas, quase como se estivesse dececionado por não ter puxado o gatilho. – É, eu quis matar o Otis. Acho que ele merece morrer pelo que fez. Olho por olho, dente por dente. – Abanou a cabeça e ergueu os olhos para ela. – Só quero que o Otis pague. E ele vai pagar. De uma maneira ou de outra.

Dito isso, Miles caminhou abruptamente até à porta e bateu-a com força ao sair.

CAPÍTULO 32

Sarah passou a noite em claro. Ia perder o irmão.
E ia perder Miles Ryan.

Deitada na cama, lembrou-se da noite em que ela e Miles tinham feito amor pela primeira vez. Lembrou-se de tudo: de como ele a tinha ouvido quando lhe contara que não podia ter filhos, da expressão dele ao dizer-lhe que a amava, de como tinham passado horas a sussurrar ao ouvido um do outro e da paz que sentira nos braços dele.

Tudo parecia tão certo, tão perfeito naquele dia.

As horas desde que Miles se fora embora tinham passado sem que ela encontrasse uma resposta. Pelo contrário: estava mais confusa do que antes, porque, depois de o choque passar e de conseguir pensar com mais clareza, Sarah entendera que, qualquer que fosse a sua decisão, as coisas nunca mais seriam iguais.

Era o fim.

Se não contasse a Miles, como conseguiria encará-lo no futuro? Não conseguia imaginar Miles e Jonah em sua casa, a abrir presentes em redor da árvore de Natal, enquanto ela e Brian sorriam e fingiam que nada tinha acontecido. Não conseguia imaginar-se a olhar para as fotos de Missy na casa dele ou sentada ao lado de Jonah, sabendo que Brian tinha matado a mãe dele. E isso, claro, não seria a atitude certa, não com Miles determinado a fazer Otis pagar pelo crime. Tinha de lhe dizer a verdade, mesmo que o fizesse apenas para garantir que Otis Timson não fosse punido por algo que não tinha feito.

Mais do que isso: Miles tinha o direito de saber o que realmente tinha acontecido à mulher. Merecia-o.

Se ela lhe contasse, o que aconteceria? Será que Miles acreditaria na história de Brian e esqueceria simplesmente o assunto? Não, era pouco provável. Brian tinha desrespeitado a lei. Quando Sarah revelasse a verdade, ele seria preso e os pais ficariam arrasados. Miles nunca mais lhe dirigiria a palavra e ela perderia o homem que amava.

Fechou os olhos. Teria conseguido viver sem conhecer Miles.

Mas apaixonar-se por ele e depois perdê-lo?

E o que aconteceria a Brian?

Sentiu-se nauseada.

Levantou-se da cama, calçou um par de chinelos e foi à sala, desesperada por encontrar outra coisa em que pensar, qualquer coisa. Mesmo ali, porém, continuou a lembrar-se de tudo o que tinha acontecido e, de repente, teve certeza, sem sombra de dúvida, do que tinha de fazer. Por mais doloroso que fosse, não havia outra maneira.

Quando o telefone tocou na manhã seguinte, Brian já sabia que era Sarah. Estava à espera da chamada e levou a mão ao aparelho antes que a mãe pudesse atender.

Sarah foi direta ao assunto. Brian ouviu sem dizer nada. No final, concordou em fazer o que ela pedia. Alguns minutos depois, deixando pegadas na fina camada de neve que cobria o chão, foi para o carro.

Não estava concentrado no trajeto, só conseguia pensar nas coisas que tinha dito na véspera. Sabia que, quando contasse o seu segredo à irmã, Sarah não poderia guardá-lo. Apesar de preocupada com ele e com o seu próprio futuro ao lado de Miles, ela queria que se entregasse. Fazia parte do temperamento dela: acima de tudo, a irmã sabia o que significava ser traída, e ficar em silêncio seria a pior das traições.

Fora por esse motivo que lhe contara, pensou.

Brian viu-a mesmo antes de estacionar o carro, em frente à igreja episcopal onde tinha assistido ao funeral de Missy. Sarah estava sentada num banco virado para um pequeno cemitério, tão antigo que a maior parte das inscrições nas lápides tinha-se apagado ao longo dos séculos. Mesmo antes de sair do carro, conseguiu vê-la bem. A irmã parecia atormentada, tão perdida como ele só a vira uma vez antes.

Sarah ouviu o carro chegar e virou-se, mas não lhe acenou. Instantes depois, Brian sentou-se a seu lado.

Sabia que Sarah decerto tinha telefonado para a escola e dito que estava doente. Ao contrário da faculdade de Brian, a escola em que a irmã trabalhava ainda teria uma semana de aulas antes das férias. Quando se sentou, não pôde deixar de pensar no que teria acontecido caso não tivesse

ido passar o Dia de Ação de Graças a New Bern e visto Miles na casa dos pais, ou caso Otis não tivesse sido preso.

– Não sei o que fazer – sussurrou ela, por fim.

– Sinto muito – disse ele, baixinho.

– É para sentir mesmo.

Brian percebeu a amargura no tom de voz dela.

– Não quero rever a história toda outra vez, mas preciso de saber se me contaste a verdade – disse Sarah. Virou-se de frente para ele. Tinha as faces rosadas pelo frio.

– Conteí.

– Sobre tudo, Brian. Foi mesmo um acidente?

– Foi – respondeu ele.

Embora a resposta não tenha parecido reconfortá-la, Sarah assentiu. – Passei a noite em claro – disse. – Ao contrário de ti, não posso ignorar esta história.

Brian não respondeu. Não havia nada que pudesse dizer.

– Porque é que não me contaste? – indagou ela, por fim. – Na altura em que aconteceu?

– Não consegui – respondeu Brian. Fizera-lhe a mesma pergunta na véspera e ele dera-lhe a mesma resposta.

Sarah passou muito tempo sentada sem dizer nada. – Tens de lhe contar – disse, com o olhar perdido sobre as lápides e a voz a soar uma sombra do que normalmente era.

– Eu sei – sussurrou ele.

Sarah baixou a cabeça e ele pensou ter visto lágrimas começar a formar-se. Estava preocupada com o irmão, mas não tinha sido essa preocupação a causa do choro. Sentado a seu lado, Brian percebeu que ela estava a chorar por si mesma.

Sarah foi com Brian até casa de Miles. Enquanto ela conduzia, Brian olhava pela janela. O movimento do carro parecia sugar toda a energia de Brian, mas ele sentia um estranho destemor do que estava prestes a acontecer. Sabia que o seu medo fora transferido para a irmã.

Atravessaram a ponte, entraram na Madame Moore's Lane e foram seguindo as curvas sinuosas até chegarem ao acesso que conduzia à casa de

Miles. Sarah estacionou ao lado da carrinha dele e rodou a chave, extinguindo o barulho do motor.

Não saiu imediatamente do carro. Em vez disso, continuou sentada, a segurar a chave no colo. Respirou fundo, e depois finalmente encarou o irmão. Tinha na boca um sorriso que tentava incentivá-lo, mas que saiu tenso e forçado e desapareceu depressa. Pôs a chave na mala e Brian abriu a porta do carro. Juntos, começaram a andar em direção à casa.

Nos degraus do alpendre, Sarah hesitou e, por um breve instante, o olhar de Brian relanceou na direção do canto em que tantas vezes se tinha posicionado para observar. Tinha certeza de que contaria a Miles sobre o crime, mas, tal como fizera com a irmã, ficaria calado em relação às outras coisas que tinha feito.

Sarah ganhou coragem, foi até à porta e bateu. Instantes depois, Miles veio abrir.

– Sarah... Brian... – disse.

– Olá, Miles – disse Sarah. Brian achou a voz da irmã surpreendentemente firme.

No início, ninguém se mexeu. Ainda abalados pelo que tinha acontecido na véspera, Miles e Sarah limitaram-se a olhar um para o outro, até Miles dar um pequeno passo para trás.

– Entrem – disse, conduzindo-os para dentro da casa e fechando a porta a seguir. – Querem beber alguma coisa?

– Não, obrigada.

– E tu, Brian?

– Não, não te incomodes.

– Então, o que é que se passa?

Sarah ajeitou a alça da mala com um gesto automático. – Eu... nós temos de conversar contigo – disse ela, desajeitadamente. – Podemos sentar-nos?

– Claro – respondeu Miles e indicou o sofá.

Brian sentou-se ao lado de Sarah, de frente para Miles. Respirou fundo e quase começou a falar, mas Sarah antecipou-se.

– Miles... antes de começarmos, quero que saibas que o que eu mais queria era que não precisássemos de estar aqui. Não há nada que eu quisesse mais. Tenta lembrar-te disso, está bem? Isto não vai ser fácil para nenhum de nós.

– Mas o que é que se passa? – perguntou.

Sarah olhou de relance para Brian e balançou a cabeça. De repente, Brian sentiu a garganta seca. Engoliu em seco.

– Foi um acidente – disse.

Dito isso, as palavras começaram a sair como ele as tinha ensaiado uma centena de vezes na cabeça. Brian contou a Miles tudo sobre aquela noite, dois anos antes, sem deixar nada de fora. A cabeça dele, porém, não prestava atenção às palavras.

Prestava atenção à reação de Miles. No início, não houve nenhuma reação. Assim que Brian começou a falar, Miles adotou a postura de alguém que quisesse ouvir objetivamente, sem interrupções, como aprendera na formação para o cargo de adjunto de xerife. Brian estava a fazer uma confissão e Miles sabia que manter-se em silêncio era a melhor forma de obter uma versão não censurada dos acontecimentos. Só mais tarde, quando Brian mencionou a churrascaria Rhett's, é que ele finalmente começou a dar-se conta do que Brian lhe estava a contar.

Foi então que veio o choque. Enquanto Brian prosseguia o relato, Miles imobilizou-se e o seu rosto perdeu a cor. As mãos retesaram-se automaticamente nos braços da cadeira. Mesmo assim, Brian continuou a falar. Ao fundo, como se viesse de um lugar muito distante, Brian ouviu a irmã inspirar com força enquanto ele descrevia o acidente. Ignorou o ruído e prosseguiu com a história, parando apenas quando relatou a manhã seguinte na cozinha de sua casa e a decisão de permanecer calado.

Miles ouviu a história petrificado. Quando Brian se calou, Miles pareceu demorar alguns instantes a registar tudo o que este lhe tinha contado. Então, por fim, encarou Brian como se o estivesse a ver pela primeira vez.

De certa forma, Brian sabia que estava.

– Um cão? – indagou com dificuldade. A voz saiu grave e enrouquecida, como se Miles tivesse retido a respiração durante toda a confissão. – Estás a dizer que ela saltou para a frente do teu carro por causa de um cão?

– Sim – confirmou Brian, balançando a cabeça. – Um cão preto. Grande. Não pude fazer nada.

Os olhos de Miles estreitaram-se ligeiramente, enquanto ele se tentava controlar. – Então porque é que fugiste?

– Não sei – respondeu Brian. – Não sei explicar porque fugi naquela noite. Quando dei por mim, estava no carro.

– Não sabes porque não te lembras. – A raiva na voz de Miles era inconfundível, praticamente incontida. Ameaçadora.

– Não me lembro dessa parte, não.

– Mas, do resto, sim. Lembras-te de tudo o mais naquela noite.

– Sim.

– Então diz-me o verdadeiro motivo por que fugiste naquela noite.

Sarah estendeu a mão e tocou-lhe no braço. – Miles, ele está a dizer a verdade. Acredita em mim, ele não mentiria sobre isto.

Miles afastou a mão dela.

– Não há problema, Sarah – disse Brian. – Ele pode perguntar o que quiser.

– Podes crer que posso! – acrescentou Miles, com uma voz ainda mais grave.

– Não me lembro de porque é que fugi – respondeu Brian. – Como já disse, não me lembro sequer de ter saído de lá. Lembro-me de estar dentro do carro, mas só isso.

Miles levantou-se da cadeira com uma expressão de fúria. – E estás à espera que eu acredite nisso? – perguntou. – Que a culpa foi da *Missy*?

– Espera aí! – protestou Sarah, saindo em defesa do irmão. – Ele disse-te como é que aconteceu! Está a dizer a verdade!

Miles virou o corpo até ficar de frente para ela.

– E por que carga de água é que devo acreditar nele?

– Porque ele está aqui! Porque queria que soubesses a verdade!

– Dois anos depois, quer que eu saiba a verdade! Como é que sabes que a verdade é esta?

Miles calou-se, aguardando uma resposta, mas, antes que Sarah conseguisse dá-la, ele recuou repentinamente um passo. Virou-se de Sarah para Brian e novamente para Sarah, enquanto refletia no que as respostas às suas perguntas de facto significavam.

Sarah *sabia* exatamente o que o irmão ia dizer...

O que significava... que ela sabia que Otis era inocente. Tentara fazer Miles deixá-lo em paz. Deixa o Charlie tratar disso, dissera ela. E se o Sims e o Earl estivessem, de alguma forma, enganados?

Sarah dissera essas coisas porque *sabia* que Brian era culpado.

Fazia sentido, não fazia?

Sarah não tinha dito que era chegada ao irmão? Não tinha dito que ele era a única pessoa com quem conseguia conversar, e vice-versa?

Alimentados pela adrenalina e pela raiva, os pensamentos de Miles precipitavam-se de conclusão em conclusão.

Ela *sabia*, mas não lhe tinha contado. Ela sabia e... e...

Miles encarou-a sem conseguir dizer nada.

Sarah não se tinha oferecido para ajudar Jonah? Isso não era fora do comum?

E não se tinha tornado sua amiga também? Saído com ele? Não o ouvira, não tentara ajudá-lo a avançar com a sua vida?

Miles começou a sentir o rosto latejar com uma raiva que mal conseguia conter.

Ela sempre soubera.

Sarah tinha-o usado para aliviar a própria culpa. Tudo o que existia entre eles era baseado em mentiras.

Ela traiu-me.

Miles ficou parado, sem dizer nada, petrificado. No silêncio, Brian ouviu o aquecimento da casa ligar-se automaticamente.

– Tu sabias – disse ele por fim, rouco. – Sabias que ele tinha matado a Missy, não sabias?

Foi então, nesse instante, que Brian percebeu não apenas que a relação entre Sarah e Miles tinha acabado, mas também que, para Miles, nunca tinham tido relação nenhuma. A irmã, porém, pareceu atónita e respondeu a Miles, como se a resposta à pergunta dele fosse evidente:

– Claro. Foi por isso que o trouxe cá.

Miles ergueu a mão para a fazer calar, apontando-lhe o dedo a cada palavra que dizia.

– Não, não... Sabias que ele tinha matado a Missy e não me contaste... Por isso é que sabias que o Otis era inocente... Por isso é que estavas sempre a dizer-me para dar ouvidos ao Charlie...

Sarah compreendeu finalmente o significado do que Miles dizia e, de repente, começou a negar freneticamente com a cabeça.

– Não, espera, não estás a perceber...

Miles interrompeu-a, sem querer ouvir, e cada frase que lhe saía da boca soava mais irada do que a anterior.

– Sempre soubeste...

- Não...
- Já sabias quando nos conhecemos.
- Não...
- Foi por isso que te ofereceste para ajudar o Jonah.
- Não!

Por um instante breve, pareceu que Miles ia agredi-la. Em vez disso, investiu noutra direção. Pontapeou a mesa de canto, fazendo o candeeiro cair. Sarah encolheu-se e Brian levantou-se do sofá para tentar segurar o candeeiro, mas Miles agarrou-o antes e obrigou-o a virar-se. Era mais forte e mais pesado e Brian não pôde fazer nada para impedir que ele lhe torcesse o pulso até às costas, na direção das omoplatas. Por instinto, Sarah afastou-se da confusão, antes mesmo de perceber o que estava a acontecer. Mesmo quando a dor lhe subiu pelo ombro, Brian não ofereceu resistência. Fez uma careta e fechou os olhos, contorcendo o rosto.

- Para! Estás a magoá-lo! – gritou Sarah.
- Miles ergueu uma mão ameaçadora na direção dela. – Não te metas!
- Porque é que estás a fazer isso? Não precisas de o magoar!
- Ele está preso!
- Foi um acidente!

Mas Miles, descontrolado, tornou a torcer o braço de Brian, forçando-o a afastar-se do sofá e de Sarah, em direção à porta. Brian quase tropeçou e Miles segurou-o, enterrando-lhe os dedos na carne. Empurrou-o contra a parede, enquanto estendia a mão para pegar nas algemas penduradas num prego junto à porta. Fechou-as em volta de um pulso e depois do outro, apertando-as bem.

- Miles! Espera! – gritou Sarah.
- Miles abriu a porta e empurrou Brian para o alpendre.
- Não percebeste!

Miles ignorou-a. Segurou Brian pelo braço e começou a arrastá-lo para o carro. Brian tinha dificuldade em manter o equilíbrio e cambaleava. Sarah saiu a correr atrás deles.

- Miles!
- Ele virou-se para ela. – Quero que saias da minha vida – sibilou.
- O ódio na voz dele forçou Sarah a parar.
- Traíste-me – disse Miles. – Usaste-me. – Sarah nem teve hipótese de responder. – Quiseste resolver as coisas... não para mim e para o Jonah,

mas para ti e o Brian. Achaste que, se fizesses isso, te sentirias melhor.

Ela ficou lívida, incapaz de dizer fosse o que fosse.

– Sempre soubeste – prosseguiu ele. – E estavas disposta a deixar-me continuar sem nunca saber a verdade, até a deixar que outra pessoa fosse presa pelo crime.

– Não, não foi assim que aconteceu...

– Para de me mentir! – bradou ele. – Como é que consegues olhar-te ao espelho?

O comentário feriu-a e Sarah defendeu-se. – Percebeste tudo mal e nem queres saber.

– *Eu* não quero saber? Não fui eu que agi mal.

– Nem eu.

– E esperas que eu acredite nisso?

– É a verdade! – Então, apesar da raiva, os olhos de Sarah encheram-se de lágrimas.

Miles fez uma breve pausa, mas não demonstrou qualquer empatia. – Não sabes sequer o que significa a palavra «verdade».

Dito isso, virou-se e abriu a porta do carro. Empurrou Brian para dentro, fechou a porta com força e levou a mão ao bolso para tirar a chave, que empurrou enquanto se sentava ao volante.

Sarah estava demasiado chocada para dizer mais alguma coisa. Ficou a ver Miles ligar o carro, engatar a mudança e depois pisar a fundo o acelerador. Os pneus chiaram quando o carro recuou em direção à estrada.

Miles não olhou sequer uma vez na direção dela. Desapareceu de vista numa questão de segundos.

CAPÍTULO 33

Miles conduziu de modo errático, castigando o acelerador e pisando repentinamente o travão, como se testasse até que ponto podia abusar do carro antes de um ou outro pedal deixar de funcionar. Em mais de uma curva, com os braços algemados atrás das costas, Brian quase caiu. De onde estava, via os músculos do maxilar de Miles contrair-se e relaxar, como se alguém estivesse a acionar um botão. Miles segurava o volante com as duas mãos e, embora parecesse concentrado na estrada, não parava de relancear para o espelho retrovisor, onde o seu olhar às vezes se cruzava com o de Brian.

Brian via a raiva nos olhos de Miles. Embora ela se refletisse claramente no espelho, havia algo mais naquele olhar, algo que ele não esperava ver: angústia. Lembrou-se de como o tinha visto no funeral de Missy, a tentar, sem sucesso, entender o que tinha acontecido. Não sabia se a angústia que Miles sentia era por causa de Missy, de Sarah ou de ambas. Tudo o que sabia era que não tinha nada a ver com ele.

Pelo canto do olho, Brian via as árvores passarem depressa pela janela. A estrada fez uma curva, na qual Miles mais uma vez entrou sem diminuir a velocidade. Brian pressionou os pés contra o chão. Mesmo assim, foi deslizando em direção à porta. Sabia que, dali a poucos minutos, passariam pelo local do acidente de Missy.

*

Em 54 anos atrás do volante, Bennie Wiggins, motorista da carrinha da Igreja Comunitária do Bom Pastor, de Pollocksville, nunca levava sequer uma multa por excesso de velocidade. Embora esse feito fosse motivo de orgulho para Bennie, o reverendo ter-lhe-ia pedido que conduzisse a carrinha mesmo que o seu historial rodoviário não fosse tão imaculado. Era difícil encontrar voluntários, sobretudo quando o tempo não estava muito bom, mas com Bennie podia-se sempre contar.

Naquela manhã, o reverendo pedira-lhe para ir de carrinha até New Bern, buscar as doações de alimentos e roupas recolhidas durante o fim de semana, e Bennie tinha-se apresentado sem demora. Fora à cidade, tomara um café e comera dois *donuts*, enquanto esperava que outras pessoas carregassem a carrinha. Depois, agradecera a todos pela ajuda e pusera-se novamente ao volante, para fazer o trajeto de volta à igreja.

Faltavam poucos minutos para as dez quando entrou na Madame Moore's Lane.

Estendeu a mão para o rádio, na esperança de encontrar alguma música *gospel*. Embora a estrada estivesse escorregadia, começou a rodar o botão.

O que não podia saber era que, mais à frente na estrada, fora do seu campo de visão, vinha um carro na sua direção.

– Desculpa – disse Brian por fim. – Não queria que nada disto tivesse acontecido.

Ao ouvir a voz de Brian, Miles tornou a olhar pelo retrovisor. Em vez de responder, porém, abriu uma fresta na janela.

O ar frio entrou para o carro. Em poucos instantes, Brian encolheu-se e o casaco aberto começou a bater ao vento. No espelho, Miles encarou Brian com um ódio incontido.

*

Tal como Miles, Sarah fez a curva a alta velocidade, esperando conseguir alcançar o carro dele. Ele tinha um certo avanço – não muito, talvez um minuto ou dois, mas quanto representaria isso em termos de distância? Um quilómetro e meio? Mais? Como Sarah não tinha certeza absoluta, pisou ainda com mais força o acelerador, quando o carro entrou numa reta.

Tinha de os alcançar. Não podia deixar Brian entregue a Miles, não depois da fúria descontrolada que vira no rosto dele, não depois do que ele quase tinha feito a Otis.

Queria estar presente quando Miles levasse Brian para a esquadra do xerife, mas o problema era que não sabia onde ela ficava. Sabia onde ficavam a esquadra da polícia, o tribunal e até a câmara municipal, todos no

centro da cidade. Mas nunca fora à esquadra do xerife. Podia muito bem ficar nalgum sítio nos confins do condado.

Sarah tinha a opção de parar o carro e fazer um telefonema ou então consultar a lista telefónica, mas isso deixá-la-ia ainda mais para trás, pensou, já histérica. Se precisasse, pararia. Caso não o visse nos dois minutos seguintes...

Anúncios.

Bennie Wiggins abanou a cabeça. Nada senão anúncios. Era só isso que as rádios passavam ultimamente. Purificadores de água, concessionárias de automóveis, sistemas de alarme... de duas em duas músicas, ouvia a mesma ladainha de empresas a tentar vender produtos.

O Sol começava a brilhar por cima das copas das árvores e a claridade refletida pela neve apanhou Bennie desprevenido. Semicerrou os olhos e baixou a pala no momento em que o rádio se calou por alguns instantes.

Mais um anúncio. Desta vez, o locutor prometia ensinar os nossos filhos a ler. Bennie estendeu a mão para o botão de rodar.

Com os olhos cravados no mostrador, não percebeu que começava a aproximar-se da faixa de separação da estrada...

– A Sarah não sabia – disse Brian por fim, quebrando o silêncio. – Ela não sabia de nada.

Por causa do barulho do vento, Brian não tinha a certeza se Miles conseguia ouvi-lo, mas tinha de tentar. Era a sua última hipótese de falar com Miles sem outras pessoas presentes. Qualquer advogado que o pai lhe arranjasse aconselhá-lo-ia a não dizer mais nada além do que já dissera. E Miles, desconfiava, receberia ordens para ficar longe dele.

Mas Miles tinha de saber a verdade em relação a Sarah. Nem tanto por causa do futuro – na opinião de Brian, os dois não tinham nenhuma hipótese como casal –, mas porque não conseguia suportar a ideia de que, para Miles, Sarah soubesse de tudo desde o início. Não queria que ele a odiasse. Mais do que qualquer outra pessoa, Sarah não o merecia. Ao contrário de Miles, ao contrário dele próprio, ela não tinha participação naquilo.

– Ela nunca me disse com quem andava a namorar. Eu estava na faculdade e só descobri que eras tu no Dia de Ação de Graças. Mas só lhe contei sobre o acidente ontem. Ela não sabia de nada, antes disso. Sei que não queres acreditar em mim...

– E achas que devia acreditar? – disparou Miles em resposta.

– Ela não sabia de nada – repetiu Brian. – Eu não te mentiria sobre isso.

– Então sobre o que é que me mentirias?

Brian arrependeu-se daquelas palavras no instante em que as pronunciou. Sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo, ao imaginar a resposta àquela pergunta. *Sobre ter ido ao funeral. Sobre os sonhos que tive. Sobre observar o Jonah na escola. Sobre vigiar-te em casa...*

Brian abanou ligeiramente a cabeça para espantar aquelas ideias.

– A Sarah não fez nada de errado – disse, esquivando-se da pergunta.

Mas Miles insistiu. – Responde-me – ordenou. – Sobre o que é que me mentirias? Sobre o cão, talvez?

– Não.

– A Missy não saltou para a frente do teu carro.

– Não foi por querer. Ela não conseguiu evitar. Não foi culpa de ninguém. Simplesmente aconteceu. Foi um acidente.

– *Não foi, não!* – bradou Miles, virando-se para trás. Apesar do vento que rugia nas janelas abertas, o grito dele pareceu ecoar dentro do carro. – Tu não estavas a prestar atenção e passaste por cima dela!

– Não – insistiu Brian.

Sabia que devia ter mais medo de Miles do que sentia agora. Estava calmo, como um ator a recitar falas que soubesse de cor. Sem medo nenhum, apenas um sentimento de profunda exaustão. – Foi exatamente como te contei – reiterou.

Miles, já meio virado para trás, apontou o dedo a Brian. – Mataste-a e fugiste!

– Não! Eu parei e fui à procura dela. E quando a encontrei... – Brian não completou a frase.

Tornou a ver Missy caída na valeta, com o corpo dobrado num ângulo impossível, os olhos abertos a fitá-lo.

A fitar o nada.

– Senti-me mal, como se também fosse morrer. – Brian fez uma pausa e desviou os olhos de Miles. – Pus uma manta em cima dela – sussurrou. –

Não queria que ninguém a visse daquela maneira.

Bennie Wiggins encontrou por fim uma música que lhe agradava. A luminosidade da estrada era intensa e ele endireitou-se no banco, mesmo a tempo de perceber em que zona dela estava. Levou a carrinha de volta para a sua faixa.

O carro que se aproximava estava muito perto.

Mesmo assim, porém, ele ainda não o via.

*

Miles retraiu-se ao ouvir Brian mencionar a manta e, pela primeira vez, Brian teve certeza de que ele estava realmente a ouvi-lo, apesar de continuar aos berros. Assim sendo, continuou a falar, alheio aos gritos de Miles, alheio ao frio.

Alheio ao facto de a atenção de Miles estar completamente concentrada nele, não na estrada.

– Devia ter ligado naquele dia, quando cheguei a casa. Fiz mal. O que fiz não tem desculpa e lamento muito. Lamento muito pelo que te fiz e lamento muito pelo que fiz ao Jonah.

Brian ouvia a própria voz com se ela pertencesse a outra pessoa.

– Não sabia que guardar o segredo seria pior. O segredo consumiu-me. Sei que não queres acreditar nisso, mas é verdade. Não conseguia dormir. Não conseguia comer...

– Não me importa!

– Não conseguia parar de pensar naquilo. E nunca parei de pensar. Até deixo flores no túmulo da Missy...

Quando fez outra curva, Bennie Wiggins viu finalmente o carro.

Aconteceu tudo tão depressa, que quase não pareceu real. O carro estava a vir direito a ele e a imagem passou de câmara lenta a velocidade máxima, com uma inevitabilidade aterradora. A mente de Bennie começou a funcionar a todo o vapor, tentando desesperadamente processar a informação.

Não, não pode ser... Porque é que ele estaria a circular na minha faixa? Não faz sentido... Mas está mesmo na minha faixa. Será que não me está a ver? Tem de me ver... Vai dar uma guinada no volante e endireitar o carro.

Tudo isso aconteceu em pouquíssimos segundos, mas, nesse intervalo, Bennie teve a certeza absoluta de que a pessoa que conduzia o outro carro seguia depressa demais para sair do caminho a tempo.

Estavam a ir diretamente um contra o outro.

*

Brian viu o reflexo do Sol no vidro da frente da carrinha que se aproximava assim que esta fez a curva. Interrompeu a frase a meio e o seu primeiro reflexo foi usar as mãos para se proteger do impacto. Fez um movimento suficientemente vigoroso para as algemas lhe cortarem os pulsos, enquanto arqueava as costas e gritava: – *Cuidado!*

Miles voltou-se para a frente e, por instinto, virou imediatamente o volante com força, conforme os dois carros se aproximavam. Brian foi arremessado para o lado. Ao bater com a cabeça na janela lateral, ocorreu-lhe como aquela situação era absurda.

Tudo começara com ele a conduzir pela Madame Moore's Lane.

E era assim que tudo acabaria.

Preparou-se para o impacto final.

Só que ele não aconteceu.

Em vez dele, houve um baque forte, mas foi mais para a parte traseira do carro, no lado em que Brian estava. O carro começou a derrapar quando Miles travou. Deslizou pela neve, na berma, e foi-se aproximando de um sinal de limite de velocidade. Miles lutou para manter o controlo, até que, no último segundo, os pneus aderiram à estrada. O carro mudou de direção outra vez e sacudi subitamente, parando dentro de uma valeta.

Brian aterrou no chão entre os bancos, desorientado e zozno. Levou alguns instantes até conseguir entender o que acontecera. Puxou o ar num arquejo, como se emergisse do fundo de uma piscina. Nem sequer sentiu os cortes no pulso.

Também não viu o sangue que tinha sujado o vidro.

CAPÍTULO 34

— **E** stás bem? Brian gemeu. Ouvia os sons aumentar e diminuir de volume, enquanto se esforçava por se levantar do chão do carro com os braços ainda algemados às costas.

Miles abriu a sua porta com um empurrão e depois abriu a de Brian. Com cuidado, puxou-o para fora e ajudou-o a pôr-se de pé. Um dos lados da cabeça de Brian estava empapada de sangue, que também lhe escorria pela face. Tentou manter-se de pé sozinho, mas cambaleou e Miles tornou a segurá-lo pelo braço.

— Espera lá... Tens a cabeça a sangrar. Tens a certeza de que estás bem?

Brian oscilou um pouco, enquanto o mundo se movia em círculos à sua volta. Levou alguns instantes a entender a pergunta. Ao longe, Miles viu o motorista sair da carrinha.

— Estou... Acho que sim. Dói-me a cabeça...

Miles manteve a mão no braço de Brian e tornou a olhar para a estrada. O motorista da carrinha — um senhor de idade — estava a atravessar a estrada e caminhava na direção deles. Miles fez Brian curvar-se para a frente e examinou com delicadeza o ferimento. Depois, com ar aliviado, tornou a endireitar Brian. Apesar de tonto, Brian achou aquela expressão no rosto de Miles absurda, tendo em conta o que havia acontecido na última hora.

— Não parece fundo. É só um corte superficial — disse Miles. Depois, ergueu dois dedos no ar. — Quantos dedos vês?

Brian semicerrou os olhos e concentrou-se até focar os dedos. — Dois.

Miles repetiu o gesto. — E agora?

O mesmo procedimento. — Quatro.

— E o resto da tua visão? Alguma mancha? Vês preto nas bordas?

Cautelosamente, com os olhos semicerrados, Brian fez que não com a cabeça.

— Algum osso partido? Tudo bem com os braços? E as pernas?

Brian demorou um pouco a testar os membros, ainda com dificuldade em manter o equilíbrio. Fez uma careta ao girar os ombros para trás. — Doem-

me os pulsos.

– Espera um instante. – Miles puxou as chaves do bolso e retirou as algemas. Brian levou imediatamente uma mão à cabeça. Um dos pulsos doía-lhe e parecia magoado, o outro estava rígido. O sangue começou a escorrer por entre os dedos da mão que pusera sobre o ferimento.

– Consegues aguentar-te em pé sozinho? – perguntou Miles.

Brian sabia que ainda estava um pouco instável, mas assentiu, e Miles foi até à porta do carro. Tirou do chão uma *T-shirt* esquecida por Jonah. Levou-a a Brian e pressionou-a sobre o golpe na sua cabeça.

– Consegues segurar isto aqui?

Brian assentiu e pegou na *T-shirt* exatamente quando o motorista da carrinha, lívido e assustado, chegava a bufar.

– Estão bem? – perguntou.

– Estamos, está tudo bem – respondeu Miles, automaticamente.

Ainda abalado, o motorista virou-se de Miles para Brian. Viu o sangue que lhe escorria pela face e a sua boca contorceu-se.

– Ele está a sangrar bastante.

– Não é tão mau quanto parece – retrucou Miles.

– Não acha que ele precisa de uma ambulância? Talvez seja melhor eu ligar...

– Está tudo bem – disse Miles, interrompendo-o. – Sou adjunto de xerife. Já observei o ferimento. Ele vai ficar bom.

Apesar da dor que sentia nos pulsos e na cabeça, Brian sentiu-se um mero espectador.

– O senhor é adjunto de xerife? – O outro condutor deu um passo atrás e olhou de relance para Brian, em busca de apoio. – Ele ultrapassou a faixa. A culpa não foi minha... – disse.

Miles ergueu as mãos. – Oiça...

O motorista reparou nas algemas que Miles ainda segurava e arregalou os olhos.

– Eu tentei sair da frente, mas o senhor estava na minha faixa – disse, subitamente na defensiva.

– Calma... Como é que se chama? – indagou Miles, tentando controlar a situação.

– Bennie Wiggins – respondeu o homem. – Eu não estava acima do limite. O senhor é que invadiu a minha faixa.

– Calma... – repetiu Miles.

– O senhor ultrapassou a faixa – repetiu o motorista. – Não me pode prender por causa disto. Eu estava a ter cuidado.

– Não o vou prender.

– Então para que é isso? – perguntou, apontando para as algemas.

Antes que Miles respondesse, Brian intrometeu-se: – Eram por causa de mim. Ele estava a levar-me para a esquadra.

O motorista olhou para os dois como se não estivesse a entender nada, mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, o carro de Sarah parou perto deles com uma derrapagem. Todos se viraram quando ela saiu a correr, parecendo ao mesmo tempo aflita, confusa e zangada.

– O que é que aconteceu? – gritou. Olhou para os três de cima a baixo, antes de finalmente cravar os olhos em Brian. Ao ver o sangue, foi direta ao irmão. – Estás bem? – perguntou, puxando-o para longe de Miles.

Embora ainda zozzo, Brian fez que sim com a cabeça. – Estou, está tudo bem...

Sarah virou-se para Miles, furiosa: – Que raio é que lhe fizeste? Bateste-lhe?

– Não – respondeu Miles com um leve abanar de cabeça. – Tivemos um acidente.

– Ele ultrapassou a faixa – disse o motorista de repente, apontando para Miles.

– Acidente? – repetiu Sarah, virando-se para ele.

– Eu ia só a conduzir – continuou o motorista – e, quando fiz a curva, ele vinha direito a mim. Desviei-me, mas não consegui sair da frente. A culpa foi dele. Eu bati contra o carro, mas não pude evitar...

– Bateu de raspão – interrompeu Miles. – Raspou a traseira do meu carro e eu saí da estrada. Mal colidimos.

Sarah voltou a atenção para Brian outra vez. De repente, não sabia em que acreditar.

– Tens a certeza de que estás bem?

Brian assentiu.

– O que aconteceu, afinal? – perguntou ela.

Depois de vários instantes, Brian tirou a mão da cabeça. A *T-shirt* estava encharcada e pegajosa, empapada de vermelho. – Foi um acidente – disse. – Não foi culpa de ninguém. Simplesmente aconteceu.

Era a verdade, claro. Miles não tinha visto a carrinha porque estava virado no banco. Brian sabia que ele não tinha feito de propósito.

O que Brian não percebeu foi que aquelas eram as mesmas palavras que usara para descrever o acidente de Missy, as mesmas que dissera a Miles dentro do carro, as mesmas que passara os últimos dois anos a repetir à exaustão para si mesmo.

Miles, contudo, percebeu-o.

Sarah tornou a aproximar-se de Brian e passou o braço à volta dele. Brian fechou os olhos, sentindo-se subitamente fraco outra vez.

– Vou levar o meu irmão para o hospital – anunciou Sarah. – Precisa de um médico.

Com um empurrãozinho delicado, começou a conduzi-lo para longe do carro.

Miles deu um passo na direção dela. – Não podes fazer isso...

– Tenta impedir-me e verás – interrompeu ela. – Não voltas a chegar perto dele.

– Espera – pediu Miles. Sarah virou-se e fitou-o com ar de desprezo. – Não te preocupes. Não vamos tentar fugir.

– Que se passa? – quis saber o motorista da carrinha, com a voz tomada de pânico. – Porque é que eles se vão embora?

– Não é da sua conta – cortou Miles.

Tudo o que pôde fazer foi vê-los partir.

Não podia levar Brian para a esquadra daquela maneira, nem podia deixar o local do acidente antes de a situação se resolver. Imaginou que até poderia impedi-los de se irem embora, mas Brian tinha de ser visto por um médico e, se Miles não o deixasse ir, teria de explicar o que acontecera a qualquer pessoa que aparecesse para investigar – o que não estava nada disposto a fazer. Assim, sentindo-se quase impotente, acabou por não fazer nada. Quando Brian olhou para trás, porém, Miles lembrou-se do que ele dissera.

Foi um acidente. Não foi culpa de ninguém.

Sabia que Brian estava enganado em relação a isso. Ele não estava a prestar atenção à estrada – nem sequer estava virado na direção certa. Estava distraído por causa das coisas que Brian dissera.

Sobre Sarah. Sobre a manta. Sobre as flores.

Não quisera acreditar nele na altura, nem queria acreditar agora. Mas ainda assim... sabia que Brian não estava a mentir sobre essas coisas. Tinha visto a manta, tinha visto as flores no túmulo sempre que fora ao cemitério...

Fechou os olhos para tentar espantar a ideia.

Nada disso importa, sabes que não. É claro que o Brian lamenta. Matou uma pessoa. Quem é que não lamentaria uma coisa dessas?

Era isso que estava a gritar a Brian quando o acidente aconteceu. Quando devia estar a prestar atenção à estrada. Em vez disso, porém – ignorando tudo, exceto a própria raiva –, quase tinha batido de frente com outro veículo.

Quase os tinha matado a todos.

Depois, porém, mesmo ferido, Brian defendera-o. E, ao ver os irmãos irem embora devagar, soube instintivamente que Brian sempre o defenderia.

Porquê?

Porque se sentia culpado e essa era mais uma forma de pedir perdão? Para que Miles tivesse uma dívida para com ele? Ou será que Brian acreditava mesmo no que tinha dito?

Talvez fosse assim que ele visse as coisas. Afinal, se Miles não tivera a intenção de causar o choque, ele fora um acidente.

Como no caso de Missy?

Miles abanou a cabeça. *Não...*

Nesse caso era diferente, disse a si mesmo. E também não tinha sido culpa de Missy.

A brisa aumentou, levantando pequenos redemoinhos de neve.

Ou será que tinha?

Pouco importa, repetiu para si mesmo. Não agora. É demasiado tarde para isso.

Sarah abriu a porta do carro, ajudou Brian a entrar e olhou de relance para Miles, sem esconder a raiva que sentia.

Sem esconder o quanto ficara magoada com as suas palavras.

Sarah não sabia até à véspera, afirmara Brian. *Ela nunca me disse com quem andava a namorar.*

Minutos antes, em sua casa, parecera-lhe muito óbvio que Sarah sabia desde o início. Mas agora, pela maneira como ela o fitara, Miles já não

tinha tanta certeza. A Sarah por quem se apaixonara não seria capaz de o enganar.

Sentiu os ombros ceder.

Não, sabia que Brian não mentira em relação a isso. E também não mentira sobre a manta, as flores, sobre como lamentava o sucedido. E se Brian tinha dito a verdade sobre essas coisas...

Será que também estava a dizer a verdade sobre o acidente?

Por mais que Miles resistisse, essa pergunta não parava de lhe vir à mente.

Sarah virou as costas e deu a volta ao carro, até à porta do motorista. Miles sabia que ainda podia detê-los. Se realmente quisesse, podia detê-los.

Só que não o fez.

Precisava de tempo para pensar – sobre tudo o que tinha ouvido naquele dia, sobre a confissão de Brian...

Acima de tudo, concluiu, ao ver Sarah sentar-se atrás do volante, precisava de tempo para pensar sobre Sarah.

Poucos minutos depois, chegou ao local um polícia de trânsito – um morador de uma das casas próximas tinha avisado sobre o acidente –, que começou a preencher o boletim de ocorrência. Bennie explicava a sua versão quando Charlie apareceu. O polícia chamou-o para uma breve conversa na estrada. Por fim, Charlie meneou a cabeça para o polícia e aproximou-se de Miles.

Encontrou-o encostado ao carro, de braços cruzados, aparentemente perdido nos seus pensamentos. Passou a mão devagar pela mocha e pelo arranhão no carro.

– Para um toque de nada, estás com uma cara péssima.

Miles olhou para cima, surpreendido. – Charlie? O que estás aqui a fazer?

– Soube que tinhas tido um acidente.

– As notícias correm depressa.

Charlie encolheu os ombros. – Sabes como é – disse apenas, e limpou a neve do casaco. – Está tudo bem contigo?

Miles assentiu com a cabeça. – Tudo. Só estou meio abalado.

– O que é que aconteceu?

Miles encolheu os ombros. – Perdi o controlo do carro. A estrada estava um bocado escorregadia.

Charlie aguardou para ver se Miles diria mais alguma coisa.

– Só isso?

– Como tu mesmo disseste, foi só um toque.

Charlie olhou-o com atenção. – Bom, pelo menos não te magoaste. O outro condutor também parece fino.

Miles assentiu e Charlie encostou-se ao lado dele no carro.

– Mais alguma coisa que me queiras contar?

Miles não respondeu. Charlie pigarreou. – O polícia disse-me que vinha outra pessoa dentro do carro contigo, um rapaz algemado, mas que apareceu uma mulher e o levou embora. Disse que ia levá-lo para o hospital. Por isso... – Apertou um pouco mais o casaco contra si. – Um acidente é uma coisa, Miles. Mas aqui há mais qualquer coisa – disse. – Quem estava no carro contigo?

– Ele não tinha ferimentos graves, se é essa a tua preocupação. Eu vi. Ele vai ficar bom.

– Responde à minha pergunta. Já tens problemas suficientes. Quem é que estavas a levar para a esquadra?

Miles transferiu o peso do corpo de uma perna para a outra. – Brian Andrews – disse. – O irmão da Sarah.

– Então foi ela que o levou para o hospital?

Miles assentiu.

– E ele estava algemado?

De nada adiantava tentar mentir. Miles assentiu ao de leve com a cabeça.

– Por acaso esqueceste-te de que estás suspenso? – perguntou Charlie. – Que, oficialmente, não tens autoridade para prender ninguém?

– Não.

– Então o que é que pensas que estavas a fazer? Qual era a situação assim tão crítica que não pudesses avisar a central? – Fez uma pausa e fitou Miles.

– Preciso que me digas a verdade. Vou acabar por descobrir, de qualquer forma, mas quero ouvi-la da tua boca primeiro. O que é que ele estava a fazer? Traficar droga?

– Não.

– Apanhaste-o a roubar um carro?

– Não.

– Alguma zaragata?

– Não.

– Então o que foi?

Embora uma parte de Miles se tivesse sentido tentada a contar toda a verdade a Charlie, a dizer-lhe que Brian tinha matado Missy, não conseguiu encontrar as palavras. Pelo menos não naquele momento, não antes de perceber tudo.

– É complicado – respondeu, por fim.

Charlie enfiou as mãos nos bolsos. – Sou todo ouvidos.

Miles olhou para o outro lado. – Preciso de um tempo para perceber as coisas.

– Perceber que coisas? A pergunta é simples, Miles.

Não há nada de simples nesta história.

– Confias em mim? – indagou Miles, de repente.

– Confio, sim. Mas isso não vem ao caso.

– Preciso de um tempo para pensar antes de conversarmos sobre o que aconteceu.

– Ah, francamente...

– Por favor, Charlie. Podes dar-me só algum tempo? Sei que te tenho dado muito trabalho nestes últimos dias e que ando a portar-me como um louco, mas preciso realmente que me dêes este voto de confiança. E não tem nada a ver com o Otis, nem com o Sims, nem com nada desse género. Juro que não vou chegar perto deles.

Algo no tom enfático da súplica de Miles, no desconforto e no cansaço que distinguiu nos olhos dele, revelou a Charlie como ele realmente precisava do que estava a pedir.

Charlie não gostava daquilo, nem um bocadinho. Estava a passar-se alguma coisa, alguma coisa importante, e desagradava-lhe não saber o que era.

Mas...

Apesar de estar ciente de que talvez não fosse a melhor coisa a fazer, suspirou e afastou-se do carro. Não disse nada nem olhou para trás ao partir. Se o fizesse, provavelmente mudaria de ideias.

Passado um minuto, Charlie desaparecera, quase como se nunca tivesse aparecido.

Algum tempo depois, o polícia de trânsito terminou de registrar a ocorrência e foi-se embora. Bennie também partiu.

Miles, contudo, permaneceu no local ainda durante quase uma hora. A sua mente era uma confusão de pensamentos contraditórios. Alheio ao frio, ficou sentado no carro, com a janela aberta, passando repetidamente as mãos pelo volante.

Quando entendeu o que tinha de fazer, fechou a janela, rodou a chave na ignição e retomou a estrada. O motor do carro mal tinha aquecido quando tornou a encostar e a sair. A temperatura tinha subido um pouco, e a neve começava a derreter. Pingavam gotas dos galhos das árvores, num ruído contínuo que lembrava as batidas de um relógio.

Não pôde deixar de reparar nos arbustos altos junto à berma. Embora tivesse passado mil vezes por ali, até àquela manhã as plantas não significavam nada para ele.

Agora, porém, olhando para os arbustos, não conseguia pensar noutra coisa. Impediam-no de avistar a relva e bastou uma espreitadela para Miles saber que eram densos o suficiente para impedir que Missy visse o cão.

Seriam densos demais para permitir a passagem?

Acompanhou a fileira de arbustos e diminuiu o passo ao chegar ao local em que imaginavam que Missy tivesse sido atropelada. Curvou-se para examinar mais de perto e ficou petrificado assim que a viu: uma brecha no meio dos arbustos, como um buraco. Não viu nenhuma pegada evidente, mas havia folhas pisadas e escurecidas a cobrir o chão e galhos arrancados de cada lado da brecha.

Era óbvio que alguma coisa usava aquela brecha como passagem.

Um cão preto?

Ouviu latidos ao longe. Olhou para o quintal, procurando a origem do barulho.

Não viu nada.

Estaria demasiado frio para ele vir para a rua?

Nunca tinha averiguado sobre a presença de um cão. Ninguém tinha.

Perdido em pensamentos, olhou para mais adiante na estrada. Enfiou as mãos nos bolsos. Sentiu-as duras de frio, difíceis de dobrar, e, à medida que aqueceram, começaram a formigar. Não se importou.

Sem saber o que fazer mais, foi de carro até ao cemitério, na esperança de conseguir desanuviar a mente. Viu-as antes mesmo de chegar ao túmulo: flores novas apoiadas na lápide.

Lembrou-se de Charlie e de algo que este lhe dissera um dia.

Como se o condutor tivesse tentado desculpar-se.

Virou as costas e foi-se embora.

As horas passaram. Tinha escurecido. Do lado de fora, o céu de inverno era negro e ameaçador.

Sarah afastou-se da janela e tornou a percorrer o apartamento. Brian já saíra do hospital e voltara para casa. O corte não era grave, tinham bastado três pontos, e não partira nenhum osso. Levava menos de uma hora a ser tratado.

Apesar de Sarah ter praticamente implorado, Brian não quisera ficar no apartamento dela. Precisava de ficar sozinho. Estava em casa, de boné e casaco de fato de treino para esconder os ferimentos aos pais.

– Não lhes contes o que aconteceu, Sarah. Ainda não estou pronto para isso. Quero ser eu a contar. Faço-o quando o Miles me vier buscar.

Miles ia prender Brian. Disso, Sarah tinha certeza.

Perguntava-se porque é que ele estava a demorar tanto.

Há oito horas que ela alternava entre raiva e preocupação, frustração e amargura, passando de um sentimento para outro sem descanso. Eram demasiadas emoções diferentes para ela conseguir processar.

Ensaçou mentalmente as palavras que devia ter dito quando Miles a atacara de forma tão injusta. *Por acaso achas que és o único a sofrer com esta situação?* Era isso que devia ter dito. *Achas que mais ninguém no mundo é capaz de entender? Já paraste para pensar como foi difícil para mim trazer aqui o Brian? Entregar o meu próprio irmão? E a tua reação... ah, isso foi o melhor de tudo. Eu trai-te? Usei-te?*

Frustrada, pegou no controlo remoto e ligou o televisor. Passou pelos canais. Desligou.

Acalma-te, disse a si mesma, tentando tranquilizar-se. Ele acabara de descobrir quem tinha matado a mulher. Não podia haver nada mais difícil, sobretudo por ter sabido de forma inesperada. Sobretudo por ter sabido através de mim.

E Brian.

Não se podia esquecer de lhe agradecer por ter estragado a vida a toda a gente.

Abanou a cabeça. Não estava a ser justa. Ele era um miúdo na altura. Fora um acidente. Sabia que ele faria tudo para mudar o que tinha acontecido.

E assim continuou, para lá e para cá. Deu mais uma volta pela sala e parou na janela. Ainda nenhum sinal de Miles. Foi ao telefone e pegou no auscultador, para verificar se a linha estava a funcionar. Estava. Brian prometera ligar-lhe assim que Miles aparecesse.

Mas onde estaria Miles e o que estaria a fazer? A chamar reforços?

Sarah não sabia o que fazer. Não podia sair de casa, não podia usar o telefone. Não enquanto estivesse à espera da chamada.

Brian passou o resto do dia escondido no quarto.

Ficou deitado na cama, a olhar para o teto, de braços estendidos ao longo do corpo, pernas esticadas, como se estivesse num caixão. Sabia que ia adormecendo a espaços, pois notara a mudança da luz e o aspeto diferente que ela dava aos objetos do quarto. Ao longo das horas, as paredes deixaram de ser brancas e tornaram-se cinza-claras, até se esconderem nas sombras, conforme o Sol avançava devagar pelo céu e se punha. Não tinha almoçado nem jantado.

Algures durante a tarde, a mãe batera à porta e entrara no quarto. Brian fechara os olhos para fingir que estava a dormir. Sabia que ela achava que o filho estava doente. Maureen atravessou o quarto e tocou-lhe na testa, para ver se ele tinha febre. Um minuto depois, saiu sem fazer barulho, fechando a porta atrás de si. Brian ouviu-a falar com o pai em voz baixa.

– Não deve estar a sentir-se bem – disse ela. – Está ferrado no sono.

Quando não estava a dormir, Brian pensava em Miles. Perguntava-se onde estaria e quando apareceria para o ir buscar. Pensou em Jonah, também, e no que ele diria quando o pai lhe contasse quem tinha matado a mãe. Perguntou-se como estaria Sarah e desejou que ela não tivesse sido obrigada a participar daquilo.

Perguntou-se como seria a prisão.

No cinema, as prisões eram mundos à parte, com as suas próprias leis, os seus próprios reis e súbditos, as suas próprias quadrilhas. Imaginou a parca

iluminação das lâmpadas fluorescentes, as grades de aço frias e portas a fechar-se com baques metálicos. Imaginou-se a ouvir ruídos de descarga de sanita, conversas, sussurros, gritos e gemidos; imaginou um lugar onde o silêncio não existia, nem mesmo a meio da noite. Viu-se a fitar os muros de betão encimados por arame farpado e a observar os guardas nas torres de vigia, com armas em punho apontadas para o céu. Viu outros detidos a observá-lo com interesse, a apostar quanto tempo sobreviveria. Não teve dúvida nenhuma: se fosse mesmo parar lá dentro, seria um súbdito.

Não conseguiria sobreviver num lugar daqueles.

Mais tarde, quando os barulhos da casa começaram a aquietar-se, Brian ouviu os pais irem para a cama. Uma luz entrou por baixo da porta, até finalmente apagar-se. Tornou a adormecer e, mais tarde, quando acordou de repente, viu Miles dentro do quarto. Estava de pé, no canto junto ao armário, com uma arma na mão. Brian pestanejou, semicerrou os olhos e sentiu o medo apertar-lhe o peito, dificultando a respiração. Sentou-se na cama e esticou os braços para a frente, numa postura defensiva, e depois percebeu que estava enganado.

O que pensara ser Miles era apenas o seu casaco no cabide, misturado com as sombras, pregando partidas à sua mente.

Miles.

Tinha-o deixado ir-se embora. Depois do acidente, Miles tinha-o deixado ir-se embora e não viera buscá-lo.

Brian virou-se de lado e encolheu-se em posição fetal.

Mas viria.

Sarah ouviu bater à sua porta da rua pouco antes da meia-noite e olhou pela janela já sabendo quem era. Quando abriu, Miles não sorriu nem franziu o cenho, tão-pouco se mexeu. Estava com os olhos vermelhos, inchados de cansaço. Ficou parado na soleira da porta, aparentando não querer estar ali.

— Quando é que soubeste que tinha sido o Brian? — perguntou, abruptamente.

Sarah não tirou os olhos dos dele. — Ontem — respondeu. — Ele contou-me ontem. E fiquei tão horrorizada como tu.

Os lábios secos e rachados de Miles uniram-se. — Está bem — disse.

Dito isso, virou-se para ir embora. Sarah segurou-lhe o braço. – Espera... por favor.

Ele virou-se.

– Foi um acidente, Miles – disse ela. – Um acidente terrível, terrível. Não devia ter acontecido e não é justo que tenha acontecido à Missy. Eu sei disso e lamento muito por ti...

Não completou a frase e pensou se Miles a estaria a ouvir. Os olhos dele estavam embaçados, insondáveis.

– Mas? – disse ele. Não houve emoção alguma na pergunta.

– Não há nenhum «mas». Só quero que te lembres disso. O facto de ele ter fugido é imperdoável, mas foi um acidente.

Sarah aguardou uma resposta. Como ele não disse nada, soltou-lhe o braço. Miles não fez qualquer movimento para se ir embora.

– Que vais fazer? – perguntou, por fim.

Miles olhou para o lado. – Sarah, ele matou a minha mulher. Infringiu a lei.

Ela assentiu com a cabeça. – Eu sei.

Ele abanou a cabeça sem responder e começou a descer o corredor. Um minuto depois, da janela, Sarah viu-o entrar no carro e ir-se embora.

Foi para o sofá outra vez. O telefone estava em cima da mesa de canto e ela aguardou, sabendo que ele não demoraria a tocar.

CAPÍTULO 35

Para onde devia ir agora?, pensou Miles. O que devia fazer, agora, que sabia a verdade? Quando suspeitara de Otis, a resposta tinha sido simples. Não havia nenhuma consideração a fazer, nada a debater. Pouco importava se os factos se encaixavam ou não ou se tudo tinha uma explicação demasiado fácil. Ele tinha informações suficientes para ter a certeza de que Otis o odiava o bastante para matar Missy; para Miles, isso chegava. Na mente dele, Otis merecia qualquer punição que a lei lhe pudesse dar, exceto por um pormenor.

Não fora assim que as coisas tinham acontecido.

O inquérito não produzira nenhum resultado. A pasta que ele tinha montado a duras penas ao longo dos anos não significava nada. Sims, Earl e Otis não significavam nada. Nada fornecera uma resposta, mas de repente, do nada, a resposta tinha ido procurá-lo de casaco e lágrimas nos olhos.

O que ele queria saber era: fazia alguma diferença?

Passara dois anos da sua vida a acreditar que sim. Tinha chorado à noite, ficado acordado até tarde, começado a fumar e lutado consigo mesmo, certo de que a resposta mudaria tudo isso. A resposta tinha-se tornado uma miragem no deserto, sempre além do seu alcance. E agora, naquele momento, tinha-a na mão. Bastava um telefonema e teria vingança.

Podia fazê-lo. Mas e se, quando analisasse melhor a resposta, ela não fosse o que ele pensava? E se o condutor não fosse um bêbedo nem um inimigo; e se a morte não fosse consequência de um comportamento irresponsável? E se a verdade fosse um adolescente de cabelos castanho-escuros cheio de borbulhas no rosto e vestido com calças largas, assustado e arrependido pelo que tinha acontecido, jurando que tinha sido um acidente impossível de evitar?

Nesse caso, será que tinha importância?

Como é que alguém podia responder a essa pergunta? Será que devia pegar na lembrança que tinha da mulher e em toda a tristeza que sentira nos últimos dois anos e simplesmente somar-lhes a sua responsabilidade como

marido e pai e o seu dever perante a lei, para obter uma resposta quantificável? Ou será que devia pegar nessa soma e subtrair-lhe a idade, o medo e o pesar evidente de um adolescente, juntamente com o seu amor por Sarah, para assim obter novamente o resultado zero?

Não sabia. O que sabia, isso sim, era que sussurrar o nome de Brian em voz alta lhe deixava um travo amargo na boca. Sim, pensou, tinha importância. Soube com toda a certeza que teria sempre importância e que tinha de fazer alguma coisa quanto a isso.

Na sua mente, não tinha alternativa.

Mrs. Knowlson tinha deixado as luzes acesas, e estas banhavam o caminho de acesso à casa com um brilho amarelado, quando Miles se aproximou da porta. Sentiu um leve cheiro de fumo de lareira no ar quando bateu à porta, antes de usar a sua chave e a abrir com um empurrão.

Adormecida sob uma colcha de retalhos na cadeira de baloiço, cheia de cabelos brancos e rugas, Mrs. Knowlson parecia um duende. O televisor estava ligado, mas em volume baixo, e Miles entrou sem fazer barulho. Ela inclinou a cabeça e abriu os olhos, uns olhos alegres cujo brilho nunca parecia diminuir.

– Desculpe o atraso – disse ele, e Mrs. Knowlson assentiu.

– Ele está a dormir no quarto do fundo – informou. – Tentou ficar acordado até chegares.

– Ainda bem que não ficou – comentou Miles. – Antes de o ir buscar, posso ajudá-la a ir para o quarto?

– Não – respondeu ela. – Não sejas tonto. Estou velha, mas ainda consigo andar muito bem.

– Eu sei. Obrigado por tomar conta dele hoje.

– Resolveste tudo o que tinhas de resolver? – indagou ela.

Embora Miles não lhe tivesse contado o que estava a acontecer, ela vira como ele estava abalado quando lhe pedira para tomar conta de Jonah depois da escola.

– Nem por isso.

Ela sorriu. – Amanhã é outro dia.

– Sim – disse ele. – Eu sei. Como é que ele estava hoje?

– Cansado. Um pouco calado, também. Não quis sair, por isso fizemos biscoitos.

A vizinha não disse que Jonah estava perturbado, mas não precisou. Miles sabia o que as palavras dela significavam.

Depois de agradecer outra vez, foi ao quarto e pegou em Jonah ao colo, ajeitando-o para que a cabeça dele repousasse sobre o seu ombro. Jonah não se mexeu, e Miles percebeu que ele estava exausto.

Tal como o pai.

Perguntou-se se ele voltaria a ter pesadelos.

Levou o filho para casa e pô-lo na cama. Puxou as cobertas até cima, acendeu a luz de presença e sentou-se na cama a seu lado. Na claridade fraca, Jonah pareceu-lhe muito vulnerável. Miles virou-se para a janela.

Viu a Lua entre as ripas da persiana, e ergueu a mão para a fechar. Sentiu o frio irradiar do vidro. Puxou as cobertas de Jonah ainda mais para cima e passou a mão pelo cabelo dele.

– Eu sei quem foi, mas não sei se te devo contar – sussurrou.

Jonah tinha a respiração regular, as pálpebras imóveis.

– Queres saber?

No escuro do quarto, Jonah não respondeu.

*

Passado algum tempo, Miles saiu do quarto e foi buscar uma cerveja ao frigorífico. Pendurou o casaco no armário. No chão, estava a caixa em que guardava os vídeos caseiros; depois de hesitar por alguns instantes, pegou nela. Levou a caixa para a sala, pô-la em cima da mesa de centro e abriu-a.

Escolheu uma cassete ao acaso e pô-la no leitor de vídeo, instalando-se em seguida no sofá.

No início, o ecrã estava preto, depois ficou desfocado e, por fim, a imagem ficou nítida. Havia crianças sentadas em redor de uma mesa na cozinha, remexendo-se furiosamente, agitando os pequenos braços e pernas como bandeiras num dia de vento. Havia outros pais parados junto à mesa ou a aparecer e desaparecer da imagem. Reconheceu a voz na gravação: era a sua.

Era uma festa de aniversário de Jonah e a câmara fez uma aproximação sobre ele. Fazia dois anos. Sentado numa cadeirinha alta, segurava uma

colher e batia com ela na mesa, sorrindo a cada batida.

Então, Missy entrou em cena trazendo uma bandeja de queques. Um dos queques tinha duas velas acesas e ela colocou-o em frente do filho. Começou a cantar o *Parabéns a você* e os outros pais cantaram também. Em poucos instantes, mãos e rostos ficaram lambuzados de chocolate.

A câmara fez uma aproximação a Missy e Miles ouviu a própria voz chamar o nome da mulher. Ela virou-se e sorriu. Os olhos dela estavam cheios de vida, com uma expressão brincalhona. Era esposa, era mãe e amava a vida que tinha. O ecrã ficou preto e começou outra cena: Jonah a abrir os presentes.

Depois disso, a cassete avançava um mês até ao Dia dos Namorados. Via-se uma mesa posta em estilo romântico. Miles lembrava-se perfeitamente daquele dia. Tinha tirado a louça especial do armário, e a luz das velas fazia os copos de vinho cintilar. Tinha feito o jantar à mulher: linguado recheado com carne de caranguejo e camarão, com molho cremoso de limão, acompanhado de arroz arbóreo e salada de espinafres. Missy estava no quarto a arranjar-se. Ele pedira-lhe que só saísse quando tudo estivesse pronto.

Filmara-a a entrar na sala, a ver a mesa posta. Naquela noite, ao contrário da festa de aniversário, ela nada tinha de mãe ou de esposa. Naquela noite, parecia estar em Paris ou Nova Iorque, pronta para uma noite de estreia no teatro. Usava um vestido preto de festa e argolas pequenas nas orelhas. Prendera os cabelos num coque e algumas mechas onduladas emolduravam-lhe o rosto.

– Que bonito – dissera ela, boquiaberta. – Obrigada, amor.

– Tu é que estás bonita – fora a resposta de Miles.

Lembrava-se de ela lhe ter pedido para desligar a câmara, para que pudessem sentar-se à mesa. Lembrava-se também de que, depois de jantar, tinham ido para o quarto e feito amor, passando horas perdidos no meio dos lençóis. Perdido a relembrar essa noite, mal conseguiu ouvir a vozinha atrás de si.

– Essa é a mãe?

Miles parou o vídeo, virou-se e viu Jonah de pé no fundo do corredor. Sentiu-se culpado e provavelmente deixou-o transparecer, mas tentou disfarçar com um sorriso.

– Então, campeão? – perguntou. – Não consegues dormir?

Jonah fez que não com a cabeça. – Ouvi uns barulhos, por isso acordei.

– Desculpa. Devo ter sido eu.

– Aquela era a mãe? – tornou a perguntar Jonah, encarando Miles com um olhar firme. – Na televisão.

Miles ouviu a tristeza na voz do filho, como se tivesse estragado por acidente um brinquedo muito querido. Sem saber exatamente o que dizer, deu umas palmadinhas no sofá. – Anda cá – disse. – Senta-te aqui ao meu lado.

Depois de hesitar por um instante, Jonah arrastou os pés até ao sofá. Miles passou o braço à volta dele. Jonah olhou para ele, à espera de uma resposta, e coçou o rosto.

– Sim, era a mãe – respondeu Miles, por fim.

– Porque é que ela está na televisão?

– É uma cassette. Lembras-te dos vídeos que gravávamos às vezes com a câmara de filmar, quando eras pequeno?

– Ah, sim – disse, e apontou para a caixa. – Aquilo são tudo cassetes?

Miles assentiu.

– E a mãe também está nelas?

– Em algumas, sim.

– Posso ver contigo?

Miles puxou Jonah para mais perto.

– É tarde, Jonah... Eu já me ia deitar. Noutro dia, está bem?

– Amanhã?

– Pode ser.

Jonah pareceu satisfeito com a resposta, pelo menos por agora, e Miles esticou a mão por trás dele para apagar o candeeiro. Recostou-se no sofá e Jonah aninhou-se a ele. Com as luzes apagadas, as pálpebras de Jonah começaram a pesar. Miles sentia o ritmo da respiração dele a desacelerar. Jonah bocejou. – Pai?

– Sim?

– Estavas a ver essas cassetes porque estás outra vez triste?

– Não.

Miles alisava os cabelos do filho a um ritmo vagaroso.

– Porque é que a mãe teve de morrer?

Miles fechou os olhos. – Não sei.

O peito de Jonah subia e descia. Subia e descia. Respirações fundas. – Queria que ela ainda cá estivesse.

– Eu também.

– Ela nunca mais vai voltar. – Era uma afirmação, não uma pergunta.

– Não.

Jonah adormeceu sem dizer mais nada. Miles continuou a segurá-lo. O filho parecia pequeno, como um bebê, e Miles sentiu o leve cheiro a champô nos cabelos dele. Beijou-lhe o topo da cabeça e encostou o rosto a ela.

– Amo-te, Jonah.

Não houve resposta.

Pela segunda vez naquela noite, Miles carregou o filho para o quarto e pô-lo na cama. Foi difícil levantar-se do sofá sem o acordar. Ao sair do quarto, deixou a porta entreaberta.

Porque é que a mãe teve de morrer?

Não sei.

Miles voltou para a sala e tornou a guardar a cassete na caixa, desejando que Jonah não a tivesse visto, desejando que ele não tivesse falado sobre Missy.

Ela nunca mais vai voltar.

Não.

Levou a caixa de volta para o armário do quarto, desejando dolorosamente poder mudar isso também.

Na escuridão do alpendre das traseiras, Miles deu uma longa passa no cigarro, o terceiro daquela noite fria, e fitou a água enegrecida.

Desde que guardara as cassetes, estava lá fora, a tentar esquecer a conversa com Jonah. Estava zangado, exausto, não queria pensar no filho nem no que lhe devia contar. Não queria pensar em Sarah, nem em Brian ou Charlie, nem em Otis ou num cão preto que surgia entre os arbustos. Não queria pensar em mantas, flores, nem na curva da estrada que dera início a tudo aquilo.

Queria ficar anestesiado. Esquecer tudo. Voltar atrás no tempo, até antes de aquilo começar.

Queria a sua vida de volta.

Um pouco para o lado, projetada pelas luzes de dentro de casa, viu a própria sombra a segui-lo, tal como os pensamentos que não conseguia deixar para trás.

Mesmo que prendesse Brian, pensou, ele seria libertado.

Talvez até perdesse a carta de condução, mas conseguiria ficar sob liberdade condicional e não acabaria atrás das grades. Era menor de idade na altura do acidente, havia circunstâncias atenuantes e o juiz reconheceria a tristeza do rapaz e teria pena dele.

E Missy nunca mais voltaria.

O tempo passou. Acendeu outro cigarro e fumou-o até ao fim. Nuvens escuras cobriam o céu, e Miles já ouvia a chuva encharcar a terra. Acima do rio, a Lua surgiu a espreitar por entre as nuvens. Uma luz suave iluminou o quintal. Miles desceu do alpendre e pisou o caminho de ardósia que construía e que levava a um barracão com telhado de zinco. Estavam lá guardados o corta-relva, ferramentas, pesticidas, uma lata de gasolina. Quando era casado, aquele era o seu canto e Missy raramente entrava lá.

Tinha entrado lá, contudo, no último dia em que a vira...

Tinham-se acumulado pequenas poças sobre a ardósia, e Miles sentiu a água transbordar sob os seus passos. O caminho dava a volta à casa, passando por um salgueiro que ele tinha plantado para Missy. Ela sempre quisera um salgueiro no quintal, pois achava que essa árvore tinha um aspeto ao mesmo tempo triste e romântico. Passou por um baloiço de pneu, depois por um comboio que Jonah esquecera lá fora. Alguns passos mais à frente, chegou ao barracão.

A porta estava fechada com um cadeado, e Miles tateou acima da ombreira até encontrar a chave. O cadeado abriu-se com um estalo. Empurrou a porta e foi recebido por um cheiro a mofo. Havia uma lanterna sobre a prateleira e ele estendeu a mão para ela. Acendeu-a e olhou em volta. Uma teia de aranha começava no canto e estendia-se na direção de uma janelinha.

Anos antes, quando fora embora, o pai tinha-lhe dado algumas coisas para guardar, que Miles arrumara dentro de uma grande caixa metálica. Não tinha a chave, mas a tranca era pequena, de modo que pegou no martelo que estava pendurado na parede e, com um único golpe, abriu-a. Miles ergueu a tampa. Alguns álbuns de fotografias, um diário com capa de couro, uma caixa de sapatos cheia de pontas de flecha encontradas pelo pai perto de

Tuscarora. Miles passou por tudo isso e olhou para o fundo, onde encontrou o que procurava: a arma estava cuidadosamente aninhada lá dentro. Era a única cuja existência Charlie desconhecia.

Miles soube que ia precisar dela e nessa noite lubrificou-a, certificando-se de que estaria pronta a usar.

CAPÍTULO 36

*M*iles não me veio buscar naquela noite. Exausto, lembro-me de que me forcei a sair da cama bem cedo, na manhã seguinte, para tomar um duche. Estava dorido do acidente e, ao abrir a torneira, senti uma dor percorrer-me do peito até às costas. Quando lavei o cabelo, senti a cabeça dorida. Foi difícil tomar o pequeno-almoço com os pulsos a doer, mas terminei antes de os meus pais se sentarem à mesa, pois, se vissem as minhas caretas de dor, fariam perguntas que eu não estava preparado para responder. O meu pai sairia para trabalhar e, como o Natal se aproximava, sabia que a minha mãe também teria de sair para tratar de coisas na rua.

Contar-lhes-ia mais tarde, depois de Miles me vir buscar.

A Sarah ligou-me de manhã para saber como eu estava. Fiz-lhe a mesma pergunta. Disse-me que o Miles tinha ido ao apartamento dela na noite anterior e que tinham conversado um pouco, mas que não sabia como interpretar a conversa.

Disse-lhe que eu também não.

Mas esperei. A Sarah esperou. Os meus pais fizeram a vida deles.

À tarde, a Sarah tornou a ligar.

«Não, ainda não apareceu», disse-lhe. Também não tinha telefonado para ela.

O dia passou, a noite caiu. Ainda sem sinal de Miles.

Na quarta-feira, a Sarah voltou ao trabalho. Disse-lhe para ir e garanti-lhe que telefonaria para a escola caso o Miles aparecesse. Era a última semana de aulas antes das férias de Natal e ela estava cheia de trabalho. Fiquei em casa à espera dele.

Esperei em vão. Quando a quinta-feira chegou, eu soube o que tinha de fazer.

No carro, Miles esperou enquanto bebericava um café comprado numa loja de conveniência. A arma estava no banco a seu lado, debaixo de um

jornal dobrado, carregada e pronta a usar. O vidro lateral do carro começou a embaciar com a sua respiração e ele limpou-o com a mão. Precisava de ver bem.

Estava no lugar certo, disso sabia. Agora, só tinha de observar com atenção e, quando a hora chegasse, agir.

Naquela tarde, mesmo antes do anoitecer, o céu acima do horizonte brilhava em tons de vermelho e laranja quando entrei no carro. Embora ainda estivesse frio, o pior já tinha passado e a temperatura tinha voltado ao normal. A chuva dos últimos dias derretera toda a neve. Onde antes havia relvas cobertas de branco, agora surgia o castanho da erva adormecida no inverno. Grinaldas e laços vermelhos decoravam as janelas e portas do bairro, mas dentro do carro eu sentia-me desligado da época natalícia, como se tivesse dormido durante os festejos e precisasse de esperar mais um ano.

Fiz uma única paragem no caminho, a minha paragem habitual. Acho que o vendedor da loja já me conhecia por essa altura, porque eu fazia sempre a mesma compra. Quando me via entrar, ficava à espera junto ao balcão, balançava a cabeça quando lhe dizia o que queria e ele voltava dali a poucos minutos. Desde que eu frequentava a loja dele, nunca tínhamos conversado. Não me perguntou porque é que eu estava a comprar aquilo, nunca perguntava.

No entanto, dizia sempre a mesma coisa quando me entregava a mercadoria:

«São as mais frescas que tenho.»

O vendedor recebeu o meu dinheiro e registou a compra na caixa. No caminho de volta para o carro, senti o cheiro delas, a fragrância doce que lembrava o mel, e vi que ele tinha razão. Mais uma vez, as flores eram lindas.

Pus o ramo no banco ao meu lado. Segui por ruas que agora conhecia bem, ruas pelas quais desejava nunca ter passado, e estacionei em frente ao portão. Ganhei coragem e desci do carro.

Não vi ninguém no cemitério. Fui caminhando de cabeça baixa, segurando a gola do casaco para o manter mais fechado – não precisava

de olhar por onde ia. O chão estava molhado e deixava lama colada à sola do sapato. Levei apenas um minuto a chegar ao túmulo.

Como sempre, espantei-me ao constatar como era pequeno.

Era ridículo pensar nisso, mas, enquanto o fitava, não podia evitar. Reparei que o túmulo estava bem tratado. A relva tinha sido aparada recentemente e alguém pusera um cravo num pequeno suporte em frente da lápide. Era um cravo vermelho, como todos os outros cravos de todas as outras lápides que vi à volta, e percebi que tinha sido colocado ali pelo zelador do cemitério.

Curvei-me e apoiei as flores no mármore, tendo o cuidado de não tocar na pedra. Nunca tocara nela. Aquela pedra não me pertencia.

Depois disso, comecei a devanear. Em geral, pensava na Missy e nas decisões erradas que eu tinha tomado. Naquele dia, porém, dei por mim a pensar no Miles.

Acho que foi por isso que só ouvi os passos que se aproximavam quando eles já estavam mesmo ao meu lado.

– Flores – disse Miles.

Ao ouvir a voz dele, Brian virou-se, em parte surpreendido, em parte aterrorizado.

Miles estava junto de um carvalho cujos galhos se estendiam para os lados, acima do cemitério. Usava calças de ganga e um sobretudo preto comprido e tinha as mãos enterradas nos bolsos.

Brian sentiu todo o sangue esvair-se do seu rosto.

– Ela já não precisa de flores – disse Miles. – Podes parar de as trazer.

Brian não disse nada. O que poderia dizer?

Miles continuou a encará-lo. Com o Sol agora parcialmente mergulhado atrás do horizonte, o rosto dele estava sombreado e escuro, os traços indistinguíveis. Brian não fazia ideia do que ele estava a pensar. Miles afastou o sobretudo com as duas mãos, como se segurasse alguma coisa por baixo. Escondesse alguma coisa.

Não fez nenhum movimento em direção a Brian. Por um instante breve, Brian pensou em fugir. Desatar a correr. Afinal de contas, tinha menos 15 anos – uma corrida rápida talvez bastasse para chegar à rua. Haveria carros e pessoas por toda a parte.

No entanto, com a mesma rapidez com que surgiu, a ideia abandonou-o, levando com ela toda a sua energia. Não tinha mais nenhuma reserva. Há dias que não se alimentava. Jamais conseguiria fugir, não se Miles quisesse mesmo apanhá-lo.

Além disso, Brian sabia que não tinha para onde correr.

Assim sendo, encarou-o. Miles estava a pouco mais de cinco metros de distância e Brian viu-o erguer ligeiramente o queixo. Miles fitou-o. Brian esperou que ele fizesse alguma coisa, esboçasse algum gesto. Talvez Miles estivesse à espera da mesma coisa, pensou. Ocorreu-lhe que deviam parecer um par de pistoleiros do Far Oeste a preparar-se para sacar das armas.

Quando o silêncio se tornou insuportável, Brian desviou os olhos em direção à rua. Reparou no carro de Miles parado atrás do seu – eram os únicos que conseguia ver. Estavam sozinhos ali, entre as lápides.

– Como é que sabias que eu estava aqui? – indagou, por fim.

Miles respondeu sem pressa. – Segui-te. Imaginei que fosses sair de casa, mais cedo ou mais tarde, e queria ficar sozinho contigo.

Brian engoliu em seco e perguntou-se há quanto tempo ele o estaria a seguir.

– Trazes flores, mas não sabes sequer quem ela era, sabes? – perguntou Miles, baixinho. – Se a conhecesses, trarias tulipas. Eram as flores que ela teria querido aqui. Eram as suas preferidas... Amarelas, vermelhas, cor-de-rosa... adorava-as todas. Na primavera, plantava sempre um jardim de tulipas. Sabias disso?

Não, pensou Brian, não sabia. Ao longe, ouviu o apito de um comboio.

– Sabias que a Missy se preocupava com as rugas nos cantos dos olhos? Ou que o que mais gostava de comer ao pequeno-almoço era torradas? Ou que sempre quis ter um *Mustang* descapotável antigo? Ou que, quando ria, eu tinha de me esforçar por não a abraçar? Sabias que foi a primeira mulher que amei?

Miles fez uma pausa, obrigando Brian a olhar para si.

– É só isso que eu tenho agora. Lembranças. E não vai haver outras, nunca mais. Tiraste-me isso. E tiraste-a ao Jonah. Sabias que ele tem pesadelos desde que a mãe morreu? Que ainda chora e chama por ela quando está a dormir? Tenho de pegar no meu filho ao colo e embalá-lo durante horas até ele finalmente se acalmar. Sabes como me sinto quando isso acontece?

Os olhos dele cravaram-se nos de Brian, pregando-o ao pedaço de solo que pisava.

– Passei dois anos à procura do homem que destruiu a minha vida, a vida do Jonah. Dois anos perdidos, porque só conseguia pensar nisso.

Miles olhou para o chão e abanou a cabeça.

– Queria encontrar a pessoa que a tinha matado. Queria que essa pessoa soubesse o que me roubou naquela noite. E queria que o homem que matou a Missy pagasse pelo que fez. Não sabes como esses pensamentos me consumiram. Parte de mim ainda quer matar esse homem, fazer à família dele o mesmo que ele fez à minha. E, agora, estou diante dele e esse homem está a pôs as flores erradas no túmulo da minha mulher.

Brian sentiu um nó na garganta.

– Mataste a minha mulher – disse Miles. – Nunca te vou perdoar e nunca vou esquecer. Quando te olhares ao espelho, quero que te lembres disso. E não quero que te esqueças nunca de tudo o que me tiraste. Tiraste-me a pessoa que eu mais amava no mundo, levaste-me a mãe do meu filho e dois anos da minha vida. Percebes isso?

Depois de uma longa pausa, Brian assentiu com a cabeça.

– Então entende mais uma coisa: a Sarah pode ficar a saber o que aconteceu aqui, mas só ela. Vais levar esta conversa, como tudo o resto, para a cova. Não contes a ninguém nenhuma parte dela. Nunca. Nem aos teus pais, nem à tua mulher, nem aos teus filhos, nem ao teu confessor, nem aos teus amigos. E faz alguma coisa boa da vida, algo que não me leve a arrepender-me do que estou a fazer. Promete-me isso.

Miles encarou-o para ter a certeza de que Brian o tinha ouvido. Brian assentiu com a cabeça outra vez. Então, Miles virou-se, para se ir embora. Um minuto depois, tinha desaparecido.

Só então Brian se deu conta de que Miles o estava a libertar.

Mais tarde, naquela noite, quando Miles abriu a porta, encontrou Sarah parada no degrau do alpendre, encarando-o sem dizer nada, até que ele finalmente saiu de casa e fechou a porta.

– O Jonah está em casa – disse. – Vamos conversar cá fora.

Sarah cruzou os braços e olhou para o quintal. Miles seguiu-lhe o olhar.

– Nem tenho a certeza do que estou aqui a fazer – disse ela. – Não me parece adequado agradecer, mas também não posso ignorar o que fizeste.

Miles assentiu com a cabeça de forma quase impercetível.

– Lamento muito por tudo. Não consigo imaginar o que estás a passar.

– Não, não consegues mesmo – disse ele.

– Eu não sabia sobre o Brian. É a verdade.

– Eu sei – disse ele, e olhou para Sarah rapidamente. – Não devia ter pensado o contrário. Desculpa pelas acusações que fiz.

Sarah abanou a cabeça. – Não faz mal.

Ele olhou para longe, parecendo esforçar-se por encontrar as palavras certas. – Acho que te devia agradecer por me teres contado o que realmente aconteceu.

– Tinha de contar. Não tinha alternativa. – Miles calou-se. Sarah uniu as mãos. – Como é que o Jonah está a lidar com isto tudo?

– Bem. Mais ou menos. Ele não sabe de nada, mas acho que sentiu que se passava alguma coisa, pela maneira como agi. Teve um ou dois pesadelos nos últimos dias. E, na escola, como é que ele está?

– Até agora, bem. Não reparei em nada fora do normal.

– Que bom.

Sarah passou uma mão pelo cabelo. – Posso perguntar-te uma coisa? Não precisas de me responder se não quiseres.

Miles virou-se. – Porque é que deixei o Brian em paz?

Ela assentiu.

A resposta demorou algum tempo. – Vi o cão.

Ela virou-se para ele, surpreendida.

– Um cão grande e preto, exatamente como o Brian descreveu. Estava a correr pelo quintal de uma casa perto do local do acidente.

– Passaste por lá de carro e viste-o por acaso?

– Não exatamente. Fui procurá-lo.

– Para conferir se o Brian estava a dizer a verdade?

Miles abanou a cabeça. – Na verdade, não. Nessa altura, já tinha quase a certeza de que ele tinha dito a verdade. Mas estava com uma ideia louca na cabeça e não me conseguia livrar dela.

– Que ideia?

– Como eu disse, era bem louca.

Ela fitou-o, curiosa, à espera.

– Quando cheguei a casa naquele dia, o dia em que o Brian me contou, comecei a pensar que precisava de fazer alguma coisa. Alguém tinha de pagar pelo que tinha acontecido, mas eu não sabia quem, até que tive uma ideia. Então, peguei na arma do meu pai e, na noite seguinte, saí para procurar o maldito cão.

– Ias matar o cão?

Ele encolheu os ombros. – Não sabia se teria oportunidade, mas, assim que parei o carro, lá estava ele, a perseguir um esquilo pelo quintal.

– E mataste-o?

– Não. Cheguei suficientemente perto para disparar, mas, quando ele estava na minha mira, comecei a pensar como aquilo era insano. Estava a caçar o bicho de estimação de alguém. Só uma pessoa seriamente perturbada faria isso. Então, dei meia-volta, entrei no carro e deixei o cão em paz.

Ela sorriu. – Tal como ao Brian.

– Sim, tal como ao Brian – concordou ele.

Ela estendeu a mão para segurar na dele e, depois de alguns instantes, ele permitiu. – Fico feliz – disse.

– Eu, não. Parte de mim queria ter disparado. Pelo menos assim saberia que fiz alguma coisa.

– Tu fizeste alguma coisa.

Miles apertou a mão dela antes de a soltar. – Também o fiz por mim. E pelo Jonah. Estava na hora de esquecer esta história. Já tinha perdido dois anos da minha vida e não via motivo para prolongar isso. Percebi que... sei lá... parecia a minha única alternativa. O que quer que acontecesse ao Brian, a Missy não ia voltar.

Miles levou as mãos ao rosto e esfregou os olhos. Nenhum deles disse nada por algum tempo. As estrelas no céu brilhavam em toda a sua glória e os olhos de Miles foram automaticamente atraídos para a Estrela Polar.

– Vou precisar de um tempo – disse ele com voz suave.

Ela assentiu, entendendo que ele se referia aos dois. – Eu sei.

– Não sei dizer-te quanto tempo vai ser.

Sarah lançou-lhe um olhar breve. – Queres que eu espere?

Miles precisou de um longo intervalo antes de responder.

– Não te posso prometer nada, Sarah. Em relação a nós dois, digo. Não é que eu já não te ame, porque amo. Passei os últimos dois dias a torturar-me

por causa disso. És a melhor coisa que me aconteceu desde que a Missy morreu. És a única coisa boa que me aconteceu. E ao Jonah também. Ele perguntou porque é que não tens aparecido. Sei que sente a tua falta. Mas, por mais que eu queira que isso continue, parte de mim simplesmente não consegue imaginar como. Não dá para esquecer o que aconteceu. E tu és irmã dele.

Sarah contraiu os lábios. Não disse nada.

– Não sei se consigo viver com esse facto, mesmo que não tenhas tido nada a ver com a história, porque estar contigo significa que, de certa forma, também tenho de estar com ele. É da tua família e... não estou pronto para isso. Não ia conseguir lidar com isso. E não sei se algum dia vou estar pronto.

– Podíamos sair daqui – sugeriu ela. – Tentar recomeçar.

Ele fez que não com a cabeça. – Por mais longe que eu vá, esta história vai seguir-me. Sabes disso...

Interrompeu-se e depois olhou para ela. – Não sei o que fazer.

Ela fez um sorriso triste. – Nem eu – admitiu.

– Lamento muito.

– Eu também.

Depois de alguns instantes, Miles chegou-se mais perto e envolveu-a com os braços. Beijou-a ao de leve e, depois, abraçou-a por muito tempo, enterrando o rosto nos cabelos dela.

– Amo-te mesmo, Sarah – sussurrou.

Ela forçou-se a ignorar o nó que sentia na garganta e encostou-se a ele, sentindo o corpo dele junto ao seu e imaginando se aquela seria a última vez que a abraçaria assim.

– Também te amo, Miles.

Depois de ele a soltar, Sarah deu um passo para trás, tentando conter as lágrimas. Miles ficou imóvel e ela enfiou a mão no bolso à procura da chave do carro. Ouviu-a tilintar quando a puxou. Não conseguiu formar as palavras para se despedir, ciente de que aquela vez podia ser a última.

– Vou deixar-te voltar lá para dentro, para o Jonah – disse.

Sob o brilho suave da luz do alpendre, pensou ter visto lágrimas nos olhos dele também.

Sarah enxugou as suas. – Comprei um presente de Natal para o Jonah. Posso trazê-lo depois?

Miles desviou os olhos. – Talvez não estejamos aqui. Estava a pensar ir para Nags Head na semana que vem. O Charlie tem uma casa lá e disse que eu a podia usar. Preciso de me afastar um pouco disto tudo, percebes?

Ela assentiu com a cabeça. – Vou andar por aí se me quiseres telefonar.

– Está bem – murmurou ele.

Sem promessas, pensou ela.

Deu um passo atrás, sentindo-se vazia, desejando poder dizer alguma coisa que mudasse tudo. Com um sorriso tenso, virou-se e andou até ao carro, fazendo o possível por manter o controlo. As mãos tremiam-lhe um pouco quando abriu a porta e olhou para trás na direção de Miles. Ele não se tinha mexido; tinha a boca contraída numa linha reta.

Sarah sentou-se ao volante.

Enquanto a observava, Miles teve vontade de a chamar, de lhe pedir para ficar, de lhe dizer que encontraria uma maneira de fazer a relação dar certo. Que a amava agora e que a amaria para sempre.

Mas não o fez.

Sarah rodou a chave na ignição e o motor ganhou vida. Miles deu alguns passos e o coração dela, de repente, encheu-se de esperança, mas logo percebeu que ele estava a andar em direção à porta. Não ia detê-la. Engatou a marcha atrás e começou a afastar-se.

O rosto dele ficou nas sombras e foi diminuindo de tamanho, à medida que o carro recuava. Sarah sentiu as faces ficarem molhadas.

Quando ele abriu a porta, Sarah teve a desoladora consciência de que aquela seria a sua última imagem dele. Não podia ficar em New Bern da maneira como as coisas estavam. Seria demasiado difícil ver Miles pela cidade. Teria de arranjar outro emprego. Um lugar onde pudesse recomeçar.

Outra vez.

Na estrada, acelerou devagar para a escuridão, obrigando-se a não olhar para trás.

Eu vou ficar bem, disse a si mesma. Aconteça o que acontecer, vou sair desta, tal como já saí antes. Com ou sem o Miles, vou conseguir.

Não vais, não, gritou de repente uma voz dentro dela.

Sarah desabou. As lágrimas vieram com força, e ela parou na berma da estrada. Com o motor ligado e o vapor a começar a condensar-se nos vidros, chorou como nunca tinha chorado.

CAPÍTULO 37

— Onde estavas? — perguntou Jonah. — Andei à procura, mas não te consegui encontrar.

Sarah já se tinha ido embora há meia hora, mas Miles ficara lá fora, no alpendre. Tinha acabado de entrar em casa quando parou, ao ver Jonah.

— No alpendre — respondeu, fazendo um gesto por cima do ombro.

— A fazer o quê?

— A Sarah veio cá.

O rosto de Jonah iluminou-se. — Veio? Onde é que ela está?

— Já se foi embora. Não podia ficar.

— Oh... — Jonah olhou para o pai. — Está bem — disse, sem esconder a decepção. — Só lhe queria mostrar a torre de *Lego* que fiz.

Miles aproximou-se dele e agachou-se até os olhos dos dois ficarem à mesma altura. — Podes mostrá-la a mim.

— Tu já viste.

— Eu sei. Mas podes mostrar-ma outra vez.

— Não é preciso. Queria que a professora visse.

— Tenho pena então. Podes levar a torre amanhã para a escola e mostrar-lhe.

Jonah encolheu os ombros. — Está bem.

Miles observou-o com atenção. — Algum problema, campeão?

— Não.

— De certeza?

Jonah demorou um pouco a responder. — Acho que tenho saudades dela, só isso.

— De quem? Da professora?

— Sim.

— Mas vês a professora na escola todos os dias.

— Eu sei. Mas não é a mesma coisa.

— Não é como quando ela vem cá, é o que queres dizer?

Jonah assentiu, com um ar perdido. — Vocês zangaram-se?

- Não.
- Mas já não são amigos.
- É claro que somos. Ainda somos amigos.
- Então porque é que ela já não vem cá a casa?

Miles limpou a garganta antes de falar: – Bem, as coisas estão um bocado complicadas agora. Vais perceber quando fores grande.

– Oh – disse Jonah. Pareceu refletir. – Eu não quero ser grande – declarou, por fim.

– Porquê?

– Porque os grandes dizem sempre que as coisas são complicadas – respondeu.

– Às vezes são mesmo.

– Ainda gostas da professora?

– Gosto, sim – respondeu Miles.

– E ela gosta de ti?

– Acho que sim.

– Então o que é que há de tão complicado? – Os olhos dele tinham uma expressão de súplica, e Miles teve a certeza de que Jonah não só estava com saudades de Sarah, mas também a amava.

– Anda cá – disse, puxando o filho para si, sem saber o que fazer mais.

*

Dois dias depois, Charlie estacionou à casa de Miles quando este estava a pôr coisas no carro.

– Já estás de partida?

Miles virou-se. – Ah, olá, Charlie. Achei que era melhor sairmos um pouco mais cedo. Não quero ficar preso no trânsito.

Fechou o porta-bagagens e endireitou-se. – Obrigado, novamente, por nos deixares ir para a tua casa.

– Dispõe. Queres ajuda?

– Não. Já acabei, praticamente.

– Quanto tempo vais ficar lá?

– Não sei. Talvez duas semanas, até depois do Ano Novo. Tens a certeza de que pode ser?

– Não te preocupes com isso, tens férias acumuladas suficientes para passar muito tempo lá.

Miles encolheu os ombros. – Quem sabe? Talvez passe mesmo.

Charlie arqueou uma sobrancelha. – Ah, a propósito, vim avisar-te de que o Harvey não vai avançar com a queixa. Parece que o Otis lhe disse para esquecer o assunto. Assim sendo, a tua suspensão acabou oficialmente e podes retomar o trabalho quando voltares.

– Boa.

Jonah irrompeu pela porta de casa, e viraram-se ambos na direção dele. Jonah disse «olá» a Charlie, deu meia-volta e tornou a correr para dentro, como se se tivesse esquecido de alguma coisa.

– A Sarah vai passar alguns dias lá com vocês? Ela pode ficar à vontade.

Miles, que ainda estava a olhar para a porta, virou-se novamente para Charlie.

– Acho que não. A família dela fica cá e, com o Natal, não acho que vá conseguir.

– Que pena. Mas vais vê-la quando voltares, certo?

Miles baixou os olhos e Charlie entendeu o que isso significava. – As coisas não estão a correr bem?

– Sabes como é...

– Nem por isso. Há 40 anos que não namoro. Mas é uma pena.

– Nem a conheces, Charlie.

– Não preciso de conhecer. Quis dizer que é uma pena para ti.

Charlie enfiou as mãos nos bolsos. – Ouve, não vim cá para me meter na tua vida. Isso é assunto seu. Na verdade, vim por outro motivo, uma coisa sobre a qual tenho dúvidas.

– Ah, sim?

– Fiquei a pensar no teu telefonema, quando disseste que o Otis era inocente e sugeriste que encerrássemos a investigação.

Miles não disse nada e Charlie fitou-o de baixo do chapéu, com os olhos semicerrados. – Imagino que continues convencido disso.

Miles demorou alguns instantes para assentir. – Ele é inocente.

– Apesar do que o Sims e o Earl disseram?

– Sim.

– Não estás a dizer isso só para poderes tratar sozinho do assunto, pois não?

– Juro-te que não, Charlie.

Charlie estudou a expressão de Miles e concluiu que ele estava a dizer a verdade. – Tudo bem – disse. Alisou a camisa com as mãos, como se as estivesse a secar e, a seguir, deu um piparote no chapéu. – Bom, divirtam-se em Nags Head. Tenta pescar um bocadinho por mim, está bem?

Miles sorriu. – Fica descansado.

Charlie deu alguns passos, antes de parar de repente e se virar. – Ah, espera, há mais uma coisa.

– O quê?

– O Brian Andrews. Ainda não percebi bem porque é que o estavas a levar para a esquadra naquele dia. Queres que eu trate de alguma coisa enquanto estiveres fora? Queres-me contar alguma coisa?

– Não – respondeu Miles.

– O que é que se passou? Nunca me explicaste bem aquilo.

– Uma espécie de mal-entendido, Charlie. – Miles manteve os olhos pregados no porta-bagagens do carro. – Foi um engano, só isso – concluiu.

Charlie deu uma gargalhada, surpreendido. – É engraçado.

– O quê?

– A tua escolha de palavras. O Brian disse exatamente a mesma coisa.

– Conversaste com ele?

– Tinha de investigar, não é? Ele teve um acidente sob a custódia de um dos meus adjuntos. Tinha de me certificar de que estava bem.

Miles empalideceu.

– Não te preocupes, tive o cuidado de lá ir quando não estava mais ninguém em casa. – Charlie esperou até que Miles registasse a informação. Levou a mão ao queixo, esforçando-se por encontrar as palavras certas. Por fim, retomou o que estava a dizer. – Fiquei a pensar nessas duas coisas, sabes, e o meu lado investigador teve a sensação de que podiam estar relacionadas.

– Mas não estão – disse Miles, depressa.

Charlie assentiu com a cabeça, muito sério. – Calculei que fosses dizer isso, mas, como já disse, tinha de me certificar. Só queria ter a certeza. Não há nada que eu deva saber em relação ao Brian Andrews, então?

Miles devia ter imaginado que Charlie fosse juntar as peças. – Não – respondeu, simplesmente.

– Está bem – disse Charlie. – Então deixa-me dar-te um conselho.

Miles aguardou.

– Se me estás a dizer que acabou, segue o teu próprio conselho, OK?

Charlie certificou-se de que Miles tinha entendido a seriedade do seu tom de voz.

– Como assim? – indagou Miles.

– Se acabou, acabou mesmo. Não deixes que esta história te estrague o resto da vida.

– Não estou a entender.

Charlie abanou a cabeça e suspirou.

– Estás, sim – disse.

EPÍLOGO

O dia está quase a amanhecer e a minha história está praticamente no fim. Penso que chegou a hora de lhe contar o resto.

Tenho 31 anos agora. Há três anos que sou casado com a Janice. Conhecemo-nos numa padaria. Ela é professora, tal como a Sarah, mas dá aulas de Inglês no liceu. Moramos na Califórnia, onde estudei Medicina e fiz o meu internato. Hoje, sou médico num serviço de urgência. Há um ano que terminei os estudos e, nas últimas três semanas, com a ajuda de muitas outras pessoas, salvei a vida de seis doentes. Não estou a dizer isto para me vangloriar, mas porque quero que saiba que fiz o meu melhor para honrar as palavras que Miles me disse no cemitério.

Também mantive a minha palavra quanto a não contar a ninguém.

Não foi por mim que Miles me fez prometer segredo. Na altura, fiquei convencido de que o meu silêncio era para sua própria proteção.

Acredite ou não, deixar-me ir embora naquele dia foi um crime. Quando está convencido de que alguém cometeu um crime, um agente da lei tem o dever de deter essa pessoa. Embora as nossas infrações estejam longe de equivalentes, a legislação é clara quanto a isto, e Miles infringiu a lei.

Pelo menos foi assim que pensei na altura. Depois de anos de reflexão, porém, percebi que me enganei.

Hoje, sei que ele me pediu segredo por causa do Jonah.

Se toda a gente tivesse sabido que o condutor do carro era eu, os moradores da cidade teriam feito fofocas sobre o assunto para todo o sempre. Quando se referissem ao Jonah, a história faria parte da sua descrição: «Aconteceu-lhe uma coisa horrível», diriam as pessoas. Ele teria sido obrigado a crescer sempre a ouvir essas palavras. Como é que algo desse tipo afetaria uma criança? Ninguém sabe. Eu não sei, Miles não sabia. Mas ele não quis correr o risco.

E eu continuo a não querer corrê-lo agora. Quando terminar, pretendo queimar estas páginas na lareira. Só precisava de pôr tudo cá para fora.

Mas é difícil até hoje, para todos nós. Raramente falo com a minha irmã ao telefone, em geral em horários estranhos, e quase nunca a visito. Uso a distância como desculpa – ela mora do outro lado do país –, mas ambos sabemos o verdadeiro motivo que me leva a ficar longe. No entanto, ela vem visitar-me às vezes. Sempre sozinha.

Quanto ao que aconteceu com Miles e Sarah, tenho a certeza de que já adivinhou...

Foi na véspera de Natal, seis dias depois de Miles e Sarah se despedirem no alpendre. Nessa altura, Sarah tinha finalmente aceitado, com relutância, o facto de estar tudo acabado. Não tivera notícias de Miles, nem tão-pouco esperava ter.

Mas, naquela noite, ao chegar a casa depois de uma visita aos pais, saiu do carro, olhou para o seu apartamento... e congelou. Não conseguiu acreditar no que via. Fechou os olhos e tornou a abri-los devagar, torcendo e rezando para que aquilo fosse verdade.

E era.

Sarah não conseguiu conter um sorriso.

Como pequeninas estrelas, duas velas tremeluziam no peitoril da sua janela.

E Miles e Jonah esperavam-na lá dentro.